

ARIANE KUHNEN

Representações Sociais de Meio Ambiente
Estudo das transformações, apropriações e modos de
vida na Lagoa da Conceição – Florianópolis/SC

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor no Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Sociedade e Meio Ambiente do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientadora Prof.^ª Dr.^ª Ilse Scherer-Warren e Co-orientadora Prof.^ª Dr.^ª Louise Amaral Lulhier.

Florianópolis, fevereiro de 2001



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/ DOUTORADO

**“REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MEIO AMBIENTE
Estudo das transformações, apropriações e modos de vida
na Lagoa da Conceição – Florianópolis/SC”**

**Por
Ariane Kuhnen**

**Orientadora Profa. Dra. Ilse Scherer-Warren
Co-orientadora Profa. Dra. Louise Lhullier**

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título *De Doutor em Ciências Humanas/Sociedade e Meio Ambiente* e aprovada em sua forma final no dia 22 de fevereiro de 2001, atendendo as normas da legislação vigente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/ Doutorado.

Prof. Dr. Héctor Ricardo Leis - Coordenador do Programa

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ilse Scherer-Warren - Presidente

Prof. Dr. Gabriel Moser

Prof. Dr. Pedro Roberto Jacoby

Profa. Dra. Clélia Maria Nascimento-Schulze

Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago

Profa. Dra. Louise Lhullier - co-orientadora

ARIANE KUHNEN

**Representações Sociais de Meio Ambiente
Estudo das transformações, apropriações e modos de
vida na Lagoa da Conceição – Florianópolis/SC**

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor no Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Sociedade e Meio Ambiente do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, a Banca Examinadora formada pelos professores:

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ilse Scherer-Warren (UFSC)

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a Louise Amaral Lulhier (UFSC)

Profa. Dra. Clélia Maria Nascimento-Schulze (UFSC)

Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago (UFSC)

Prof. Dr. Pedro Roberto Jacobi (USP)

Prof. Dr. Gabriel Moser (Univ. Paris V/França)

Prof. Dr. Paulo José Duval da Silva Krischke (UFSC-suplente)

Profa. Dra. Neusa Bloemer (UNIVALI-suplente)

Florianópolis, fevereiro de 2001

*Dedico este trabalho a quem junto dele veio ao mundo e dele se foi, meu filho Nicolas e meu avô Augusto. Duas imensas emoções que revelaram doces e amargos momentos. Nas entrelinhas desta tese eles preenchem espaços que não serão vistos, dores inatingíveis, amores intransferíveis, emoções intraduzíveis. Numa impossibilidade semelhante ao esforço inútil dispensado ao transmitir o doce sabor amargo de uma amora. Estas duas **amorinhas** tingem estas páginas do começo ao fim.*

Agradecimentos

Junto a este doutorado, minha vida transformou-se. Quando o iniciei minha vida profissional começava a delinear-se para a academia. Afastava-me do serviço público municipal; publicava minha pesquisa de mestrado; dava aulas na Univali-Itajaí; fiz concurso para a UFSC e planos de um estágio “sanduíche”. Paralelamente houve a construção da casa própria; a perda de muitas pessoas, especialmente meu avô, minha sogra e meu velho amigo Vicente e os sofrimentos em consequência disto; as alegrias, a maior delas a concretização do projeto de ser mãe. Tudo teve seu tempo, até a tese! E agora o mais prazeroso momento, o final. Relembrar e agradecer àqueles que acompanharam tudo isso passa a ser um reviver emoções. Vamos lá.

Em primeiro lugar quero agradecer aos moradores entrevistados da Lagoa, que atenciosamente dispensaram seu tempo de lazer, disponibilizando-o junto com seus sonhos, anunciados em cada forma de linguagem.

À Ilse e Louise pela orientação precisa e pelo apoio confortador. Obrigada também aos demais professores e colegas do Doutorado que acompanharam essa etapa. À Liana e aos Coordenadores do curso, também obrigada.

Aos meus colegas de Departamento que tiveram a sensibilidade de me apoiar nos momentos difíceis.

Aos membros da banca examinadora desta tese agradeço suas contribuições.

Ao professor Gabriel Moser pelo apoio e por ter, calorosamente, me recebido no Laboratoire de Psychologie Environnemental da Université René Descartes - Paris V durante meu estágio sanduíche, possibilitando-me assim conhecer uma nova área da Psicologia e fundamentar minha tese numa vertente de grande importância para a pesquisa ambiental. Agradeço de igual forma, por ter me inserido junto aos pesquisadores que aí dirige, o que oportunizou-me entrar em contato com novas formas de trabalhar, pesquisar e conviver. Aos colegas do *Labo*, em especial minhas companheiras de sala Marie, que fez tantas pontes entre o francês e o português que compreendia, pelo seu carinho e ajuda, à Sandrine pelas trocas existenciais e

existencialistas, da música e literatura francesas. Agradeço a todos os outros que, cada um a seu modo, facilitaram o acesso ao novo conhecimento e à nova vida.

Aos amigos que fiz em Paris neste período e que me ofereceram tantas coisas, a nível pessoal e acadêmico: Adriane e Kito, Angela e Clóvis, Dirce e Gabriel, Alain, Max, Antônio e Natália. Pelo apoio, carinho e atenção, em especial dedicados ao Nicolas, toda a família agradece.

A Martha pela ajuda com o Programa Alceste e com a teoria das representações sociais e, por ter me conduzido à *École*, sobretudo ao bom restaurante universitário! À Rebeca pela comunhão de tantos sentimentos e pelas boas *Stelas* bebidas junto a deliciosas gargalhadas latinas compartilhadas com Martha.

À amiga Jane pelo auxílio em tornar minha redação compreensível e à Ana pela ajuda essencial na editoração final.

À Rosa e família, meus pais, irmãos e avó por terem garantido o colo ao Nicolas nos momentos de ausência. À Silvana também pelo carinho e dedicação que extrapolam suas tarefas, colocando-se junto de nossos projetos. À minha irmã Tânia ainda, pela presença afetiva junto a nós e ajuda com a transcrição das fitas cassete.

Agradeço com muito amor ao Nicolas pelos avisos quando a tese estava tirando o tempo dele e, especialmente ao Armando que as palavras não dão conta de evidenciar a sua presença amorosa em cada etapa desta tese. Agradecer nestes casos parece não ter sentido, sentido é tê-los ao meu lado.

E finalmente, ao contexto formado pelo canto dos pássaros, canoas e baleeiras, remos, vozes de crianças, vassoura (infernai) do jardineiro da casa ao lado e os ventos da primavera. Também à companhia de nossa gata Felice, as canções de Chico, Caetano, Marina, Madreus, Juliete Greco, Teri Moïse; Francis Cabrel e tantos outros que deram um ar mais cotidiano e aconchegante aos momentos solitários da escrita.

SUMÁRIO

RESUMO e ABSTRACT.....	viii
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I: QUADRO ANALÍTICO	08
1.1. A ABORDAGEM PSICOSSOCIAL	08
1.2. O PAPEL DA CULTURA	12
1.3. AS CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS	15
1.3.1. O fenômeno das representações sociais	15
1.3.2. As representações da natureza	20
1.3.3. A formação da identidade	23
1.4. A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO	26
1.4.1. A dialética de pertencer e não-pertencer	26
1.4.2. O desenvolvimento do apego aos lugares	32
1.5. A EVOLUÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO COM O LUGAR	34
1.5.1. A noção de satisfação residencial	34
1.6. IMPLICAÇÕES E EFEITOS DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO ...	39
1.6.1. O uso dos recursos naturais e a produção dos resíduos	39
1.6.2. O comportamento pró-ambiental e a alternativa ecológica de triagem dos resíduos	47
CAPÍTULO II: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA – PROBLEMATICA E PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	52
2.1. PROBLEMATICA	52
2.2. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	64
2.2.1. A pesquisa de campo	65
2.2.2. A análise dos dados	69

CAPÍTULO III : OS MORADORES DA LAGOA DA CONCEIÇÃO E O MEIO AMBIENTE LOCAL	74
3.1. PARTICIPAÇÃO E ECOLOGIA: AS DIFERENTES FORMAS DE ASSOCIATIVISMO CIVIL NA LAGOA	74
3.2. AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE OS MORADORES	86
3. 2. 1 A interveniência dos aspectos culturais	87
3. 2. 2. Os processos que interferem na avaliação do espaço	98
3. 3. A SATISFAÇÃO RESIDENCIAL COMO UMA DIMENSÃO DA QUALIDADE DE VIDA	114
3. 4. O MEIO AMBIENTE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL	127
3. 4. 1. A paisagem da Lagoa: construção de uma dimensão sensível-simbólica	128
3. 4. 2. A apropriação multidimensional dos recursos locais	140
3. 5. VALORIZAÇÃO E TRIAGEM DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO UNIVERSO DOMÉSTICO	159
CONCLUSÕES	179
ANEXOS	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193

RESUMO

Esta pesquisa indica conceitos de base para compreensão das representações sociais de meio ambiente, dos fenômenos de apropriação e de identidade da população estudada. Forte atenção foi creditada às propriedades contextuais do espaço já que se entende serem de grande importância ao se identificar os fatores implicados. Trata da questão da busca de qualidade de vida de novos moradores que se instalam na cidade de Florianópolis. Requisito contemplado na rica natureza e no modo de vida que se distancia dos estressantes centros urbanos brasileiros. Contudo estas novas ocupações territoriais têm provocado conflitos que se explicitam de diversas formas, culminando no surgimento de dois grupos identitários distintos: os nativos e os novos moradores, conhecidos como os de fora. Optou-se por estudar as particularidades destes dois grupos no gerenciamento dos recursos naturais da Lagoa da Conceição. Observou-se que ocorrem interferências das mais diversas representações sociais de meio ambiente nas formas de gerenciamento dos recursos existentes. O choque cultural é incluído no elenco das causas de certos conflitos entre os moradores. Este estudo alcançou o entendimento de que a população da Lagoa da Conceição encontra-se num processo de apropriação do lugar, que influi diretamente sobre o processo de identidade de cada grupo, transformando, recriando ou mesmo construindo representações sociais de meio ambiente e sedimentando novas formas de viver.

ABSTRACT

This research leads to concepts forming the basis for the understanding of social representations of the environment, appropriation phenomena and identity of the population studies. Strong attention was given to the context properties of the space due to their high important in the identification of the implied factors. This study looks into the search of lives quality of new immigrants coming to the city of Florianópolis. Florianópolis has a rich nature and high life quality contrasting with major Brazilian urban centers. Nevertheless this immigration is causing conflicts of several forms, culminating in two groups: natives and new habitants know as outsiders. The particularities of the two groups in the management of the natural resources in Lagoa da Conceição were studied. It the observed interference of several social representations of the environment in the management of existing resources. The cultural contrast is included in the causes of conflicts between the two populations. This study has research the understanding that the population of Lagoa da Conceição is in an appropriation process of the place and this affects the identity process in each group, transforming, recreating and even constructing new social representation of the environment and establishing new forms of living.

saber como o homem e o meio se influenciam mutuamente. A esfera de valores atribuída ao modo de vida e ao meio ambiente em geral tem um papel modulador ao nível da avaliação ambiental feita pelo indivíduo, assim como o estudo de um ambiente cotidiano vivencial faz aparecer a avaliação de aspectos essenciais que descrevem e delimitam. Na avaliação do meio ambiente normas e valores sociais são atribuídos ao elemento avaliado e dessa maneira um estudo de suas representações surge como um dos elementos fundadores da construção de identidades.

Lembro finalmente de Simone de Beauvoir ao afirmar que “todo pensamento se desenvolve não entre idéias, mas pondo a descoberto uma prática.” Especificamente, o enfoque adotado centrou-se nas repercussões que as representações sociais de meio ambiente têm na vida cotidiana e vice-versa, ou seja, como tal intermediação modifica o mundo social e o mundo físico. Este estudo pretende colocar-se junto daqueles que estão dirigindo-se numa nova direção de compreensão dos problemas ambientais, do ponto de vista social, cultural e político. Segue na direção de entender que seja um fenômeno complexo da vida humana e que seja necessário abordá-los de forma a contemplar o maior número possível de variáveis no enfoque, pois verifica-se que a existência e eficácia de tecnologias, mesmo nos países em desenvolvimento, não têm sido suficientes quando não há “vontade política e certas condições de coesão e solidariedade” na estrutura social, como nos lembra Rattner (1994, p.9). Entendo finalmente que as representações e ações dessa coletividade são um exemplo de apego ao ambiente em que vivem, entretanto cabe ainda indagar se alcancei com este estudo um pouco do *genius loci* da Lagoa da Conceição, expressão em latim que traduz-se por “espírito do lugar”.

CAPÍTULO I

QUADRO ANALÍTICO

O quadro conceitual e teórico apresentado a seguir evidenciará a construção social da realidade, onde o espaço é entendido como o lugar de realização das relações sociais estruturadas em escala macro-social ou produtora de situações singulares. A vida coletiva, partilhada e estruturada como um todo, integra elementos físicos, sociais e elementos subjetivos, emocionais e estéticos. Entende-se que a base material, arquitetural, urbanística, natural e subjetiva orienta as práticas a partir das representações sociais presentes nos diferentes grupos sociais. Ou seja, a situação coletiva de pertencer a um determinado grupo se exprime e se estabelece nos diferentes modos de uso e apropriação da natureza e remete a uma idéia de identidade social. O meio ambiente como objeto de diversas apropriações poderá ser um veículo de transformação da sociedade, por exemplo, através da adoção de comportamentos pró-ambientais, os quais poderão vir a redefinir todo um conjunto de atividades e de situações estabelecidas. Percebe-se então que a correspondência entre o meio ambiente e os resíduos urbanos é um dos melhores exemplos de construção social do meio ambiente.

1. 1. A ABORDAGEM PSICOSSOCIAL

Tradicionalmente, a racionalidade humana era estudada sem que se levasse em conta as questões relativas à vivência, até que pensadores como Nietzsche e Marx passam a recusar tal desconsideração entendendo que há uma relação dialética entre a vivência individual e a social. Esta concepção vai dar início a um movimento teórico que postula ser a realidade humana construída coletivamente. Berger e Luckmann ilustram esta perspectiva nas ciências humanas. Na obra clássica *A Construção Social da Realidade* (1962/1991, p.71 e 75) os autores indicam que "...o processo de tornar-se homem se efetua na correlação com o ambiente..." e que "...a auto-produção do

homem é sempre e necessariamente um empreendimento social, os homens em conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas". Nessa configuração o ser humano se vale de ações tornadas habituais nas suas objetivações e a institucionalização da ação serve de referência para seu acervo geral de conhecimentos, auxiliando-o na tomada de decisões vivenciadas no cotidiano. Intrinsecamente relacionada, a ordem social só existe na medida em que a atividade humana continua a produzi-la. A vida cotidiana aparece, então como uma realidade interpretada pelos homens e por eles dotada de sentido quando organizam um mundo decifrável e coerente, com elementos rotineiros ou mesmo quando integram novos conceitos à rotina diária. Suas ações requerem, fundamentalmente, um desvelamento do processo dialético que ocorre entre subjetividade e objetividade, ou seja, a objetividade da vida do indivíduo se torna subjetiva e essa subjetivação se objetivará através da sua ação. O que quer dizer que os indivíduos em conjunto produzem seu ambiente, com a totalidade de suas formações psicossociológicas e culturais e, dentro dessa configuração, o ser humano se vale de ações tornadas habituais. Essa institucionalização da ação serve de referência para seu acervo geral de conhecimentos, auxiliando-o na tomada de decisões vivenciadas no cotidiano.

Dentro da mesma linha de pensamento, Lefebvre (1991) e Heller (1977, 1989) entendem que o mundo humano não se define somente pela totalidade da sociedade global, pela história e pela cultura, ou ainda pelas superestruturas políticas permeadas de ideologia, mas também pela mediação da vida cotidiana. Não sendo possível conhecer a sociedade envolvente sem conhecer a vida cotidiana, assim como não é possível conhecer a cotidianidade sem o conhecimento crítico da sociedade. Lefebvre vê na cotidianidade o perfil do mundo moderno urbano, que configura-se como um mundo de manipulações. Para ele a ideologia instala-se sobre a realidade vivida como um mecanismo que escamoteia os verdadeiros interesses das pessoas e que são travestidos em representações enganosas de sua efetiva situação. Essa arrebatadora capacidade é exercida em função da situação desprotegida da cotidianidade, da realidade mais concreta de vida dos indivíduos. Em Heller (1989) o cotidiano tem como forte característica a rotina que, por sua vez, impõe às pessoas a necessidade

imediate de uma reação que pode apresentar-se fragmentada em sua espontaneidade, no pragmatismo e na generalização ou preconceito, culminando em alienação dos sujeitos. Entretanto a possibilidade de escapar das amarras cotidianas pode se dar pelo que Heller chamou de «dimensão humano-genérica», onde há a superação dialética da particularidade e as ações visam o bem comum e não o benefício individualizado.

Em *Sociologia de la Vida Cotidiana* (1977) e *O Cotidiano e a História* (1989) Agnes Heller dedica sua atenção às relações entre ética e a vida social e a estrutura da vida cotidiana. Nestes escritos a análise do humano é feita observando que os homens jamais escolhem valores mas idéias concretas. Para ela: “Seus atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com sua atitude valorativa geral, assim como seus juízos estão ligados à sua imagem do mundo. E, reciprocamente, sua atitude valorativa se fortalece no decorrer dos concretos atos de escolha.” (1989, p.14)

Apesar das diferenças entre Heller e Lefebvre, pode-se verificar que ambos apontam para saídas semelhantes. Se Heller supõe que a historicidade da vida cotidiana é caracterizada como lugar dialético onde convivem submissão e rebeldia, repetição e criatividade, Lefebvre supõe que as forças de consolidação de um espaço - tempo estão cada vez mais programadas e controladas em relação as forças que se opõem a esse mesmo processo no mundo moderno urbano. Mas em Heller a vida não cotidiana, marcada pelas atividades da dimensão humano-genérica pode superar dialeticamente a cotidianidade e em Lefebvre as atividades, que chamou de “superiores”, presentes no não cotidiano, nascem dos germens contidos na vida cotidiana e a ela retornam confirmando sua validade. Residem aí suas similaridades.

A idéia de construção de sujeitos, que se constituem nas relações sociais em um mundo construído coletivamente e referenciado por valores, é apresentada por Scherer-Warren (1999) como uma correlação destes sujeitos sociais com a sociedade em que vivem, através do que chamou da responsabilidade e da autocriatividade positiva, não destrutiva. A partir das relações sociais os valores tornam-se referências

para os grupos identitários podendo ser ampliados universalmente. Este sujeito, segundo Touraine (apud Scherer-Warren, 1999, p.15), “torna-se o agente de uma obra coletiva”, ao criar-se e produzir a sociedade. As identificações destes sujeitos podem levá-los a se organizarem através de ações coletivas sob a forma de associações civis, tendo em vista melhorias das condições sociais. Encontram-se aí locadas as associações de moradores, ONGs (Organizações Não Governamentais), grupos de cooperação, contestatórios, utópicos e outros. Já o movimento social, como por exemplo o ecológico, é uma categoria mais abrangente que inclui as categorias de associativismo civil e de sujeito social. Para Scherer-Warren (1999, p.15), movimento social é um:

...conjunto mais abrangente de práticas sociopolítico-culturais que visam a realização de um projeto de mudança (social, sistêmica ou civilizatória), resultante de múltiplas redes sociais entre sujeitos e associações civis. É o entrelaçamento da utopia com o acontecimento, dos valores e representações simbólicas com o fazer político, ou com múltiplas práticas efetivas ... é a síntese de múltiplas práticas, produto das articulações de sujeitos e associações civis.

Para a autora, múltiplos atores estabelecem formas de intercâmbio e se organizam em torno de uma identidade coletiva com valores e símbolos que acabam imprimindo uma marca no processo civilizatório através de alternativas, enfrentamentos e busca de soluções aos problemas presentes.

Ampliando o estudo da constituição dos sujeitos, outra dimensão se apresenta. Vê-se que uma existência psico-social constitui-se também numa dimensão física, que ocupa um lugar, um espaço com propriedades específicas onde vai desenvolver suas atividades e manter relações sociais. Se observarmos a humanidade temporalmente, veremos que a história dos modos de relação com o meio físico comprovam a versatilidade humana de modificar-se frente ao mundo. De tal sorte, o resgate histórico poderá, certamente, permitir a compreensão de algumas situações presentes na atualidade. A título de exemplo, podemos nos remeter a certas características que compõem um determinado quadro no Brasil. Encontraremos já em nossa formação colonial a motivação para a apropriação das riquezas e dos recursos naturais, onde tal “ótica dilapidadora” vem alicerçando ações governamentais que perpassam as mais

diferentes ideologias na contemporaneidade. Da mesma forma, a sociedade civil *permite-se abusar* dos recursos do meio físico disponíveis para sua sobrevivência.

A descrição feita por Keith Thomas no livro *O Homem e o Mundo Natural* (1989) é com certeza um belo exemplo de uma ordem de estudos históricos que buscam explicitar aspectos sensíveis da relação do homem com a natureza ou com o seu *habitat*. O trabalho de Thomas esclarece que o interesse pelo ambiente natural e as preocupações com a relação entre o homem e as outras espécies são fenômenos recentes, que por sua vez trouxeram novidades concernentes ao direito, antes garantido, de explorar espécies a fim de proporcionar benefícios pessoais. Apesar do estudo ter ocorrido na Inglaterra indica que o domínio humano sobre o mundo da natureza começou a ser contestado em diversos países muito recentemente.

Tal relação com o meio físico é, com certeza, a expressão de um sistema social que influencia também nossas atividades e nossas relações com os outros. Se aceitarmos o que nos revela Lévy-Leboyer (1985, p.21) que por vezes “o ambiente físico simboliza, concretiza e condiciona, por sua vez, o ambiente social”, teremos à frente um desafio importante e atual. As palavras finais da introdução do livro de Thomas (*idem*) iluminam tal projeto. Quando ele justifica a importância de seu estudo, afirma sabiamente que “...é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas.” (p.19).

1. 2. O PAPEL DA CULTURA

É bastante freqüente a dificuldade em definir *cultura*, devido especialmente a histórica diversidade de significados que é dada à palavra. Pode ser entendida como realizações da civilização, atividade simbólica ou no sentido de preservação. Contudo pode-se dizer que cada uma das tentativas em definir cultura nasce da necessidade de respostas às mudanças históricas e que pode ser entendida tanto como uma forma de

vida, onde tem-se as idéias, atitudes, linguagem, ações, instituições e poder quanto uma série de práticas culturais, entre textos, elementos construídos, mercadorias e assim por diante. Para Stuart Hall (1997) cultura significa terreno real, sólido das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica, bem como as formas contraditórias de senso comum que se enraízam e ajudam a moldar a vida.

Poderá também ser considerada como uma mediação do grupo, o que o mantém e o edifica. É um meio particularmente eficaz de formar e ligar um grupo dentro de um contexto mais amplo do dinamismo social e que permite à humanidade construir formações originais diversificadas, modificáveis, transmitidas pela socialização e que se diferenciam das adquiridas ou transmitidas geneticamente pela espécie. Originalmente estudada no campo da antropologia que se firmou através da observação e registro de sociedades chamadas exóticas ou tradicionais, os estudos culturais acrescentaram, tanto na psicologia quanto na sociologia, o olhar da relativização. Das eternas e clássicas discussões do que vem a ser o natural e o cultural ou o universal e o particular construíram-se teorias e postulados chegando-se até ao fenômeno atual dos *contatos de culturas*, onde a variação de significados nunca esteve tão na ordem do dia. Estranhamente situada quando se pensa estar sob o comando dos efeitos da globalização.

Apesar de ser um fenômeno consolidado e atual grande parte dos estudos em ciências humanas não incluem a dimensão cultural. Felizmente a insistência de algumas abordagens deram início a uma perspectiva chamada de intercultural, que vem crescendo. A inclusão de dados contextuais é atual segundo Vinsonneau (1997) e refere-se essencialmente ao ambiente, onde busca-se o conceito de ecossistema para compreender os comportamentos. Dentro dessa visão: "todo indivíduo está imerso no meio de um sistema simbólico que se forma e evolui ao longo de sua existência, integrando as significações individuais e coletivas às que provêm da cultura." (idem, p.54) Entretanto a autora alerta que se deve ter cautela e não englobar todas as significações humanas na alcunha da cultura. Como também alerta Camilleri (1989)

que se está defronte a um fenômeno cultural quando encontra-se caracteres consensuais que vem sincronicamente acompanhando o grupo e diacronicamente durando através dos tempos.

A perenidade, poder-se-ia dizer, é a característica mais intrínseca à noção de cultura, ou seja, a idéia de patrimônio a receber e a transmitir. É a partir daí que podemos distingui-la de outras características humanas com as quais poderia ser confundida. Quando se fala em significações coletivas há que se diferenciar neste campo o que advém da cultura das que são mais fluídas e sem amanhã, como uma opinião partilhada entre amigos, vizinhos, família ou mesmo bairro ou cidade, significações constitutivas da socialização, por exemplo. Para Edward T. Hall (1971) a cultura é uma realidade escondida que escapa ao nosso controle e que, por sua vez constitui a trama da existência humana. Ou seja, como constituinte de nossa existência é difícil de ser modificada pois está intimamente integrada à experiência individual e, assim torna-se pouco provável alcançar um comportamento significante que não tenha perpassado pela mediação cultural.

Dentro deste contexto teórico é preciso, ainda, diferenciar socialização de aculturação como formas distintas de apropriação da cultura, como processos onde se partilha e se transmite significações. Socialização diz respeito mais ao momento imediato da vida do indivíduo, enquanto que por aculturação entende-se aquelas transmissões que ultrapassam o instante e os tempos. Para Vinsonneau (1997, p.120 e 123): "a socialização compreende o conjunto de mecanismos em jogo no curso de episódios sucessivos (...) pode ser descrita como o processo de aprendizagem e de integração social através da relação." Entende a mesma autora a aculturação como um processo de rearranjar elementos culturais novos advindos de um universo distinto do conhecido, ou ainda melhor:

Processo de redistribuição dos elementos culturais veiculados inicialmente por um ator social advindo de um universo cultural dado, quando ele se confronta a um ou vários outros universos, diferentes do anterior. Trata-se de um encontro com um dos grupos culturais 'desconhecidos' ou da emergência de uma transformação de sua própria

cultura, sob o efeito de uma ruptura e/ou de uma mudança social brutal (...) um sistema relativamente coerente, ao mesmo tempo sincrônico e diacrônico das produções simbólicas e práticas de um grupo humano, historicamente constituído, agrupado comumente por uma territorialidade física. (p.177e 178)

Neste mesmo sentido, Camilleri (1989, p.27) apresenta uma definição complementar, onde cultura é entendida pelo:

... conjunto mais ou menos entrelaçado das significações adquiridas, as mais persistentes e mais partilhadas, que os membros de um grupo, por sua afiliação a este grupo, são levados a distribuir de uma maneira preponderante os estímulos provenientes de seu ambiente e deles mesmos, induzindo com respeito a esses estímulos, representações, atitudes e comportamentos comumente valorizados, os quais tendem a assegurar a reprodução por vias não genéticas.

Atualmente as reflexões em torno do assunto polarizam-se sobre os fenômenos que resultam do plano da relação entre culturas no seio das grandes sociedades modernas, onde fala-se em dimensão multicultural e intercultural e, conseqüentemente, dos efeitos sobre a identidade dos sujeitos. A aculturação, presente em sociedades culturalmente diversificadas, pode se constituir tanto em fenômenos de integração, de marginalização, de separação, de harmonia ou, em muitos casos, em graves conflitos grupais na sociedade.

1. 3. AS CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS

1. 3. 1. O fenômeno das representações sociais

Se concordarmos que o pensamento científico desenvolve-se em função da demanda social, ou seja, que há uma tentativa de responder às interrogações que a sociedade se coloca ou a equacionar problemas que surgem, o que podemos dizer da verdadeira explosão de estudos sobre representações nos últimos tempos? Tanto no campo das ciências como em outras dimensões da vida, como a arte, a religião, a

política e até as tecnologias, como por exemplo a mídia e as inovações no campo das tecnologias dirigidas a mitigar os problemas causados pela humanidade ou que são de ordem natural, a questão de como o ser humano representa o mundo vem fazendo parte das grandes discussões nas últimas décadas.

No campo das ciências humanas o fenômeno das representações talvez seja na atualidade um dos temas que mais tem aproximado perspectivas teóricas. Diversas correntes têm buscado compreender como se elabora ou se engendra esta característica humana. Encontramos na maioria delas a noção de construção do real, ou seja, o caráter generativo do conhecimento cotidiano, que exige uma análise dos atos de comunicação e da interação entre indivíduos ou mesmo grupos e instituições. A esta comunicação é creditado o papel de mecanismo através do qual se transmite, cria e objetiva a realidade. Entra em jogo aí um processo psicológico que mediatiza a relação indivíduo/meio, processo entendido como essencialmente representativo.

Mas o conceito de representação não é simples e nem consensual. Talvez a questão mais aglutinadora seja que o acesso à representação vincula-se ao conhecimento que transcende a aparência das coisas. Ao entendê-la assim, quase todos os aportes teóricos voltam-se para o cotidiano ou o vivido, centrando aí sua fonte de conhecimento.

Sabemos que o conhecimento das representações humanas oferece a maneira como os sujeitos sociais apreendem os acontecimentos da vida diária, as características do meio, as informações que circulam, as relações sociais. Tais estudos vêm se concretizando nas ciências humanas porém a conceituação de representação é motivo de grandes controvérsias. Lefebvre (apud Penin, 1995), em sua obra - *La Présence et l'absence. Pour une théorie de la représentation*, recupera a situação epistemológica da representação na história da filosofia. Demonstra que a noção existe desde os pré-socráticos, passando por Kant e Descartes na idade moderna. Por certo não há como falar em representações sem resgatar as influências que fizeram a história desse conceito. Dürkheim em *As formas elementares da vida religiosa* (1968)

apresentou uma linha de pensamento que consistiu em entender que as representações, ou a partir delas poder-se-ia justificar a especificidade e a autonomia dos fenômenos sociológicos. Para tanto cunhou o conceito de representações coletivas, entendendo serem distintas das individuais pois aquelas seriam produções sociais que se impõem aos indivíduos como forças exteriores e que teriam o papel de imprimir coesão social. Intervém aí desde a ciência até mitos e religiões. As produções sociais são para Dürkheim imposições transmitidas através de gerações. Para ele a teoria da realidade psicossocial coletiva é um processo segundo o qual a humanidade produziria e comunicar-se-ia simbolicamente através dos objetos, dentro de uma dinâmica de relações sociais reais ou imaginárias.

Ao longo dos tempo a compreensão do fenômeno em Dürkheim vem recebendo algumas críticas. Sawaia (1993) adverte que, se sua sociologia revelou o lado social da consciência, por sua vez não explicou sua especificidade, diluindo-a em um fenômeno unicamente social. O que faz emergir implicitamente ao conceito a oposição entre indivíduo e coletivo e a visão homogeneizante e generalizante do contexto histórico-social. Apesar da crítica de Sawaia ser pertinente há que se resguardar a importância que teve Dürkheim para a aproximação da sociologia às outras disciplinas das ciências humanas. Isto se deve primordialmente pela referência a categorias simbólicas na regulação social. É presente em seu conceito a articulação entre crenças e conhecimentos.

O psicólogo social Serge Moscovici foi um dos grandes teóricos impulsionados por estas idéias da sociologia de Dürkheim. Entretanto ele o critica em função da existência neste de elementos de concentração e estabilização, o que repercutiria em falta de mobilidade na influência induzida pela realidade. Em vários momentos Moscovici (1981) alega que ao formular o conceito de representações sociais, afasta-se do conceito dürkheimiano de representações coletivas, principalmente por averiguar que nos tempos atuais há que se captar justamente a mobilidade e a plasticidade típicas da sociedade presente. Para Moscovici (*idem*, p.185) a concepção de Dürkheim "...não é completamente enganadora..." mas não

condiz com a atualidade de um tempo muito curto, onde há pouco espaço para tradições estáveis, principalmente devido às influências das comunicações de massa que vêm acelerando a proximidade entre a ciência e o senso comum, reconstituindo-os aceleradamente. Para ele o fenômeno das representações tem:

...um caráter moderno, na medida em que na nossa sociedade, ele ocupa o lugar dos mitos, das lendas e das formas mentais correntes das sociedades tradicionais. Sendo seu substituto e seu equivalente, ele herda de uma só vez traços e certos poderes. (Moscovici, 1989, p.83)

Sob a denominação de representações sociais, Moscovici apresenta a idéia de que estas criam realidades e senso comum e não apenas designam uma classe geral de conhecimentos e crenças como indicava Dürkheim para as representações coletivas. E ainda mais, o psicólogo viu como essencial que se retirasse delas o caráter de categoria geral, onde encontrar-se-iam tanto produções intelectuais quanto sociais. Portanto, se Dürkheim elevou seu conceito a uma categoria que engloba todas as formas de pensamento, Moscovici a tornou específica e equivalente a outras noções psicossociológicas como, por exemplo, a opinião ou a imaginação, guardando entretanto as devidas características que as diferenciam. Enfim, a singularização é iniciada pela substituição do termo *coletivas* por *sociais*. O social seria incorporado como parte da formulação das representações dos sujeitos, através do contexto concreto em que se encontra. Indivíduos ou grupos situam-se através da comunicação que estabelecem entre si, da escolaridade ou da bagagem cultural, através de códigos, valores e ideologias, relacionados com a situação social em que vivem.

Em *A representação social da psicanálise* (1978) Moscovici distingue as representações sociais de outros fenômenos psicossociais. Enquanto imagens, opiniões e atitudes somente traduzem a posição e a escala de valores de uma informação circulante na sociedade, representações ainda produzem comportamentos e se relacionam com o meio. As representações sociais, por sua vez, incorporam os demais fenômenos. Dominante na psicologia social, o conceito de atitude, por exemplo, supunha em sua origem a interveniência da dimensão social em sua produção, o que se perdeu com o tempo. O que é dominante atualmente em

psicologia social é a versão de que atitudes são respostas a partir de construtos internos de estímulos vindos do exterior do indivíduo. Já o conceito de representação social pressupõe que o próprio processo de representação constrói o objeto de representação, ou seja, é produto e processo. Ao invés de se configurarem como reações a um estímulo exterior elas são, nas palavras de Moscovici (1978) "... 'teorias', 'ciências coletivas' *sui generis*, destinadas à interpretação e elaboração do real." Empregam-se representações para retomar o equilíbrio perdido quando uma nova informação surge na comunicação cotidiana. Tem-se um movimento onde: "...o estranho penetra na brecha do familiar e este abre fissuras no estranho." (p.50)

O objetivo expresso de Moscovici foi colocar uma nova possibilidade para a psicologia e para as ciências humanas em geral. Jodelet, em 1986, classificá-as como uma noção *carrefour*, situada num ponto de encontro de múltiplas disciplinas quando aborda um problema central para estas - a construção social do conhecimento. Para seu idealizador, as representações sociais poderiam ser um meio através do qual a subjetividade pode ser pensada em todas as disciplinas sociais, pois é uma forma de compreender e dar significado à realidade da vida cotidiana, ao mesmo tempo que constrói esta realidade. A perspectiva é de entender o ser humano exteriorizando-se na atividade como subjetividade objetivada, construindo-se como identidade. É aí que Jodelet (1986) vê a possibilidade de avançar e distanciar-se da compreensão presente em outras abordagens psicológicas que critica. Nesse sentido visualiza que: "o ato de representação é um ato de pensamento por meio do qual um sujeito se relaciona com um objeto ... não existe nenhuma representação social que não seja de um objeto, ainda que seja mítico ou imaginário." (p.475)

Finalmente esta corrente da psicologia social distancia-se da influência *dürkheimiana* ao não aceitar a realidade global como resultado da construção cumulativa das práticas individuais. Entretanto a noção de consciência coletiva postulada por Dürkheim oportunizará à sociologia o desenvolvimento do conceito de identidade, desta forma aproximando-a da psicologia.

1. 3. 2. As representações da natureza

A problemática da relação entre o ser humano e o meio ambiente é um tema fronteiro a várias ciências e a questão mais difícil é sempre situar o sujeito, enquanto natureza, como criatura pertencente ao ecossistema terra, ou se está fora da parte material e inanimada da natureza. É sempre difícil diferenciar um ser vivo de outros seres e saber qual o limite para tal. A única certeza que se tem é que o ser humano pode distanciar-se e antecipar-se aos outros elementos que constituem o planeta. Mas esse distanciamento tem, freqüentemente, levado a um certo tipo de dominação que fragiliza os demais elementos e tem provocado rompimentos importantes no interior dos ecossistemas. Ao falar-se em natureza é difícil evitar as contradições das significações múltiplas que o assunto suscita. Isso pode ser notado já ao se buscar uma definição de natureza. Incrustada em cada momento histórico advém de produções temporais que se sucedem sem anular as precedentes, interpenetrando-se e subsistindo como "subterrâneas" às seguintes. Segundo Besse (1997) convivem atualmente três direções de sentidos nas representações de natureza. Ou seja, a natureza encarada do ponto de vista metafísico, técnico-científico e ligada ao horizonte de responsabilidade e demanda ética.

A compreensão metafísica da época moderna via a natureza como paisagem, enquadrada como categoria estética. Esta visão atravessa toda a história do pensamento ocidental. A descoberta da importância da paisagem e de certos modos de vida como fator de desenvolvimento econômico e social, através do turismo por exemplo, mostram quanto a natureza tornou-se um elemento estruturante do desenvolvimento econômico das sociedades. Há cidades ou mesmo países que vivem sobretudo deste tipo de recurso e dependem em grande parte dos elementos naturais para assegurar uma economia estável. Dentro desta compreensão Besse (idem, p.36) sugere uma classificação que leva a três direções interpretativas. São elas: " 1. A natureza como profusão espontânea, como fonte e recurso do ser; 2. A natureza como fundamento substancial dos seres, dos sentimentos e das ações e, 3. A natureza como finalidade, como orientação a um gênero." Cada uma destas poderá ser

encontrada hora ou outra nos discursos, na produção científica ou na mídia. A primeira é a mais fácil de ser visualizada. Aqui natureza significa aquilo que nasce e renasce num ciclo infinito, como uma força criativa que emana dos seres. Esta concepção leva à segunda, onde encontra-se a dimensão essencial dos seres ou a verdade interna, componente alvo do conhecimento e de explicações científicas. É sobre esta representação de natureza como substância que repousa a clássica distinção entre natural e artificial, onde natural é essência, que possui em si mesmo o princípio das transformações, e artificial muda a condição pela qual é afetado. A terceira dimensão qualifica o dinamismo espontâneo da natureza orientado a um fim em função de necessidades internas a ela e em vistas a realização de suas potencialidades. "Todo ser busca realizar sua natureza e é esta finalidade que define de modo imanente sua organização..." (idem, p.38)

Historicamente vê-se que a representação do mundo e da natureza enfrentou uma grande mudança advinda das conseqüências da revolução científica iniciada no século XVII, sobretudo no que concerne à substancialidade da natureza e à sua finalidade. A modernidade criticou estes dois adjetivos e prescreveu que a natureza é determinada como um sistema de fenômenos e de leis que regulam a sucessão desses em condições determinadas. "A natureza do projeto científico moderno não é mais englobado como potencial escondido atrás dos fenômenos e os guiando na sua fenomenolização, mas como sistema e como regularidade num encadeamento de fenômenos." (idem, p.41). No lugar da noção de finalidade teremos a natureza unicamente explicável em virtude de considerações espaciais e estruturais, sem considerar qualquer orientação imanente ou final, ou como diz Besse, nenhum princípio de um universo de valores. Tem-se aí a busca da legitimação através de um projeto técnico de utilização da natureza, de integrá-la num horizonte da técnica onde:

A natureza conserva no entanto seu estatuto de alteridade com respeito à liberdade, mas à custa de um deslocamento fundamental em relação à concepção pós-moderna: não é mais a natureza que é fonte de novidade e de renovação do ser e da verdade, mas a liberdade entendida como poder de iniciativa e de subversão da ordem

estabelecida. A natureza é o outro da liberdade, aquilo que se opõe à liberdade e lhe permite de provar-se como tal." (Besse, 1997, p.42)

Será então própria desta significação de natureza a qualificação de homem livre em oposição à natureza, que por sua vez será encontrada sob a forma de representações científicas que, pouco a pouco, vem sendo substituída por uma visão inédita, a significação ética da natureza. Esse novo sentido ético exige da humanidade ações responsáveis para com o planeta, colocado em perigo segundo as conclusões de estudos científicos, resultantes das intervenções perigosas que se efetuaram na modernidade, onde acreditava-se na reversibilidade e na incomensurabilidade dos recursos naturais. Agora surge a missão de guardar, preservar para sobreviver, substituindo a noção fragilizada de conservar-se por si mesma. Besse (idem, p.50) conclui que pela nova ética ". uma responsabilidade para com a natureza não se opõe a uma preocupação de salvaguardar o domínio da experiência do humano, mas ao contrário, ela é a condição."

Conclusivamente pode-se dizer que transformações econômicas e sociais provocam nas relações humanas marcas que significam um conjunto de valores, hábitos, desejos e crenças que nutrem o viver cotidiano. Neste sentido, os efeitos sobre a humanidade, principalmente advindos em consequência da revolução industrial, têm gerado muitas marcas e problemas de ordem ecológica devido principalmente a possibilidade da intensiva produtividade. Por certo, não se pode negar que esta capacidade produtiva trouxe à humanidade a possibilidade criativa de uma infinidade de coisas novas, mas também causou transtornos. Um dos mais sérios é o esgotamento dos recursos naturais e, nesta lógica, se muitos materiais são criados, muitos também são dispensados ao serem substituídos por outros. É o império do descartável. E, assim a humanidade vem convivendo bem de perto com a quantidade de resíduos que produz. Basta olhar para as nossas cidades lotadas das sobras da vida urbana, para os veios de esgotos poluentes de origem doméstica, comercial e industrial levados a mares e rios, as poeiras tóxicas lançadas sobre o ar, exemplos de

uma série de dejetos que não mais queremos, utensílios que não precisamos mais ou simplesmente sobras do processo produtivo que não se sabe o que fazer.¹

1. 3. 3. A formação da identidade

A partir dos anos 70, com a proliferação dos movimentos sociais, especialmente em torno de causas particulares como o feminismo ou o movimento ecológico, surgem teorias sociológicas que tratam de identidades sociais. Ou seja cada movimento buscava sua identidade particular, o que segundo Stuart Hall (1997, p.49) ficou conhecido como a *política de identidade* ou uma identidade para cada movimento. A tendência de homogeneização cultural fez surgir, segundo Scherer-Warren (1998), nas décadas seguintes, especialmente nos anos 90, uma espécie de reação coletiva ao processo de globalização iminente. Neste cenário encontram-se tanto a resistência ao sistema de dominação quanto à produção de novas identidades e, estas se constituirão como fundamentais em termos de ação coletiva em tempo de globalização. Um novo tipo de comunitarismo poderá surgir a partir da eminência de mecanismos de exclusão-inclusão nas sociedades globalizadas (Scherer-Warren, idem, p.5). A autora nos alerta ainda para o risco de, ao transformar a cultura particular numa mobilização política, provocar o que chamou de "rechaço pelo outro". A identificação sustentada na diferença grupal levaria então a uma situação de inclusão excludente. Característica das sociedades pós-modernas, o descentramento das identidades sociais provoca rivalidades e contraposição entre os sujeitos.

O estudo da identidade remonta à antigüidade no mundo filosófico. Entretanto, o campo das ciências humanas por sua vez sofreu a influência do impacto da corrente behaviorista que rejeitava tal forma de abordar o tema. Somente quando

¹ A sociedade industrial tem ainda o agravante de que grande parte do que se joga no lixo é composto de materiais não degradáveis como o plástico, entre outros. Há ainda o advento de embalagens confeccionadas de forma que impossibilita mesmo a reciclagem destes produtos.

um contexto sócio-cultural mostrou-se favorável às questões identitárias é que estes estudos se desenvolveram. Em termos sociais, estamos falando do surgimento de problemas globais de etnia, movimentos regionalistas ou racistas. Por outro lado, dentro do mundo da ciência temos o desenvolvimento de estudos sobre o cotidiano, das relações inter-grupos ou ainda a contribuição da teoria de papéis e do interacionismo simbólico. Surge uma nova preocupação acadêmica, que se desenvolve especialmente no continente europeu e que vincula a identidade aos fatores sociais estruturais.

Na Europa esta corrente tem seu lugar junto ao pensamento de que a identidade se constrói e se define na relação com o outro, que é indissociável do lugar social e da relação com o meio. Tem-se aí a presença de processos de comparação, reconhecimento e de diferenciação. Ou seja, como bem define Baugnet (1998, p.17): "a identidade pode ser apreendida imediatamente como processo mais que como realidade substancial. Dito de outra forma, existe identidade unicamente mediatizada pelo sujeito em situação." Nesta definição as funções centrais do processo identitário são de mostrar-se, ser entendido, identificar-se e manter uma ligação e uma existência social. Determinadas abordagens oriundas da psicologia social e da sociologia orientam-se então pelo entendimento de que a identidade social se constrói através de um emaranhado de situações que se definem na interação dialética entre o social e o individual. Ou seja, o que concerne à característica social da identidade é o elemento mesmo constituinte dela, de modo indissociavelmente individual e social. Neste mesmo caminho estão também os estudos de representação social já apresentados anteriormente. A identidade configura-se como um elemento chave no entendimento das representações pois permite articular a compreensão da relação entre a realidade subjetiva e a objetiva. A história da sociedade e sua cultura será traduzida nessa dialética, através do discurso dos sujeitos assim como em suas ações. As formas de linguagem que emanam da vivência cultural do sujeito são materializadas através de crenças, valores, elementos históricos e memória coletiva e, são importantes na estruturação da representação social e, sendo necessariamente compartilhadas, permitem a comunicação, tendo assim um papel fundamental na constituição de

grupos. Em Zavalloni (1973, 1989) tem-se que a identidade é o lugar onde as representações sociais se enraízam na consciência individual. São integradas e transformadas para serem apropriadas e em seguida serem reintroduzidas ao público sob forma de discurso e de ação. Como elemento chave irá permitir a articulação entre a realidade subjetiva e a objetiva num movimento dialético onde o sujeito irá buscar sua unicidade. A história e a cultura de uma sociedade serão traduzidas nessa dialética, no discurso dos sujeitos e também em suas ações.

A abordagem da identidade social como fenômeno representacional apresenta-se como um fenômeno heurístico por duas razões, afirma Baugnet (1998). Primeiramente porque de uma parte o conceito oferece uma mediação entre o individual e o social fora das dicotomias tradicionais entre objetivo e subjetivo, público e privado, individual e coletivo, sociedade e natureza e, porque as representações sendo sociais por definição, configuram-se como atividades do sujeito social. Por sua origem são determinadas pela base social, por sua extensão são partilhadas coletivamente e finalmente, por sua função organizam o meio ambiente, as comunicações e as condutas. Permitem a inserção dos indivíduos e traduzem a identidade de um grupo, levando-o a exprimir-se e a agir. Participar de um grupo implica em pertencimento, similaridade e diferenciação.

De outra perspectiva vê-se que as representações e identidades sociais influenciam a elaboração das imagens espaciais dos indivíduos. Se considerarmos a sócio-espacialidade das representações veremos que os lugares mudam de atrativo em função daqueles que os ocupam, ou seja a orientação afetiva dos habitantes de uma cidade ou bairro aparece nas práticas urbanas e está em correspondência com os lugares escolhidos para se estar, por exemplo. Para Jodelet (1984; s/d) a percepção e a utilização do espaço são possíveis campos de aplicação da teoria das representações sociais. Se o espaço adquire significados, a observação das mudanças realizadas no ambiente físico (natural ou construído) e as descrições das atividades desenvolvidas em certos contextos ambientais podem indicar qual é o papel que o ambiente físico exerce sobre o comportamento social. O papel exercido pelo indivíduo deve também

ser levado em conta, bem como as regras sociais utilizadas no local que são apreendidas e repassadas.

1. 4. A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

1. 4. 1. A dialética de pertencer e não pertencer

Estudos etológicos colocam em evidência a importância da noção de espaço sobre o comportamento dos animais. Daí deriva a idéia de que, como os animais, o ser humano necessita de um espaço vital mínimo, que corresponde a certas normas de distância e proximidade entre si. A distância ótima estabelecida dependerá das relações entre os indivíduos, dos sentimentos e de suas atividades. Hall (1972) as classificou como distância íntima, pessoal, social ou pública, sendo interdependentes entre si. Este autor entende que, devido aos comportamentos humanos estarem muito próximos das condutas territoriais do animal, o homem também usa seus sentidos para diferenciar as distâncias e os espaços. A noção de espaço vital é necessariamente ligada à de território. Lynch (1998) definiu o homem como um animal territorial, ancorando-se nos estudos de Margareth Mead ao reconhecer o território como uma necessidade humana de base. Os problemas de comunicação entre culturas podem resultar em diferentes formas de comportamento territorial como reações ou estratégias específicas em situações de conflitos culturais. A cultura como um meio de comunicação está estreitamente ligada à noção de território. Identifica-se que em alguns problemas específicos de identidade cultural a importância do território é o foco dos conflitos ou objeto de oposição entre grupos. O simples fato da coexistência de duas culturas num mesmo território não define à priori um conflito. Mas há de fato situações de grupos que se chocam. Nestas é muito comum encontrar a situação paradoxal de depreciação ou supervalorização de características no outro grupo. Camilleri (1989) conceitua por *negativização*, quando o grupo dominado interioriza o discurso dominante e de *sub-afirmação*, quando reivindica-se como superior ao

valor depreciado. A instalação deste tipo de lacuna na comunicação intercultural confere algumas rivalidades quase intransponíveis. A possibilidade de conviver com a diferença não se apresenta quando se pensa que ultrapassar estas dificuldades significa esquecer os sistemas culturais de referência.

Segundo Fischer (1997) todo espaço é uma imagem de nossa cultura. Os ambientes arquitetônicos e também os urbanos criados pelo homem são a expressão de processos de filtragem cultural e permitem desvelar como os diferentes povos usam seus sentidos. É o que Edward T. Hall chamou de *percepção* no decorrer do seu livro *La dimension cachée* (1971). O comportamento sensorial dos construtores, dos habitantes ou do pessoal de serviço, se pensarmos num edifício, são expressos nas formas de organização daquele espaço. Seja numa cidade, num escritório ou numa casa as *dimensões ocultas*² da cultura estarão colocadas mesmo que não as procuremos ou não as tornemos explícitas, seguindo numa *linguagem silenciosa*.³ A humanidade tende a identificar sua própria imagem àquela do espaço que ela habita. Mas há contudo, diversas maneiras de entender a noção de espaço. Vinculado a ela está o que pensamos ser meio ambiente. Conceito sujeito a novas interpretações a cada dia, é utilizado pelas mais diversas disciplinas em diferentes perspectivas. O biólogo Uexkull em 1956 introduz a idéia de ambiente (*umwelt*) como um mundo em volta de nós. Os etólogos adotam o mesmo entendimento. Para ambos o ambiente é fundamentalmente a materialidade física e biológica, uma entidade exterior ao indivíduo. Algumas dimensões psicológicas do espaço sobretudo desenvolvidos pela psicologia ambiental buscarão o sentido dialético da relação indivíduo/meio.⁴ Estas perspectivas tendem a encarar esta relação como socialmente construída, o espaço é

2 Alusão ao título do livro de Hall: *La Dimension Cachée*

3 Nova alusão a um livro de Hall. Em *Le Langage Silencieux* (1984) afirma que a comunicação esconde coisas que num primeiro momento não são reveladas.

4 O psicólogo social Kurt Lewin (1936) foi o primeiro teórico em psicologia a explicitar a interdependência entre o indivíduo e seu meio ambiente e, o papel estruturante do espaço como campo de valores. O espaço vital seria um campo de forças que tem uma localização espacial e temporal e que se mantém em equilíbrio.

então encarado como produzido e desenvolvido a partir da especificidade da relação. Entretanto esta explicação não deveria conduzir à falsa noção de que o mundo material não existe. A existência concreta é um aspecto da formação social da existência, ou como afirma Fischer (idem, p.10): "o espaço é o espelho de um mundo fabricado, modelado pelo homem."

Deve-se reconhecer a importância que tem os mecanismos de apropriação de espaço e os elementos que o configuram, pois através deles os indivíduos são capazes de criar ou captar significados, simbolizando e interagindo com os mesmos, levando-os a incorporá-los a sua própria identidade. Neste campo de interfaces a simbolização é um processo a ser considerado, pois é através dela que as coisas e os espaços tornam-se relevantes para a experiência humana. Podendo ocorrer até mesmo como um "*simbolismo à posteriori*" (Casanovas, Franco e Sánchez, 1996). Ou seja, os espaços e as coisas que têm um papel ativo no mundo referencial de uma coletividade repercutirão no surgimento de significados através do tempo e da manipulação dos usuários.⁵ Os objetivos dos indivíduos em uma determinada situação são organizados e estruturados pelos processos sociais ou organizacionais que, associados a determinadas ações, são desenvolvidos em situação, ou seja, em um lugar específico. Recebem a influência de uma série de intervenientes, entre eles as experiências anteriores dos sujeitos. Portanto há uma interdependência entre o ambiente e o comportamento, onde ocorre uma dinâmica de troca entre o homem e o meio. Este quadro físico não deve entretanto ser dissociado do contexto social. A influência que o meio pode exercer sobre o comportamento depende da natureza do comportamento em questão e, o ambiente pode reforçar condutas já existentes mas jamais modificar os fundamentos destas.

Finalmente quando se fala em comportamentos espaciais quer em psicologia, em arquitetura, em antropologia, em biologia ou etologia faz-se referência aos

⁵ Segundo Villasante (1989) alguns estudos dentro da área de ecologia urbana apresentam índices que mostram como os espaços uniformizados são de difícil apropriação, pouco acolhedores e pouco diversificados.

mecanismos utilizados para obtenção do nível de contato social desejado. O entendimento de que a configuração do espaço físico pode facilitar ou inibir as interações sociais resultará, por exemplo, em importantes implicações no que tange às políticas públicas. Se admitirmos que a qualidade dos ambientes naturais é um atributo importante nas regulamentações da vida social nas cidades, devemos ter em mente que fornecer subsídios claros aos planejadores ampliará as possibilidades de oportunizar ambientes que incluam paisagens e aspectos apreciáveis à população.

A fim de ampliar a compreensão de tais processos talvez seja importante explicar o processo de apropriação do meio, pois parece certo que somente tendemos a nos apropriar daquilo com que nos identificamos. Ao final das contas, a apropriação seria um processo de identificação. É a partir dela que as características de um lugar podem oferecer prazer e realização ou sensação de estranheza às pessoas. A impossibilidade de apropriação do espaço ou a sua desapropriação, como caracterizou Chombart de Lauwe (1976), faz com que o indivíduo ou o grupo sinta que tal espaço não lhe pertence. Para Canter (1976) é através da apropriação que podemos transformar o espaço em lugar, ou melhor dizendo a criação de sentido de lugar, que definará o resultado das conjugações, das ações, concepções e dos atributos físicos de um espaço. Como conclusão, podemos entender que quando uma pessoa se identifica com um espaço tende a personalizá-lo, a identificá-lo como seu, sente-se pertencente àquele lugar. Observa-se que quando as pessoas se identificam com um determinado lugar tendem a imprimir-lhe atributos ou signos que transmitem uma imagem de propriedade. Contudo, o sistema social vigente tende a concentrar o poder sobre o espaço na mão de alguns poucos como políticos, técnicos ou especialistas, dificultando o sentido de apropriação do espaço por todos.

Tendo a apropriação o papel de transformar espaços em lugares significativos para a pessoa ou grupo, este processo tem, segundo Proshansky (1976), dois sentidos, um que se dirige aos outros na conquista do espaço e outro a si mesmo, quando procura adaptar o espaço às suas necessidades. Para ele:

...esta conotação parece associar a apropriação do espaço aos conceitos de "territorialidade", de "proximidade" (proxemics) e de privacidade (privacy). Contudo, a apropriação do espaço é um processo que a pessoa pode dirigir ao quadro físico e não aos outros, nesse sentido ela tenta conquistar-lhe, adaptar-lhe às suas necessidades, dar-lhe características particulares e ainda muitos outros objetivos orientados a si.⁶

Segundo este autor, a apropriação do espaço apresenta conseqüências positivas para o indivíduo ou grupo pois proporciona o sentimento de bem-estar. A pessoa sente-se em harmonia com o espaço e conseqüentemente este processo oportunizará uma forte identificação pessoal. Apresenta-se dentro de uma continuidade, onde a coerência advém de um equilíbrio entre as mudanças ocorridas através dos tempos, num contexto de modificações estruturais estáveis, que por sua vez estabelecem a forma e a substância destes mesmos processos. Sendo assim, as apropriações precisam ser constantemente reapropriadas a fim de serem mantidas. Tendo se apropriado de um espaço as pessoas, grupos ou organizações tendem a preservar este controle. Por esta razão conheceremos situações em que se verifica a ocorrência de luta para manter e aumentar a apropriação do espaço mesmo que se visualizem mudanças nos quadros físicos, tenha-se novas prioridades, exigências normativas ou ocorram mudanças pessoais.

Outro fator importante diz respeito à atenção que deve ser dada à origem de uma apropriação. Não se pode visualizar um processo de apropriação apenas pela orientação de um fenômeno individual. Devem ser observadas como distintas as apropriações de origem individual, grupal e de organizações sociais, desviando-se assim dos freqüentes reducionismos individualistas tão presentes nos estudos psicológicos. Estes processos de apropriação do espaço inauguram elementos únicos que devem ser estudados separadamente mas eles possuem elementos unificadores comuns. Portanto, deve-se prestar atenção aos elementos que podem ser aplicados em todos os níveis da organização humana, seja ela individual ou grupal. São

⁶ Privacy é um conceito originalmente apresentado por Westin em 1967 e desenvolvido por Proshansky, Lauffer e Wolfe e apresentado na Conférence Internationale de Psychologie de l'Espace em 1973 em Strasbourg, França.

características enraizadas na complexidade e particularidade de cada um destes níveis. É preciso também entender que a apropriação não é um processo instantâneo ou automático e, por esta razão, haverá sempre a possibilidade de ocorrer uma má apropriação do espaço. Há nestes casos que se verificar os meios aplicados no sentido da realização desta. Um paletó deixado sobre uma cadeira de um lugar público poderá não ser uma boa referência de apropriação desta para os que ali chegam e procuram um lugar para descansar, assim como determinados elementos podem, inversamente, diminuir o grau de apropriação planejada. Por exemplo, uma casa decorada com extremo cuidado para receber convidados poderá vir a inibi-los e não deixá-los à vontade.

Ao mesmo tempo não se pode negligenciar as propriedades intrínsecas e contextuais de um determinado espaço quando se busca compreender o processo de apropriação. Estas servem num primeiro momento, para classificar o quadro físico em questão, seja ele familiar, de trabalho ou de lazer. Outro passo é classificar os acontecimentos de aproximação duráveis e passageiros e, por último, verificar o grau que se encontram outros indivíduos presentes no processo de apropriação. Nesta categorização dos quadros físicos será também de grande importância a natureza dos fatores normativos implicados, assim como seu papel em relação à apropriação do espaço. Neste sentido para Proshansky (idem, p.41-42):

Não há quadros físicos que não sejam também por definição quadros sociais. Mesmo que nos ocupemos do processo de apropriação do espaço a nível individual, do grupo ou da organização social, as influências de variáveis do sistema social estão sempre presentes (...) mesmo que examinemos tipos particulares de quadros físicos, o processo de apropriação de espaço será formado pela natureza, assim como pelo objetivo, as tradições, as exigências e pelos tipos de indivíduos encontráveis nestes quadros.

Não podemos perder de vista que a apropriação não é contrária à socialização da pessoa. Não é apenas o exercício de um controle ou poder sobre o espaço, é um elemento deste que indica o lugar alcançado na sociedade e que dá um certo *status* à pessoa. Para Proshansky, a formação da identidade de lugar de uma pessoa acompanha sua socialização apresentando elementos estáveis e transitórios, ou seja,

apresenta-se com possibilidades tanto de estabilidade como de mudanças contínuas. "A cada etapa importante do ciclo de vida, espera-se ver intensificar o processo e a dinâmica de mudança na identidade de lugar." (idem, ibidem)

É certo que o espaço existe em sua materialidade física, mas o que interessa às ciências humanas é a transformação destes espaços físicos em espaços sociais e a relação que o homem estabelece com estes. O conceito de apropriação permite compreender a intencionalidade de certas práticas sociais e as modalidades da relação que os sujeitos estabelecem com o espaço físico e social.

1. 4. 2. O desenvolvimento do apego aos lugares

Segundo Proshansky (1976) uma pessoa tanto se apropria de um espaço como se reapropria em reação às mudanças tanto ocorridas nela como no espaço de um contexto social mais amplo. Isso vai depender do gênero do evento indivíduo/meio em questão. Aqui podemos identificar algumas diferenças pessoais. Para algumas pessoas lugar é um espaço onde ela vive simplesmente e para outras viver constitui-se num processo de transformação de espaços em lugares. Neste processo há a manifestação de sua individualidade e de seu poder de criação, expressos tanto na maneira como arranja o meio físico como no modo que cria esta individualidade integrando certos aspectos deste meio. "A identificação da pessoa com tais aspectos de seu mundo físico começa a aparecer a partir da totalidade de experiências do meio ambiente físico que ela teve durante os anos de formação de seu desenvolvimento." (idem, p.42) Para cada papel identitário existe dimensões e características do entorno físico que ajudam a estabelecê-lo. A identidade inclui dimensões de lugar e de espaço que agrupadas constituem a identidade de lugar, que vem a ser a identidade em relação à sua percepção de espaço.

Se o indivíduo possui, além de uma existência social, acima de tudo uma existência física ocupante de um espaço, este por sua vez apresenta características ou

propriedades intrínsecas como temperatura, iluminação etc e, caso o ambiente não venha a atender às suas necessidades e alcançar seus objetivos, o indivíduo tenderá a modificá-lo favoravelmente ao seu interesse. A identificação se efetivará se ele tiver um sistema conceitual organizado do que representa o objeto em questão, se apropriará deste espaço e o defenderá. Por exemplo, um novo morador de um conjunto habitacional poderá passar da sensação de estranheza à de sua casa (*chez soi*) utilizando para isso certos elementos que demonstram sua "marca". As referências estáveis são buscadas a fim de dar certa segurança ao locomover-se, portar-se, identificar-se. Isso demonstra que o espaço não tem um sentido somente funcional, ele é o resumo de uma vida, de experiências na vida pública e privada. A complexidade da apropriação do espaço é fundamental na interação entre sujeito e entorno físico. Trata-se de um processo psicossocial fundamental tanto de ação como de intervenção sobre um espaço visando transformá-lo e personalizá-lo e, finalmente traduz-se sob a forma de apego ao local. Já sabemos que este pode ser percebido através das modificações físicas executadas sobre o objeto, que podem ser observadas e reconhecidas no estilo pessoal imposto, seja individual ou de um grupo específico. Por exemplo, na casa de um escritor será mais evidente encontrar uma estante de livros ou uma escrivaninha, objetos possivelmente ausentes na casa de um piloto de avião. Um surfista terá certamente em alguma parte de sua casa elementos que fazem referência à sua vida ligada ao mar, quadros ou fotos sobretudo de ondas. Já na casa de um músico encontraremos instrumentos musicais ou CDs que fazem parte do seu viver cotidiano. Podemos dizer então que este movimento permite ao indivíduo dar uma identidade ao espaço, ou seja, criar situações onde o espaço constitui-se para ele como uma ressonância, diria Fischer. Certamente este arranjo do espaço dependerá da situação, variará conforme o tipo de espaço, de suas características, dos meios disponíveis para executar os projetos, assim como também de quem o utiliza. Varia dependendo da cultura, do nível social dos sujeitos e de suas aspirações.

A percepção do espaço e as condições nas quais os diferentes espaços são ocupados permitem avaliar qualitativamente a compreensão do meio ambiente. Contudo é preciso não perder de vista a dimensão de que não nos situamos somente

em relação aos lugares mas em relação aos outros também. As escolhas em favor de um certo tipo de lugar não dependem somente das características objetivas dos lugares mas igualmente de suas qualidades psicossociológicas. Os espaços são vividos diferentemente em função das pessoas que aí vivem, as quais lhes dão certas características, por exemplo falamos de um bairro como boêmio em função de sua vida noturna, seus bares mas sobretudo dos músicos e seus freqüentadores.

1. 5. A EVOLUÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO COM OS LUGARES

1. 5. 1. A noção de satisfação residencial

A relação afetiva com os lugares tem sido objeto de inúmeros estudos, principalmente após os anos 70, e se traduz em uma nova corrente de pesquisa em ciências humanas. Bernard (1995) observa que o primeiro critério observado nestes estudos é o de um sentimento de bem estar ao viver em um determinado lugar ou o sentimento de perda quando se é obrigado a deixá-lo. Outra característica importante é o sentimento de pertencer a uma comunidade. Apesar da dificuldade em medir sentimentos, pesquisadores elegem indicadores que avaliam pertinentes, como por exemplo a satisfação expressa, o interesse dispensado aos problemas do bairro, a participação a redes sociais ou de amizades e as reações presentes quando deixam o local, assim como a verificação do tempo ou a rotatividade de residência. Estes critérios poderão ser determinantes no processo. Segundo Bernard a avaliação dos lugares pode ser definida primeiramente num universo de duas dimensões, a da descoberta e a do prazer. A posição sobre estas duas variará de acordo com a identidade social e psicológica dos sujeitos, suas experiências passadas, seus objetivos etc. Ou seja, o comportamento de um indivíduo na busca da satisfação de seus objetivos imprimirá uma característica particular ao lugar, pois podem modificar a percepção que se tem deste lugar.

O antigo conceito de *behavior setting* de Barker publicado em 1968 (apud Lévy-Leboyer, 1985), postulado na origem do que se convencionou chamar de psicologia ecológica, aplica-se ainda hoje para os estudos de lugar. Barker entendia-o a partir de propriedades físicas, temporais e comportamentais ligadas entre si e que permitiriam ao ser humano um estado de equilíbrio, assim como de modificar-se e adaptar-se a um novo ambiente com regras ainda desconhecidas. Em seguida os trabalhos de Proshansky, nos anos 70, sobre identidade residencial e de lugar possibilitaram uma avaliação mais complexa da relação entre o passado residencial do sujeito e a qualidade do lugar invocada na relação com o meio no qual ele vive atualmente. Holahan, em 1986, amplia os conhecimentos na área com a conclusão de que a vegetação é altamente importante no processo de valorização que as pessoas impõem a um lugar. Seus estudos comprovam que são mais satisfeitas as pessoas que têm disponíveis, visualmente ou nas proximidades, árvores e bosques. De forma similar já se encontravam indícios destes aspectos nos trabalhos de Freud publicados em 1982.

Mas sem dúvida Proshansky é o autor referência desta ordem de trabalhos. Para ele a identidade de lugar seria uma subestrutura da identidade geral, como um componente dela que se desenvolve junto à socialização humana. Constrói-se a partir das relações com as pessoas, mas especialmente em relação aos locais onde se vive, onde a convivência com determinados elementos oportuniza qualidades específicas ao sujeito. A maneira como ele aprende a deslocar-se, a orientar-se nos lugares assim como as vibrações, os odores, ou seja, as variáveis físicas do espaço constituem uma experiência que posteriormente terá um papel fundamental sobre as apreciações e gostos e culminará numa espécie de apego a certos ambientes. Esta identidade não é adquirida de maneira definitiva, ela evolui em função de experiências vividas assim como em função de possíveis modificações no meio físico e no contexto social no qual se vive. Por exemplo, aprendemos a andar, mas tal comportamento se faz de maneira diferente num centro urbano e num ambiente rural. Atravessar uma rua repleta de carros é mais fácil para um habitante da cidade do que para um camponês. As características do ambiente urbano auxiliam o primeiro a modelar tal destreza e a

organizar a representação deste espaço. Organizou-se para o habitante da cidade uma identidade de lugar inexistente para o habitante do meio rural.

Foi a partir destas primeiras conclusões de Proshansky, de que o investimento afetivo das pessoas a determinados lugares, em especial ao lugar onde habitam, recebeu na literatura as designações *Attachment to place* ou *place identity*. Há por certo, outros autores que recorrem à noção de identidade a fim de analisar o processo que intervém quando da ligação a um local. Estes estudos são encontrados como campo de estudo da geografia, antropologia, sociologia, psicologia ambiental, assim como na arquitetura e no urbanismo.⁷ Tal multiplicidade de pesquisas tem gerado uma produção científica de grande riqueza teórica, conceitual e metodológica. No entanto é necessário prestar atenção e dar-se conta das particularidades presentes nas diversas definições e que levam por sua vez a modelos teóricos distintos e muitas vezes discordantes.⁸ Mas o que se pode generalizar é que estes trabalhos oferecem a nítida noção de que o meio ambiente físico e social, assim como as modalidades de interação desenvolvidas entre o indivíduo e seus espaços de vida cotidianos contribuem para a construção de representações e comportamentos. A identidade é então vista como um fenômeno dinâmico e que está em constante evolução e não se configura como o resultado automático das experiências, mas uma construção onde o sujeito tem papel

7 Há uma variedade de conceitos análogos encontrados na literatura, incluindo sentimento de pertencimento (Freid & Gleicher, 1971), dependência em relação a um lugar ou dependência de lugar, como em Stokols et Shumaker (1982), sentimento de comunidade como em Hunter, (1975), topofilia em Tuan (1974). Rowles (1980) usa *insidedness*, Chawla (1992) *sense de place* ou *rootedness*, Hummon (1992) *environmental embeddedness*, *community sentiment*. Proshansky indica em Tuan (1974,1980), Relph (1976) e Buttimer (1980) o mesmo termo *place-identity*, apesar de cada um definir espaço diferentemente (apud Bahi-Fleury, 1996)

8 Neste sentido o trabalho de Bahi-Fleury (1996) possibilita um rico acesso ao estado da arte destes conceitos tanto em língua francesa quanto inglesa. A partir de uma confrontação desses diferentes modelos seu estudo oferece uma reflexão das similaridades fundamentais e, ao final constrói uma síntese destes. Segundo a autora são duas as dimensões mais presentes, ou seja o investimento afetivo aos lugares e a sociabilidade vivida localmente. A primeira indica que apegar-se conjuga-se com afetividade, onde estão presentes satisfação ou sentimento de bem-estar. A segunda característica dá conta das características físicas e funcionais do lugar assim como dos habitantes e das relações que se estabelecem.

ativo, onde a relação entre a qualidade da experiência residencial e o investimento afetivo oportuniza o surgimento do sentimento de apego e pertencimento. Contudo verifica-se que os determinantes do apego ao lugar estão vinculados, na maioria dos estudos, às características individuais. O contexto ambiental ou mesmo as características físicas são pouco estudadas. Nesta direção os elementos sócio-demográficos são os mais comumente considerados. Esta é uma variável polêmica desde os anos 20 com as postulações da Escola de Chicago que indicava que os efeitos do número, da densidade e da heterogeneidade de população recaem sobre as atitudes e os comportamentos dos cidadãos.

Um dos fatores que parece ser unânime entre os diversos modelos teóricos é o tempo de moradia no local. Este encontra-se relacionado de forma diretamente proporcional ao desenvolvimento do apego. Outro fator é a estabilidade em oposição à mobilidade. São mais apegadas as pessoas que estão mais estabilizadas num local.⁹ A história residencial dos sujeitos tem sido pouco explorada, mas contudo algumas correntes de estudo postulam que a formação e a manutenção da identidade individual, grupal ou coletiva recebe influência do apego ao local de moradia. São modelos inspirados sobretudo em Proshansky que entendem o processo de interação indivíduo-ambiente como relacionado à estruturação da personalidade individual e à imagem de si, que se integram às relações com o espaço como uma de suas dimensões constitutivas. Entende que a construção pessoal se desenvolve graças às experiências diretas estabelecidas pelo indivíduo com o ambiente. Finalmente conclui que é preciso primeiramente considerar o lugar que ocupa o indivíduo no espaço e como ele se situa neste ambiente para entender a evolução ao longo do tempo.

Há situações simples na vida cotidiana que guardam em si a possibilidade de compreender o funcionamento de comunidades urbanas complexas no que concerne a

⁹ Aqui podemos evidenciar a relação dos turistas, visitantes ocasionais de um espaço e que estabelecem uma relação temporária e desprovida de apego e que tem suas consequências. Por exemplo, educar turistas a não jogar lixo na rua requer um esforço duplicado dos órgãos competentes em relação às campanhas educativas dirigidas aos habitantes fixos.

problemas maiores tais como as relações entre grupos, os serviços urbanos, o papel do bairro na vida da comunidade etc. Proshansky vai falar em *quadros transitórios frequentes*. Inclui aí os acontecimentos cotidianos onde a durabilidade e a continuidade destes ou as relações entre os indivíduos são limitadas, trata-se de situações como aguardar a vez numa fila de ônibus ou banco, fazer compras em lugares repletos de gente ou ler num jardim público. Para ele simples estudos de apropriação de espaço em quadros transitórios podem fornecer subsídios ao fenômeno de apropriação de espaço em *contextos sociais complexos e duráveis*, onde ocorrem descontinuidades nos quais os transitórios estão enraizados. Entretanto mesmo ao se examinar um pequeno elemento de um determinado quadro social o meio ambiente deve ser definido dentro de um contexto social e não reduzido ao fenômeno em si. Ao se estudar os problemas ambientais tais como a apropriação do espaço ou a territorialidade não se deve excluir ou negligenciar a configuração de variáveis sociais e psicológicas complexas que entram em cena. Por exemplo, o entendimento do que seja qualidade de vida tem se configurado nos últimos tempos como um conceito que tende a considerar a situação social e política do viver em centros urbanos e traz implícito certos elementos de percepção e valores já que aspectos dessa ordem subjazem ao que se conceitua como qualidade de vida. A psicologia ambiental vem estudando alguns aspectos aí presentes, especialmente dentro do campo dos critérios do que enquadra na noção de "*satisfação residencial*".

Entre outros, novamente os estudos da Escola de Chicago, como ficou conhecida aquela reunião de pesquisadores americanos, marcaram época e influenciaram, como já vimos, muitos estudos de sociologia urbana assim como também de psicologia ambiental. Estes sociólogos elaboraram nos anos 20, uma abordagem antropológica e ecológica da cidade de Chicago onde expuseram as características do iminente quadro urbano de desaparecimento do sentimento de coesão social e de afetividade em favor de uma rede de interações anônimas. Apesar desta grandiosa contribuição das manifestações sociais e psicológicas a maioria daqueles pesquisadores deixou de lado aspectos como valores sociais e culturais da população e enumerou apenas indicadores objetivos do que entendiam por qualidade

residencial. Contrariamente a eles alguns teóricos entendem que a resposta emocional ao ambiente sócio-físico é primordial pois a satisfação está intrinsecamente ligada a algo subjetivo. Segundo Aragonés e Américo (1988, p.348) por exemplo: "um ambiente residencial satisfatório variará de acordo com o contexto físico do lugar e das necessidades e aspirações das pessoas ou grupos que nele residem, sem esquecer as relações mantidas com os vizinhos." Nesta ordem encontra-se uma série de estudos revelando inúmeras variáveis quando se estuda a satisfação com o *habitat* como, por exemplo, o desenho arquitetônico da casa, o valor econômico, os fatores visuais, o ruído, a segurança, os laços familiares, a classe social, o tempo de residência, o sentimento de comunidade e de bairro, entre outros. A segurança tem-se apresentado como um dos maiores atributos em termos de indicadores de qualidade de vida. Os estudos que trazem à tona a classificação de atributos ambientais e físicos são agrupados em geral à qualidade física da casa e às características físicas do ambiente que rodeia a mesma. O valor econômico da casa ou o preço do aluguel estão entre os atributos de valor social.

1. 6. IMPLICAÇÕES E EFEITOS DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

1. 6. 1. O uso dos recursos naturais e a produção dos resíduos

Equilibrar um dos binômios contraditórios da sociedade contemporânea, o de garantir recursos naturais e adequar a destinação dos resíduos ao modelo de desenvolvimento sem provocar transtornos ecológicos, tem sido um grande desafio contemporâneo. Neste sentido, os resíduos urbanos tornaram-se um tema extremamente significativo que obriga a refletir sobre a nossa participação nos ciclos da natureza. Indicam a forma como gerenciamos os recursos disponíveis no nosso cotidiano. Nesse campo diversas são as tecnologias que surgem a fim de tentar gerenciar o uso dos recursos naturais e o destino das sobras cotidianas. Para Jacobi (2000, p.260-261):

O tema do lixo é provavelmente o que melhor exemplifica as possibilidades para a formulação de políticas públicas preventivas ou minimizadoras. Entretanto, a timidez das iniciativas e a descontinuidade das políticas têm criado um verdadeiro círculo vicioso, dentro da lógica de *culpar a vítima*...de acordo com White e Whitney (1992), em nenhum outro caso existem tais condições favoráveis ao estabelecimento das conexões entre a atividade humana e o sistema ecológico, como no caso sobre como a sociedade lida com o lixo que produz (...) a modernização dos instrumentos requer uma engenharia socioinstitucional complexa, apoiada por processos educacionais e pedagógicos, de forma a garantir as condições de acesso dos vários agentes sociais envolvidos, notadamente daqueles dos grupos mais vulneráveis, à informação relacionada aos serviços públicos e aos problemas ambientais.

Por vivermos numa era onde os aspectos representacionais exercem um papel importante, o entendimento a respeito do que venha a ser sujeira ou um ambiente poluído, ou mesmo meio ambiente, natureza ou ecologia se dá num palco repleto de contradições. Tais choques de valores podem ser incluídos no elenco de causas de certos conflitos locais, seja no âmbito da nação, da cidade, do bairro ou das relações pessoais mais elementares.¹⁰

O entendimento da questão dos resíduos enquanto problema cultural apresenta uma saída para se pensar a problemática além das questões técnicas, entretanto ainda vem sendo pouco pesquisado. Para Rodrigues (1995, p.11) existem no lixo duas histórias entrelaçadas e inseparáveis: a do significado e a do objeto material. O importante, segundo ele é "...aproveitar daquilo que se rejeita para a natureza, como sendo morto, as pulsações do que ainda vive como cultura e como revelador de um modo de vida." As dimensões simbólicas dos resíduos os representam desde a classificação de inútil a algo útil, por exemplo. A sociedade contemporânea têm

10 As transformações humanas, vividas no processo de civilização ocidental entre os séculos XII e XIX, podem indicar historicamente algumas características marcantes a nível de sociedade quanto às formas de relação do indivíduo com a natureza, dos homens entre si e com aspectos da própria identidade do ser humano. Em relação ao que se designa por sujeira há uma variedade de características que marcam e definem épocas. O estudo de Mary Douglas, publicado no livro *Pureza e Perigo* (1976), diagnosticou que os problemas de limpeza ritual, nos pequenos gestos de separar, classificar e limpar e o comportamento frente ao que se explica como poluição em diferentes culturas, implica em que as "idéias de poluição trabalham na vida da sociedade em dois níveis, um largamente instrumental, outro expressivo. No primeiro nível, o mais óbvio, encontramos pessoas tentando influenciar o comportamento dos outros. (p.13) Ou ainda "...algumas poluições são usadas como analogias para expressar uma visão geral da ordem social." (p 14)

apresentado a reciclagem como alternativa ecológica de recuperação dos materiais do lixo, o que parece querer recuperá-los da “morte” a que estão destinados em lixões e aterros sanitários. Constata-se historicamente que já fomos muito diferentes quanto às sensibilidades para pensar e sentir os odores, o bonito e o feio, o valor de um objeto ou da própria vida. Recuperando-se algumas informações da Idade Média pode-se constatar que a invenção de certas dicotomias como espírito e matéria, corpo e alma são próprias do advento da sociedade industrial capitalista e essa invenção é a base para se supor que algo possa ser dejetado. Sobra é um elemento essencialmente advindo do pensamento pós-medieval e que não se encontra num pensamento onde essencialmente morte e vida são vividos sem uma muralha que os separe. (Rodrigues, *idem*; Vigarello, 1996)

Se a morte é aquilo que sobra da vida, o lixo também poderá ser entendido como o que sobra da vida dos objetos. Como pensar a iminência do descartável em nossa atual sociedade, embutida de valores de substituir por algo mais novo, mais moderno, resultando em mais lixo continuamente? Nada é absoluto e definitivo neste campo e assim, as reflexões sobre o que venha a ser resíduo parte da realidade. Se atualmente a fragmentação substitui o amálgama presente na cultura medieval, também as confluências e superposições deram lugar à autonomização. Fragmentações importantes entre campo e cidade, rural e urbano se delineiam nesta perspectiva e irão repercutir infinitamente sobre a problemática ambiental em geral. A separação em categorias específicas começa a tornar-se visível no final do século XIV, mas principalmente a partir do século seguinte onde separar cada espécie de vida era a ordem do dia. Hospitais, colégios, prisões, hospícios serviam para isolar e separar tipos diferentes de vidas.¹¹ Gouhier (1997, p.173) dirá que "a relatividade do

¹¹ Expulsar os mortos da cidade tornou-se uma obsessão na Europa. O cemitério dos Inocentes de Paris em 1780 já era indesejável numa cidade que crescia. As tentativas de extrair os restos e deslocá-los para fora da cidade podem ser comparadas ao projeto de reunião e expulsão do lixo urbano em 1779. "A figura do lixeiro emerge, na França, lentamente, no segundo quartel do século XIX. Não é, pois, coisa tão antiga. E surge porque nestes anos a cidade de Paris ficou literalmente sufocada pelo lixo. O lixeiro aparece como importante personagem do imaginário social, herói de muita literatura, figura de vanguarda a anunciar e prefigurar um mundo novo" (Rodrigues, 1995, p.41)

nada se aprofunda com a aceleração do movimento das estruturas econômicas e sociais."

A linguagem acompanhará estes movimentos. Encontraremos as mais variadas designações para as coisas desprezadas. A palavra resíduo atualmente tem uma conotação mais técnico-científica e cotidianamente é substituída por lixo, mas outras palavras são colocadas como sinônimos, especialmente na linguagem popular. Imundice e sujeira eram palavras comuns e pouco aceitáveis após o advento da reciclagem. Entretanto o significado é ainda de alguma coisa que se encontra no campo da "exclusão territorial", como indica Gouhier (idem) Ou seja, algo indesejável em função de suas conotações negativas ou pejorativas ao longo da história. A noção de resíduo apresenta sentidos em conformidade com os acontecimentos, principalmente relativos ao meio ambiente e à economia. Seja devido aos problemas de poluição seguidos da preocupação com a crise de subsistência energética, seja pela possibilidade de vir a tornar-se matéria-prima num momento de crise econômica, onde tem-se o advento da reciclagem, ou social como campo de trabalho para desempregados e desqualificados profissionalmente, ou mesmo de subsistência em tristes realidades que flagram a prática de catação das sobras em aterros descobertos ou em feiras, mercados, comércio etc. Portanto dentre estas conjunturas tão diversificadas é compreensível que o sentido de resíduo varie consideravelmente.

Uma das grandes questões colocadas à sociedade atual tem sido o crescimento das cidades e a necessidade de bens de consumo e utilitários para desenvolver suas funções vitais. Os problemas começam quando registram-se sensíveis perturbações na ordem natural dos fenômenos responsáveis pela reintegração das substâncias retiradas do meio ambiente para satisfação das necessidades dos organismos vivos. O problema da poluição causada pelos resíduos aumenta na medida em que as cidades crescem e se congestionam. A produção industrial, gradativamente, cria um aumento de resíduos de transformação muito lenta e, mais recentemente, de elementos não degradáveis, que provocam graves transtornos à conservação do meio ambiente. Já o consumo exacerbado de produtos descartáveis ou que geram muitos resíduos provocam

situações difíceis de resolver no tocante à coleta, eliminação e destino final destes materiais, que precisam ser bem planejados para que não comprometam a qualidade de vida no meio ambiente.

A sociedade vem imprimindo constantes modificações aos componentes do lixo doméstico. Estes materiais inseridos no "menu" do lixo têm, por assim dizer, um caráter artificial que torna ainda mais difícil o seu tratamento pelas técnicas industriais de reciclagem, agravado ainda pela imensa concentração desses produtos. Historicamente pode-se verificar que vários fatos ajudaram a criar as enormes quantidades de dejetos e a voraz demanda de matérias-primas que caracterizam as sociedades de consumo de hoje, onde a quantidade de produtos comercializados por uma nação demonstra o avanço e o saneamento econômico dessa. Aliados às cifras correspondentes às vendas estão os diferentes desenhos que esses produtos apresentam para serem consumidos pelos usuários. Desenvolveram-se produtos com baixa durabilidade para propiciar as trocas no mercado, utilizando-se novos produtos que são desenvolvidos em nome do mais moderno. Temos então o declínio dos produtos duradouros e reaproveitáveis e o advento da chamada "obsolescência programada", ou seja, os fabricantes limitam deliberadamente a vida útil de um bem. Isto é acompanhado de uma inevitável aparição de novas necessidades cuja criação não tem limites e por cuja satisfação exploram-se cada vez mais os recursos naturais a um ritmo mais rápido que o que a terra pode produzir e gerando dejetos a uma velocidade que não lhe permite serem absorvidos.

Torna-se então imperativo conceber o resíduo como um conceito vinculado e relativo ao contexto. A maneira que sentimos, pensamos, percebemos, representamos os resíduos individuais do cotidiano é intimamente dependente do modelo econômico. A partir do estudo da história humana, constata-se que o despejo de lixo é visto como uma forma de demonstração da capacidade de modificar o meio ambiente e de adaptá-lo às suas necessidades. Os resíduos gerados pela atividade urbana tinham, no passado, caráter de degradabilidade e, os próprios mecanismos da natureza encarregavam-se de transformá-los em outras substâncias. Em tempos de mercado dá-

se um valor de uso como matéria-prima numa nova produção, assim ele deixa de ser resíduo para se tornar uma fonte, um valor de troca potencial. Na era ecológica passamos a compreendê-los como parte significativa dos ciclos da natureza e da economia.¹²

Mas os resíduos ainda são um dos mais sérios problemas ambientais na medida em que persiste a inadequação tecnológica dos processos industriais e igualmente a inadequação no comportamento do consumo. A quantidade de resíduos que a sociedade está produzindo é uma das fontes indiscutíveis de deterioração ambiental, mas sobretudo esse excesso de resíduos é o expoente de uma problemática gerada pelo estilo de vida adotado, um modelo de desenvolvimento baseado na industrialização, no excesso de consumo e no desperdício. O meio ambiente degradado é na verdade a manifestação concreta da degradação das relações que os homens estabelecem entre si. Faz-se necessária a criação de novos valores que tenham a capacidade de orientar as pessoas a refletir sobre o modo de vida, a quantidade e a qualidade do lixo que produzem e o que fazem para se livrar dele. Aliada à representação que temos dos resíduos também interligamos a nossa concepção afetiva e cognitiva da natureza. Gouhier (1997, p.174) instiga a uma importante reflexão ao dizer que em relação aos resíduos,

...a atitude tradicional é a exclusão territorial. Em efeito, o dejetos é um indesejável por causa de suas conotações pejorativas: de baixo valor, do nada, do vazio e também do sujo, da mancha, da repulsão. Sua materialização concreta e individual é representada pela sujeira e a lixeira de cada um, uma imagem globalmente e unanimamente negativa: sujidade e pestilência, sombra e nulidade, poluição e perigo.

12 As principais vantagens da implantação de um programa de reciclagem de lixo são segundo o CEMPRE/IBAM, 1993: 1. aumento da vida útil de aterros e lixões, pois reduz a quantidade de lixo encaminhada; 2. ponto de partida para a consciência sobre a esgotabilidade dos bens, da relação homem/meio, dos atuais sistemas de produção; 3. redução no consumo de energia; 4. diminuição dos custos de produção, devido ao aproveitamento de recicláveis pelas indústrias de transformação; 5. intensificação da economia local, com a criação de empregos. 6. economia para o país na importação de matérias-primas e na exploração de recursos naturais não renováveis.

É certo que com o advento da reciclagem os valores começam a aparecer invertidos: o lixo, que sempre foi um problema, torna-se solução. Esta operação inovadora de gestão de resíduos apresenta a vantagem por um lado, de reduzir o volume final dos resíduos a serem incinerados ou aterrados e por outro lado, a recuperação dos resíduos e a sua reintegração em determinados processos produtivos assegura relevantes economias de matérias-primas e de energia.¹³ Representando, assim, uma boa alternativa para preservar os recursos naturais, bem como melhoramento do solo com a incorporação de composto orgânico. Mas acima de tudo, este tipo de programa contribui para repensar-se o consumismo, o desperdício de materiais. Seu potencial transformador o recomenda como exercício cotidiano de solidariedade entre os indivíduos. É na adesão da população que reside seu principal triunfo. Mas não podemos parar por aí, pois apesar do surgimento desta alternativa de recuperação os resíduos ainda ocupam um significado periférico em nossa sociedade. Através de uma metáfora de Gouhier (1997) pode-se visualizá-los nos dois sentidos, negativo e positivo. Como a margem de uma página de um texto representada pelo branco, o vazio, o nada, e também a borda, a proximidade imediata que indica os limites que definem o texto e guiam a leitura e o uso, ou como:

... um nada que não é sem utilidade. No sentido derivado, a margem é sinônimo de distância, tomada de liberdade relativa em relação a uma situação; é o reconhecimento de uma possibilidade de iniciativa entre dois campos, dois espaços determinados entre duas atitudes, do afastar-se e do engajar-se em uma situação.

A partir do sentido concreto e geográfico do espaço marginal, amplia-se a significação aos domínios econômicos, sociais e culturais e, a esta borda é anexada um sistema de classificação, de organização à periferia de um sistema centrado e instituído. O sem valor é expulso pela repugnância, o perigo ou a representação negativa. Expulso como um indivíduo rejeitado para fora do grupo, desviante, indesejável que necessita ser colocado à distância, afastado, aprisionado. Por isso que

13 Calcula-se que 25% do lixo urbano pode ser reciclado e em países pobres 50% é constituído de matéria orgânica que pode ser transformado em insumo para a terra.

o autor visualiza que valorizar algo que se rejeitou poderá concretizar-se numa possibilidade interessante de interrogação dos sistemas mais gerais de avaliação. Um material se tornará resíduo a partir de alguma depreciação do que o fundamenta, ou de seu valor econômico, de mercado ou de sua competência técnica, de seu valor representativo como advento de moda, sentimental ou papel social.

É interessante pensar que os programas de coleta seletiva que obtêm mais sucesso são os situados às “margens” dos centros das grandes cidades, as periferias que se transformaram em refúgios habitacionais, alternativa para quem procura qualidade de vida. De alguma maneira a margem espacial propicia uma mudança de atitude frente à vida, onde se inclui a triagem domiciliar dos resíduos. A sensibilidade ao meio e sua proteção configura-se como oportunidade de participar diretamente na organização de um modo de vida específico. Pode-se pensar então que estando na margem (como de um texto) os resíduos oferecem um espaço de criação, não usual, não prescrito de um campo. A fronteira passa a ser um espaço pioneiro, onde a marginalização pode ser vista como uma etapa no ciclo. Presume-se que, embora a “internalização” dos resíduos revele uma dinâmica social, que passa pela invenção de um novo papel público, redistribui a responsabilidade de “dar um fim” ao lixo, de uma parte aos industriais que devem reduzir a produção de resíduos e de outra aos cidadãos que não devem misturar seus dejetos a fim de permitir o tratamento adequado à reciclagem dos produtos e à compostagem dos resíduos orgânicos. Entre todas as questões relativas ao meio ambiente o comportamento de triar os resíduos representa a conduta de ação política que mais indica inovação frente aos problemas atuais relativos aos recursos naturais.

Esta permeabilidade entre diferentes realidades faz lembrar que estamos vivendo num mundo onde impera a representação cibernética da natureza como indica Moscovici (1977). Esta flexibilidade dos resíduos, da sua metamorfose de dejetos a recurso, de desprezível ao reaproveitável, introduz a importância do trabalho humano na extração de diferentes potencialidades de ocorrência. Um inventário de possibilidades permitiria apreender as competências necessárias no domínio da gestão

e da regulação dos recursos naturais. Estas possibilidades tornam difíceis a distinção entre recursos humanos e materiais, como diria Moscovici. Com a afirmação da natureza cibernética, a ordem que fazemos parte e a cronologia precedente vão se inverter. Ela se manifesta por uma proeminência da projeção sobre a experiência, vista sobre a experimentação. Pode-se dizer que se estabelece uma relação menos direta com a matéria, que é mais da ordem de uma relação sublimada. Moscovici imagina uma época de responsabilidade humana, onde a humanidade é a parte pensante desta relação. Mas talvez devamos ser um pouco céticos em relação a isto, pois sabemos que o acúmulo de conhecimentos da humanidade não tem caminhado lado a lado com um aumento de gerenciamento sobre o mundo.

1. 6. 2. O comportamento pró-ambiental e a alternativa ecológica da triagem de resíduos

A preocupação com a qualidade do meio ambiente é evento recente na sociedade. Poderíamos talvez marcar os anos 60 como o início do que se chama comumente de *consciência ecológica*. A deterioração da biosfera é anunciada por pesquisas científicas bem como sentida diariamente. Poluição tornou-se uma palavra bastante presente em discursos políticos, científicos ou cotidianos. Suas causas e conseqüências tornam-se temas de pesquisas e discussões. Como marca da escolha do tipo de economia que vem sendo praticada, tem provocado problemas ecológicos muitas vezes incomensuráveis, inatingíveis e lamentáveis. Talvez não seja possível evitar todas as conseqüências advindas da atividade humana, mas quem sabe pelo menos diminuir o que os economistas chamam de *externalidades* (Alier, 1992) que é o produto não desejado, advindo da atividade humana na produção de certos utensílios avaliados como necessários a determinada cultura. Estas externalidades são os custos advindos diretamente do benefício alcançado. A medida prescrita pelos economistas ecologistas seria a de interiorizar estas externalidades a fim de evitar o caos. Talvez isto seja possível por intermédio da atribuição de responsabilidades em escala planetária. Os problemas ecológicos são o sintoma de uma crise de

comportamentos inadaptados, ou seja, a interdependência é necessária para compreender e agir sobre eles. Políticas governamentais ou medidas tecnológicas não se efetivam se não são acompanhadas de mudanças de comportamento. Para Morval (s/d, p.32) " é preciso conhecer o que a população sente, pensa, e faz sobre os problemas ecológicos, a fim de modificar os comportamentos críticos e desenvolver uma responsabilidade ecológica..." Qualquer decisão ou comportamento tem conseqüências sobre o meio, sobre a vida em comunidade e, devem ser avaliados em relação às normas da cultura.

O comportamento participativo, tendo em vista questões ambientais, é estudado pela psicologia ambiental dentro de um campo de estudos enquadrado no que se convencionou chamar de comportamento pró-ambiental. Contemplam investigações sobre comportamentos participativos como por exemplo a reciclagem, a conservação de energia etc. Abordam a relação entre valores e conduta, vinculando a motivações altruístas aos comportamentos pró-ambientais. Neste campo vem sendo aplicada significativamente a teoria da influência normativa, de Schwartz. (apud Matheau, 1997; Suárez, 1996) Seu pressuposto básico é de que: "a intenção ou o propósito é de beneficiar a outra pessoa como expressão de valores internos, sem levar em conta para isto a existência de reforços sociais e materiais." (Schwartz, 1977, p.222) O modelo de Schwartz define o comportamento altruísta como sendo o resultado de um processo ativo de tomada de posição ou decisão, onde fatores cognitivos entram em cena. O "uso racional" das informações disponíveis ao indivíduo, no que tange as necessidades dos outros em uma dada situação, oportuniza critérios para sua ação assim como os princípios de otimização de benefícios. As normas pessoais são vinculadas à tendência de sermos conscientes das conseqüências de uma ação, o que Schwartz intitulou de *Awareness of Consequences* (conhecimento das conseqüências) e a tendência de atribuir-se responsabilidade (*Ascription of Responsibility*). Estas duas tendências mediatizam a influência dos juízos normativos, ou seja, quando ambas encontram-se em alta escala espera-se que o sujeito apresente uma ação altruísta. Como já anunciado acima, este modelo vem sendo bastante empregado quando do estudo de comportamentos referentes às questões ambientais,

resultantes de juízos morais, onde entende-se como possível "fazer alguma coisa pessoalmente" em situações consideradas graves para a sobrevivência (conhecimento das conseqüências) e onde se está de certa forma contribuindo para tal (atribuição de responsabilidade).

O comportamento pró-ambiental poderá também ser visto numa perspectiva de comportamento altruísta nas relações interpessoais. Como aponta Moscovici (1994) nas manifestações de altruísmo estão presentes, além de um comportamento que é exercido para beneficiar o outro sem aguardar recompensa, uma recompensa interna como a estima e a culpabilidade nascida de uma preocupação. Aqui altruísmo não é o outro lado da moeda do egoísmo. Para o autor há no entanto duas representações sociais extremas de altruísmo em nossa sociedade. Uma que considera a relação de uma pessoa com a outra e, a segunda situa-se com relação a um conjunto, de modo impessoal. De um lado exprime uma responsabilidade e de outro uma solidariedade. Há três formas de altruísmo: o participativo, o fiduciário e o normativo. Este último por ser impessoal intervém nas normas da sociedade ou da cultura, que possuem uma classificação de relações ordenadas em altruístas e egoístas.¹⁴ No altruísmo fiduciário ou de confiança o que se faz em favor do outro depende do grau de confiança ou de desconfiança que se tem para com ele. Há a presença da incerteza. Já o participativo revela-se sem a presença de um outro particular, mas um conjunto, uma comunidade donde se é participante, "...o seu e o do outro não são verdadeiramente distintos." (idem, p.77)

Talvez uma contribuição importante à construção social do comportamento pró-ambiental esteja em clarificar a inextricável correspondência entre recursos naturais e resíduos. Toda uma dinâmica pode ser construída a partir da definição de resíduo e das relações entre este e a matéria-prima, impondo uma avaliação da

14 A importância de normas é um dos temas estudados pela psicologia social. Uma série de pesquisas demonstra que os indivíduos que se apropriam da norma de responsabilidade se engajam mais numa relação altruísta que aqueles que a tem menos interiorizada. (Staub,1974; Rushton,1980 apud Moscovici (1994)

dialética dos problemas ambientais em torno da metamorfose de recursos em resíduos e vice-versa, ao mesmo tempo que permite uma reabilitação do ciclo da matéria. O tema dos resíduos simboliza o poder de institucionalização do reabilitar. A transmutação do resíduo em recurso indica não somente a presença de um trabalho de transformação, mas de um trabalho de designação, na medida em que inicia por uma representação das coisas. Esse rompimento com o uso comum de representações habituais deve levar a um novo trabalho que revela a capacidade de transformar efetivamente a realidade.

A partir deste quadro de referência teórica tem-se como eixos fundamentais para a análise uma abordagem de caráter interdisciplinar. Entretanto, apesar de valer-se de uma visão teórica mais ampla sabe-se que a realidade apresenta-se infinitamente inatingível a uma leitura total e acabada.

A linha aqui adotada fundamenta-se primordialmente na visão de que o meio ambiente ou natureza é um dos participantes da construção social da realidade. A relação entre sociedade e meio ambiente é construída a partir de várias determinações, sejam a nível cultural, social, psicológico, físico, espacial ou histórico. Define-se então a realidade como um sistema de relações, no interior do qual o indivíduo é uma das partes constitutivas como integrante ativo, onde as relações que estabelece com as características ambientais apontam para a existência de uma interdependência entre indivíduo e meio. Portanto, o ambiente não é simplesmente uma fonte onde suprimos nossas necessidades, sendo físico e social é rico em significações por intermédio do qual a humanidade pode expandir-se, desabrochar. As suas qualidades, permeadas de valores simbólicos e de afetividade, vão muito além de sua eficácia.

Nesta ordem de entendimentos a teoria das representações sociais oferece um meio de superar a dificuldade de pensar a dimensão psicossocial quando se estuda diferentes aspectos do meio ambiente. Sendo o mundo que nos envolve mediatizado por representações sociais que se constituem em modalidade de conhecimento e revelam coisas sobre o mundo e os objetos que o constituem. Por isso permitem

esclarecer as concepções dos sujeitos sobre o meio ambiente e os problemas próprios do tipo de relação estabelecida. Desta forma possibilita avaliar a nível simbólico e cultural a dimensão espacial, natural ou construída do modo de vida. A análise destas representações indicará as formas de expressão da apropriação do lugar pelos indivíduos.

Mesmo levando-se em conta as forças de um universo homogêneo que impõe um espaço modelado pela sociedade industrial, percebe-se que o arranjo espacial, em diferentes níveis de organização social, pode diferenciar-se segundo as significações que lhe são atribuídas. O caráter multidimensional do meio ambiente é vivido por intermédio de atributos significativos, e assim o mundo físico adquire qualificações particulares para cada indivíduo ou grupo. Valores e significados imprimidos culminam num processo de apropriação e expressão de si ou de identidade. O investimento afetivo imprime tamanha importância a um objeto que pode levá-lo a constituir-se como um elemento da identidade. Toma-se aí o aporte teórico que entende que, por exemplo, uma certa paisagem ou os aspectos físicos de um lugar serão de grande importância para o desenvolvimento da dimensão ambiental da identidade.

A apropriação experimenta sua concretude na vida cotidiana pois é nela que se sente segurança, privacidade, mesmo num espaço público ou institucional. Neste espaço as representações sociais positivas do meio, de satisfação com as condições do *habitat* levam a um envolvimento do sujeito com o entorno e servem de suporte a comportamentos que visem a estabilidade das condições do local, seja em termos de preservação de suas qualidades físicas, sociais ou culturais. Nesta dimensão a triagem domiciliar dos resíduos configura-se como um bom exemplo.

CAPÍTULO II

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA: PROBLEMÁTICA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2. 1. PROBLEMÁTICA

O ambiente natural, social e cultural desta pesquisa é o bairro da Lagoa da Conceição situado na Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, sul do Brasil. No primeiro mapa apresentado (anexo 1) pode-se identificar a situação geográfica da Ilha de Santa Catarina em relação ao Estado. Ela conta com aproximadamente 423 Km², separada do Continente pelas baías norte e sul. Entre as terras da Ilha e do Continente há cerca de 500 m de largura de mar, interligadas por três pontes. Parte do Continente compõe, juntamente com a Ilha, o município de Florianópolis. No segundo mapa (anexo 2) pode-se observar a Lagoa da Conceição. No bairro há uma lagoa¹ com cerca de 17,6 km² (extensão norte-sul de 15 km e largura entre 0,7 e 2,5 km) e profundidade média entre 2,8 m e 8,7 m. É um dos dois maiores corpos de água da Ilha. Comunica-se com o mar pelo canal da Barra da Lagoa. (CECA/FNMA, 1996)²

Não é intenção deste trabalho documentar historicamente e de forma seqüencial as primeiras ocupações humanas na Lagoa da Conceição. Mas considero importante resgatar alguns momentos deste processo histórico de mutação a fim de

1 A fim de distinguir ao que estou me referindo, usarei para o bairro Lagoa a letra "L" inicial maiúscula e o corpo d'água lagoa com a letra "l" inicial minúscula.

2 Segundo Hauff (1996), no Brasil é comum utilizar o termo lagoa para as lagunas de água salobra que tem ligação com o oceano. Apesar de incorreto é usado para assim designar estes corpos d'água.

acompanhar um pouco a evolução pela qual tem passado.³ Num contexto de profundas mudanças do espaço, tanto urbano quanto natural, alguns aspectos chamam bastante a atenção. As mudanças na paisagem representam, sem dúvida, a expressão concreta da atividade humana no local. Elas respondem às necessidades dos indivíduos relativas ao seu enraizamento e à construção de sua identidade. Como para Milton Santos (apud Veiga, 1993, p.18) vejo que:

a paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa pôr um processo de mudanças, a economia, as relações sociais e políticas também mudam em ritmo e intensidade variadas. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.

O papel da paisagem pode ser interpretado em função das atividades desenvolvidas. As formas de gestão dos recursos existentes presta contas à intencionalidade de seus executores. Por exemplo, quando as expedições portuguesas chegaram à Ilha de Santa Catarina somente aportavam a fim de buscar suprimentos para os navios, víveres, água, consertar suas embarcações ou construir novas quando estas haviam sido destruídas. A Coroa Portuguesa somente iniciou o povoamento da Ilha 200 anos após sua posse com o Tratado de Tordesilhas. A expedição de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, em 1500, não atingiu as águas do sul do país. Estima-se que a segunda expedição, dirigida por André Gonçalves nos primeiros anos seguintes, tenha avistado a Ilha. Já em outra expedição, de 1514, a denominação de Ilha dos Patos parece fazer referência à Ilha de Santa Catarina. Várias outras expedições tanto de portugueses quanto de espanhóis lá aportaram mas não chegaram a estabelecer nem mesmo um pequeno núcleo.

3 Autores de diversas épocas relatam como Florianópolis chegou a qualidade de cidade e capital do Estado de Santa Catarina. Entre eles Piazza, Várzea, Pereira, Cabral, Berger, Peluso, Paulo Lago entre tantos outros. De seus estudos foi possível retirar muitas informações. Apresento algumas sem muitas vezes referenciar-me precisamente às fontes. A opção por esta displicência acadêmica deu-se devido à intenção de oferecer uma abordagem geral destas informações, para afinal colocá-las como pano de fundo da investigação.

Nos primórdios a ocupação da cidade de Florianópolis, então chamada de Desterro,⁴ dá-se com a entrada de muitos imigrantes europeus. Os primeiros registros do povoamento europeu na Ilha de Santa Catarina situam-no o século XVI. Suas duas baías, norte e sul, transformaram-se em um ancoradouro com bastante movimentação, principalmente devido a configurar-se num ponto estratégico para o Atlântico Sul e a Baía da Prata. A ocupação da Ilha e não do Continente deve-se às preocupações com a defesa e a busca de condições geográficas favoráveis, repetindo as estratégias utilizadas em outras ocupações luso-brasileiras.

É neste período que se encontra uma primeira e intensiva exploração dos recursos naturais, como a madeira. Desta forma registram-se a posse e a ocupação jurídica do território, sem haver nenhuma jurisdição político-administrativa que as orientassem. Já em 1530 começara a regularização através do Sistema de Capitânicas Hereditárias, onde as Linhas de Tordesilhas passam a marcar os limites de ocupação. A Ilha passou para as mãos de Pero Lopes de Souza por volta de 1534, garantindo aos europeus o assentamento nestas terras e conseqüentemente o início do processo de fundação da Vila. A ocupação pelos chamados bandeirantes provocou uma verdadeira caçada aos índios que aqui viviam. Moradores litorâneos até então, os índios foram obrigados a fugir para o interior da Ilha ou deslocar-se para o Continente. A fundação definitiva da Vila deu-se por iniciativa do bandeirante Francisco Dias Velho e teve como marco a construção da igreja de Nossa Senhora do Desterro em 1678.⁵ As primeiras famílias se estabelecem com seus costumes, entre

4 Segundo pesquisa feita pelo CECCA (1996, p.43): "O fato de a Ilha ter abrigado eventualmente naufragos e desertores, assim como prisioneiros nas fortalezas que seriam construídas a partir de 1739, fez surgir a crença de que a denominação Desterro, mantida até 1894, tivesse uma relação direta com tais situações. Nada verídico, pois Desterro foi simplesmente a redução do nome original Nossa Senhora do Desterro, que Francisco Dias Velho adotou como padroeira da póvoa que fundou."

5 « Na América Portuguesa é notória a evidenciação do edifício religioso localizado em posição estratégica e centralizadora, em função da qual partem os principais eixos de circulação. Tal privilégio se explica, uma vez que a conquista era feita a serviço de Deus e do rei de Portugal. O mesmo acontecia na América Espanhola. » (Veiga, 1993, p.49)

eles a adoção de escravos negros. Ocorrem também tentativas de “domesticar” os índios existentes com a intenção de utilizá-los nos serviços domésticos.⁶

Entre os anos de 1748 e 1756 ocorreu o maior movimento organizado de transferência de colonizadores portugueses, principalmente constituída de casais, provenientes da Ilha da Madeira e dos Açores para o sul do Brasil.⁷ Recebiam algumas condições para se estabelecerem como provisões, ferramentas, animais e a concessão de terra. O tamanho desta foi adequando-se às condições da Ilha e aos desejos dos imigrantes, como a proximidade das casas e de vizinhança. Segundo Veiga (1993, p.35): “Isto resultou numa planificação típica, de corte minifundiário e implantação linear, baseada em lotes próximos ou vizinhos, com testadas bastante exíguas, e caracterizada pela cultura de subsistência, conforme o método rotativo.”

A necessidade de desmatamento tanto para construir, organizar, reparar e construir navios, quanto para suprir a sobrevivência dos novos moradores levou a uma transformação paisagística muito grande da Ilha. A dizimação da vegetação nativa provocou mutação da fauna tanto pela entrada de animais domésticos como pela extinção dos animais nativos. Os trabalhos de canalização de córregos, estradas e especialmente os aterros à beira-mar alteraram em muito as condições ambientais. Ultrapassada a fase inicial de colonização, a já então capital da Província de Santa Catarina expande-se, construindo casarios em meio a vegetação restante.

Com o crescimento e a estabilização da população, a freguesia ilhoa de Nossa Senhora do Desterro foi sendo desmembrada, tendo em vista a implantação das novas freguesias de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão e a da Santíssima Trindade. Paralelamente a preocupação passou a se concentrar em constituir um verdadeiro núcleo principal no atual centro da cidade. Em torno do Largo da Matriz foram

6 Segundo Walter Piazza (in : Cecca, 1996, p. 62) a escravidão negra em Santa Catarina não teve as mesmas dimensões que em outras partes do Brasil. Os açorianos e os bandeirantes que aqui se instalaram não eram ricos o suficiente.

7 A freqüente referência aos açorianos deve-se à massificação em relação aos poucos madeirenses que aqui chegaram.

construídos os primeiros estabelecimentos oficiais. A implantação das casas adaptava-se às condições geográficas e às atividades de pesca e agricultura. Os arredores do centro também começaram a crescer com o estabelecimento das primeiras freguesias de arredores. As famílias que chegaram após 1750 fundaram as freguesias de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio. É importante também que se diga que esta colonização se deu aproximadamente duzentos anos após a ocupação da Ilha pelos carijós. Os carijós eram índios da família lingüística tupi-guarani e habitavam também outros lugares do litoral sul do Brasil. Já por volta de 1600 não havia mais nenhuma tribo vivendo na Ilha. Em viagem missionária, no ano de 1635, os padres Inácio Siqueira e Francisco Moraes relatam não encontrar mais essa população. Crê-se que tenham abandonado o lugar em função da vinda de missionários e bandeirantes. (CECCA/FNMA, 1996, p.36)

O início de uma urbanização propriamente dita pode ser marcado após a primeira fase da colonização e da Proclamação da República, quando começaram a instalar-se na Ilha, além de autoridades político-militares, outros habitantes conquistando funções civis, ampliando assim a capacidade econômica da cidade. Em seguida tem-se a chegada das indústrias e o aumento do comércio portuário. Nesse momento já se tem a presença, no interior do Estado, dos imigrantes italianos e alemães. Relatam os historiadores que no século XIX a Ilha recebe também esses outros imigrantes. São famílias isoladas de alemães, italianos, sírios, libaneses e gregos, assim como também de brasileiros de outras províncias. Dedicam-se em especial ao comércio que cresce às custas da atividade portuária. Devido a esse crescimento interno e às relações com as demais colônias do interior, a capital amplia então seus tentáculos. Somente com a crise provocada pelo incremento da navegação a vapor, o porto de Desterro começa a perder sua magnitude. O raso traço do porto impedia a chegada dos navios de grande calado.

Em 1880 inaugurou-se o sistema de carris, bondes puxados por animais. Sucessivos locais foram sendo aterrados invadindo o mar, especialmente da baía sul. A economia da Província também exigia construções de trapiches e quebra-mares a

fim de viabilizar os locais para o atracamento de grandes e médias embarcações.

Denuncia o Relatório do CECCA/FNMA de 1996 que :

À medida que a cidade crescia, aumentava também o hábito de jogar lixo e entulhos nas praias e nos mangues, e desta forma começavam a surgir os habituais e comuns aterros da ilha....durante todo o decorrer do século XIX muito lixo fora ali jogado, fazendo a praia recuar, até que, em 1884, o Governo Provincial aterrou todo o local e vendeu a particulares os terrenos ganhos do mar. (p.56)

Em 1894 Desterro já é reconhecida pelo comércio portuário, pela pesca e agricultura e recebe outro nome. O governador da Província à época, Hercílio Luz, homenageando o marechal Floriano Peixoto, a chamará de Florianópolis.

A inauguração da Ponte Hercílio Luz, em 1926, indica uma nova era para a cidade. Antes a travessia era somente feita através de embarcações e balsas.⁸ A atividade portuária, agricultura e pesca já se viam em decadência devido ao incremento das vias rodoviárias que facilitavam a oferta de produtos vindos do Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul, regiões mais produtivas e de difícil competição à época. Com o planejamento de novos feixes viários, por volta de 1930, a cidade começa a ganhar uma nova organização espacial. Estas mudanças aliaram-se ao fenômeno nacional do processo de urbanização e êxodo rural nas capitais, iniciados nos anos 50. Florianópolis caracteriza-se então pelas atividades burocráticas, comércio e serviços. A nova cara da cidade vai se concretizando com a implantação da Universidade Federal no final dos anos cinquenta, a chegada da Eletrosul (Centrais Elétricas do Sul) nos anos sessenta e as novas atuações de empresas estatais e federais no período militar. O desenvolvimento urbano leva também a ocupação das praias, seja pela população local ou por turistas, principalmente trazidos através da BR-101 recém-construída. Nas praias, as comunidades pesqueiras começam a transformar-se em balneários para atender as necessidades dos turistas. Como demonstra Lago, M. (1996, p.36): “Quando as estradas, os turistas, o progresso e a urbanização chegam

⁸ A área do município de Florianópolis compreende a Ilha e parte do Continente, fazendo fronteira com o município de São José. A área total da Ilha é de 438 Km², sendo 172 Km de encostas.

às comunidades litorâneas, o resultado é a transformação de seu modo de vida tradicional – mudanças nas atividades econômicas e transformações sócio-culturais.”

No centro o aterro da baía sul, iniciado nos anos 70, cobriu seis quilômetros quadrados de mar e veio juntar-se à via expressa da beira-mar norte que dizimou a Praia do Forte. Serviu também para sustentar a construção de mais duas pontes de ligação entre a Ilha e o Continente, a Ponte Colombo Sales e a Ponte Pedro Ivo Campos. Com as decisões governamentais que optavam por grandes aterros, Florianópolis começa a perder a relação marítima que ainda resistia a cada nova mudança no espaço. Inicia-se então um processo bastante drástico, onde o desmatamento de grandes áreas verdes torna-se presente em nome do progresso.

A evolução da cidade de Florianópolis passou da função portuária à administrativa expandindo-se inclusive territorialmente com os aterros. Contudo o grande crescimento vem se dando em função do turismo. A estruturação do espaço urbano tem obedecido sobretudo a critérios do ramo. Além disso também como sede do poder administrativo de capital do Estado. Pouco a pouco, bairros e balneários tornam-se pequenas cidades estabelecendo uma quase independência do centro da cidade. Restam ainda alguns exemplos da herança rural e da pesca embora já circundados pelo modelo urbano. São espaços cobiçados por novos moradores que pretendem aliar o ambiente bucólico, a natureza e os benefícios da urbanização. Florianópolis tornou-se, efetivamente, uma cidade que oferece esta convivência. Mas como alerta Lago, P. (1996, p.126) “..o crescimento de Florianópolis é, portanto, e talvez antes de qualquer outra consideração, fato perturbador.”

Recente publicação de Fantin (2000) dá uma idéia de como vem se configurando este “fato perturbador” na cidade. A autora descreve analiticamente o que chamou de “angústia do atraso e agonia do progresso”, o sentimento dos moradores ao se debaterem entre o desejo de uma cidade grande, moderna e de uma cidade média com qualidade de vida. Enfatiza que tais questões vêm repercutindo na política, nas instituições e nas relações pessoais entre antigos e novos moradores. Entre adjetivos que se multiplicaram, “os do contra” e os “amigos de Florianópolis”

qualificam posições e procedências distintas. Através do apoio da mídia local, "os de fora" tornam-se os "do contra" a partir de 1985. Ganham força em 1991 com a campanha "amigos e inimigos de Florianópolis", seguida de outra, "Preservar sim. Estagnar não". Em 1997 novo reforço com "Sou a favor de Florianópolis". Essas campanhas almejavam conquistar a opinião pública em favor de propostas de novos empreendimentos que não eram bem recebidos e não conseguiam aprovação nas mais diversas instâncias públicas. Mas, como adverte Fantin (*idem*, p.60):

A disputa do projeto da cidade continua viva e intensa, demonstrando que *não* há projeto vitorioso, ainda. A opção hegemônica em favor do turismo, no entanto, parece sem volta. Construiu-se uma aparente unanimidade em torno da "vocação turística de Florianópolis". Entretanto,   justamente no âmbito do turismo (concep es e projetos) e na disputa em torno do Plano Diretor que os conflitos em torno do "modelo" de cidade se intensificam.

A cidade de Florianópolis desenvolveu-se violentando tanto aspectos ambientais como do modo de vida local. Apesar da natureza insular de parte da cidade impor uma série de particularidades e limites ao crescimento, o desenvolvimento se deu a um custo ambiental e das rela es humanas. O entendimento equivocado de progresso vem desdobrando-se num crescimento visivelmente desordenado, com muitas deficiências nos tradicionais suprimentos urbanos como eletricidade, abastecimento de água, transporte, saneamento, coleta de lixo, moradia etc. Nesse mundo de precariedades e perdas há ainda um conjunto de problemas relativos   produ o da vida simbólica e   vida cotidiana dos seus moradores. O modo de viver dos primeiros moradores foi se modificando   medida que os espaços passaram a ser compartilhados com turistas e com os moradores mais recentes. Em especial, o aumento da popula o fixa trouxe uma série de conflitos quanto ao uso e ocupa o do solo, dos costumes e valores, da linguagem, do folclore etc.⁹ Os novos moradores instalam-se por conta da chegada de empresas e reparti es

9 No livro *Modos de Vida e Identidade* (1996) Lago relata e discute o processo de transforma o social da cidade. Bastos (1993) discute esta transforma o vinculada   brincadeira da Farra do Boi. Outros estudos etnográficos e geográficos at m-se às particularidades dos espaços de ilhas habitadas. A partir de seu estudo P ron (1992, p.32) conclui que: "As novas gera es de insulares estão cada vez mais a procura de uma identidade forte pois eles sabem que serão cedo ou tarde, direta ou indiretamente, projetados em dire o ao mundo exterior."

públicas, na busca de empregos ou simplesmente em busca de um novo estilo de vida. São provenientes do êxodo rural no próprio Estado e da insatisfação com a vida em grandes centros, principalmente dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Adotarei nesta pesquisa as denominações correntes na cidade para identificar cada grupo, *nativos* são os nascidos em Florianópolis e os *de fora* são moradores que nasceram em outros locais.

No passado, a identidade cultural da cidade podia ser visualizada através de algumas características da população que, no litoral catarinense como um todo, se alicerçava principalmente sobre três culturas: dos índios carijós, dos europeus brancos (portugueses que vieram inicialmente em expedições, como bandeirantes vicentistas¹⁰, espanhóis, holandeses ou portugueses açorianos que aqui se instalaram definitivamente) e dos negros escravos. Da convivência entre essas culturas muitas trocas foram se estabelecendo, embora tenham sido mais predominantes nos grupos prevalecentes, os brancos europeus. Por exemplo, estes acabaram por absorver a cultura e o processamento da mandioca praticada pelos índios, pois a terra da Ilha não se adequava às tentativas de plantio de cereais, como esperavam os açorianos. Da mesma forma, incorporaram técnicas de pesca como a captura com cocas e jererês praticados pelo índios e o uso de fisgas e atração pela luz, herança dos negros. A fabricação das canoas de um pau só, o garapuvu, deve-se aos costumes indígenas. As festas dos negros estão até hoje presentes na cultura popular, entre elas os folguedos do boi-de-mamão, o carnaval, a dança da capoeira e os batuques. O boi-de-mamão presente em outras cidades do país apresenta em Santa Catarina particularidades provenientes dessa convivência. Mais tarde açorianos e negros (os índios desapareceram) passam a se relacionar também com outros imigrantes europeus, sírios, libaneses e gregos na Ilha de Santa Catarina.

Quando a agricultura deixou de ser a maior fonte de renda, seja pela ineficiência das técnicas conhecidas, ou pelo abuso do solo frágil, a pesca tomou fôlego e deixou de ser atividade somente de subsistência. Os habitantes utilizavam

10 Referência a cidade de São Vicente, São Paulo, donde provinham.

técnicas de salgamento de peixes para sua conservação a longo prazo, processo semelhante ao que faziam em Portugal. No entanto a agricultura manteve-se, principalmente, devido às necessidades na escassez sazonal do pescado. Outra atividade freqüentemente encontrada era o artesanato, presente tanto na confecção do linho, tecidos, rendas, como em cestarias e cerâmicas. A identidade do morador açoriano da Ilha de Santa Catarina vai se concretizar triplamente enquanto lavrador, pescador e artesão. O modo de vida do interior da Ilha firma-se nessas atividades que, ao final, suprem o mercado central da cidade, onde colocavam à venda seus produtos nas feiras, então em pleno desenvolvimento. As permutas entre pesca e agricultura acabam pouco a pouco por dar lugar a uma economia de serviços, essencialmente do turismo e que faz praticamente desaparecer as outras atividades.

Do ponto de vista das relações sociais, as transformações econômicas e sócio-culturais trouxeram um modo de vida diferente do tradicional modo de ser ilhéu, provocando uma série de problemas. “Com o turismo, percebe-se um novo padrão de consumo que requer não apenas a infra-estrutura adequada, mas uma cultura da diferença que seja tragável, palatável a este padrão. Assiste-se, então, a exotização dos costumes, a mercantilização das festas e a padronização das diferenças.” (CECCA/FNMA, 1996, p.72) Como estandarte desses problemas ocorre o fenômeno das diferenças entre dois grupos que se constituíram com identidades próprias, os antigos e os novos moradores. Como observa Fantin (2000, p.37):

Esses novos moradores da Ilha escolheram belas e estratégicas regiões para morar. Fizeram suas casas na Lagoa (grande reduto dos "de fora"), em balneários (que antes eram isolados e território das famílias de pescadores, freqüentados somente no verão) como Barra da Lagoa, Campeche, Pântano do Sul, Cacupé, ou comunidades tradicionais como Ribeirão e Santo Antônio de Lisboa. Outros escolheram bairros mais próximos do local de trabalho, na área norte da cidade, que ofereciam a comodidade de estar próximo a tudo.

A Lagoa da Conceição é uma das localidades da Ilha onde melhor se observam tais ocorrências, senão a melhor. A colonização na Lagoa da Conceição teve início em 1750 com a fundação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. Os seus moradores, segundo Várzea (1985), cultivavam roças predominantemente de mandioca, seguidas de cana, amendoim, milho e café; dedicavam-se à pesca;

construíam suas casas de pau-a-pique barreado à mão; engenhos de farinha e moendas de cana; criavam animais e extraíam cal em caieiras ou casqueiros. Várzea relatou em 1900 aspectos interessantes destas comunidades. Sobre a população da Freguesia da Lagoa afirmava ser uma:

...das mais laboriosas que conhecemos: cultivava, além das plantas já mencionadas, o café, a uva, o algodão; fabrica aguardente, açúcar, melado; exporta para a capital alhos, cebolas, amendoim, gengibre etc. Outrora cultivava em grande o linho, sobretudo o linho galego e donzelo, que era aí mesmo tecido em teares rudimentares (...) fabricam também os lagoanos belas toalhas de linho, mas em escala limitada. Destes tecidos há em toda a Ilha e no continente uma interessante e profusa variedade... (p.96-97)

Esta Freguesia distinguia-se das demais pela particularidade da existência da indústria doméstica. A fabricação de tecidos, toalhas e riscados era toda proveniente daí e servia a cidade. Em 1900, segundo Várzea (1985), habitavam na freguesia 3.450 pessoas e toda a família participava das atividades econômicas. Lago, P. (1996) demonstra que os moradores distanciaram-se da agricultura, guardando o costume somente para sua subsistência e, tornaram-se pescadores artesanais, graças à abundância de crustáceos e peixes encontrados na lagoa e encostas. A paisagem admirável e os pescados tornam a Lagoa local de passeio e passa a ser visitada especialmente pelos moradores do centro da cidade a fim de degustar os pratos típicos como o caldo de peixe, o rodízio de camarão e a casquinha de siri, assim como apreciar a paisagem. Zininho quando compôs o emblemático “Hino de Amor à Ilha” cantou: “...tua lagoa formosa, ternura de rosa, poema ao luar. Cristal onde a lua vaidosa, sestrosa, dengosa vem se espelhar.” homenageando a Lagoa. Nos anos cinquenta os pescadores locais já dispunham de embarcações que os distanciavam das características artesanais anteriores.

Além das visitas dominicais, a Lagoa passou a ser a segunda residência de alguns florianopolitanos e em seguida, a residência dos novos moradores da cidade. Pode-se dizer que na Lagoa da Conceição o processo local acompanhou os movimentos ocorridos na cidade como um todo, mas algumas características são notadamente específicas. O fluxo humano provocou uma dinâmica de relações

peculiares, tanto naturais quanto sociais. Suas belezas naturais, com praias, dunas, vegetação, relevos e a própria lagoa vêm atraindo muitas pessoas, entre turistas e novos moradores. Lamentavelmente já se observam as conseqüências negativas dessa ocupação humana. O processo histórico de aproveitamento irracional dos recursos naturais costeiros, paralelo ao processo de povoamento da costa em diversas etapas, é flagrante. A degradação do ambiente deve-se principalmente ao modelo de desenvolvimento escolhido tanto por comerciantes e autoridades, quanto pela população local e turistas. A economia pesqueira vem sofrendo quedas, como apontam os dados de Lago, P. (1996): em 1989 foram capturados 91,8 toneladas, sendo 47 de crustáceos, em 1990 tem-se 84,5 toneladas, sendo 26 de crustáceos e, em 1995, apenas 21,7 toneladas, onde somente 6,6 são de crustáceos.

Pode-se ver a Lagoa como um microcosmo da cidade, no qual é possível observar e analisar as relações sociais, o lugar social e a dimensão comunitária. O modo de organização da comunidade, das formas de comunicação e dos mecanismos de integração e exclusão dos diferentes grupos no espaço urbano podem oferecer subsídios importantes às clássicas discussões em ciências humanas. A problemática elaborada para estudo enfoca em particular as representações sociais desses dois grupos quanto ao gerenciamento dos recursos naturais e o vínculo com o resíduos produzidos na localidade. O intuito é alcançar as contradições presentes entre as necessidades de desenvolvimento e as implicações em deterioração ambiental. O primeiro entendimento da questão é de que a relação sociedade-natureza tem uma dinâmica particular em cada momento histórico, do mesmo modo que cada grupo social se relaciona com a natureza de diferentes formas, com conhecimentos e comportamentos próprios. E qual seria o papel dos aspectos representacionais nesta relação com os recursos naturais? A questão remete-nos a uma das relações mais cotidianas e primordiais do existir humano. O ser humano defronta-se a cada instante com aspectos da paisagem, dos recursos naturais, mas por viver em meio a determinadas representações e ideologias não percebe a importância desta relação para sua própria sobrevivência. E o que parece implicar somente na sua vida tem, no entanto, repercussões a nível de humanidade. A forma como se dá o entrelaçamento

do ser individual com o ser social na relação com a natureza marca sobremaneira a questão aqui trabalhada.

Este estudo parte do entendimento de que o modo de gerenciamento dos recursos naturais e dos resíduos está alicerçado em representações sociais de meio ambiente, elaboradas a partir de diferentes experiências com a natureza e dos indivíduos entre si. Questiona em que medida os resíduos são fonte de uma dinâmica e de uma reconfiguração do coletivo, pelos desafios que eles colocam e as soluções originais que eles forçam a serem inventadas. Orientou-se sobre duas premissas básicas. A primeira, de que os dois grupos de moradores da Lagoa da Conceição gerenciam os recursos naturais e seus rejeitos baseando-se em valores associados a representações sociais distintas e, em conformidade com o grupo social com que se identificam. A segunda, de que os conflitos entre os diferentes atores da localidade vêm se configurando primordialmente no campo das questões ambientais e, ao mesmo tempo em que estas influenciam e aprofundam os conflitos, engendram identidades.

2. 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao iniciar a apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, gostaria de indicar um pouco os caminhos percorridos na elaboração geral deste estudo. Primeiramente entendo que a escolha de uma metodologia particular, no que concerne tanto a coleta quanto a análise de dados, está ligada a opções epistemológicas que fundamentam qualquer tipo de pesquisa. A escolha das práticas de pesquisa depende das questões que são feitas, que por sua vez dependem do contexto em que estão inseridas. Este estudo pretende trazer à tona particularidades da população estudada inscritas num momento específico desta coletividade, portanto devem ser reconhecidas como fenômenos psicossociais históricos e culturalmente condicionados. Sendo assim, esta pesquisa não pretende oferecer resultados replicáveis ou generalizáveis para outros contextos. Por ser histórico, este ou qualquer outro estudo de representação e identidade social, não oferece a

possibilidade de busca de processos básicos e universais. A construção e a expressão dos sujeitos foi considerada do ponto de vista social ou coletivo, na medida em que buscou integrar a relação destes com os objetos, seja de natureza social, material ou ideal. Investigando aspectos da identidade, em termos de representações sociais, pressupõe um conceito de sujeito em que a linguagem exerce um papel fundamental. É através do discurso dos líderes comunitários da Lagoa da Conceição, obtido em entrevistas, que busquei compreender a identidade de lugar de seus moradores, tentando penetrar na complexidade, na dinâmica das contradições. Complexidade que é indissociável da incerteza e da convivência ambígua entre unidade e multiplicidade.

Outros olhares e escutas foram também utilizados além das entrevistas, especialmente através da observação e registros fotográficos do entorno. Uma das características singulares da teoria das representações sociais é não vincular qualquer método de pesquisa à teoria. Na construção do objeto deste estudo a metodologia utilizada sustentou-se em uma base diversificada e combinada entre si, onde entrevistas, registros fotográficos, observação participante de reuniões, festas populares e manifestações da vida social local possibilitaram abstrair da concretude da vida diária elementos importantes de teorização sobre o modo de vida na Lagoa da Conceição. Busco entender que tipos de relações estabelecem estes moradores com a natureza, como estruturam suas concepções e práticas, assim como quais são os elementos fundantes dos processos organizativos coletivos, que tem expressão na localidade. Trabalho sobre a hipótese de que os problemas ambientais e a sua gestão são um caso exemplar de ação conduzida por um certo tipo de representações sociais.

2. 2. 1. A pesquisa de campo

Este trabalho contou com a operacionalização de uma pesquisa de campo diversificada. Comecei por um levantamento documental que me conduziu ao conhecimento da história da Lagoa da Conceição e de suas organizações

comunitárias.¹¹ Estas informações foram coletadas em órgãos públicos assim como em arquivos das associações de moradores e do Casarão da Memória Cultural Bento Silvério. Identifiquei primeiramente a existência de vários grupos organizados com sede no bairro. Um estudo preliminar revelou três destes grupos como os mais representativos e aglutinadores dos diversos movimentos locais. Tem-se então a AMOLA (Associação de Moradores da Lagoa da Conceição), a ONDA (Organização Natural de Diversos Amigos) e a Fundação Lagoa que se apresentaram como as organizações comunitárias mais reconhecidas no bairro. Esta informação foi verificada através da leitura dos jornais locais (Folha da Lagoa e Jornal da Lagoa) assim como em conversas informais com pessoas que vivem o dia-a-dia no bairro, como comerciantes, prestadores de serviço, profissionais e moradores em geral. A AMOLA também é identificada pelo Cadastro e Perfil do Associativismo Civil das Organizações Voluntárias de Florianópolis (Scherer-Warren/NPMS, 1996). Um dos fatores diferenciadores de outras agremiações coletivas foi ter o meio ambiente como o principal objetivo de sua atuação no bairro. Outro elemento importante é que entre seus organizadores haviam representantes dos dois grupos a serem focalizados, os nativos e os *de fora*. Inicialmente entrevistei o presidente (diretor ou similar) de cada associação que ao final do encontro indicava um outro membro para ser entrevistado. Segui esta ordem até que foram entrevistadas todas as pessoas indicadas. Entrevistei 12 membros das diretorias ou similares destas organizações comunitárias.

Este trabalho contou também com observações e registros fotográficos de manifestações e paisagens locais. Ao se observar alguns destes eventos ou fatos relativos tanto ao meio ambiente quanto aos problemas culturais advindos do conflito entre os grupos procurei registrá-los fotograficamente como uma forma de documentação. As iniciativas registradas partiram tanto das entidades locais, escolas, associação comercial, grupos folclóricos, comerciantes em geral e artistas quanto de indivíduos anônimos ou não, que não têm sua atuação vinculada a alguma associação do bairro. Algumas destas manifestações objetivam chamar a atenção para problemas ambientais, muitas vezes são iniciativas que visam melhorias e outras são flagrantes

¹¹ Selecionei alguns destes documentos e os anexeï ao final.

da convivência, muitas vezes pouco harmoniosa, entre os dois grupos identitários. Por ser a fotografia um tipo de figuração de imagens, apresenta uma dualidade: é ao mesmo tempo um objeto físico que se pode tocar, manipular num ambiente real atual que compreende o sujeito quanto uma figuração e um objeto que representa um ambiente virtual, qualquer coisa que está ausente. Algumas fotografias foram selecionadas e apresentadas aos entrevistados, fazem parte do que chamei de Painéis e outras foram utilizadas para compor o quadro de análise deste trabalho.¹²

A fotografia, entendida como uma pausa no movimento, origina sentimentos que criam e valorizam continuamente o significado de um lugar, de uma paisagem ou de pessoas, traz à tona representações. Por exemplo, o sentimento de se estar em um lugar, se altera ao longo do tempo, vinculado ao que sentimos pelo lugar e o que nos faz reagir sobre o meio em que vivemos. Entre pausas e movimentos o espaço se torna lugar e vai ganhando significados. Por esta razão busquei fotografar algumas paisagens mais comuns, que certamente poderiam ser outras, pois são orientadas por uma intenção. A organização do material fotográfico traz inerente representações desta pesquisadora. Olhar simplesmente e olhar através de uma lente implica uma posição deste sujeito, portanto se especialmente este material exposto aos entrevistados buscava atingir representações daqueles sujeitos, estas foram anteriormente objeto das representações desta pesquisadora. Desta escolha esperava-se algo, mas o inesperado esteve sempre presente. O mesmo ocorreu com as entrevistas. A forma de organizar as questões, perguntas, roteiros também implicava uma certa posição. Sabe-se da interferência de aspectos de nossas representações quando elaboramos questões para um roteiro de entrevista. Mas afinal não há como fazer pesquisa desta ordem sem que valores estejam presentes. À medida que olhei a localidade pela lente da máquina fotográfica, selecionei enquadramentos ou quando fiz uma segunda escolha das imagens focalizadas ou a relutância entre uma questão, uma foto ou outra, a posição durante as entrevistas é a comprovação destes argumentos. No entanto, a inevitabilidade alia-se aos objetivos do estudo. Nestes

¹² Os Painéis são apresentados nos anexos. Já as demais fotografias, algumas foram selecionadas para compor o quadro de análise e outras estão em anexo.

termos, busquei ser fiel ao que pretendia conhecer dos moradores da Lagoa. Orientei-me por uma busca de dados que permitissem uma comparação entre os grupos, que clarificassem suas representações sociais do entorno e oferecessem as características identitárias de cada parte. As fotografias pretendiam dar uma idéia dos elementos do do entorno, da paisagem, dos modos de vida, das manifestações locais e dos problemas ambientais identificados.

Para orientar as entrevistas inicialmente elaborei um roteiro geral, apenas com uma divisão entre as questões por conteúdo. Este roteiro prévio foi submetido à apreciação da orientação acadêmica em conjunto com o grupo de pesquisadores orientandos da Professora Ilse Scherer-Warren nos Seminários de Pesquisa. Após a contribuição do grupo reorientei as questões aglutinando-as em temas como são apresentadas em anexo. Estes temas geradores foram distribuídos entre quarenta e sete questões e organizados em oito eixos temáticos. Iniciei-as em 4 de abril de 1998. Duraram em média duas horas e meia e foram registradas em fitas cassete, posteriormente transcritas e arquivadas. Quando da entrevista sete painéis de fotografias foram apresentados um a um e solicitado que fosse falado sobre eles como um conjunto ou sobre alguma foto em particular que chamasse mais a atenção. Em algumas entrevistas este procedimento foi suficiente para que os sujeitos discorressem sobre os temas indicados no roteiro da entrevista. Já com outros entrevistados foi necessário apresentar algumas questões que os levassem a falar a respeito dos temas que as fotografias não suscitaram. A inclusão dos painéis fotográficos objetivou trazer à tona determinadas representações. As imagens selecionadas e apresentadas buscaram colocar cada entrevistado frente a um estímulo específico, que o levaria a falar sobre a realidade ali exposta. A fotografia foi utilizada como recurso metodológico por oferecer um potencial de explicitação de conhecimentos e emoções a partir das informações retidas nas imagens congeladas. Também por possibilitar ao entrevistado recordar-se de elementos ausentes na comunicação cotidiana. As imagens tenderam a transpassar o momento presente levando a outros tempos do passado e de visualização do futuro. Portanto as informações geradas a partir de tal impacto pareceu-me relevante na medida em que pôde distanciar o discurso programado, cotidiano e oficial. Conclusivamente, pôde-

se perceber que as fotografias alcançaram emoções, flagrando importantes elementos da construção do discurso elaborado.

2. 2. 2. A análise dos dados

Objetivando fazer uma análise informatizada do conteúdo das entrevistas utilizei-me de um programa chamado Alceste. Como somente tive contato com este recurso após meu trabalho de campo, inicialmente precisei reorganizar os dados para torná-los adequados e compatíveis com as suas exigências de leitura.¹³ O Programa Alceste (*Analyse des Lexèmes Cooccurrents dans les Enoncés Simples d'un Texte*¹⁴) é um método inteiramente informatizado e automatizado de análise de discurso. Sua base estatística está alicerçada na tese de J. P. Benzécri¹⁵. Evoluiu a partir de diferentes contatos com psicossociólogos e linguistas. Atualmente é desenvolvido por um grupo de pesquisa multidisciplinar chamado SLADE. Segundo seu autor, Max Reinert, o Alceste é uma abordagem indutiva e não trata de comparar as distribuições estatísticas de palavras em diferentes *corpus* ou materiais textuais, mas de estudar a estrutura formal de suas co-ocorrências nos enunciados de um *corpus* dado. O Programa Alceste oferece uma análise de dados textuais ou estatística textual que visa descobrir a informação essencial contida num texto. Permite efetuar de maneira automática análises de entrevistas, de questões abertas de questionários diversos, obras literárias, artigos de revistas, romances etc. Apresenta relatórios de dados brutos sobre os quais o pesquisador poderá desenvolver sua interpretação.¹⁶

13 O Programa Alceste foi conhecido em um dos cursos que frequentei durante o meu "estágio sanduíche" desenvolvido junto ao Laboratoire de Psychologie Environnementale - Université Paris V - França.

14 Esta é a descrição do nome que aparece no artigo de Reinert em 1993. Mais recentemente, em 1998, a Société IMAGE responsável pelo Programa utiliza o nome *Analyse de Données Textuelles*.

15 O termo Análise de Correspondências foi por ele exposto a primeira vez no Collège de France em 1963.

16 Anotações do curso com Max Reinert na Université Paris V.

Resumidamente, o programa fornece uma primeira classificação estatística dos “enunciados simples” do *corpus* estudado em função da distribuição de palavras nesses enunciados, a fim de isolar as palavras mais características. Tem como condição para que os resultados sejam significantes que o *corpus* ou conjunto de texto tenha uma certa coerência temática. Uma indicação de conteúdo somente poderá ser esperada se há uma conformidade de informações no conjunto. Outra condição é o volume de material necessário para alcançar os benefícios estatísticos.¹⁷ É importante destacar que o Alceste preocupa-se em evidenciar uma dimensão da organização do texto que “memoriza” suas condições de produção. A memorização se dá através de um objeto que se repete e, a repetição pressupõe um sujeito. Esta parte repetitiva, estabilizada, ficará conhecida na linguagem do Alceste como *mundo*. O autor se pergunta qual o sentido de determinadas repetições e apóia seus pressupostos sobre a noção de repetição. Para ele:

É através da construção de signos que se organiza o jogo de repetições, de início ligados às impressões múltiplas e passageiras, depois ligadas aos *habitus* estabilizados, expressão da história e da identidade de um sujeito. Esta “sedimentação” de signos nos Sujeitos lhe dá por sua vez uma estrutura e uma matéria (...) Nossa hipótese de trabalho é que este tipo de repetição icônica pode ser referenciado a um nível muito arcaico em todo enunciado. (Reinert, 1999, p.2 e 3).

Tal suposição atenta para simples presença de palavras, independentemente da maneira com que são ligadas ao nível sintático. Neste caso estas palavras são ícones, afirma Reinert. A materialidade destas palavras faz referência às experiências passadas do sujeito e carrega a marca dos lugares onde foram reconhecidas. As insistências do que se exprime serão as ancoragens do discurso. Ou seja, as repetições têm seus lugares. Reinert ilustra através deste verso de Reverdy : “*A hora é passada sobre uma outra que soa. Os passos dos viajantes correm já mais longe.*” Para ele a tendência das palavras como *hora*, *passada*, *passos*, *viajantes*, *correm*, *longe*, indica um conjunto que faz referência à *passagem*.

17 Para obter informações mais precisas a esse respeito reportar-se aos anexos.

O objetivo do Alceste será justamente permitir uma visualização destes lugares insistentes, por intermédio do que Reinert chamou de Mundos Lexicais. Será por fim uma maneira de visualizar o estável, o Mesmo. Pois "... se a ordem do discurso nasce da tomada de consciência da totalidade como Mundo coerente (novo 'Mesmo'), esta tomada de consciência passa por uma representação mais ou menos conflitual de diferentes ancoragens." (idem, p.4) O vocabulário de um enunciado particular é tratado como um vestígio pertinente de um ponto de vista, que é por sua vez um lugar referencial e uma atividade coerente do sujeito-enunciador. Este lugar referencial pode ser comum para um grupo de sujeitos, uma coletividade, uma época e se impõe ao enunciador que não o escolhe individualmente para si, contudo o sujeito poderá lhe dar uma nova coloração, reconstruí-lo. Observa-se pois aqui a semelhança com a noção de representação social, pois como afirma Reinert (1993, p.12) "...essas noções evocam um lugar situado entre as representações individuais e os pré-construídos culturais." Não se pode perder de vista que o que se busca é a singularidade da experiência vivida. A metodologia proposta permite ir atrás dos passos identitários de um autor, individual ou coletivo, através dos mundos lexicais que se apresentam como vestígios em seu discurso, dos mundos que ele constrói para sustentar seus pontos de vista e construir sua obra.

A noção de Mundo no Alceste refere-se a um mundo que aparece ao nível cognitivo através de um conjunto mais ou menos organizado de signos relativos aos objetos, atos, julgamentos etc. O Alceste tem por alvo atingir o mundo lexical e se utiliza para tanto dos lexemas que compõem os enunciados, através de uma classificação de um *corpus* dado, em função da semelhança ou da discrepância. A arbitrariedade dos cortes do discurso nas chamadas "unidades de contexto" dar-se-á por variação de tamanho, objetivando proporcionar resultados estáveis. Uma "classificação descendente hierárquica" permite distinguir classes de unidades de contexto em função da distribuição diferenciada do vocabulário.

Através do Alceste efetuei dois tipos de análise. A primeira foi executada a partir do material das entrevistas com os membros de cada associação (ONDA,

Fundação e AMOLA) separadamente e, a segunda compreendia dois blocos de material, um com o conteúdo das entrevistas dos moradores nativos e outro dos *dé fora*.¹⁸ Os procedimentos de análise foram os mesmos, seguindo os critérios pré-estabelecidos pelo programa. Cada entrevistado foi identificado (sexo, nível de escolaridade, renda, idade, local de nascimento e afiliação associativa).

De posse das análises oferecidas (a descrição das etapas figuram no anexo 3), estabeleci categorias no discurso dos entrevistados que possibilitaram uma compreensão mais nítida da posição destes frente ao que a pesquisa visava atingir. A formulação das categorias de análise firmou-se no conteúdo das entrevistas e cada uma delas apresenta características que as distinguem. A categoria “cultura” pode conter elementos relativos tanto à “identidade” quanto à “tradição”, ou seja refere-se às características que os distinguem e unem enquanto grupo e, aos aspectos da cultura tradicional açoriana, dos costumes, folclore etc. Quando os entrevistados falam de aspectos de organização social, legislação, empenhos administrativos ou políticas públicas, este discurso foi enquadrado na categoria “político-institucional”, que pode se subdividir em duas: “local” ou do bairro e “global” ou da cidade e país. As falas sobre o lixo que produzem, a reciclagem ou os problemas de esgoto, foram sempre incluídas na categoria “resíduos”. A categoria “recursos” impôs, em diversos casos, uma diferenciação entre “naturais” quando referem-se ao ecossistema, à lagoa, à natureza mais amplamente falando e “estruturais” que dizem respeito às características dos bens e serviços urbanos, turísticos ou econômicos. Na categoria “qualidade de vida” foram enquadrados os discursos mais pessoais, como depoimentos indicadores de busca de bem-estar, onde novos hábitos, elementos humanos e ecológicos são expressos. Elementos relativos à temática artística apresentam-se apenas no discurso dos membros da ONDA e incluem-se nas categorias “resíduos” e “qualidade de vida”.

18 Maiores informações sobre as análises feitas estão anexadas ao final deste trabalho (anexo 3).

A seguir apresento um quadro resumo das categorias:

CATEGORIAS DE ANÁLISE
POLÍTICO-INSTITUCIONAL: Local ou Global
CULTURA: Identidade ou Tradição
RECURSOS: Naturais ou Estruturais
QUALIDADE DE VIDA
RESÍDUOS

A análise de conteúdo textual fornecida pelo ALCESTE vem sendo utilizada em muitas pesquisas de representações sociais e identidade, como indicam Costalat-Founeau (1997) e Camargo (mimeo, s/d). As análises fornecidas auxiliaram-me, numa primeira organização dos dados coletados, a executar uma categorização inicial do discurso, como apontado acima. Em seguida fiz uma outra análise do discurso *à mão*, que consistiu numa abordagem temática orientada pelos tópicos previstos no roteiro das entrevistas. Estas análises, junto às observações *in locus* e aos registros fotográficos formaram um conjunto de múltiplos métodos na pesquisa e, permitiram apreender diferentes aspectos envolvidos na problemática estudada. Cada método tornou-se, em sua especificidade, uma fonte importante de material e buscou estudar a realidade mais perto de sua multidimensionalidade. Mas, à semelhança de imagens formadas no movimento de um caleidoscópio, infinitas formas ainda poderiam ser construídas. Na discussão, apresentada no capítulo a seguir, apresentarei partes do discurso dos entrevistados para ilustrar a discussão e demonstrar onde apoiei a interpretação dos dados. Às vezes essas falas serão longas, mas optei por deixar nesta forma a fim de não quebrar a dinâmica do pensamento dos entrevistados. Ao final deste trabalho apresento o anexo 03 detalhando mais especificamente as etapas que segui e os instrumentos utilizados. Pretendo dessa forma tornar transparentes os pressupostos e procedimentos adotados, que podem ser informativos para outros pesquisadores.

CAPÍTULO III

OS MORADORES DA LAGOA DA CONCEIÇÃO E O MEIO AMBIENTE LOCAL

3.1. PARTICIPAÇÃO E ECOLOGIA: AS DIFERENTES FORMAS DE ASSOCIATIVISMO CIVIL NA LAGOA

A seguir discutirei as dimensões presentes na categoria de análise nomeada político-institucional. Essa reúne o discurso que tematiza a relação dos entrevistados com as organizações comunitárias locais e as que advém desse engajamento. Num primeiro momento descrevo cada uma das organizações sociais estudadas na Lagoa da Conceição e como suas particularidades representam o conjunto dos moradores do bairro. Tais características servem de suporte para as ações de seus membros em defesa do meio ambiente local. Veremos como se integram ao contexto político-institucional, seja do bairro, da cidade ou mais amplamente. As fontes centram-se em depoimentos de seus participantes e em fontes documentais. Tomo por referência teórica para a análise os trabalhos sobre movimentos sociais e participação de Rossiaud e Scherer-Warren e sobre a vida pública de Jovchelovitch e Giddens. Estes autores comungam a idéia de que o exercício da cidadania implica numa participação do sujeito na esfera pública. Uma dessas formas seria o associativismo civil. Tais formas de participação dos moradores na Lagoa da Conceição serão analisados a seguir.

Reconhecidamente diversas formas de organização ou de associação da sociedade civil fazem parte do movimento da modernidade. Ideais de um mundo socialmente justo, democrático e solidário são as bases da maioria destas ações

cidadãs e acabam por promover uma discussão da relação entre Estado e sociedade.¹ Rossiaud & Scherer-Warren (2000) avaliam que as mudanças ocorridas mundialmente a partir do pós-guerra fria culminaram no surgimento de um novo tipo de movimento social, chamado por eles de “movimento cidadão” e que seria composto dos:

...movimentos populares, assim como de organizações voluntárias, sejam elas ONGs, sejam grupos de mútua ajuda ou associativismo de bairro (cf. Scherer-Warren & NPMS, 1996), que atuam em função de interesses específicos sem necessariamente estar vinculados ou coordenados entre eles, mas cujos membros têm o sentimento de compartilhar um conjunto de valores e uma utopia aberta (uma meta-ideologia). Segundo a sua composição social e a sua capacidade de auto-instituição, as organizações expressam uma resistência frente às consequências sociais da mundialização, ou reivindicam um controle democrático do processo de modernização e de mundialização. (p.11)

Ao fazer referência às metas-ideologias, o movimento ecológico parece ter sido seu maior expoente. Como um movimento social tem conseguido manter à tona o debate sobre a questão ambiental, inicialmente centrado no seio de sua própria organização e atualmente penetrando nas mais diversas formas de associativismo civil, como apresenta Scherer-Warren (2000). As discussões em torno das questões ambientais encontrarão no Brasil seu maior impulso na preparação e participação da ECO 92 (Rio de Janeiro)². O termo ONGs (Organizações Não-Governamentais) ganhou força a partir deste evento internacional. A maioria das associações criadas após este encontro internacional auto intitulam-se dentro desta categoria.

Duas visões caracterizaram os anos 90. Primeiramente a convergência entre economia e ecologia, que marcou o encontro oficial da Eco 92, com saldo negativo em termos de acordos transnacionais e o Fórum Paralelo da sociedade civil que

¹ Em Florianópolis essas iniciativas foram catalogadas e descritas por Scherer-Warren e o Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais no ano de 1996. Desde as primeiras iniciativas de mobilização, que partiram do Estado até as independentes, encontram-se associações que têm a particularidade de serem formadas por uma pluralidade de atores. Todas correspondem, ainda segundo os autores, a demandas e proposições que remetem à questão da cidadania e ao modelo de desenvolvimento.

² Como ficou conhecida a Conferência da Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992 na cidade do Rio de Janeiro.

alertou para a comunicação entre as pessoas como forma de libertá-las. Condição almejada que levaria às mudanças de uma razão instrumental vigente e que as colocaria de frente a novos valores éticos de expansão de espaços societários. Esta última visão acabou repercutindo amplamente na sociedade a ponto de redirecionar algumas ações na economia e na ecologia, com objetivos de proteção social e ambiental. Percebe-se a capacidade de estimular comportamentos em contextos e atores diversos, ações advindas e efetivadas não no plano das idéias mas no mundo vivido, possibilitando uma transformação a nível subjetivo, na construção e desconstrução de valores. A ECO 92 trouxe a novidade do predomínio a nível de ONGs e simbolicamente trouxe a imagem de uma sociedade civil planetária.

Minha investigação adentra por uma análise que pretende demonstrar até que ponto e como está presente, nas lutas destas organizações comunitárias da Lagoa, o enfrentamento dos problemas ambientais locais. Um elemento muito importante que deve de antemão ser destacado é que determinados acontecimentos locais tendem a coincidir com importantes momentos por que passa a cidade como um todo. As organizações estudadas têm empreendido uma ação com um sentido menos global, mas tem como pano de fundo a luta contra a urbanização selvagem, por melhores níveis de qualidade de vida e por uma cidade diferente. O campo de atuação destas organizações na Lagoa caracteriza-se sobretudo por lutas ecológicas localizadas na bacia da Lagoa, entretanto suas formas de atuação são claramente distintas. As três organizações, AMOLA (Associação de Moradores da Lagoa), a Fundação Lagoa e a ONDA (Organização de Diversos Amigos) diferem quanto aos aspectos organizacionais, ideológicos e estratégicos, como veremos em seguida.

A AMOLA é a mais antiga delas, tem sua fundação datada em 09 de maio de 1985 e objetiva: “Representar os moradores da Bacia da Lagoa, promover o envolvimento da comunidade nas discussões sobre o crescimento urbano rápido, procurando manter valores culturais, estéticos e ambientais.” (Scherer-Warren & NPMS, 1996, p.76) Atualmente, conforme entrevistas com seus representantes, há uma discussão quanto à abrangência territorial desta organização, já que novas

entidades foram criadas, à medida que algumas adjacências aumentaram quanto à população. Com o intuito de representá-los mais proximamente surgiram associações de moradores no Canto da Lagoa, na Costa da Lagoa e no Canto dos Araçás, entre outras.

Uma forte característica desta entidade e, que se distingue das outras duas estudadas, é sua articulação com a igreja católica, no entanto não se configura por um associativismo de base religiosa. Seguindo a tipologia proposta por Scherer-Warren (2000) pode-se qualificá-la como uma típica associação comunitária. Pois é através dela que os moradores encaminham suas reivindicações dos mais diferentes níveis. Um forte componente de sua atuação é o trabalho pelo reconhecimento das tradições culturais dos nativos. Tradicionalmente configura-se como espaço associativo dos nativos embora ocorra, esporadicamente, a presença de novos moradores. Uma das integrantes entrevistadas ao contar sua história de participação revela como se deu sua inclusão, como uma pessoa não-nativa à AMOLA. Vejamos:

Vim por escolha, logo que eu cheguei aqui quis me engajar na Associação, encontrei barreiras, entendeu? Principalmente o pessoal daqui mesmo. Muita barreira mesmo. Eu comecei a ver os problemas que estava tendo no bairro, problemas que te afetam como moradora. Daí eles não aceitavam pessoas de fora. Até um dia numa reunião eu falei: se eu for fazer um censo dos nativos e um censo de quem mora aqui, os de fora vão predominar, pela quantidade de gente de fora que está morando aqui. E os problemas são comuns a todos. Não tem sentido fazer uma distinção. Se é uma associação de moradores, todos, quem mora na região tem que participar. Naquele tempo eu podia participar das reuniões, mas não como membro. Mas eu venci esta batalha e agora estou na Associação. (Membro da AMOLA, moradora há 10 anos da Lagoa)

Nas eleições para a diretoria em dezembro de 97 concorreram duas chapas, fato inédito na sua história. Mais interessante do ponto de vista desta pesquisa é que a chapa derrotada era composta em sua maioria por novos moradores, o que gerou bastante discussão sobre a representatividade. Um dos componentes da chapa que venceu desabafa durante a entrevista:

A nossa Associação foi disputada por dois nativos e sete gaúchos. A oposição, a outra chapa, tinha sete gaúchos e dois nativos...ainda bem que não ganharam, não

podia ganhar senão eu pego a minha trouxa e vou embora da Lagoa. (Membro da AMOLA)

Como único fórum onde se concentram os nativos, a AMOLA começa a sofrer os mesmos processos que se verificam em outras instâncias da vida da Lagoa, a convivência e por vezes concorrência de espaços entre os dois grupos de moradores.

A AMOLA inicia com a idéia de lutar pela melhoria das condições do bairro e, na avaliação do presidente à época, pouca coisa se conseguiu nestes anos. Ele credita o problema às forças do poder econômico e à desintegração da representatividade em diversas associações que foram surgindo posteriormente. Critica também a participação de fundadores desta associação em novas organizações que foram surgindo.

...nós fizemos essa associação exatamente prá impedir uma série de coisas... mas você vê que o poder econômico é tão grande que você não consegue impedir, tá entendendo.

...saiu da associação e fundou a Fundação Lagoa. Eu sou contra, até porque ele foi presidente de uma entidade, tá entendendo, ele que é uma pessoa importante também nesse processo de preservação do meio ambiente da Lagoa, ele poderia ter feito um departamento dentro da AMOLA, até porque essa Fundação Lagoa tem muita gente da Universidade Federal, é um pessoal técnico. Dentro da Fundação a única pessoa que nasceu aqui é ele. A associação de moradores que eu tô, tem pessoas quase tudo que nasceram aqui. Isso tem sido a história da AMOLA. (Membro da AMOLA)

No momento das entrevistas encontrei somente um dos membros da AMOLA e outro da Fundação Lagoa que se distinguiam dos demais quanto à procedência. Na Fundação predomina a participação de novos moradores. O participante que é nativo entende estar numa posição privilegiada frente aos demais nativos da Lagoa para falar de meio ambiente, um assunto que se tornou clássico entre os de fora porque:

...fui pescador profissional, acompanhei todo esse processo de crescimento da Lagoa...eu nasci aqui e sempre tentei tá inserido nas discussões organizando a comunidade...sempre inserido na comunidade mais organizada e nativo, por isso

que eu digo eu tenho essa vantagem que, aqui na Lagoa que eu me dou muito bem com os nativos e me dou muito bem com o pessoal de fora que mora na Lagoa, porque são ambientalistas fecham muito comigo...eu posso falar com segurança porque eu sou nativo. Houve um movimento há pouco tempo na Ilha que era o movimento dos contra, dos contra, desse movimento dos contra. Eles sempre falavam isso aí, o pessoal de fora que vieram morar aqui, o gaúcho, o paulista, o carioca vieram morar aqui, não têm o direito de falar, não sei o que, e eu falava, porque eu tinha esse direito, de falar porque eu era nativo e tinha esse direito. (Nativo, integrante da Fundação Lagoa)

Apesar das divergências manifestas, a AMOLA une-se às demais entidades do bairro na busca das soluções, embora prevaleça a idéia de que ela é a mais representativa e mais importante por ter sido a primeira, como podemos notar em seguida no depoimento do presidente:

...enquanto nós ficamos nesse negócio de dizer que aquele presta, aquele não presta, eu acho que nós temos que pensar no bem da Lagoa, no bem comum e o bem comum qual é: é o bem da Lagoa, é o bem de salvar a Lagoa, é o bem das pessoas que moram aqui...então eu inclusive estou tentando marcar uma reunião com todos os presidentes das associações da bacia da Lagoa, nós queremos formar um conselho de entidades Eu vou chamar, sabe porque eu vou chamar, não é que eu quero, porque eu seja a pessoa mais importante e a pessoa ideal prá isso, não é isso. Eu quero convocar primeiro pela história da AMOLA. Ela foi a primeira entidade...nós vamos ter que resolver o problema do esgoto da Lagoa da Conceição. (Membro da AMOLA)

Uma característica diferencial da Fundação é a sua atenção aos problemas ambientais buscando a articulação com a campo científico, que segundo Scherer-Warren (1999; 2000) é uma forte característica das ONGs ambientalistas. Creio que suas atuações podem ser qualificadas dentro da tendência utópica de transformação ambiental nomeada pela autora como *utopia cientificista ambientalista*, "...que aposta primordialmente no avanço da ciência e da tecnologia para a conquista do reequilíbrio ecossistêmico. Essa utopia não considera suficientemente o papel dos atores sociais." (1999, p.73-4). O papel desempenhado por esta organização pode ser descrito como de *vigília cidadã*, já que atua primordialmente na fiscalização de políticas públicas, onde seus membros estão atentos à legislação ambiental, e às *pressões institucionais* ao poder público, às mudanças de legislação e através da participação, em conferências e agendas etc.

Tanto no caso da AMOLA quanto da Fundação Lagoa o interlocutor é quase sempre o Estado. Ao se analisar as práticas destas, vê-se a AMOLA como elemento diferenciador nas *parcerias com o poder público*, o que pouco ocorre na Fundação e é praticamente inexistente na ONDA. Estas parcerias são enaltecidas pela AMOLA quando se dão especialmente no campo da preservação da cultura. Observa-se que o conteúdo mais fortemente presente entre os nativos refere-se à combinação entre a cultura, a política e as instituições de modo geral. Localmente remetem-se a uma produção social do bairro frente ao processo de ocupação. As perdas são constantemente expressas e remetidas à necessidade de mobilização da comunidade original e também das autoridades governamentais. O cotidiano, vivido num sistema que se concretiza gerando como princípio a cultura local, ilustra-se no modo de vida do pescador e da rendeira e entrelaça-se com instâncias da política local. A todo momento estes sujeitos fazem referência à necessidade de organizar grupos locais de folclore, defesa das tradições, ou promover vínculos institucionais fora do bairro com órgãos governamentais a fim de que sejam asseguradas certas características da população e do entorno, construir espaços sólidos para organização dos nativos, seja através de movimentos sociais ou através de política partidária, aprimorar parcerias com instituições afins etc.

Esta relação apresenta-se associada a uma série de símbolos, crenças, valores e significados coletivos que estão relacionados a sentimentos de pertencimento a este grupo e que contribuem para dar um sentido a sua vida cotidiana e se constroem mesmo de forma coletiva. A relação estabelecida com a política e as instituições mais globais (além bairro) não se distancia muito da vida diária, dos problemas imediatos, apesar de os citarem. A intenção representa quase sempre um esforço de relacionar a cultura à estrutura social e à ação coletiva. Essas representações da vida pública trouxeram alguns elementos para se entender como a cidadania é pensada e praticada, assim como para se pensar a busca de identidade de ser *manezinho*, conforme veremos num momento posterior.

Observando ainda os dados relativos à categoria político-institucional, vê-se outra conformidade para o grupo dos novos moradores entrevistados. Para estes o campo político e institucional vincula-se aos recursos naturais e não à cultura. Primeiramente entendo que esta visão atribuída ao grupo como um todo recebe sua maior contribuição do conteúdo discursivo dos integrantes da Fundação Lagoa pelas características já discutidas acima. No entanto curiosamente é no conteúdo do discurso de uma participante da ONDA que se visualiza com clareza a produção externa da identidade da Fundação :

...logo que eu cheguei, fui começar a freqüentar as reuniões da Fundação Lagoa, que eu achei um grupo bastante consistente, bastante objetivo...eu sinto que tem uma identidade bastante científica, bastante exata, eu não vejo os artistas, meus amigos freqüentando o grupo. (Participante da ONDA, moradora da Lagoa desde 1996)

Se observamos os propósitos da Fundação anunciados em seus documentos pode-se inferir que já em sua origem, no ano de 1994, o projeto preliminar visando sua criação indicava esta tendência. Dizem lá que: *“...as organizações comunitárias tradicionais são impotentes para isoladamente reverter a situação”* que se encontrava a Lagoa e, decidem desta forma *“...constituir uma entidade que fosse capaz de atuar com efetividade na preservação ambiental da Lagoa da Conceição.”* Num dos documentos onde apresenta-se a Ata de Constituição da Associação para a Fundação creio que encontra-se a resposta explicativa da interseção existente entre os recursos naturais e os aspectos político-institucionais para esta organização. Os itens que definem especialmente o interesse em participar nos órgãos colegiados com atribuições no plano de desenvolvimento, urbanismo e meio ambiente; de intervir na discussão de projetos na esfera do poder municipal; celebrar convênios com órgãos competentes para realizar pesquisas, em especial das águas ou contestar administrativa e judicialmente as decisões administrativas e legislativas que atentem contra a preservação da Lagoa, são alguns exemplos que apresentam a posição que o grupo pretende ter ao enfrentar os problemas ambientais locais. Estas intenções também foram observadas nos discursos de seus integrantes. Por exemplo, nas palavras da secretária da Fundação:

...estamos com um projeto, mandamos prá Universidade analisar o sistema de tratamento de esgoto da Lagoa e, através da procuradoria nós estamos fazendo uma reunião. A Universidade como consultora, vamos exigir uma postura de melhorar nossa questão do esgoto, que aquele nosso tratamento de esgoto da Lagoa é uma loucura...isso tá tendo riscos iminentes de contaminação do lençol freático, isso é uma coisa, prá quem tem noção do quê que é contaminar um lençol freático, é o fim do mundo. (Integrante da Fundação Lagoa)

A institucionalização da ONDA é bastante precária, girando em torno de apenas uma liderança. Inicialmente o grupo se auto-intitulava *Grupo de amigos da Lis*. Tem como data de surgimento fevereiro de 1997. Comportam-se de acordo com a prática descrita por Scherer-Warren (1999, p.74) como *formação da opinião pública*. Todos os seus trabalhos têm sido exemplares de protestos contra os problemas ambientais da Lagoa, especialmente o lixo e a difusão da ética ecológica principalmente utilizando-se de meios alternativos, como veremos em vários momentos e iniciativas fotografadas para este trabalho. Creio que pode ser enquadrada como um Organização de Defesa da Cidadania, conforme a tipologia de Scherer-Warren (2000), por ser um grupo sem institucionalidade e que enfatiza a proposta de melhoria da qualidade de vida e por ter ideários construídos no campo simbólico. Define-se em sua *home page* disponibilizada na rede *internet* como sendo um “... movimento ambiental com Arte”. Um dos primeiros documentos, como indicado precisamente 130 dias após o nascimento oficial ao público, apresenta no último parágrafo a assertiva de que: “*é absolutamente necessário o apoio da Mídia para que algo aconteça de fato em direção ao desenvolvimento sustentável em cada ecossistema.*”(Documento 01). Ou ainda num outro documento de que: “*O futuro do nosso Bairro, Município, Estado e País depende da prática educativa através dos meios de comunicação. Esta prática deve se dar no cotidiano uma vez que a propaganda de massa não exclui nenhuma faixa etária e horário.* (Documento 02)

A partir de sua *home page* ainda tem-se como objetivos:

- Desenvolver projetos de sensibilização comunitária para implementação da coleta seletiva de lixo e consciência de consumo/desperdício;*
- Promover maior acesso da população à informação ambiental;*
- Organizar e distribuir material didático e informativo na comunidade;*

*Apoiar projetos de arte integrada à educação ambiental;
 Realizar atividades artísticas na rua para restaurar o fortalecimento da comunidade; Promover a participação de todos na qualidade de agentes responsáveis na mudança;
 Cultivar e praticar um sentimento de responsabilidade pelo bem estar da comunidade;
 Proteger e restaurar áreas de valor ecológico, cultural, estético, espiritual e científico;
 Planejar com a comunidade círculos de cultura da paz;
 Divulgar a Carta da Terra.*

Esta organização busca, junto às empresas locais, patrocínio para confecção de cartazes com mensagens ecológicas ou oferece serviços artísticos para elaboração de cartões de visita, calendários, agendas e brindes em geral, assim como lixeiras para reciclagem. Buscam o que denominam por *marketing ecológico*. Através da expressão artística a ONDA apresenta também um ideal estético. Este foi verificado através do uso de um vocabulário específico que emprega termos e elementos do meio ambiente a propósito do qual se faz também uma avaliação estética.³ Principalmente o trabalho da artista plástica Lis Figueiredo, a idealizadora da ONDA, ganhou notoriedade através da valorização pictural das mensagens ecológicas.⁴ Segundo algumas de suas premissas dirigidas ao público tem-se a assertiva de que: *“Existe a possibilidade de sensibilizar as populações de todo e qualquer lugar do país mostrando com bom senso estético algo revelador, um reflexo do próprio local onde se vive.”*(Documento 02)

O campo de atuação primeiramente eleito pela ONDA foi a reciclagem dos resíduos. Acreditam que: *“a informação ambiental através de boas imagens pode mudar o rumo dos hábitos de consumo condicionados que geram degradação.”* (Documento 02)

3 Por estético estou entendendo aquilo que não faz referência ao econômico, técnico ou político e que implica uma avaliação positiva ou negativa, entre o belo e o feio.

4 Cópias de alguns cartazes estão em anexo.

O trabalho de ilustração no livro do Grupo do Lixo⁵, do qual a ONDA é uma das integrantes, chamado “Considerando mais o Lixo” (1999) é uma demonstração do trabalho de educação ambiental desenvolvido e que ganhou apresentação artística com as ilustrações da artista. Encontraremos neste grupo as características de atuação “...no terreno da educação informal, na formação da consciência ecológica e na opinião pública, e como grupo de vigília ambientalista local” descritos por Scherer-Warren (2000, p.3)

Conclusivamente, após a análise destas formas de associativismo civil da Lagoa da Conceição, entendo que os três grupos associativos estudados apresentam diferentes abordagens dos problemas ambientais locais mas, que de alguma forma, são complementares. As diferentes formas de ação coletiva apresentam, nestas três organizações, um ideal de relação sociedade/natureza. Atuando em áreas próprias (comunitária, científica e formação de opinião) acabam por oferecer à comunidade vários enfoques dos problemas através de diferentes facetas. Perspectivas que, apesar de ampliarem a leitura da situação, infelizmente não dão conta plenamente do fenômeno. A fragilidade com que se apresentam algumas vezes denota a falta de organização quando participam de um movimento mais amplo no bairro. Talvez o Abraço à Lagoa, no mês de maio de 2000, tenha sido o grande evento aglutinador da população local e entidades, no período da pesquisa. Estavam presentes pessoas que participam dessas organizações sem que o nome da entidade fosse salientado. Não transpareceu, aos participantes em geral, em nome de quem estava a organização da manifestação.

Mesmo não sendo alvo desta pesquisa sabe-se que há muitas outras organizações de associativismo civil na Lagoa. Atualmente é notável, através dos jornais locais, a participação da ACIF – Secção Lagoa da Conceição (Associação de Comércio e Indústria de Florianópolis), por exemplo. O que demonstra que há uma

5 O Grupo do Lixo é uma organização que se originou dos Fóruns Comunitários do Lixo em Florianópolis, iniciado em 1997. Um fórum permanente de discussão que conta com o poder público, comunidade, entidades privadas e ONGs ligadas ao tema dos resíduos.

grande capacidade mobilizatória no bairro. Aponto que isso deva-se ao potencial inscrito nas questões ambientais, já que configuram como a força motriz dos movimentos locais. Isso abre grandes possibilidades de envolvimento dos moradores na gestão ambiental do bairro, como já acontece com a triagem domiciliar dos resíduos, que veremos adiante.

Tais formas de organização ou de manifestação social lembram-me das conclusões de Jovchelovitch (2000) sobre as representações sociais e a esfera pública, demonstrando que a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil firma-se sob a ética do coletivismo e da rejeição do individualismo como valor. Para ela a adversidade da realidade brasileira, paradoxalmente, constrói recursos importantes para sua gente e caracteriza-se por ser uma "... sociedade que sabe como se defender do anonimato que se encontra nas ruas...que mesmo sob a mais difícil das circunstâncias ainda se encontram laços de solidariedade, relações de convivialidade e formas de expressão popular que mantêm a vida comunitária." (p.189) Ou também das conclusões de Giddens (1991) quando fala do ressurgimento de uma *vida comunal* no sentido de uma *afinidade encaixada ao lugar*. Para ele a confiança em pessoas deixou de ser enfocada nas relações no interior da comunidade local ou nas de parentesco como nas culturas pré-modernas, para ampliar-se ao *outro* simplesmente e o meio de chegar lá é através da "...abertura e cordialidade demonstráveis" culminando naquilo que ele chamou de "...um processo mútuo de auto-revelação."⁶ (p.123)

Por certo a idéia primeira é de que a sociedade produz seu próprio mundo de relações a partir de uma base material. Nesse âmbito o exercício da cidadania, através da participação social, amplia os espaços de construção dos indivíduos em sujeitos. Há nessas lutas reivindicações advindas de carências que são somente funcionais para o desenvolvimento das atividades produtivas. Trata-se de necessidades que são colocadas no intuito de alcançar os mínimos suprimentos necessários à vida (infra-

6 Este último grifo é do autor.

estrutura, saúde, escola, educação, saneamento...) No entanto, há ainda situações onde estão presentes escolhas de um modo de vida, onde ações dos movimentos sociais levam à "...formação de identidades coletivas e ideários comuns, pré-requisitos para a demanda coletiva de direitos e para a criação de novos valores e normas para a vida societária" como bem lembra Scherer-Warren (2000, p.1) Como para Touraine (1994, p.253) "um *movimento social* é ao mesmo tempo um conflito social e um projeto cultural." Em se falando de demandas de questões ambientais o que se nota é que, por um lado, tais conflitos são a expressão de que a humanidade está ameaçada e por outro, a explicitação disso está quase que totalmente vinculada à atuação de organizações da sociedade civil. As atuações das organizações presentes na Lagoa dão um bom exemplo disso.

3. 2. AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE OS MORADORES

O estudo da coexistência entre grupos de origens culturais diferentes e que habitam um mesmo espaço em meio urbano, permitiu a este estudo constatar a multiplicidade de componentes, práticas e imaginários, advindos de representações sociais que entram em jogo na coexistência. A perspectiva de análise no próximo item pressupõe as mediações que regem as relações sociais dos moradores da Lagoa como influenciadas por elementos da cultura, presente sobretudo no modo de vida do morador nativo de Florianópolis. Fundamentou-se nos estudos feitos por Lago, M., Maluf, Bastos e outros pesquisadores. A persistência de certos tipos de estereótipos imprime-se nas alcunhas de *manezinho* e *de fora* e inscrevem-se nos apontamentos que fazem sobre a coexistência a nível residencial, social e político. O confronto dos modos de vida se dá sob um substrato de representações sociais que acaba por definir a configuração das relações entre os dois grupos e a identidade social dos mesmos. O eixo analítico apresentado a seguir segue a direção tomada pela teoria das representações sociais iniciada e ampliada por Moscovici, Jodelet e outros estudiosos da área. Entende que nessas relações sociais o espaço vai sendo criado, ao mesmo

tempo que suas características interferem na qualidade dessa coexistência. A vivência da partilha do espaço invocará certas formas de apropriação afetiva com o lugar que será investigada a partir das contribuições como as de Pol, Proshansky etc. Minha análise das relações entre os dois grupos firma-se fortemente sobre esse aspecto. Entendendo que o investimento afetivo ao lugar de moradia reveste-se das experiências residenciais anteriores dos sujeitos, busco, sobretudo em Proshansky, o conceito de identidade de lugar a fim de compreender como se processa tal fenômeno.

3. 2. 1. A interveniência dos aspectos culturais

Ao estudar-se as representações sociais deve-se ter em mente que a realidade social institui o sujeito individual e que elas emergem expressando a subjetividade do campo social e sua capacidade de construir saberes. Mas devo alertar que, como construções particularizadas deste campo, não podem ser reduzidas a um conjunto onde as partes são as representações individuais. Formam-se e se transformam valendo-se da comunicação e das práticas sociais, que são enfim as mediações sociais. Tal processo nos faz ver que a experiência humana não é direta mas mediada, onde então os padrões culturais terão um papel muito importante na leitura feita pelo ser humano, na tentativa de dar sentido e entender a vida. Estas mediações acabam por gerar saberes como representações sociais e que, coletivamente, transcendem a produção individual e a partir de que são geradas acabam tornando-se, elas mesmas, também mediações sociais. Utilizam-se para tal dos processos consagradas pelos nomes de *objetivação* e de *ancoragem* que têm a função de materializar a produção simbólica coletiva. O objetivar torna familiar o estranho que é então ancorado em uma realidade já institucionalizada, deslocando sentidos já dados, podendo tanto reproduzi-los quanto inová-los.

Compreendendo desta forma o espaço de encontro entre os aspectos subjetivos e os objetivos poderemos alcançar o entendimento das raízes da atividade

simbólica. Vivida através da mediação social evoca algo ausente construindo uma realidade nova a partir da que já existe. Os símbolos aproximam o sujeito do objeto pela representação deste ausente, por isso que intrínseca à atividade simbólica tem-se a constatação de que existe uma realidade compartilhada: a vida, o espaço, a realidade que não é a minha e sim de um outro. Do reconhecimento e do viver essa relação emergem as representações sociais com a função de mediação entre o *eu* e esse *outro* que se apresenta. Pelo confronto surgem identidades num movimento de vai-e-vem, onde as representações sedimentam o trabalho identitário e vice-versa. Da diferenciação e interseção entre o *Eu* e o *Outro* emergem representações e identidades. Ao dizer quem são e como entendem serem os outros as pessoas situam-se no campo social, utilizam-se de recursos cognitivos e afetivos dispostos pelo momento histórico que delimitam práticas, fazeres e falas.

Num tempo onde impera o individualismo aquelas delimitações têm, infelizmente, nos levado muitas vezes a identificar o outro como um estranho que ameaça nossa integridade. Além disso, muitas destas situações devem-se à supremacia dos valores advindos das transformações das sociedades ocidentais e que culminaram na sua industrialização. Conseqüentemente determinados modos de vida foram sendo considerados como ultrapassados, foras de época, primitivos. Constatamos algumas conseqüências desta visão entre os moradores da Lagoa, como veremos em seguida.

De fato, os problemas identitários engendrados pela industrialização, e pelas particularidades dessa que se impõe mais recentemente na Lagoa, vêm complicando o contato entre estes modelos diferentes, pois são vividos muitas vezes como opostos ou oponentes, como admite uma entrevistada da ONDA: “*sempre tem uma richa, entre a máquina e aquela coisa mais artesanal.*”. O mérito de um sobre o outro depende de ser distinguido pela importância do efeito dos pensamentos e atos. A significação de inferior pode ter a finalidade de construir, manter ou restaurar uma imagem do outro. O grupo desfavorizado, visando recuperar a unidade perdida, poderá reagir de alguma forma. O exemplo mais emblemático em Florianópolis tem

seu lugar na rejeição ao chamado manezinho, que se originou na diferenciação entre os ilhéus urbanos e os que viviam no interior da ilha, como destaca bem um dos entrevistados, originário da Lagoa:

Nativo é aquele que nasceu na Ilha e o que eles chamam manezinho é o nascido na Lagoa, nos Ingleses, manezinho da Ilha. Pelo que eu entendo de manezinho é aquele que nasce mais próximo da praia, perto do mar, que vive da pesca, tá entendendo? ...quando era pequeno e ia estudar no centro, a gente tinha rejeições com os filhinhos de papai que estudavam lá: ah chegou os catinga-peixe da Lagoa, não senta perto desse moço aí porque ele tá catinga-peixe, é papa-siri da Lagoa. A gente se sentia agredido a respeito disso. Isso aí há vinte e poucos anos atrás. (Membro da AMOLA)

Mas o apelido transformou-se. Em 1997, ultrapassando os limites do interior dos bairros e do centro da cidade a alcunha de manezinho ganhou notoriedade muito além da cidade de Florianópolis. A vitória de Gustavo Kuerten no Torneio de Tênis de Roland Garros na França leva à valorização extrema da identidade de um manezinho “urbano”. Talvez a fim de aproximá-lo da origem do termo um jornalista do Diário Catarinense, na ocasião, comenta que ele reside no Morro da Lagoa. A família de Guga mora ainda no pé do Morro, no bairro Itacorubi.¹

Muito além do Guga este movimento tem outras conotações e implicações anteriores. O estudo de Fantin (2000) conclui que a resignificação da conotação pejorativa para um elogio foi uma estratégia dos formadores de opinião nativos da cidade que, aquém da valorização da cultura do interior da Ilha, “...não deixa de ser uma resposta à chamada ‘invasão estrangeira’, com um conteúdo político implícito

¹ No livro *A Cidade Dividida* (2000) Fantin demonstra como se deu a construção da figura de manezinho para o tenista Guga.

que vai se revelar nas eleições de 1996.” (p.166)⁸ O confronto entre posições diferentes acabou, algumas vezes, por ameaçar, dificultar e impossibilitar a instalação de empreendimentos, sobretudo turísticos, defendidos pela elite nativa da cidade.

A fim de serem distinguidos dos novos moradores todos os nativos foram qualificados de manezinhos da Ilha, principalmente através da mídia local. Embora alguns jornalistas intitulem os nascidos no centro da cidade por manezinhos urbanos, permanecendo a distinção com os do interior da Ilha. O movimento levou a criação de um paradoxo, quando o vocábulo melhorava sua aceitação e seu uso e adquiria uma extensão ampliada, o tipo social perdia características próprias e se diluía. Mas a intenção maior era diferenciar-se dos que não são nativos, dos que são de fora e que são percebidos como ameaça.

Continuando com o depoimento anterior o nativo entrevistado fala que o preconceito com os manezinhos tomou outras proporções com a chegada dos novos moradores. Relembra:

...naquela época nascer em Florianópolis era uma coisa, nascer na Lagoa era outra coisa. Tu vê que eu estou te contando uma história que é a rejeição que a gente tinha já dentro da própria cidade, agora você imagine de outras pessoas que vieram de outro lugar, de São Paulo, do Rio. (Membro da AMOLA)

⁸ O estudo de Fantin (2000), assim como a pesquisa do Laboratório de Comportamento Político da UFSC, coordenado pela Professora Louise A. Lhullier, demonstram que as eleições para a Prefeitura em 96 trouxeram à tona a hostilidade existente entre nativos e novos moradores, justificando falar-se no advento de xenofobia e etnocentrismo. Naquelas eleições os candidatos utilizaram de diversas formas a figura do manezinho. Cada facção ideológica a seu modo demonstrou o interesse de aproximar-se da figura tornada emblemática e positiva. No segundo turno, disputado entre a Frente Popular e a Força Capital, assistiu-se um espetáculo desolador para o futuro das relações sociais na cidade. Os integrantes da Força Capital, ao utilizaram-se do binômio de fora/invasores para os militantes e simpatizantes da Frente Popular, referendaram uma antiga representação social destes novos moradores como os contra a cidade. Portanto somente os nativos, agora tornados todos manezinhos, devem assumir cargos de governo já que são à favor da cidade. De novo tem-se as questões ambientais como pano de fundo das mais variadas dificuldades de relação entre os moradores de Florianópolis, transformando-a numa Cidade Dividida como aponta Fantin.

A supervalorização da identidade de manezinho firmou-se sobre uma identidade reativa, construída em oposição a um elemento exterior sensibilizado, sentido, sofrido. Há, por certo, alguns riscos nesta estratégia. Este tipo de movimento pode levar a uma fetichização da cultura dita de origem, onde as raízes são sacralizadas e o indivíduo se faz incondicionalmente objeto. O discurso torna-se mitificante podendo levar, não somente ao isolamento, mas ao conflito entre os portadores destas qualificações e outros grupos e pessoas que não as possuem. A fala de outra entrevistada aponta para este tipo de relação conflituosa:

Se não houver uma resistência isso aqui vai ser uma mistura de costumes, tradição. Ai todo mundo vai se ajeitando, sabe se lá de que jeito, bom ou não, sem querer, inconscientemente, vão se criando grupos... não é que eles estejam rejeitados, não é que eles não possam até ajudar, quer dizer, ninguém tem culpa de nada. Os culpados somos nós mesmos, porque a gente nunca criou uma associação prá dar uma freiada nisso aí... quem vem de fora não quer perder os seus hábitos, suas tradições, eles querem, chegam trazendo a sua origem. Nós aceitamos não dá prá negar que nós somos muito acomodados, a gente não reage, a gente não insiste... não que vai exigir, mas quem venha prá cá tem que se adaptar. (Membro da AMOLA)

A exclusão do diferente, como é classicamente estudada pela psicologia social, confirma-se nesta necessidade de identificação que se constrói diferenciando-se do outro. Esta condição de oposição ao outro tem por meta assegurar a sua própria identidade como positiva, consolidando-a e prevenindo-a de alguma ameaça. Esta necessidade de segurança poderá ser motivada por problemas individuais inscritos na história dos sujeitos ou pode estar alicerçada e alimentada num dinamismo social, em dificuldades estruturais ou conjunturais do próprio grupo. Mas até que ponto as reações que dificultam a comunicação são largamente independentes da constatação das diferenças objetivas entre os sistemas culturais dos pares, de características próprias, de representações e valores que os constituem? E que tipo de atração ou de repulsão eles podem inspirar?

Na Lagoa, com certeza esta distância entre os conteúdos de códigos dos dois grupos não pode ser negligenciada. E, na medida em que a identidade implica, entre outras coisas, na construção de uma unidade de sentido que se caracteriza por um

movimento que procura evitar a contradição, podemos atentar que para se ter uma verdadeira comunicação entre eles será preciso oportunizar espaços comuns de discussão e conhecimento mútuos. Será na experiência das relações concretas que estas diferenças vão sendo experimentadas, terão lugar e a comunicação será o veículo utilizado entre os indivíduos para exprimi-las, vivenciá-las.

Primeiramente, pode-se observar que os componentes culturais, que dão uma identidade coletiva aos nativos, firmam-se em circunstâncias vividas e que podem ser interpretadas dentro do que se conhece na literatura pela noção de territorialidade. Os discursos destes demonstram como a Lagoa da Conceição tornou-se um território em torno do qual se formou uma coletividade portadora de um discurso, que por sua vez se consagra, emergindo numa diversidade de aspectos sobre um mesmo espaço, denunciando diferentes apropriações, sejam elas pessoais, históricas, religiosas, ambientais, produtivas ou políticas. Território organizado freqüentemente sob as mais diversas formas de manifestações sociais, sejam elas culturais ou ecológicas, fazem referência à identidade coletiva, onde o símbolo de pertencimento social é demonstrado num movimento de apropriação e defesa destes aspectos manifestos. A apropriação como identificação torna os sujeitos agentes de transformação, mas depende dos modelos culturais, papéis sociais e estilos de vida próprios a cada um. (Pol, s/d)

Imprime-se a este local, ao mesmo tempo bairro e cidade, uma série de virtudes e de qualidades inscritas especialmente em seus recursos naturais e culturais. O que se tem então é um bairro, chamado Lagoa da Conceição que, não enquanto bairro administrativo mas enquanto ecossistema lagunar, pode ser descrito em termos de seus componentes físicos, bióticos, paisagísticos, políticos e culturais. Entretanto em torno deste quadro surgiu uma vida comunitária, construções sociais e culturais bastante diversas ao longo dos tempos. O novo grupo humano que foi se firmando deu origem a um tipo de estranheza associada às diferenças culturais dos habitantes já existentes. Há a idéia corrente de que junto com os novos moradores veio a modernidade com sua temporalidade diferente da tradição do lugar. Tem-se a

representação de descontinuidade de uma cultura. A prática tradicional dos pescadores e rendeiras configura um sistema constituinte deste imaginário. Num dos depoimentos coletados no trabalho de campo pode-se evidenciar isto:

...a tecnologia vem e destrói tudo aquilo que era natural e deixa saudade. A gente passa, recorda, a própria trilha, ainda essa semana eu estava conversando com meu filho, eu sai com ele andando pela mão... as trilhas que a gente cruzava da estrada geral, a gente cruzava prá ir pro colégio por dentro de trilhas, hoje se encontra grandes casarões, casas construídas, prédio até. (Membro da AMOLA)

...muitos pescadores já saíram daqui, eu conheço pescador daqui da Lagoa, hoje tá no Rio Vermelho, Rio Tavares. Já não pescam mais...foi tudo gente que já veio de fora, que compraram o terreninho dos pescadores, já fizeram as suas "big" casas e não tem mais lugar nem prá guardar uma canoa. (Membro da AMOLA)

Observou-se durante o trabalho a incidência da variabilidade do discurso em função do grupo de pertencimento. Como é previsível entre os moradores que vieram de fora há pouca referência aos aspectos relativos à cultura tradicional. Não há uma incidência marcante desse conteúdo nos seus depoimentos que justificasse a composição de uma categoria analítica.⁹ Esta ausência parece ser significativa graças ao não envolvimento destas com a cultura local, não sendo um componente de sua vivência a nível pessoal e organizacional. A Fundação Lagoa e a ONDA, que são as entidades que agrupam os novos moradores, pouco se envolvem com os aspectos culturais tradicionais. Focalizam suas atuações primordialmente para as questões ambientais, de preservação e gerenciamento dos recursos locais e, como admite a secretária da Fundação:

...embora a gente não despreze, eu sempre falo dos elementos culturais, mas é uma fundação quase essencialmente ambiental. Não tem atividade comunitária, a não ser algumas atividades comunitárias de educação ambiental. (Integrante da Fundação)

⁹ Mesmo quando verifico a análise a partir das entrevistas com os membros da Fundação Lagoa, percebo que a presença de um componente nativo não chega a interferir substancialmente no corpo das entrevistas a ponto de levar à construção de uma categoria de Cultura.

Exatamente o inverso emerge do discurso dos nativos. A forte incidência de questões relativas à cultura com certeza aponta para uma representação bastante significativa. Constatei, entretanto, que não ocorrem processos de concorrência ou sobreposição de dinâmicas culturais distintas. Ela se resume à cultura popular local, mais especificamente aos costumes herdados dos colonizadores açorianos. Mas também já se observa a articulação dos sistemas conhecidos com os novos modelos de vida, que combinados, apresentam uma nova dimensão de orientação cultural transmitida e reconstruída onde o meio ambiente constituiu-se num importante elemento mediador entre a estrutura e a ação. Percebe-se haver a presença de uma base referencial ao meio ambiente, que é no entender dos nativos um aspecto da sua cultura. Esta referência é transformada pelas mudanças profundas da técnica, do modo de produção e que culminaram por abrir uma nova via de ordenamentos sociais. Por exemplo, ao olhar as fotografias do Painei, uma nativa me diz :

Isso aqui já foi... é uma foto que dá tristeza, mas a tua cabeça tem que aceitar esse tipo de coisa. Tu gostaria que continuasse, porque eu sempre acho que apesar de tudo a Lagoa ainda é a que mais conserva, tanto se for comparar o norte da Ilha conserva um pouco a sua característica, ainda não foi tão destruída, porque o norte da ilha é uma destruição total. (Membro da AMOLA)

No âmbito do contato multicultural estes elementos constróem uma nova realidade social, observada nas mais diversas circunstâncias da vida social do bairro. O grupo dos nativos vive em termos de extinção da sua cultura e o sentimento de vitimização, de sentir-se instrumento. Suas estratégias são evocar o passado, garantir coisas que consideram próprias do lugar desde anos, ao mesmo tempo que se sentem manipulados e são resistentes às outras culturas. A troca é vivida muitas vezes como uma absorção cultural, e assim buscam a auto-afirmação de seus próprios valores. A história pessoal e a imagem percebida pelos outros do mesmo grupo tornam-se guias para seu comportamento, a fim de não se perderem em negociações e ajustes com o novo. Entre os nativos a importância do "ser alguém diferenciado", como habitante da Lagoa em referência aos papéis e ao grupo de pertencimento, está necessariamente alicerçada em patamares construídos sob a influência de suas representações sociais. Pode-se ver, por exemplo, nesta fala:

A primeira coisa que existiu aqui na Lagoa foi esse choque cultural muito grande de pessoas que vieram de outros lugares do Brasil morar aqui na Lagoa. Porque eles vieram com uma cultura diferente. Nós temos a nossa cultura. Eu tenho meus costumes, a minha cultura. Eu acho que posso perder tudo da minha vida, menos a minha identidade. Ela foi muito agredida. Eu acho que as culturas tem que ser mescladas, tem que ser misturadas. Cultura é coisa importante, mas a nossa tem que prevalecer. A nossa é que é a mestra de tudo isso aí. A nossa é daqui, nós somos daqui, então a nossa tem que ser mais valorizada que as outras. Não que vamos excluir as outras culturas, absolutamente, não é nesse sentido que estou falando. Mas que a nossa foi abafada. Eles trouxeram a cultura deles prá cá...se eu saio daqui prá viver em outro lugar, eu primeiro tenho que me acostumar aos costumes daquela região, daquela localidade. (Membro da AMOLA)

Apesar da recusa em aceitar o Outro há uma valorização do estilo de vida dos moradores de fora. Entretanto não há uma forte dominação do modo de vida que surgiu com a chegada dos novos moradores. Talvez por esta razão prevaleça, entre alguns dos novos moradores, argumentações que se aproximam da tese do evolucionismo cultural ou de hierarquização humana e, passam a explicar as diferenças em termos de acesso à civilidade, colocando os que aqui nasceram numa escala primitiva. Este pensamento é encontrado sobretudo nas relações hierárquicas de trabalho. É comum escutar a expressão: “*é difícil trabalhar com essa gente, trago gente do interior prá trabalhar*” ou “*isso é bem coisa de mané*”. Ambas são manifestações de desvalorização da maneira de trabalhar ou de viver do nativo. De fato o que está subjacente à esta expressão é a visão de uma cultura tradicional identificada como primitiva, arcaica e que apresenta dimensões relativamente reduzidas, tendendo à homogeneidade. Um momento desta entrevista apresentada a seguir indica como são avaliadas algumas situações:

...parece que os nativos estão meio parados no tempo, eles não se preocupam em crescer...ficam ali prá sobreviver. Não tão evoluindo junto, entendeu? Eles tão ali parados no tempo. (Participante da ONDA)

Ou numa outra dimensão, percebe-se que a cultura não se exprime somente nas diferentes crenças, valores e normas do grupo, mas também a nível do indivíduo, na sua forma de pensar, de sentir ou de se comunicar, fundando a identidade sócio-cultural da pessoa em oposição à identidade do outro. Tem-se no seguinte depoimento uma amostra disto:

...tem o rapaz que trabalha comigo há seis anos e acho que ele é bem devagar sabe, digo prá ele: alugue uma casa, não para de estudar, qual é o projeto que tu tens. Mas é um ritmo bem lento mesmo assim...ai conversa, troca, sem dívida o fato da maioria das mulheres aqui trabalhar prá outras pessoas...eu tive várias empregadas daqui e nós fazíamos geléia e musse, ai ela aprendia a fazer. Levava, o filho gostava, ai fazia também, ai a filha aprendia...(Integrante da Fundação)

A aplicação de conhecimentos e de informações objetivas terá como principal função assegurar ao indivíduo o controle do sentido e torná-lo capaz de investir positivamente na relação. No entanto muitas idéias e convicções instaladas resistem solidamente a este processo provocando efeitos perversos de reforçamento de imagens. Sabe-se que a integração de novas informações que necessitem de um remanejamento muito grande do campo de representações, provocam um custo muito grande sobre o plano psicológico e que seu deslocamento necessitará de um trabalho de desestabilização do processo de atribuição que levou à estigmatização do outro. Esta simplificação, generalização e perenização de imagens levam à formação de estereótipos como no caso estudado, o que se vê é a presença algumas vezes de algo idealizado do comportamento do nativo, já se inicia o mesmo processo com os *de fora*. A relação com o outro é vivida concretamente sob o domínio do não-racional, do afetivo. Uma certa carga emocional acompanha as interações cotidianas. Esta situação, mais ou menos difusa, pode ser interpretada como uma conseqüência da falta de referência da impossibilidade de atribuir sentido às atitudes do outro, aos comportamentos diferentes, estranhos.

A revelação desta imagem é paradoxalmente expressa pelo próprio grupo dos nativos. Os seguintes depoimentos indicam a dificuldade vivida por eles em reuniões comunitárias:

...em reuniões prá tratar dos problemas da Lagoa as pessoas falando em termos...Não sei como é que você vai falar para um nativo, uma pessoa que não tem um grau de instrução, em termos técnicos. Você não pode falar. Você tem que falar a linguagem do povo...talvez falta de um pouquinho de humildade. É por isso que um nativo vai numa reunião e não faz perguntas. Ele acha que se for fazer uma pergunta ele vai fazer besteira, o que tá falando não tá certo. Era mais fácil antes porque ele tinha essa abertura, as pessoas que estavam ali, ele conhecia as pessoas...até porque o nativo, ele não participa muito, sabe? A participação é muito

pouca. Mas mesmo essa pouca participação, mesmo aqueles que vão, eles se sentem um pouco envergonhados perante essas pessoas. (Membro da AMOLA)

...os de fora eles não conseguem ter uma linguagem acessível aos moradores, falam muitas palavras técnicas, que a gente não tem obrigação de saber, mesmo as pessoas que são técnicas às vezes em outras áreas não conseguem, então isso aí dá uma rejeição total. A gente vai prá uma reunião de um grupo pequeno, mais ou menos umas 10 pessoas, aí esse de fora que veio morar na Lagoa, o alienígena que eu chamo, ele fala palavra muito bonita, vai falando, tem um discurso maravilhoso...há um choque, ninguém se entrosa. Embora hoje a maioria dos moradores da Lagoa já são pessoal de fora, então como eles são maioria já tomaram conta de todo espaço já, das discussões, no espaço público, na rua, nos meios de produção da Lagoa. (Nativo, integrante da Fundação)

Os espaços marcados por cada grupo, territorializando a Lagoa entre espaços de um ou outro grupo pode ser observado sobretudo em “condomínios” como o Village e o Saulo Ramos, ambos no Canto da Lagoa. Entretanto a tendência tem sido a convivência mútua nas tradicionais e bucólicas servidões, assim como nas ruas da Lagoa. Nestas situações a sociabilidade acontece e é vivida com integração. Esta ainda tem lugar na Pracinha e na orla da lagoa, seja em eventos culturais, ecológicos, educacionais, na pesca amadora ou nos esportes. Mas é sobretudo em reuniões comunitárias que antigos e novos habitantes se confrontam, se articulam e se fundem num só espaço. As territorialidades, de pertencimento ou de referência, formam o quadro de uma infinita variedade de manifestações dos vínculos sociais. Como um dos exemplos de encontro entre os antigos moradores e estãdarte da cultura local o jogo de dominó é ilustrado em uma das fotografias do Painel (anexo 03). Os nativos reúnem-se socialmente na SAL (Sociedade Amigos da Lagoa) e os *de fora* no LIC (Lagoa Iate Clube). Os homens freqüentam pequenos bares, os botecos, os novos moradores (homens e mulheres) freqüentam os cafés do Posto em bate-papos informais, reuniões de trabalho, namoros etc. É o maior ponto de encontro e lugar de referência destes novos moradores.

3. 2. 2. Os processos que interferem na avaliação do espaço

Situações conflituosas como as vividas pelos habitantes da Lagoa também são encontradas em outros lugares e a longa data. Historicamente tem-se conhecimento de inúmeros acontecimentos semelhantes. Segundo Schérer (1997, p.19) a democracia advinda das idéias rousseauianas, "... será definida a partir de uma certa forma de exclusão do *estrangeiro*."¹⁰ Em *O Contrato Social* e em outros textos Rousseau critica os filósofos cosmopolitas pela idéia de abertura da democracia a um certo cosmopolitismo, que não resguarda o privilégio aos chamados cidadãos àqueles que são nativos da cidade. Com o cosmopolitismo surge a noção de cidadão do mundo. Segundo Kant haveria aí dois direitos que se contrapõem, o primeiro que o homem é cidadão do mundo e o segundo que tem direito à cidade, mas a cidade teria o direito de aceitar um cidadão e recusar outro. Poder-se-ia então pensar, argumenta Schérer, que se teria o direito de visitar mas não de se instalar em determinada cidade.

Esta oposição entre o cidadão e o "estrangeiro" prende-se à presença ou à ausência de vínculos com o lugar. O cidadão tem raízes enquanto que a mobilidade é a característica do "estrangeiro", pois este quando partiu deixou-as para trás. A integração deste "estrangeiro" ao lugar que chega está sujeita a uma relação hierárquica que deve obedecer e *integrar-se* às regras pré-existentes. Podemos olhar também pelo prisma do binômio da hostilidade/hospitalidade. Os nativos recebem bem os visitantes, são conhecidos como acolhedores e hospitaleiros, então como entender os indícios de hostilidade presentificada no dia-a-dia? Podemos brincar com as palavras como o fez Gotman (1997, p.12), ao observar que hospitalidade e hostilidade possuem a mesma raiz, diz: "a hospitalidade é fundada sobre a idéia que um homem está ligado a um outro (*hostis* tem sempre um valor recíproco) pela obrigação de compensar uma certa prestação donde ele foi beneficiário." No entanto, o turista, esse ocupante *desterritorializado* por assim dizer, estabelece uma relação provisória,

10 Grifo meu para indicar que na frase de Schérer *l'étranger* faz referência ao que vem de outro lugar para instalar-se. Não se pode aplicar aqui a tradução por estrangeiro como temos em português: sujeito advindo de outro país.

efêmera com o local e que não implica em interação, combinação entre projetos. Espectador que deixa recursos sem aparentemente interferir na ordem da vida local além da sua passagem. Os benefícios com a vinda dos turistas parecem evidentes, mas o que ganham os nativos com a vinda dos novos moradores? Sentem o contrário, que perdem e, talvez esteja aí a chave para compreender sua hostilidade. A hostilidade é clara se atentarmos para os veículos da mídia, se observarmos as manifestações da elite local, de uma fração da burguesia, para os inúmeros conflitos quando surgem propostas e projetos de grande envergadura para a cidade etc. Entretanto, nas relações cotidianas não aparece com tamanha evidência. Há mesmo um caráter ambíguo nestas relações. Segundo a história contada por um dos nativos entrevistados, a vinda de novos moradores para a Lagoa começou com as pessoas do centro da cidade que passaram a adotar a Lagoa como segunda residência ou que acabaram se mudando para o local. Em seguida, relembra:

Aí teve o movimento hippie, no qual algumas pessoas vieram morar aqui, foi o auge do choque cultural, foi os caras que introduziram a maconha na Lagoa. O jeito deles se vestirem, barbudo, cabeludo...algumas pessoas vieram morar aqui, até hoje tá aqui pela Lagoa ainda...foi o auge do choque cultural, brigar, dar surra neles, xingar de cabeludo, barbudo, maconheiro. Alguns moradores começaram a fumar maconha através desse movimento hippie que veio para cá. (Nativo, integrante da Fundação)

Sobre o conflito com os novos moradores, conclui que:

Não tinha. O gaúcho começou por causa desse movimento da mídia contra o pessoal de fora. Aí a mídia fez esse negócio dos gaúchos, principalmente o Cacau...assim que começou. (Nativo, integrante da Fundação)¹¹

¹¹ «No segundo turno, a acirrada disputa entre a Frente Popular e a Força Capital e de outro as forças conservadoras da mídia propagaram um discurso caracterizando partidários da Frente Popular como os "invasores" da cidade. O fato que serviu de alibi para a Força Capital vincular a Frente Popular com os "de fora", "os gaúchos", os "estrangeiros" estava relacionado à vinda de alguns militantes do PT de outros lugares (tanto do interior do Estado como de Porto Alegre) para ajudar na campanha, desfilando pela cidade com lenços vermelhos no pescoço e bandeirolas do PT e dos Sem-Terra nas costas (fato contestado pelos membros da Frente Popular).» (Fantin, 2000, p.180)

São dois modos de vida que se confrontam. De um lado tem-se um grupo imerso em sua tradição, territorializado, vinculado a uma representação do natural, da terra, nativo e, do outro um grupo associado à modernidade, ao conhecimento científico, ao poder econômico. Os atritos culturais somam-se à competitividade econômica na disputa e conformação do território e produzem transformações que levam a pensar na produção de novos territórios. A base ambiental pela qual se desdobra este recorte identitário serve de distintivo para identificar-se a si e ao outro como provocador de poluição e devastação. Vejo que entre os nativos, o enaltecimento dos laços de identidade tem por meta homogeneizar o território, dotá-lo de uma característica igualizante, seja através da tradição cultural ou da propagação do sentimento de vitimização. Adotando uma nomeação rígida e exclusivista de um “nós” frontalmente diferente dos “outros” acabam numa marginalização que fortalece sua condição de vítima. Mas é bom lembrar que os símbolos que compõem uma identidade não são buscados aleatoriamente, mantêm vínculos com a realidade. Apresento a seguir um depoimento que me chamou a atenção por incluir o modo de vida dos nativos como parte do ecossistema da cidade, como um legado natural que explica os comportamentos e enaltece a importância de preservá-los:

...os nativos eles vivem no mundinho deles. Todo mundo invadiu, paulista, gaúcho, de outros estados, catarina de outras cidades, mas eles ainda continuam naquela vidinha deles, tranqüila, continuam fazendo o mesmo tipo de pesca, que eles faziam, no meio da lagoa. A Costa, a maneira como eles ainda têm as atividades pesqueiras, a renda de bilro, eles continuam, mantendo a tradição de certa forma e, eu acho que isso é bom né, que a gente tem que sempre tá resgatando esses traços de cultura de cada um, nunca tentando pegar o do outro ou deixando de lado o seu né...acho que as pessoas respeitam essas tradições, as pessoas gostam até de conviver no meio disso, faz parte do ecossistema de Florianópolis você conviver com pessoas assim. (Participante da ONDA)

O perigo deste tipo de visão idílica do nativo, diga-se de passagem, presente mesmo no interior do próprio grupo, é de ao tomá-lo como uma extensão da terra onde nasceram, talhados à imagem da natureza, torná-lo um produto direto das condições naturais em que se encontram. Tem-se a falsa noção de que a origem geográfica por si só possa determinar a identidade de uma pessoa. A supervalorização

do local de nascimento pode levar a um novo risco que é o mau uso da territorialidade ao ponto de tentar excluir toda pessoa considerada como estrangeira. Como alerta Haesbaert (1997) o determinismo da natureza não deve ser visto como uma leitura superada, ele é revelador de como os indivíduos têm a capacidade de criar símbolos que acabam por definir ou redefinir a sua própria identidade. Ao eleger o lugar onde se nasce como relevante para a identificação de um indivíduo se esquece que ninguém escolhe onde nascer e,

...se o fato de ter nascido neste ou naquele espaço tem implicações indiscutíveis, não é propriamente o espaço que vai 'fundar' uma identidade, mas a força política e cultural dos grupos sociais que nele se reproduzem e sua capacidade de produzir/estimular uma determinada escala de identidade, territorialidade mediada. (Haesbaert, 1997, p.50)

O fortalecimento conservador da identidade prende-se na tradição e é freqüentemente evocada em épocas de mudança social, de crises de poder, de transições. Historicamente constata-se que foi inventada quando a modernização se firmou, passando a ocupar o lugar dessacralizado dos mitos e dos rituais religiosos. Segundo Harvey (1989) a invenção da tradição teve o papel, no final do século XIX, de assegurar a perda de identidade com o lugar, provocada pelas transformações espaciais e temporais que originavam quebras, no sentido de descontinuidade histórica. Inseridos nesta complexidade, os moradores da Lagoa vivem no embate da reterritorialização do espaço onde vivem. Considero a territorialização previamente existente para os nativos e o advento deste processo para os novos moradores sob uma dinâmica onde, simultaneamente, convivem processos de enraizamento e de mobilidade.

Apesar da face modernizadora, alguns destes novos moradores e a nova geração de "nativos", filhos dos originalmente de fora, cultivam uma admiração pelo modo simples e contemplativo dos nativos, tentando até mesmo assimilar nuances destes comportamentos. De igual forma, a modernidade é também assimilada pelos antigos moradores, como podemos ver numa das fotografias do Painel (incluídas no anexo 03) o uso da antena parabólica, ocorrendo uma mudança que se articula sobre a tradição. O

contato com uma cultura predominantemente urbana é intenso e faz parte do cotidiano dos moradores tradicionais desde longa data. Estas características passam a integrar-se à cultura da comunidade, transformando-a. Esta combinação parece, às vezes, contraditória quando modula-se de acordo com a situação vivida e resignifica este modo de vida urbano predominante ao mesmo tempo em que transforma os traços culturais locais.

Finalmente, vê-se entre os habitantes da Lagoa situações onde compartilham padrões culturais e experienciam novas possibilidades de convivência. Jovens nativos, filhos de pais também nativos e, nativos, filhos de pais não nativos praticam surf conjuntamente na praia da Barra da Lagoa. A frequência às aulas de pandorga de Valdir Agostinho¹² ou de renda de bilro com as tradicionais rendeiras no Casarão da Lagoa é indistintamente percebida:

É engraçado, tem a equipe de crianças, não são muitas, são cinco, seis crianças e tem essas gaúchas, paulistas. Tem cinco senhoras, gaúchas e paulistas que já estão aprendendo desde o ano passado e esse ano já estão continuando com a gente...elas convivem na escola, elas convivem nos aniversários, uma faz a cabeça da outra e elas vão gostando. (Membro da AMOLA)

12 Valdir Agostinho é o que poderia se chamar de um artista multimídia. Nascido na Barra da Lagoa, numa família de pescadores músicos, como escreve Lia Leal em seu CD, é pintor, renomado por premiações com suas pandorgas muito coloridas, decoração e fantasias de carnaval. Sempre adotou em seu trabalho a reciclagem de lixo. Em seu CD «A Hora do Mané» todas as músicas são de composição sua e retratam a vida na Ilha. Seu trabalho vem sendo prestigiado em manifestações locais como o Abraço à Mãe Lagoa retratado nesta pesquisa. Um trecho de sua música Rio que Corre diz :

.....
 num piscar de olho
 tava tudo aterrado
 meu coração sufocado
 preconiza a extinção

perdendo amor ao chão
 é como quem não tem mais fé
 a extinção da pesca
 é a extinção do mané

O estudo de Sônia Maluf (1989) identificava já há mais de 10 anos que entre os homens jovens do Canto da Lagoa:

...o surf tem sido outra atividade de sociabilidade e convívio entre os jovens nativos, principalmente os já mais integrados a uma cultura 'moderna'. Estes deixam de partilhar dos espaços masculinos tradicionais, como a venda, e passam a construir sua identidade em torno do 'ethos' surfista – as roupas, o uso da motocicleta como meio de transporte, a linguagem, o consumo de maconha etc. Para eles, a relação com o mar deixa de ser uma atividade produtiva ligada à pesca para tornar-se uma atividade lúdica ligada ao surf. (p.42)

A autora revela também que as histórias de bruxas, que fazem parte da cultura da Lagoa, também vem sendo transformadas. Observa que no discurso dos nativos mais jovens são vistas como seres imaginários, como “coisas do passado” e “história dos mais velhos”. O contrário aparece entre os moradores mais antigos que as têm como presenças reais. Entretanto, os mais jovens conhecem as histórias e “...parece que os jovens vivem esse duplo jogo entre, conhecendo as narrativas de bruxaria, se mantém integrantes da comunidade e ao mesmo tempo se apresentam como pessoas diferentes, já integradas ao meio urbano.” (Maluf, idem, p.111)

Durante as entrevistas, também tive a oportunidade de ouvir dos representantes dos dois grupos, um certo entendimento deste “diferente”, onde creio pode-se chegar a pensar que ocorreu a dissipação destes desentendimentos e incompreensões dos comportamentos estranhos. Sendo clarificada deu espaço para a real significação das práticas, que por fim foram inscritas num quadro racional, e que tornaram possível um olhar mais compreensivo face ao outro. Esse processo gradativamente vai se ampliando, contando com recuos e sucessos, insere-se nas diferentes e sutis formas de relação no bairro, reconstruindo a cada momento a identidade dos lagoanos. Isso pode ser notado nas falas seguintes.

Toda vez que eu passo eu vejo essas casinhas, como as pessoas vivem aqui, essas casinhas simples, eu tenho um respeito muito grande por essas pessoas que eu conheço tão pouco, como é o modo de vida delas, porque é muito diferente da minha realidade né. Eu nunca convivi, nunca tive no meio assim de nativos, de pessoas assim, eu tenho muito respeito por eles, é como se eles conhecessem alguma

coisa que eu não conheço...eu acho um privilégio esse Centrinho da Lagoa viu, se fosse por mim, ele não se expandiria muito assim, apesar que isso não tem jeito de freiar né, porque tem muita gente vindo prá cá, muitos condomínios sendo construídos...(Integrante da Fundação)

Outra integrante da Fundação faz referência a um costume entre os nativos, qualificando-o da seguinte forma:

O nativo é generoso, e como ele vai no terreno do outro também permite que o outro vá no dele, aquela coisa assim de, da boa vizinhança.(Integrante da Fundação)

Mesmo sem conhecer a história da colonização da Ilha, há um entendimento por esta moradora da prática que ainda é mal interpretada por outros moradores que não têm a mesma visão e dificultam, utilizando-se de sua posição de direito à propriedade, as relações sociais. Este comportamento típico dos nativos, ao ser rastreado historicamente, encontra sua origem no passado agrícola dos ilhéus. As chamadas terras comunais, que como o próprio nome diz, são comuns a todos, permitiam utilizar os recursos da área para inúmeros benefícios desde a pastagem para o gado até fontes d'água e agricultura e, desta forma, "...representam a solução adaptativa dos açorianos como estratégia de sobrevivência, além de apontarem as suas técnicas de apropriação e de uso de bens naturais." (CECCA/FNMA, 1996, p.66) Os espaços comuns começaram a ser cercados com a venda das áreas para novos habitantes. A alusão à propriedade traz o direito ao cercamento e às proibições de certas práticas, como relata Bastos (1993) acerca do costume da brincadeira do boi-no-campo, conhecida hoje como farra do boi. O autor conclui que: "Nesta geografia, pois, já há sinal de que a Farra é também um instrumento de preservação do verde." (p.14)

A partir do estudo de Lago, M. (1996), sobre o viver tradicional dos moradores da Ilha, entende-se que, graças às práticas relativas ao meio natural socializado como a pesca e as formas de organização desta produção, fazem parte da identidade do pescador ilhéu, certas "...características como a valorização da independência, da autonomia, a desconfiança em relação às pessoas de fora da

comunidade, o conservadorismo, com resistência às mudanças e à incorporação de novas tecnologias etc.” (p.103) Admitem os nativos entrevistados que possuem um modo de ser característico, que creditam ao costume, à tradição. Vejamos os depoimentos a seguir:

...por um costume, a questão é cultural. A mesma coisa a gente chama o índio, que o índio é malandro, o índio não é malandro, a vida dele é assim, igual o nativo...daqui a pouco o mar tá ruim não dá prá peixe, sentava na beira da praia a olhar o mar, não plantava uma cebola, não plantava nada, ficava ali olhando o mar. A cultura dele é assim, pobre de beira de praia parece que é assim acomodado. (Nativo, integrante da Fundação)

...o pescador, ele é humilde, é uma pessoa simples, é uma pessoa que tem respeito. Ele não tem conhecimento da coisa, ele não estudou, mas ele tem uma sabedoria enorme, é uma pessoa que tem uma fé. Você quando vai na casa de um pescador e ele estiver com chapéu, você falar em nome de Deus ele tira o chapéu da cabeça. São pessoas simples, pessoas que tem a história de tudo o que aconteceu. (Membro da AMOLA)

A religiosidade é uma forte característica dos nativos. As festas tradicionais na Lagoa são quase sempre ligadas a uma data ou período consagrado pela religião católica. Mesmo a Farra-do-boi, que acontece na Páscoa, tem forte ligação com a vivência espiritual. Estas situações levam pessoas dos dois grupos à igreja e as suas manifestações como constatamos pela fotografia tirada da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, que é homenageada em um cortejo pelas águas da Lagoa no mês de janeiro, onde embarcações de todos os tipos unem-se numa mesma festa popular. (anexo 03)

Se nos voltarmos para as questões ambientais veremos que alguns depoimentos indicam práticas de participação comunitária conjunta. O primeiro depoimento vai trazer a fala de um nativo que se dedica fortemente às ações da Fundação Lagoa. As relações entre os grupos e as questões relativas ao meio ambiente são assim por ele vivenciadas:

Me dou muito bem com o pessoal de fora que mora na Lagoa, porque são ambientalistas fecham muito comigo...eu acho que tenho uma função importante na Lagoa por eu ter esta discussão mais aprofundada da Lagoa e estar inserido nesse movimento e ser nativo da Lagoa, pois o nativo hoje na questão cultural dele é acomodado e não participa muito desta discussão mais ecológica.(Nativo, integrante da Fundação)

Ou no depoimento seguinte onde há o reconhecimento do outro:

Hoje existe um engajamento muito grande das pessoas de fora que vieram prá cá também, não vamos negar isso. Por exemplo, hoje tem pessoas aqui de Porto Alegre, eu tenho um amigo que é um segundo pai meu, de Porto Alegre, dá curso na igreja, é meu amigo, amigo da família. Então teve muita gente de fora que se engajou aqui na comunidade até prá resolver os problemas graves que estão acontecendo na Lagoa, com respeito ao esgoto, com respeito à segurança, com respeito à infra-estrutura básica. Então essas pessoas tão percebendo também que é importante a presença deles, a participação deles, a união de todos.(Membro da AMOLA)

Se adentrarmos pelo aspecto espacial, veremos que a vivência da partilha de um espaço comum, o fato de viver lado a lado, poderá ocasionar trocas mas que, em certos momentos, podem ser vividas sob a forma de confrontação. Esta possibilidade deixa de ser eventual quando há a cristalização de estereótipos que são impostos aos grupos como entidades homogêneas. Os dois grupos têm condutas de rejeição à diferença, como já foi visto anteriormente. O que passaremos a ver é como a coabitação heterocultural impôs uma diversidade de modos de ocupação do espaço, de sua partilha, de tolerância. Quanto às distintas formas de apropriação do espaço por estes moradores pode-se dizer, com certeza, que esta se reflete na relação destes com a natureza, com os recursos naturais locais e, que na ligação que estabelecem com o lugar entram em cena processos psicológicos complexos que sedimentam especialmente a construção das identidades individuais. Fazendo parte desta construção tem-se a história residencial do sujeito que desempenha um importante papel no apego ao lugar e, como processo psicológico leva em conta a continuidade temporal. Assim como os elementos físicos próprios de cada ambiente residencial, também a natureza das interações sociais intervém na relação entre o sujeito e o lugar, gerando representações, valores e modos de ação.

Não intenciono aqui adentrar na discussão teórica a respeito dos diversos conceitos de identidade e suas implicações, seja na psicologia social, na sociologia ou na antropologia, ou no embate sobre a distinção entre identidade individual e identidade social.¹³ Espero que já esteja clara, neste momento, a visão que fundamenta este trabalho, de que a identidade é e não pode ser outra coisa senão social, pois ao falar em construção de identidade já se subentende sua dependência das interações sociais.

Alguns estudiosos irão enaltecer certas particularidades da identidade. Mas é na área de psicologia ambiental que encontrei suporte para minhas reflexões sobre os processos de interação entre a pessoa e o meio ambiente e, ao mesmo tempo, desse atenção à temporalidade. Esta maneira original de abordar o problema inicia com os trabalhos de Proshansky. Produções posteriores fazem referência ao conceito de identidade de lugar cunhado por ele, especialmente Feldman e Korpela (apud Bahi-Fleury, 1996). O conceito traduz a contribuição do apego ao lugar à estruturação e à manutenção da identidade levando em conta as experiências residenciais vividas ao longo da vida da pessoa.

13 Em psicologia social há várias concepções, por exemplo Tajfel é uma referência. Para ele a identidade social vincula-se ao conhecimento que o sujeito tem de pertencer a certos grupos. Já Zavalloni, contrariamente, a define como a representação que o sujeito faz de seu meio ambiente social. A construção da identidade depende tanto dos grupos de pertença ou não. Será importante a maneira que o sujeito insere-se no grupo. Para Doise & Lorenzi-Cioldi (1992, p.276) há duas grandes tendências nos estudos de identidade individual e social. Classificam entre: "Os pesquisadores que se centram sobretudo sobre o estudo dos pertencimentos sociais, estudam a maneira com que as características típicas de um pertencimento modulam as representações e comportamentos individuais; eles partem de um postulado que opõe singularidade individual e identidade social (o continuum dos comportamentos "Soi-Groupe" de Tajfel, 1981). Outros pesquisadores se apegam mais ao estudo do discurso individual ou definições de si e propõem modelos que devem prestar contas a maneira com que o indivíduo elabora uma identidade em redefinindo as características de suas características de pertencimento." Sawaia (1995) alerta para os riscos da modernidade ao se estar resgatando a identidade como referência à territorialidade, de forma ambivalente. Ou seja, como defesa distintiva, refúgio da globalização e caindo no localismo, no subjetivismo e, por fim fetichizando o conceito, tornando os sujeitos descomprometidos socialmente.

O investimento afetivo ao lugar tem sido alvo de estudo em vários domínios de pesquisa. Por esta razão, a riqueza multidisciplinar tem, muitas vezes, produzido uma série de conceitos nem sempre concordantes. A maioria deles coloca a questão das origens e do desenvolvimento do apego firmando-se sobre a análise da influência de um ou outro fator, como por exemplo a vizinhança, as recordações do passado, a proximidade, o ciclo de vida, a vida profissional etc. Alguns poucos estudos fazem referência ao ambiente físico, além de entendê-lo enquanto contexto. Em meu estudo as características físicas, próprias do ambiente residencial dos sujeitos, apresentaram-se como um fator bastante relevante. Revelam-se ligadas fortemente ao grau de apego pelo bairro. Fried (1982) observou em suas pesquisas que o acesso a espaços verdes favorece o apego ao lugar de moradia. Sustenta a importância da *identidade espacial* para o funcionamento humano. Proshansky et al (1983, p.61) reconhece que desta forma ele inova por reconhecer o fator cognitivo e afetivo das uniões espaciais, mas

contudo, ele enfoca exclusivamente o lar e a noção de pertencimento a ele e, unicamente, a experiência pessoal de afiliação quando esta relação é rompida. Deste modo, ele falha ao olhar através do lar para outros cenários físicos os quais, sem dúvida, também contribuem para um desenvolvimento individual da identidade de lugar.

Tais contribuições fizeram-me eleger, para esta investigação, as bases da corrente de estudo que indica ser o apego ao lugar um elemento preponderante na formação e manutenção da identidade, especialmente presentes nas teorizações de Proshansky. Identidade que, por sua vez, se estabelece enquanto articulação do sujeito ao grupo em duas dimensões, de uma parte a afiliação do sujeito ao grupo e de outra a participação do grupo na construção identitária do sujeito. A construção da identidade de lugar ancora-se nas mediações sociais, pois como já sabemos, nossas experiências com o mundo físico não são diretas e sim mediadas. Valores, normas e atitudes, segundo este autor, *germinam* o cenário físico que define o cotidiano de uma pessoa.

Quando olho para a realidade estudada, percebo que a identidade de lugar dos integrantes dos dois grupos refletem as experiências dos sujeitos quanto à casa, o

local de trabalho, a vizinhança e o ambiente social de convívio na definição das atividades rotineiras, assim como das formas de organização cognitiva individual que expõem aspectos da memória, das idéias, crenças e sobretudo representações. Ainda deve-se ter em mente que a atividade de um cenário pode sobrepor-se a outro, por exemplo o cenário do trabalho sobre o da casa, ao levar-se tarefas para o ambiente doméstico. Contudo, as definições do uso dos espaços aliam-se às noções de privacidade e territorialidade que, reveladores de valores e normas culturais, serão expressas como cognições da identidade de lugar de uma pessoa integrando-se à sua identidade global. Estas variedades ajudam a definir a vida social de uma pessoa desde as primeiras socializações e comporão as cognições de espaço apreendidas. Nestes espaços estarão sendo definidos os papéis sociais, portanto acompanham e modificam-se conforme o ciclo de vida: criança, jovem, casado, idoso, homem, mulher... espaços que vão além da infância e da casa. “Até mesmo os componentes cognitivos mais duradouros da identidade de lugar mudarão de nível no decorrer da vida.” (Proshansky et al, idem, p.65)

Para o morador nativo o cenário físico da Lagoa deixou de corresponder às cognições do lugar que serviu para definir sua identidade devido às sucessivas mudanças que sofreu. O reconhecimento, como uma das funções da identidade de lugar, compara o atual cenário ao passado e ao julgá-lo percebe a ausência de estabilidade, que coloca em causa a crença do indivíduo em sua continuidade através dos tempos. Quando a identidade de lugar do nativo espelha-se no mundo físico este passa a desacreditar na perenidade de sua identidade e coloca-se próximo do sentimento de extinção, como encontra-se em alguns elementos deste cenário. “A *função de reconhecimento* da identidade de lugar é certamente um nível do significado atribuído a um cenário físico.” (idem, p.68) Já a *função de significação* habilita a pessoa a reconhecer e entender o propósito e as atividades do cenário físico. Os depoimentos de nativos da AMOLA ilustram estes significados:

...a gente foi acompanhando esse desenvolvimento esse processo, mas realmente o avanço foi de 20 anos prá cá, um avanço que já foi atrapalhando porque ele não

tem, estrutura e, aí é muita construção clandestina, esses esgotos, as pessoas vem, aquele desespero de querer se instalar né, então, fica criando esses problemas.

A primeira vista, eu que nasci aqui na Lagoa, me criei aqui, né, sou manezinho da Lagoa, eu acho que a gente percebe aqui nessas fotos como a Lagoa cresceu nestes últimos anos, na época que nós nascemos aqui não tínhamos o problema de saneamento básico, de esgoto.

O problema do esgoto, o problema de jet-ski, lanchas, a pesca predatória, uma série de fatores que fez a lagoa se acabar. A lagoa era um viveiro, eu que pegava peixe da ponte, eu sou filho de pescador.

As pessoas mais velhas, por exemplo, tem uma certa rejeição, porque antigamente não existiam drogas aqui na Lagoa. Elas sentem muito essa invasão, trouxeram a droga para os filhos, para os pescadores. Machuca porque há vinte anos atrás isso aqui na Lagoa não tinha. Foi essas pessoas que fizeram com que muitos nativos hoje tão viciados em droga, muitos são pessoas de fora que colocaram eles em caminhos diferentes.

Ao não mais encontrar o equilíbrio relativo às características do ambiente os nativos tendem a personalizá-lo aplicando-lhe propriedades que afirmem, protejam e aumentem sua identidade, num exemplo claro da *função de exigência expressiva*. É particularmente neste aspecto que me deparo com alguns dos mais importantes desencontros entre os dois grupos de residentes da Lagoa. Apesar de atribuírem a mesma importância ao meio ambiente local e terem a mesma meta de preservar suas características naturais, os dois grupos diferem no projeto e conteúdo das *exigências* para alcançar os objetivos e propostas daí visualizam e manipulam o ambiente a fim de garantir suas escolhas e realizar suas propostas de estilo de vida que, finalmente são diferentes.

O depoimento deste nativo contrapõe a cultura açoriana do nativo às outras, estabelecendo a prioridade da nativa em termos de originalidade. Parece-me que entende que as demais não devem ter espaço a fim de não provocar um enfraquecimento dos costumes:

..essa capoeira, ela é praticada por pessoas de fora da comunidade. Lógico que muitos nativos já tão praticando, né. Deixa de praticar uma coisa que seria nossa. A capoeira hoje na Barra da Lagoa é totalmente viva, grupo de danças que nós não temos. Outro dia, eu vi se apresentando o grupo de dança lá da Barra na pracinha,

não tinha nada a ver com as nossas coisas, era música alemã se não me engano, sei lá, que não tinha assim a ver com a nossa cultura, eu nunca vi, então quer dizer muitas coisas assim tão se implantando, coisas de costume diferente, principalmente do Rio Grande do Sul se implanta muito, o chimarrão, chimarrão nunca vi na minha vida, estou vendo agora bastante. (Membro da AMOLA)

No depoimento desta nova moradora ocorre uma simplificação de seu hábito de passear de lancha na lagoa e, apesar de ter conhecimento do que pode causar ao meio ambiente, transforma-o com a intenção de não incluir-se no grupo de poluidores.

...a lancha polui, mas se você tiver uma lancha em ordem, não é o principal problema. Eu acho que dá prá unir o útil ao agradável, se as pessoas tiverem essa consciência mesmo, daria prá ter tudo isso. Daria para o pessoal andar de barco, mas as crianças têm que ter consciência de saber qual a hora de pular da ponte, que não vai estar passando uma lancha embaixo...porque outro dia eu passei por ali de lancha e o menino ficou na frente, eu pedi: dá licença! E ele não queria sair, assim prá enfrentar, não sei porque (...) eu acho que o lixo dos restaurantes prejudica mais do que a própria lancha. Sabendo usar. Não é chegar: Ah, lancha não pode, vai poluir...não é só isso que tá poluindo a lagoa. Claro, o cara tá andando de lancha, o cara tá pescando, ele vai pescar, vai comer o peixe e 'puts', tá contaminado! Eu acho que o lixo é que vai contaminar mais do que as próprias lanchas ou veleiros. Pode ter um veleiro, não vai destruir em nada. Acho que a lagoa é de todo mundo, e todo mundo tem que entrar em sintonia. Crescer junto, respeitar o outro, respeitar a lancha, o pescador...mas eles são assim. Na Barra a gente sente que tem uns nativos, os que se acham os locais, mais de surf e dizem: 'não entra na minha água'. Não é um surfista que vai espantar os peixes. Nessa época as praias chegam a ficar fechadas, não deixam entrar. Furam pneu, destroem o carro, batem. Um amigo meu já foi espancado na praia. Tem uma coisa: eles têm medo de perder isso, de vir todos os turistas e destruir. Mas eu vejo assim, pelas pessoas que eu conheço, que eles acham legal as pessoas tipo eu e a maioria que eu conheço, que vêm com uma preocupação de melhorar o lugar. (Participante da ONDA)

Entra em cena então a *função mediadora* da identidade, com a finalidade de reduzir ou até eliminar as discrepâncias entre a identidade de lugar de uma pessoa e as características de um cenário físico. Ela envolve o conhecimento do que deve ser feito a nível de recursos e habilidades cognitivas para mudar o ambiente. Estas podem depender ou não de outros. Se não se consegue nem mudar o ambiente nem o comportamento dos outros, resta mudar o seu próprio comportamento para que as discrepâncias sejam minimizadas. Estas habilidades ambientais, como chamou Proshansky et al (idem, p.72) são de três ordens, o entendimento, a competência e o

controle ambiental, que respectivamente oferecem uma leitura e uma idéia de quais mudanças devem ser feitas, o que fazer e como comportar-se e, finalmente ter controle das mudanças no cenário, no seu comportamento e no dos outros, pois os cenários mudam com o passar dos tempos, alertam os autores.

Esta nova moradora nascida em São Paulo dá bastante importância à dimensão, à possibilidade de alcance de fazer alguma coisa.

...em São Paulo você tem poucas chances de poder ajudar. É muita gente, é muita desgraça, é muita coisa. Aqui não. Aqui você abre o jornal: ah, conheço aqui, conheço aquele, conheço o outro, já passei por ali. É gostoso, porque você pode ter uma influência, eu posso. É muito mais difícil despoluir o rio Tietê do que tentar preservar a Lagoa. É muita gente, é muita coisa. Aqui eu acho que posso fazer muito mais do que eu poderia estar fazendo lá. (Participante da ONDA)

A função de ansiedade e de defesa ocupa um papel adaptativo que produz, sobre o sujeito, um sentimento de harmonia e bem estar, compensa e assegura ao sujeito um equilíbrio que protege a sua integridade quando o ambiente causa medo, sofrimento ou ameaça. Esta transformação do meio corresponde a um processo defensivo inerente à identidade de lugar.

Contudo estas cinco modalidades, que definem o nosso bem estar através das funções executadas pela identidade de lugar, são assimiladas sem que nos demos conta. De modo geral somente uma disfuncionalidade no cenário trará à tona nossas expectativas quanto àquele cenário. Quando a conexão emocional do sujeito ao cenário é abalada, as características da identidade de lugar emergem. Mas isto não ocorre com todas as pessoas. A primeira condição para o seu estabelecimento é a preponderância de cognições positivas sobre as negativas, que por fim culminarão num sentimento de pertencer àquele lugar. O inverso não impede o desenvolvimento do pertencimento, no entanto produz o seu oposto, a aversão ao lugar.

Se pensarmos que entre os moradores da Lagoa, a maioria sente que pertence ao lugar pode-se concluir junto com os referidos autores que: “a qualidade do cenário

é também uma função da qualidade do contexto social do qual é uma parte e que inclui o quão bem os indivíduos representam seu papel, a natureza de seus sentimentos com relação aos outros, o grau do conflito e frustração que surgem, a extensão em que as expectativas sociais se encontram, e outros fatores.”? (idem, p.77) Os diferentes estilos de vida, que co-habitam na Lagoa, podem permitir a seus adeptos experimentar o local como essencial para sua identidade. Mas certamente a variedade de cenários e as propriedades gerais do entorno exigem que as habilidades ambientais citadas por Proshansky et al (idem) (entendimento, competência e controle) construam esse ambiente. O desenvolvimento da identidade com algum lugar será baseado na realização destas habilidades e estas, por sua vez, estão vinculadas às diferenças sexuais, de classe, étnicas e diferenças grupais, entre outras. Por isso, no caso estudado prefiro falar em dois tipos de identidade de lugar, própria à cada grupo. Essa variedade prende-se ao fato de que cada grupo sente seu pertencimento e identificação diferentemente. Distinguem-se pelo que fazem, acreditam e pensam assim como por suas habilidades ambientais e relações que estabelecem entre cenários pessoais e físicos e, que caracterizam a identidade dos indivíduos de cada grupo.

Vimos acima as reações, reapropriações e recomposições dos conflitos entre os moradores da Lagoa da Conceição. A combinação das avaliações dos dois grupos culmina em juízos amplamente compartilhados sobre o entorno, apesar das experiências ambientais distintas. O que emana da análise é a transparência de um processo temporal e dinâmico de interação dos indivíduos com o meio e que resulta em apropriação, sentimento de pertencimento ao local e que revela-se na defesa de suas qualidades. Vimos que o fenômeno de apego ao lugar implica em certos processos sócio-culturais em sua formação e cuja função se relaciona com os processos de identidade. Apesar da maneira como esses grupos vivem na Lagoa, dividem o espaço cotidiano, estabelecem relações racionais e afetivas com os lugares de vida, identificam os sujeitos de um ou de outro grupo, o espaço geográfico é representado através de uma identidade do morador da Lagoa sem distinções. Encontram-se numa intimidade profunda com o entorno, que resulta definitivamente

num estilo de vida, e centra-se no apego aos elementos presentes na natureza local, no lazer e, em até certo ponto, interesse pela história, a cultura e a geografia locais. Creio que para estes moradores, o reconhecimento do Outro poderá firmar-se na experiência de convívio nos espaços interacionais capazes de aproximá-los (manifestações, reuniões, lazer...). Apesar da complexidade das relações com a natureza, mais romântica ou mais racional, que vem engendrando a identidade dos dois grupos, ao mesmo tempo ela vem possibilitado o nascimento de representações sociais do ambiente com componentes semelhantes nos dois grupos, como veremos na continuidade do trabalho.

3. 3. A SATISFAÇÃO RESIDENCIAL COMO UMA DIMENSÃO DA QUALIDADE DE VIDA

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- *Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.*

- *A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco - , mas pela curva do arco que estas formam.*

- *Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:*

- *Por que falar das pedras? Só o arco me interessa. Polo responde:*

- *Sem pedras o arco não existe.*

(Calvino,1999, p.79)

No item abaixo apresento a categoria de análise da qualidade de vida. Adotei-a sobretudo para qualificar determinados conteúdos presentes no discurso dos novos moradores. Entretanto a presença desses na fala dos nativos também foi analisada, quando eles surgem identificando o modo de vida dos novos vizinhos. Tomo como eixo de análise, primeiramente, a discussão de Herculano sobre os indicadores, tradicionalmente adotados, para avaliar a qualidade de vida da população e sobre a adoção da temática ambiental nessa avaliação. Amplio o enfoque através da inclusão

do conceito de satisfação residencial advindo dos estudos de Levy-Leboyer, Ratiu e Bahi-Fleury. Paralelamente busco elementos da história da colonização açoriana (Veiga e outros) para confrontar costumes e tradições presentes ainda hoje na localidade. As explicações sobre os modos de vida contrastantes, as diferenças de experiência com o que é público e privado serão fundamentados em Ariés, Da Matta e Jovchelovich. Finalmente veremos que a apropriação do espaço local é uma referência de apego ao lugar, como já vimos, e também da satisfação residencial destes dois grupos de moradores. Neste sentido busco nos teóricos da psicologia ambiental o suporte para analisar as interações estabelecidas pelos dois grupos entre si e com os recursos naturais.

Integrar as questões ambientais à temática social vem sendo o objetivo de muitos pesquisadores, movimentos sociais e de certos setores da política. O espaço de encontro destas duas perspectivas tem crescido, visando a ampliação do conceito de qualidade de vida. Classicamente o conceito de qualidade de vida insere-se dentro da perspectiva de avaliação e ampliação do padrão de vida de uma população, sobretudo da mais carente. A busca do bem-estar social inclui, nesta nova ordem, o equilíbrio ecológico. A partir daí esses dois conceitos se entrecruzam e acabam sendo redefinidos, ampliando o escopo de alcance. Tal perspectiva adota o entendimento de que as questões sociais tais como o uso e distribuição de bens e equipamentos coletivos (água, esgoto, energia, transporte, escola, trabalho...) estão intimamente vinculadas às questões ambientais e vice-versa, intercalando causas e conseqüências.

A definição do que vem a ser qualidade de vida não é clara nos meios onde é discutida. O mais comum a respeito da temática tem sido a discussão sobre indicadores para avaliá-la. Para Herculano (2000) esta tendência firma-se na dificuldade de definição, ficando embutidos na escolha do que se vai mensurar, os limites da definição de qualidade de vida. Ainda, segundo a autora, duas são as tendências atuais. Uma delas examina os recursos disponíveis e a capacidade de satisfação de necessidades de um grupo (por exemplo mede-se a quantidade de domicílios que são atendidos por coleta de lixo, por escola, recebem água potável,

tem hospital...). A outra avalia as necessidades através dos graus de satisfação e do que se deseja. Esta segunda tendência apresenta inúmeros complicadores de ordem subjetiva, cultural e social tais como a manipulação publicitária que cria necessidades ou o conhecimento que se tem das possibilidades da vida, entre outros. Como alerta Herculano, é difícil arbitrar sobre o que é “normal” desejar.¹⁴

Mesmo entre as classes menos favorecidas, onde são comumente aplicada tais metodologias, percebe-se uma tendência no aumento da sensibilidade da população em perceber seu *habitat* de uma maneira global, onde inserem aspectos ambientais tais como equipamentos, serviços urbanos, espaços verdes, vizinhança e bem-estar.¹⁵ A inclusão destes itens, no meu entender, aproxima tais critérios de qualidade de vida à outro conceito, o de satisfação residencial. Estudos como os de Levy-Leboyer (1977), Ratiu e Moser (1996) e Bahi-Fleury (1996) entre outros, têm demonstrado que os habitantes de um lugar são sensíveis não somente aos aspectos funcionais como também aos aspectos estéticos e humanos. Percebe-se também uma capacidade de reconhecer as qualidades ambientais e de utilizá-las ou modificá-las em função de seus objetivos. Em minha análise tomarei a satisfação residencial como um critério de avaliação da qualidade de vida e um facilitador de engajamento, de apego ao lugar de moradia.

Parece que muita coisa mudou desde que Chombart de Lauwe escreveu em 1965 o livro *Essai de sociologie urbaine*¹⁶. Para ele a ligação da pessoa a um lugar não se efetuava em relação ao quadro físico mas em relação às pessoas que aí vivem. Compreendia que a noção de lugar se estabelecia, especialmente, a partir das relações

14 Neste artigo a autora discute os tradicionais indicadores utilizados para medir qualidade de vida e propõe novos e alternativos.

15 Uma das técnicas de avaliação de qualidade ambiental chamada de PEQI (Perceiving Environmental Quality Index) admite uma medida quantitativa de qualidade de um lugar físico.

16 Muitos são os estudos que discutem a noção de bairro, entre eles (Park, 1990, Moles e Rohmer, 1972, Ledrut, 1968, Mayol, 1980, Noschis, 1984, Lefèbvre, 1970 apud Blanchet, 1993.) No entanto não vejo como necessário ajustar minha pesquisa dentro de

afetivas. Atualmente entende-se que o contexto sócio-ambiental contribui para o processo de interação, considerado como construção erguida a partir das formas de vida. Destacam certos elementos finalizando por dar uma configuração específica ao lugar. De uma eleição destes elementos monta-se um quadro, onde eles são avaliados e contrastados com as maneiras de ser e, com o passar do tempo, alguns elementos serão incorporados e outros rechaçados. Por esta razão determinados lugares poderão passar a ser ignorados, esquecidos. Da mesma forma, outros ambientes podem vir a ser freqüentados. Analisando-se mais a fundo construções desta ordem, tem-se em mãos dados a respeito do que leva as pessoas a transformarem determinados ambientes, tornando-os agradáveis, desagradáveis, habitáveis, valorizados, abandonados ou desprezados.

Em um trecho do depoimento de uma integrante da ONDA tem-se a combinação destes argumentos :

Eu não sei se você já tem no seu sangue aquela coisa de morar num lugar sossegado como esse, com bastante natureza, você pode fazer o seu esporte, ter uma vida sossegada e ao mesmo tempo trabalhar, progredir, estar fazendo alguma coisa, ajudando, estudando, desenvolvendo algum trabalho que você pode até aplicar depois prá comunidade. Eu acho que isso é importante hoje em dia. Aqui você tem esse campo, se tem! As coisas são mais fáceis de você chegar perto, você vê o seu trabalho na prática. Eu acho que em São Paulo se você vai trabalhar com lixo, você não tem ânimo prá trabalhar com o problema ambiental lá, porque primeiro você não vai ver quase retorno, a cidade já tá tão degradada, tudo é tão grande né, tudo impessoal. Aqui não, as coisas são mais pessoais, você tem acesso.
(Participante da ONDA)

Penso que Florianópolis, a Lagoa especificamente, atrai pessoas de outros lugares porque alia justamente estas condições. Há muitos lugares de natureza prodigiosa, mas parece haver poucos que combinam também recursos estruturais importantes para estes novos moradores. Entre eles pode-se citar escolas, universidades, serviços, possibilidades de abertura de novos empreendimentos, ou seja, um campo profissional em expansão sobretudo em algumas áreas. Na Lagoa estas áreas estão no ramo imobiliário, comércio, serviços, esportes e sobretudo no turismo. Grande parte destes setores estão nas mãos destes novos moradores. A

percepção e a valorização das características do bairro estão entre os aspectos mais destacados pelos novos moradores. A explicitação de fatores que correspondem à satisfação residencial são identificados mais facilmente entre eles que para os nativos, que sentem que a qualidade começa a se deteriorar, tendo como referência o passado vivido neste mesmo local. Stokols & Shumaker (apud: Bahi-Fleury, 1996) explicam que a adaptação de um indivíduo e sua dependência à situação residencial não será simplesmente em função do nível de congruência entre as necessidades e as possibilidades de realização destas, mas depende também da qualidade do ambiente atual comparado às experiências anteriores. Para os novos moradores, a integração, a nível psicológico, dos diferentes lugares de residência experimentados durante a vida, colabora nas representações, atitudes e afetos positivos em relação ao local atual. Já em relação aos nativos a experiência positiva vem do passado e surgem daí algumas dificuldades de integração, como temos visto.

“...quem não quer vir morar na Lagoa? Todo mundo quer.” Avalia um nativo, clarificando a intenção dos novos moradores. Os nativos somente falam em qualidade de vida quando referem-se à vida buscada pelos outros moradores. É notável para os antigos moradores que a meta desses, ao instalarem-se na Lagoa, é em grande parte, a busca de qualidade de vida. Por morarem na Lagoa desde que nasceram não fazem uma avaliação/comparação com outros locais, o que está presente para os que vivem atualmente, ou que planejaram mudar-se para um lugar com características consideradas mais positivas. As aspirações dos nativos são contudo de outra ordem, não estão à busca de algo que não mais encontram no lugar de origem, buscam garantir elementos do passado. São nostálgicos, falam emotivamente das perdas, dos medos, da necessidade de preservação, de garantir algumas características, quando olham outras já perdidas, sejam elas sócio-culturais ou ambientais. Os nativos condicionam muitas destas perdas às novas ocupações. Chamam a atenção para os impactos e a responsabilidade dos novos moradores. Relembrem e avaliam como nesta fala:

...naquela época existia 20, 30 casas. Então aquele esgoto que era jogado não fazia nenhuma diferença no sistema da Lagoa. Essa situação atual chegou exatamente

porque essas pessoas que vieram de outros estados morar na Lagoa, atrás de uma qualidade de vida, causou esse impacto todo. Eles são bem vindos mas eles tem uma responsabilidade muito maior do que aqueles que nasceram aqui...pelo conhecimento de causa e pelo fato de eles virem atrás de uma qualidade de vida.
(Membro da AMOLA)

É verdade que para a maioria dos que vem de fora, para quem não nasceu na cidade, a vida que buscam já não existe mais nas cidades donde partiram. Nas entrevistas testemunhei depoimentos que expressam com emoção tal frustração e desejo. Esses fatores positivos são buscados junto ao novo local de moradia e às novas oportunidades de trabalho, muitas vezes, também já esgotadas nas cidades de origem. Por exemplo, os novos comerciantes da Lagoa trazem, junto às suas aspirações de nível pessoal ou familiares, projetos profissionais que esperam dar conta ao aí se instalarem, seja para si ou para seus descendentes. Já os amantes de esportes náuticos aguardam a oportunidade de usufruir cotidianamente da lagoa ou do mar das proximidades, a fim de praticá-los, entre tantos outros sonhos. Parece evidente que para este grupo a qualidade de vida esteja ligada também aos recursos estruturais, tais como vias de acesso, suprimentos, serviços, já que são pessoas provenientes, em sua maioria, de centros urbanos do país, onde há disponibilidade de bens e serviços para quem tem renda para usufruir. Sabe-se que parte destes novos moradores já não possuíam uma boa condição de consumo no lugar de origem. Vêm em busca de emprego nos diversos setores que se ampliam como restaurantes, hotéis e comércios em geral.

Neste momento, recorro-me das palavras de alerta de Levy-Leboyer, já em 1977, ao se referir às pesquisas consagradas às necessidades ligadas ao ambiente social e àquelas que estudam as relações entre os processos motivacionais e o meio ambiente físico. Diz ela: “É evidente que tais pesquisas não deveriam se limitar ao estudo das necessidades e dos valores individuais mas visar igualmente as diferenças entre grupos sociais, assim como a maneira com que as hierarquias de valores se constroem e evoluem no tempo.” (p.88) De fato os dois grupos de moradores estudados não possuem uma história comum ligada ao bairro, não compartilham o mesmo passado ambiental e, também por isso, os significados em relação ao meio se

manifestam diferentemente, até mesmo através de organizações espaciais distintas. Cada símbolo (cor, material etc.) contém uma idéia que o representa e tem uma função comunicativa que é compartilhada no interior de cada grupo e que, muitas vezes, é incompreensível para os outros que estão fora, noutra grupo. Ao olhar uma das fotografias do Grupo 02 do Painel (anexo 03) uma nativa entrevistada relembra saudosa do passado e, ciente da atual realidade, diz:

...isso aqui é a perfeição! são fotos que ainda te mata saudade do que era a Lagoa antes...aquelas coisas bem características, o estilo da casa, apesar de ter uma parabólica. (Membro da AMOLA)

O meio pode vir a ser estruturado e organizado numa espécie de comunicação não-verbal e as formas dadas a certos elementos (tamanho de janela numa casa, por exemplo) serem a expressão de uma cultura e da vinculação desta àquele tipo de comunicação. Podemos pensar então que ao se falar em qualidade de vida ou em satisfação residencial é importante levar em conta tais interveniências.

Em contraste pode-se observar nas fotografias dos Grupos 02, 03 e 07 dos Painéis as casas típicas dos antigos e novos moradores (anexo 03). Certamente já se encontram casas que fogem desta tipicidade, onde se entrecruzam modelos e gostos. Talvez os anos farão sumir as casas típicas de pescadores, mas certamente as desconhecidas características naturais da região também já fizeram muitos novos moradores modificarem os projetos iniciais, idealizados sem conhecimento preciso dos fortes ventos, que fizeram *visita-surpresa* em muita residência.

Penso que a forma de construção das casas denota em certa medida a relação entre o espaço público e o privado destes moradores. O costume nativo de não cercar seu terreno, como já vimos anteriormente, representa a ausência de limites físicos de propriedade. Creio que a forma como planejam sua residência também é um símbolo desta maneira de ser. Diferentemente das casas dos novos moradores, estas não possuem grandes janelas e aberturas para o exterior, também por não serem casas grandes não tornam essa escala possível. A altura das janelas permite que as senhoras

ali se debrucem para conversar com as vizinhas, já que não há cercas ou muros altos, como em grande parte das residências dos novos moradores. Veiga (1993, p.184) relata as primeiras edificações de Desterro ainda no século XVII: “as casas mantinham uma interessante relação com a rua, que se expressava na própria fachada, onde os sinais mais dinâmicos se limitavam às toscas aberturas, vedadas com madeira maciça.” As famílias antigas ainda costumam, em noites quentes, sair nas calçadas com as cadeiras da cozinha para ali conversarem. As casas apresentam uma continuidade com o espaço público. O acesso casa-rua é muito próximo. Há pouca vida social no interior das casas dos nativos, eles a vivem no exterior, no jogo de dominó, na calçada, na rua, nos botecos, nas compras, na igreja, nas festas religiosas ou tradicionais como a brincadeira do boi, por exemplo. Um dos nativos aponta para a realidade atual contrapondo com o passado. Naquele tempo diz ele:

Quando queria mudar o rumo a gente podia ir pela praia, todo mundo andava pela praia. A gente quase dava a volta, corria muito a parte da lagoa dando volta pela praia, e hoje são praias praticamente particulares, que tirou esse direito da gente de passar pela praia, mas isso aqui me assusta, essa ocupação de beira de praia, geralmente se deu com o pessoal que vieram morar na Lagoa, porque a comunidade de açorianos se desenvolvia em volta da igreja, na beira da praia só tinha rancho de canoa só, ninguém vinha morar na beira da praia. Mais tarde, nos anos 60 é que começaram a construir na beira da praia, compraram os ranchos de canoa, compraram terreno dos nativos. (Nativo, integrante da Fundação Lagoa)

A fotografia apresentada a seguir registra o que seja uma provável manifestação contra o tipo de uso da beira da lagoa:



Muro pichado localizado na beira da lagoa

As diferenças na forma de organizar a vida doméstica e a social, como vínhamos vendo, é contrastante entre os dois grupos. Os novos moradores, diferentemente dos nativos, vivem parte de sua vida social no interior de suas residências. Projetam suas casas com grandes aberturas envidraçadas, varandas de onde contemplan a natureza ou recebem familiares e amigos reservadamente, em privacidade. Poder-se-ia talvez classificar como um expoente do individualismo, advindo das transformações que ocorreram historicamente na relação entre o público e o privado nas sociedades ocidentais. As novas formas de considerar o sujeito e sua subjetividade onde o “nós” foi rejeitado da dimensão subjetiva. Ariès (1973) demonstra com maestria como se deu a construção da nova privacidade da família burguesa, onde o público passa a ser um espaço à parte, de fora, da rua diria Da Matta (1990). As representações picturais da família até o final do século XVII a mostravam numa intimidade vivida publicamente, onde o público não é o espaço do outro, como diz Jovchelovitch (2000). Entretanto esta autora alerta também que, além da transferência da intimidade para dentro do círculo familiar, as transformações que ocorreram no próprio espaço público (na estrutura urbana e nos meios de

comunicação e transporte) contribuíram para o surgimento e sedimentação do individualismo e a substituição da mediação social vivida fora da casa pela mediação contemporânea experienciada através dos meios de comunicação.

Vejamos a comparação que faz uma nova moradora:

...às vezes, as construções dos nativos não tem uma arquitetura mais adequada com a região. Eles constróem aqueles caxotões. Nas Rendeiras se vê um monte de construçõeszinhas, de pousadinhas que fica uma coisa meio fora da estética do lugar. Mas isso aí também não tem como controlar porque ele tem o terreno, ele constrói o que ele quer né. Não que o outro seja melhor, não que um paulista, um gaúcho, faça a coisa melhor, às vezes eles também fazem um monte de coisa que não tem a ver com o lugar, mas eu acho que a gente tem um pouco mais essa noção de, até de arquitetura, de bolar uma coisa, tem mais acesso a informação e, de repente contrata o arquiteto que vai fazer uma coisa mais integrada, eu acho isso importante. Acho que aqui na Lagoa as pessoas tinham que pensar nisso, de repente o cara constrói um caxotão que não tem nada a ver com o lugar, destoa, eu acho que isso é uma coisa que parte mais de estética mas que conta né...uma das poluições é a visual e a gente tem que tomar cuidado também com esse tipo de poluição, e a Lagoa, acho que visualmente ela já tá bem, já cresceu bastante.
(Participante da ONDA)

Tal depoimento indica uma opinião bastante partilhada no bairro. Os novos moradores costumam criticar a arquitetura dos nativos comparando e valorizando seus modelos. Quando fala de integração, subentende-se que se refere à integração da casa à natureza: “...vai fazer uma coisa mais integrada...a Lagoa, acho que visualmente ela já tá bem, já cresceu bastante.” Esta evolução é creditada aos projetos trazidos pelos moradores mais recentes. Integrar-se à natureza nesta visão é colocá-la mais possível dentro da casa. Como já vimos, para os nativos esta integração não está na casa mas na forma como vive o entorno, a ausência de barreiras e fronteiras entre a casa e a natureza, a rua, a lagoa, o mar e as pessoas.

Os “caxotões” que a entrevistada se refere são encontrados em várias escalas. Desde o pescador que abriu um pequeno comércio, tornou-se dono de restaurante até grandes empresários, nativos, mas não manezinhos no sentido original de quem nasceu no interior da ilha, mas manezinhos urbanos que constróem para especulação

imobiliária. Entretanto muitos prédios são propriedade de empreendedores de outros estados que se instalaram na Lagoa. Este tipo de construção vincula-se à valorização e uso de estruturas modernas, como alumínio, cores claras, pouca madeira e que representam para alguns nativos e novos moradores a modernidade, o urbano. A comparação entre os modelos arquitetônicos ancora-se principalmente nas novas construções, onde há bastante presença de madeiras (a maioria vinda da região norte do Brasil, diga-se de passagem), pedras, tijolos aparentes e que, ao serem instaladas, não destruíram excessivamente a mata nativa da área. Há que se considerar também que o estilo rústico, apesar de aparência menos vistosa, imprime muitas vezes um custo mais alto à obra.

Estes símbolos indicam, com certeza, formas de pertencimento ao local de moradia e que são distintas para cada grupo. Este conjunto de sistemas simbólicos comunicam um estilo de vida, comportamentos, papéis sociais, uma identidade de lugar própria. O elemento construído comunica por certo uma função da própria cultura. É importante saber que os processos perceptivos e apreciativos desenvolvem-se no domínio do meio ambiente e, nesta apreciação o sujeito é o centro da relação estabelecida com o espaço de vida. (Bernard & Gottesdiener, 1982) O passado de habitante, os projetos atuais e os papéis que desempenha fazem com que o ambiente não se reduza a um simples conjunto de propriedades físicas. Como nos fala um novo morador:

...quem mora na Lagoa sempre encontra pessoas, turistas chegando, descendo o Morro da Lagoa, eles param só pra tirar fotos, porque é super legal chegar na Lagoa, é lindo demais, o ar é diferente e é legal isto.. os que optaram de morar aqui, que compraram casa, construíram casa, outros só alugaram casa, agora tem interesse de proteger a melhor qualidade de vida daqui. (Integrante da Fundação)

Amérigo e Aragonés (1997), a partir da contribuição de diversas referências da literatura na área, organizam um quadro de determinantes de satisfação residencial distribuídos entre aspectos subjetivos, objetivos, sociais e físicos que se entrecruzam. Por consequência indicam um conceito multidimensional que não dá ênfase especial a um destes aspectos em particular. A partir de variáveis pessoais, sociais e culturais os

sujeitos avaliam aqueles aspectos do ambiente, muitas vezes comparando-o com um idealizado. Lembro novamente de Bernard & Gottesdiener (1982, p.178) quando indicam a importância do retorno ao passado na percepção avaliativa, onde afirmam que "...a avaliação é raramente direta; ela é mais freqüentemente salientada em relação à outra coisa." Canter & Rees (1982) propõe também um modelo multivariado para estudar a satisfação residencial que agrupa diferentes aspectos de outros estudos. Para eles a avaliação de um local de moradia reflete a possibilidade deste atender aos objetivos do sujeito que por sua vez dependem tanto das pessoas, quanto do ambiente físico que o compõem. A partir de análises gerais e detalhadas deve-se avaliar as *facet*as da interação com seus três componentes: o nível de interação, o referente e o enfoque. Outros enfoques ainda poderiam ser citados, mas a maioria deles tem tratado de uma ou outra maneira de quatro aspectos que incidem sobre a satisfação ambiental: atributos do meio (físico e social: qualidade e valor da casa, entorno), percepção de atributos (segurança, extensão de área, sentimento de comunidade) interação social (laços familiares e de amizade) e características pessoais (tempo e residência, estado civil e familiar, apego social, classe social, raça e etnia).

Parece-me que, devido às inúmeras características do espaço (inatas ou transformadas) já descritas neste trabalho, a Lagoa da Conceição possui um ambiente físico e social capaz de oferecer respostas às demandas dos seus moradores que, por fim, sentem-se satisfeitos com seu local de moradia, imprimindo um valor positivo em termos de qualidade de vida. Mas entretanto esta satisfação certamente está, para todos os entrevistados indiscriminadamente, ameaçada e, por esta razão ela é vinculada à participação e à luta para garantir a qualidade de vida do bairro. O evento promovido por vários grupos em homenagem à lagoa, no Dia das Mães, configura-se num bom exemplo de engajamento coletivo pela preservação dos recursos naturais locais. Em anexo encontra-se o convite afixado em diversos lugares e um recorte do Jornal da Lagoa que mostram um pouco desta manifestação, que qualifico como um bom exemplo de apego ao local de moradia.

Na fala seguinte vê-se a ocorrência da inclusão de elementos da natureza do bairro como valor atrativo e de satisfação para esta moradora engajada:

Ah, a Lagoa assim é uma coisa que me puxa prá cá, não sei porque, tem uma coisa assim de beleza, mesmo o próprio estilo de vidinha aqui eu acho muito gostoso, parece uma vilinha né? Fora de temporada é muito sossegado, você conhece todo mundo, é aquela coisa bem de cidadezinha do interior, uma vida de certa forma pacata né? De você de repente entrar numa associação dessa, na ONDA por exemplo, você sente que pode ajudar dentro dessa comunidadezinha da Lagoa. Comunidadezona que já tá bem grande, mas você sabe que também pode dar uma participação, uma contribuição e ver resultado. (Participante da ONDA)

A inter-relação entre o sujeito e o meio ambiente, entendida como um processo de duas vias, prevê que a modulação que o sujeito impõe ao meio terá um efeito sobre ele. Se pensarmos a Lagoa enquanto um cenário físico sob o qual processam-se interações sociais podemos indagar que tipo de sujeitos e que ambiente vem sendo produzido a partir daí. Ou mais especificamente, sabendo que com o fruto destas interações tem-se uma identidade individual e social com o lugar, pode-se verificar que os moradores da Lagoa construíram ou encontraram espaços que reconhecem como seus. Ainda mais, que a relação espacial dos indivíduos resulta de um processo dialético no qual intervêm representações diversas, perpetuadas ao longo do tempo ou mesmo as recém construídas.

A partir da contribuição destes aportes teóricos para a análise do viver na Lagoa pode-se, a princípio, pensar que determinado espaço é avaliado desde o nível mais concreto até o mais abstrato, desde as condições objetivas, materiais, até as mais subjetivas e ideais, do político, social, cultural até o funcional, formando por fim um território cotidiano ou *do cotidiano*, lembrando o título do livro dirigido por Guy Di Méo (1996).

Sem dúvida, as preferências sociais ou espaciais se encontram, para a maioria da população brasileira, determinadas pelas forças econômicas e políticas, onde não há lugar para qualquer avaliação de tipo psicológica que atenda a critérios de satisfação. Mas sempre haverá uma comparação do local onde vivem com critérios

estandardizados. Frequentemente parecem estar mais satisfeitos os indivíduos que integram-se a um processo de participação social, no sentido de que através desta poderão chegar à realidade almejada. E, essa é uma das dimensões do viver na Lagoa.

Conclusivamente, pode-se dizer que a apropriação do território, para estes moradores, é expressa pelo investimento afetivo ao lugar, sobretudo ancorado na valorização dirigida aos recursos naturais, em especial ao conjunto lagunar. A construção da identidade sócio-espacial se concretiza numa escala de práticas cotidianas, se especifica ao mesmo tempo que se funde nos dois grupos. Pertencer ao lugar não é tão nítido para os novos moradores como para os nativos, mas como lugar de referência produz satisfação e qualidade de vida a ambos. O sentimento de pertencer ao lugar para os novos moradores expande-se da casa para o coletivo. Se estas duas zonas confundem-se para os nativos, começam a surgir novas zonas de ligações para os de fora. O sentimento de pertencimento faz com que esses novos moradores adotem a postura de proteção do entorno num movimento de apropriação semelhante ao intra-muros de suas casas. O jardim a ser cuidado amplia-se para a calçada, muros, postes, mata, lagoa. Noto que se distanciam da idéia de ser “cidadão do mundo”. Parece que, apesar da mobilidade atual permitida pelos rumos da globalização, o ser humano precisa sentir-se *de alguma parte* para ser reconhecido.

3. 4. O MEIO AMBIENTE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

A natureza tem uma maneira muito simples de nos espantar: é fazer as coisas grandes (...) mas, por mais que a natureza faça coisas grandes, o homem imagina facilmente coisas ainda maiores.

(Bachelard, 1996, p.132-133)

A problemática discutida nos dois itens que seguem abaixo contempla aspectos da relação dos moradores da Lagoa com o espaço físico, suscetíveis, por sua vez, de apropriações que repercutem e advêm das representações sociais do meio ambiente dessa população. Num primeiro momento, analiso como os elementos naturais e arquitetônicos, presentes na paisagem local, modificam ou transformam a

relação humana com o meio ambiente. Essa análise é feita a partir dos aportes teóricos advindos dos estudos dirigidos por Ratiu, Moser, Ramadier, Pol, Valera e Vidal, aliando-os às contribuições de estudiosos como Milton Santos, especialmente na definição do conceito de paisagem. Assim como Bley e Lago, M. alertam para os comprometimentos de um certo tipo de turismo que busca “aproveitar” essas qualidades naturais. Novamente a história de Florianópolis torna-se presente a fim de clarificar as representações da paisagem que entram em cena na construção de identidades, conceito buscado em Costalat-Founeau e Jodelet. Especialmente com Proshansky abordarei a dimensão ambiental da identidade. Num segundo momento será feita uma pequena descrição das características ambientais da Lagoa, exaltando-se elementos que figuram no discurso dos entrevistados e que vem sendo alvo de conflitos, sobretudo firmados sobre os estilos de vida de cada grupo.

3. 4. 1. A paisagem da Lagoa: construção de uma dimensão sensível-simbólica

Objetivamente falando, as características morfológicas de um lugar são captadas pela percepção em função de particularidades de determinadas operações fisiológicas humanas, assim como das condições ambientais e da estrutura configurativa do espaço. Entretanto a comunicação deste ato perceptivo vai depender também de componentes psicossociais, não tão facilmente detectáveis como os anteriores. Esses irão possibilitar a decodificação das informações que, finalmente, transformam o que se vê em significados. Tal “engenhosidade” humana torna a percepção um fenômeno culturalmente definido. Em se tratando de percepção ambiental esta poderá ser definida como um “processo a partir do qual se organiza e interpreta a informação sensorial em unidades significativas para configurar um quadro coerente do entorno ou de uma parte dele.” (Pol et al, 1999, p.326) Dentre as abordagens teóricas disponíveis na literatura, a perspectiva Transacional, desenvolvida pela psicologia ambiental, pressupõe uma relação bidirecional entre os atributos ambientais e a experiência humana. Comporta uma interpretação ambiental particular que ultrapassa a dicotomia objetivismo/subjetivismo. Segundo Jodelet, esta tendência

“...implica a abordagem do social de duas maneiras: O meio ambiente torna-se ‘sócio-físico’, o indivíduo ‘sujeito social’.” O meio ambiente não é visto como um conjunto de forças, mas como um produto material e simbólico da ação humana.

Ao se trabalhar com a relação indivíduo/sociedade/meio ambiente freqüentemente encontram-se confusões entre os conceitos de percepção e representação, que são tidos como processos psicológicos similares. Isto ocorre, segundo Ramadier (1997), devido à dificuldade de isolar um processo do outro, o que enfatiza o indivíduo como um sujeito social que seleciona e organiza impressões e informações disponíveis. Entretanto lembra o autor: “...o espaço não é unicamente estruturado segundo um sistema de significações socialmente determinados que será independente de uma realidade espacial. Ao contrário as significações elaboradas contribuem para ajustar o espaço representado ao espaço objeto.” (p.341). Kohlsdorf (s/d), baseando-se em estudos piagetianos, afirma que na noção de espaço há apenas duas referências cognitivas universais, são elas: a relação topológica e a perspectiva. A primeira dá a noção da posição do observador em relação aos limites do espaço e a segunda organiza a cena no campo visual.¹ Locais que possuem tais referências deveriam ser eleitos como “patrimônios”, já que são reconhecidos por todos. Para a autora a especificidade deste tipo de local revela seu valor, deveria ser guardado como fonte de preservação da memória coletiva de um povo. Seu valor está na sua identidade, no que o torna único na história. Descaracterizá-lo ou ser irresponsável quanto à sua manutenção deveria ser visto como um crime. Para ela:

O caráter inconfundível de um lugar faz o sentido de sua preservação, e esta passa a ser inquestionável porque gerações presentes e futuras têm o direito de receber informações sobre memória dos grupos sociais inscrita no espaço. Ele participa de nossa história, cujo conhecimento estabelece condições afetivas para a formação da cidadania através do reconhecimento do fazer humano progresso. Os lugares estão em nossa memória e identidade, as quais passam pela trama das relações sociais, compartilhando códigos e sendo simultaneamente afetividade na lembrança do passado.

1 A partir destas características Kohlsdorf constrói a Técnica de Análise Sequencial para representar qualitativa e estatisticamente os atributos universais que o espaço apresenta à percepção. Para a autora estes atributos oferecem traços identitários à nossa percepção e deveriam ser preservados.

A cada dia a civilização ocidental sobretudo, se convence mais de que ganhou em progresso e perdeu em outras dimensões da vida. A paisagem é uma delas. Enquadrada dentre tantas outras perdas, que lamentamos a cada dia, caracteriza um dos aspectos da relação sociedade/natureza. Como para acompanhar estas mudanças, o entendimento do termo paisagem também evoluiu como advertem Ratiu e Moser (1996). Encontra-se atualmente o termo *paisagem urbana* sem sequer fazer referência aos conceitos de natureza ou natural, como anteriormente. Mas de qualquer lugar que se esteja falando, por certo não se pode negligenciar as propriedades intrínsecas e contextuais de um espaço quando se busca compreender o processo de identificação com ele. Em se tratando do valor estético de uma paisagem distinguem-se os valores subjetivos e os objetivos, as valorizações particulares ou as amplamente apreciadas e monetarizadas.²

Permeia nosso entendimento da questão que a qualidade do belo ou é dependente de referenciais pessoais, culturais e sociais ou, em oposição, é algo apreendido imediatamente sem que necessite de reflexão. Sem dúvida Kevin Lynch (1998) é um dos nomes mais respeitados em estudos de percepção ambiental da chamada paisagem urbana. Para ele os atributos do meio ambiente, seja ele natural ou construído, influencia a percepção visual do indivíduo, formando imagens compartilhadas pela população. É importante e necessário desmembrar a dinâmica constituída na combinação entre a herança e a mudança que comanda a percepção dos lugares e as práticas e, explicar as relações que os sistemas sócio-espaciais delimitados, como no caso da Lagoa da Conceição, estabelecem com outros espaços. Entendo que é a partir do processo de apropriação e identificação que uma paisagem particular como essa é avaliada por seus moradores.

Num exemplo de integração de significados constrói-se a relação sujeito/meio ambiente, sendo mais fácil encontrar traços de identidade e afinidade de que impressões consistentes. Um bom exemplo são os trabalhos de Moser (1988; 1992)

2 Henri Acselrad (2000) discute no seu artigo a proposta de considerar o meio ambiente como capital a fim de, mesmo em nome do interesse privado, conseguir respeitar os ritmos da natureza.

sobre o *stress* urbano. Os resultados demonstram que a percepção de um estímulo físico é modulada mais pela avaliação individual do estímulo que pela intensidade física. Ou ainda tem-se tantos outros trabalhos (Aragonés & Américo, Bahi-Fleury, Blanchet, Di Méo entre outros) indicando que um lugar pode se apresentar com características agradáveis, de prazer e realização ou, ao contrário, causar estranheza e mal estar às pessoas. A impossibilidade de apropriação de um espaço sentido como desagradável leva-o a não ser adotado e, viciosamente, não sendo personalizado não será apreciado, cuidado, preservado. Já a significação de um espaço transforma-o e, esta criação de sentido “de lugar”, é definida pelo resultado da conjugação de ações e representações tanto quanto dos atributos físicos de um espaço.

Apesar das modificações identificadas no conceito de paisagem ainda é freqüente vinculá-lo ao caráter estético, especialmente presente na percepção da qualidade visual, na apreciação de panoramas. Muitos estudos psicossociológicos demonstram como se dão estes impactos na vida humana, como por exemplo Herzog (1989), Kaplan (1987) ou Newel (1997). No Brasil este tema tem sido abordado especialmente pela geografia, onde o conceito de topofilia que se utiliza Tuan (1980) é o mais comumente encontrado.³ Este termo pretende dar conta da compreensão e aspirações do homem em termos de qualidade ambiental. O mais conhecido dos geógrafos brasileiros, Milton Santos (1986), amplia o conceito de paisagem e a define como resultante do processo histórico. A natureza está, para ele, sempre em relação às mudanças e às necessidades da sociedade. Idealiza este autor que:

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano...um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado. (p.27)

3 Em *A Poética do Espaço*, Gaston Bachelard em 1957, introduz o termo topofilia. Diz na Introdução do livro: ...pretendemos examinar imagens bem simples, as imagens do espaço feliz. Nessa perspectiva, nossas investigações mereceriam o nome de topofilia. Visam determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados. (p.19 da edição brasileira de 1993)

Se os valores e necessidades contribuem nas avaliações em relação à paisagem, pode-se pensar, de antemão, que na Lagoa encontraremos diferenças neste aspecto entre os dois grupos pesquisados. Como veremos adiante, na interação entre o morador e a paisagem local ora os interesses caminham paralelos e ora em oposição.

Primeiramente, existe na Lagoa da Conceição um quadro ecológico dotado de uma forte especificidade. Começo por descrever o acesso viário. O caminho mais comum para aí se chegar é pelo famoso “Morro da Lagoa”. No ápice tem-se uma vista geral, que oferece num primeiro plano a lagoa, seguido dos campos de dunas, ao fundo o mar, tudo isto rodeado de morros e componentes urbanos como residências, ruas, iluminação etc. Durante o dia estes elementos são envolvidos por uma luminosidade peculiar proporcionada pelos elementos naturais. Já em 1900 era admirada pelos moradores da cidade, como pode-se ver no relato de Várzea (1985). Esta idílica descrição da paisagem nos transporta para um tempo de natureza quase intocada, que pode vir a emocionar os mais sensíveis apreciadores de belezas naturais. Várzea descreve poeticamente que a Freguesia da Lagoa daquela época era:

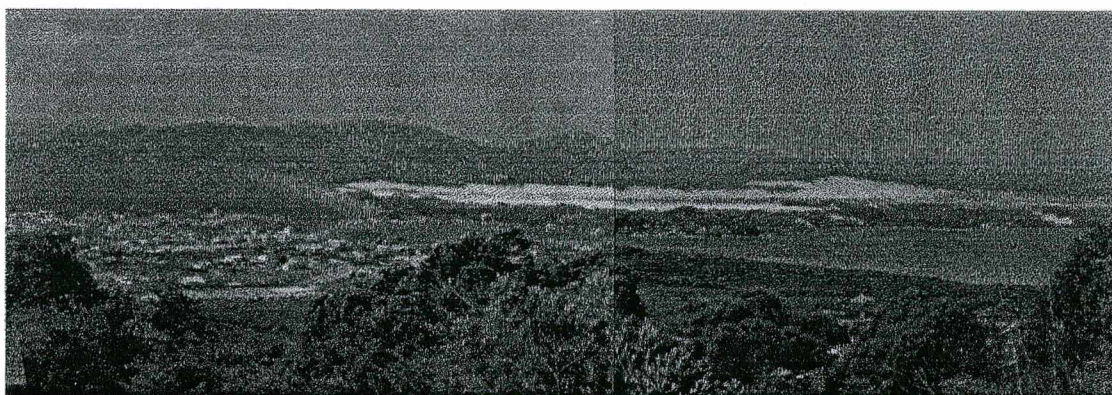
...denominada pelo morro do Padre Doutor (450 metros) de onde se descortina um dos mais belos panoramas que olhos humanos podem apreciar, panorama que atrai vivamente a atenção de viajantes, nacionais e estrangeiros, que passam ou se demoram em Florianópolis, constituindo também um encanto de seus habitantes, que, aos domingos e dias feriados, fazem da formosa localidade um dos pontos de suas excursões...o espetáculo do nascente é aí de um esplendor soberano, gozando o observador de dois efeitos diferentes de luz - um no mar, de onde o astro se levanta, abrindo escamas de ouro fulgente na crista azulada das ondas; outro na terra, pelas encostas e cômoros, em que a luz bate de cheio, enfouverando as culturas, malhando de ocre as areias, acendendo na lagoa visões de Fata Morgana⁴ sob a igualdade serena da luz, na sua majestade e grandeza, esse recanto de terras e águas que é dos mais belos do mundo. (p.92)

4 A referência a Fata Morgana remete a um imaginário local e ainda presente das bruxas e fadas, recuperado especialmente por Franklin Cascaes, que através de sua recriação artística da cultura das comunidades do litoral da Ilha mostrou o lugar de destaque destas mulheres. No livro e vídeo Vozes da Lagoa (BORGES & SHAEFFER, 1995) as autoras retratam também estas histórias e costumes. Também o livro Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição, de Sonia Maluf (1993) é outra boa referência do tema.

Abaixo apresento duas composições de imagens fotográficas, uma alcançada do alto do Morro da Lagoa em direção ao mar e outra do alto do morro da Praia Mole que, quando as fiz, recordaram-me um trecho de uma poesia de Bóris Pasternak:

O homem está mudo, é a imagem que fala. Pois é evidente que só a imagem pode acompanhar os passos da natureza.

(apud Bachelard, 1996, p.116)



Vista panorâmica do alto do Morro da Lagoa (ou Padre Doutor)



Vista Panorâmica do Alto do Morro da Praia Mole

Há certas características que fazem este espaço social local particularmente interessante para uma análise interdisciplinar. Dentro do contexto observado pode-se verificar que algumas expressões estão intrinsecamente ligadas a determinadas representações sociais de cada grupo. Entre os novos moradores estão presentes as idéias de *paraíso*, *sonho*, *natural*, *beleza*. Para os nativos estão as referências ao *mato*, *areia*, *água*, *peixe*. Estas referências dão uma noção particular de onde ancoram suas representações da paisagem. Se lembrarmos que estas não são somente conhecimentos inferidos da experiência direta e de informações disponíveis no ambiente, como também de conhecimentos que derivam de sistemas de crenças e de valores, de modelos culturais de uso e de percepção, poderemos entender que este apego a uma identidade própria pode levar a uma integração ao grupo de pertença. A identidade firma-se também em relação à diferença. Se "... as representações sociais podem ser consideradas como um dos principais geradores de tomadas de posições, ligadas às inserções específicas num conjunto de relações sociais...", como aponta Costalat-Founeau (1997, p.104), pode-se inferir que são também organizadoras de processos simbólicos que intervêm nas relações sociais dos membros dos grupos.

Como para este morador entrevistado, que vive com sua família desde 1987 na Lagoa, o apego integrou-o à vida local. Ao olhar as fotografias do Painei que retratam aspectos da paisagem, lembra:

Sim, foi uma escolha pelas condições gerais da Lagoa, né, na época a Lagoa ainda era menorzinha, o centrinho da Lagoa não tinha rua pavimentada, não tinha telefone, entrou há pouco tempo, não tinha muitas casas, era um outro esquema e a gente escolheu morar mais longe ainda, lá no Canto dos Araçás, lá no fundo onde essas paisagens, aqui, são razoavelmente... bom, essas aqui, não, mas, lá tem uma condição diferente. O Village não é, o Saulo Ramos é tudo urbanizado né. Nós, a gente acabou trabalhando em um terreno natural, a gente mora lá. No meio do mato.⁵ (Integrante da Fundação Lagoa)

Há algum tempo já se tem, a respeito da Lagoa, um discurso exterior que a vê como um lugar típico, que tem produzido uma imagem estereotipada do local. São enumerados elementos que, a partir de dinâmicas exteriores, ajudam a identidade coletiva e os modos de vida local a se constituir.⁶ Como referência emblemática da cidade e do bairro, a Lagoa ocupa um lugar de escolha na propaganda turística e no imaginário coletivo dos florianopolitanos e especialmente dos “lagoanos”. Como balneário é um dos locais da capital catarinense referenciado como símbolo da cultura popular, espelhada nas figuras da rendeira e do pescador. A natureza é admirada enquanto paisagem e enquanto bens que proporciona como os pescados, especialmente o camarão. Exemplo disso foi o que escutei de um comissário de bordo num bate-papo informal com uma turista que contava a ele que iria visitar a

5 Os Loteamentos Village I, II e III e o Saulo Ramos são locais onde predominam residências de novos moradores e se assemelham aos condomínios residenciais tradicionais.

6 As noções de modos de vida ou estilos de vida são algumas vezes utilizados como equivalentes, outras vezes não. Por certo existe uma superposição entre os dois conceitos mas a articulação entre ambos é discutível. Comumente enquanto o primeiro faz referência mais às dimensões materiais da existência, o segundo faz às simbólicas das relações e práticas. Para Bourdieu (1979) por exemplo, existe uma lógica de correspondências estruturais entre classe social e estilos de vida. Optei por utilizar o termo modos de vida, entendendo-o não como portador das condições de existência socialmente estruturadas nem a multiplicidade de situações do cotidiano, mas levando em conta as configurações estandarizadas de estratégias, de práticas e de representações que se articulam umas às outras.

Lagoa após sua estada na cidade do Rio de Janeiro. Dizia ele na ocasião: “... a senhora vai comer o melhor camarão do mundo.” Dessa forma as riquezas naturais da Lagoa da Conceição são reconhecidas muito além do local onde são encontradas. Contudo a forte identidade cultural da Lagoa não é produzida somente exteriormente. Existem processos próprios de produção e reprodução da identidade coletiva, fundada sobre redes locais de relações sociais e que são a expressão dos modos de vida e dos elementos essenciais que os constituem. Mas é importante destacar que a produção contínua de identidade cultural nem significa linearidade nem homogeneidade dos modos de vida e nem ausência de processos de mudança. Um dos entrevistados exalta os atributos da Lagoa num exemplo de orgulho do seu lugar, sem talvez se dar conta do que pode provocar ao seu modo de vida:

A Lagoa da Conceição é cartão de visita de Florianópolis. É que nem ir em Roma e não ver o Papa. A pessoa que vem a Florianópolis e não vem na Lagoa não veio a Florianópolis. (nativo, membro da AMOLA)

Jodelet (1982), em seu estudo acerca da representação espacial da cidade de Paris, mostra que esta se fixa em torno das significações sociais da “ambiance” ou clima social, do valor simbólico ou histórico dos lugares e que, por fim, vão definir a centralidade e as imagens sociais da cidade. Estas por sua vez irão determinar os conhecimentos e as preferências ambientais, assim como as escolhas residenciais.

Na Lagoa da Conceição as características ambientais e culturais ainda se sobrepõem à densidade, à intensidade e à repetição de interações cotidianas de seus habitantes. Mas o incremento na densidade populacional vem chocando tanto moradores quanto visitantes em muitos aspectos, desde a permanente sensação de estar em um canteiro de obras até os valores aplicados aos aluguéis no bairro. Estes são elevados por se beneficiarem de uma procura ainda maior que a oferta de residências. Segundo informações de imobiliárias de Florianópolis, na Lagoa estão os aluguéis mais caros da cidade. “Com o que se paga aí por uma casa simples de madeira com apenas um rudimentar banheiro pode-se conseguir um bom apartamento ou casa em qualquer parte da cidade. Mas as pessoas querem viver na Lagoa, não importando muito as condições da habitação”, argumenta um

empresário do setor. Quanto aos valores de terrenos, posicionam-na em um segundo lugar em preço por metro quadrado da cidade, somente perdendo para a Avenida Beira-Mar, local dos mais procurados pela elite econômica na capital.

O advento do turismo sazonal ou de fim de semana, que crescem a cada ano, tem preocupado a população. Ecologicamente falando os riscos vão se avolumando quando não há uma boa infra-estrutura para dar conta deste aumento populacional e quando não se leva em consideração a fragilidade dos ecossistemas da região. O que se tem impregnado à paisagem não é somente um valor estético, como indica Bley a propósito do trabalho de Lacoste (apud Bley, 1996). Há uma valorização mercadológica e lembra que, em torno de um ponto onde se pode apreciar uma bela paisagem, a tendência é acumular também a valorização imobiliária a valorização estética. Ou ainda como nos instigam à reflexão os apontamentos de Lago, M. (1996, p. 65) sobre os comprometimentos desta “atração”:

Quando o recurso sobre o qual se desenvolve a atividade turística é a paisagem, o problema se torna mais complexo. A própria urbanização que o turismo promove, com a construção das instalações necessárias ao lazer, o uso dos recursos, a concentração demográfica, constitui-se em ameaça de agressões à paisagem. Os ambientes litorâneos são particularmente suscetíveis e necessitam de proteção especial.

A natureza e os modos de vida constituem o polo central de atração do bairro tanto para os turistas quanto para os que aí desejam fixar residência. A preservação de alguns de seus recursos naturais e culturais permite uma paisagem aprazível assim como a atração gastronômica dos frutos do mar locais. O que se avalia é que este tecido social denso e circunscrito, que é a Lagoa, propicia muito além do instalar-se, muito além do local de retorno após o trabalho. As pessoas que aí vivem saem às ruas para passear, fazer compras ou utilizar os vários serviços disponíveis. Como balneário turístico e ao mesmo tempo residencial, a Lagoa configura-se hoje como o único na cidade que tem “vida própria” indo além da estação de verão. Seus bares, restaurantes, cafés, serviços etc funcionam da mesma forma em qualquer época do ano. Os efeitos destas constatações dos visitantes ou turistas reforçam a definição de uma identidade, originando informações que provocam visões positivas, que pouco a

pouco são partilhadas entre os moradores. Esta definição externa da identidade provoca uma interiorização das representações localmente partilhadas da identidade da Lagoa e auxilia certas práticas, que simultaneamente as produzem e as exprimem simbolicamente. Como já apontei anteriormente, esta produção externa de identidade não seria possível nem durável se ela não estivesse de alguma forma ancorada na identidade interna, onde os modos de vida específicos, a apropriação ao entorno, a maneira e a difusão de formas culturais são enraizadas.

No depoimento de um verdadeiro “estrangeiro”⁷, urbano que *adotou* o modo de vida local, tem-se a expressão da identidade de lugar, como diria Proshansky, destes novos moradores. Diz ele quando questionado sobre o que o impulsionou a ficar morando na Lagoa:

...eu gostei da oportunidade de morar numa casa na floresta na Lagoa...mas sem dívida eu percebi a necessidade de realmente preservar o que tinha em volta da nossa casa, o que a gente gosta. (Integrante da Fundação Lagoa)

Dentre os estudos que consideram a paisagem um elemento constitutivo da identidade do indivíduo, Proshansky (1976, 1982) ofereceu, com seu arcabouço teórico, as melhores indicações para se buscar compreender a realidade pesquisada. Nesta abordagem a paisagem é definida por um conjunto de elementos cognitivos impregnados de valores tanto positivos quanto negativos e dos papéis que o indivíduo desempenha. O desenvolvimento dessa dimensão ambiental da identidade é vinculada às etapas do ciclo da vida e à auto-estima do sujeito e é modulada pela moradia, escola e vizinhança.

Ramadier (1997, p.37), ao alertar para a existência de abordagens teóricas que confundem percepção com cognição, indica uma saída pelo postulado de que: “o indivíduo é um sujeito ativo que *interpreta* o meio com o qual interage, e *constrói* seu ambiente.”⁸ O vivido será utilizado como suporte para suas interpretações e os

⁷ Quero dizer que o entrevistado não é brasileiro.

⁸ Grifo do autor

objetivos e intenções auxiliam na construção de seu ambiente. Através da apropriação, como nos fala Proshansky, buscaremos atender estes objetivos atribuindo ao espaço características ambientais que possam exaltar nossa identidade individual, dando uma impressão de familiaridade, de controle cognitivo ao espaço.

Uma nativa evoca o passado quando olha as fotografias que compõem o Grupo 05 do Pannel apresentado durante a entrevista:

...vê olha ali na avenida, o rancho que foi modificado. Essa ponta aqui, tem essas casas que também já existiam, apenas foram um pouco restauradas. Mas são todas de moradores dessa região. Esse cantinho aqui é bem original...quando eu era criança o turista vinha me pegar aqui em casa me levar prá praia, tirar esse tipo de foto...eles vinham em casa, pegavam as almofadas de renda. (Membro da AMOLA)

As nuances representacionais entre os dois grupos pesquisados, como veremos adiante, parecem estar vinculadas à diversidade dos modos de apropriação do espaço, ou seja da relação que cada grupo estabelece com o meio ambiente. O *sujeito social* que, para Jodelet (1982), interioriza valores socialmente elaborados explica esta emergência variável pois, a representação do meio ambiente depende das experiências culturais passadas, assim como das intenções e motivações dos sujeitos. O indivíduo atribui aos lugares características simbólicas, que por consequência revelam o tipo de relação estabelecida. Para Bachelard (1996, p. 19) “...as imagens não aceitam idéias tranqüilas, nem sobretudo idéias definitivas. Incessantemente a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens.” Ou quanto à ação valorativa afirma que: “os valores deslocam os fatos. Desde que amamos uma imagem, ela já não pode ser a cópia de um fato.” (p.112) O meio comporta códigos ou signos dispostos pela cultura que serão apropriados pelos sujeitos e que, por sua vez, os transformam à medida que os adotam, por esta razão as representações também podem variar no interior de um mesmo grupo.

3. 4. 2. A apropriação multidimensional dos recursos locais

Um lago é o traço mais belo e expressivo da paisagem. É o olho da terra, onde o espectador, mergulhando o olhar, sonda a profundidade de sua própria natureza. (Thoreau, apud Bachelard, 1996, p.213)

Enaltecida por tantos pela beleza e importância ecossistêmica, as águas da lagoa têm sido ao mesmo tempo temidas devido aos problemas de poluição. No entanto o conjunto paisagístico da região é reconhecido como nesta afirmativa: “A Lagoa da Conceição e suas águas constituem as maiores atrações turísticas da Ilha de Santa Catarina” (Barbosa, T. & José, 1998, p.150) O conjunto de canal, lagoa e rios formam a chamada Bacia Hidrográfica da Lagoa. A extensão aquática de água salobra liga-se ao mar por um canal estreito de aproximadamente 20 a 40 metros de fundo e margens com 2,5 Km de extensão, fator que favorece sua salinização. Deve-se à ação das marés e dos ventos freqüentes a circulação, oxigenação e renovação de suas águas. As montanhas ao redor oferecem água doce de rios que ali desembocam tornando a composição da água meio salgada meio doce. Esta concavidade acumula águas superficiais e subterrâneas da região. Devido ao distanciamento do canal da Barra, a lagoa pequena ou de baixo, que banha o Canto da Lagoa e o Porto da Lagoa (toda a extensão da Avenida Osni Ortiga), têm apresentado os maiores problemas ecológicos aparentes com a acumulação de matéria orgânica. De modo geral pode-se afirmar que a deterioração ambiental da Lagoa da Conceição vem se agravando nos últimos anos, devido especialmente a um processo de urbanização tanto desordenado quanto acelerado. A falta de planos e diretrizes para a região segue a mesma ordem do resto da cidade de Florianópolis. Muitas são as pesquisas que vêm alertando para a necessidade de planejar a cidade de forma integrada, onde a preocupação com o meio ambiente seja a linha orientadora do processo. (Guimeno, 1992; Albuquerque, 1986; Herrmann, 1987; Rial, 1988; Rodrigues, 1990; Veiga, 1993; Kuhnen, 1995; CECA/FNMA, 1996; Hauff, 1996; Lago, 1996; Lago, 1996; Barbosa & José, 1998; Alexandre, 1999; Grupo do lixo, 1999; Menezes & Santiago, 2000; Fantin, 2000; ABES-SC/CREA/SC, 2000 entre outros)

A significação dos atributos físicos e estruturais do espaço conferem à Lagoa a denominação de um território existencial, ecológico e organizacional bastante positivo, que permite o acesso a um determinado estilo de vida. Para seus moradores o lugar não se define somente em termos de eficácia, mas em função de suas qualidades ligadas aos valores simbólicos e à afetividade. A qualidade do ambiente é sobretudo avaliada segundo critérios ligados à riqueza e à complexidade das significações simbólicas e sócio-culturais que lhe são impregnadas. De fato, na Lagoa o espaço e os objetos adquirem significados sociais, segundo uma dimensão temporal e por intermédio de experiências individuais e coletivas, como veremos em seguida. Ao relacionar os recursos naturais e estruturais locais percebo que se pode qualificá-la, até certo ponto, dentro do que Lynch (1998) e outros chamaram de *paisagem urbana*.

Admitindo-se que a atividade econômica e a vida cotidiana estão na origem do impulso humano dirigido à busca de recursos, de bens materiais para manter-se, vemos que a procura destas necessidades no ambiente tem por finalidade, em primeiro lugar a sobrevivência e em segundo o bem estar. O ambiente é entendido aqui como o entorno que apresenta possibilidades de troca material e energética com o qual o ser humano mantém uma inter-relação. Quando o bem estar distancia-se muito da sobrevivência, freqüentemente começam a aparecer os problemas de exploração exagerada dos recursos e a produção exacerbada de resíduos. A estreita dependência da natureza deveria fazer com que a humanidade se preocupasse mais com sua preservação, já que dela depende. O que é certo é que um impacto ambiental será, ao final das contas, sempre um impacto sócio-ambiental.

Sobretudo após a ocupação da Ilha pelos novos moradores é que se começa a presenciar conflitos no processo de uso e ocupação do solo. A crescente valorização, por este grupo, das regiões distantes do centro da cidade atinge o modo de vida das comunidades tradicionais. Esta nova redefinição do espaço provocou uma série de problemas já descritos em vários estudos. (Lago, 1996 ; CECCA/FNMA, 1996; Bastos, 1993) Resumidamente, pode-se dizer também que as transformações no mundo do trabalho repercutiram sobremaneira no modo de vida destes primeiros

moradores. A venda das terras e a chegada da estrutura urbana distancia-os das típicas formas de produção, como a pesca artesanal, a agricultura, a produção de artefatos, farinha e derivados da cana-de-açúcar como o melado, a cachaça etc. Estes e os seus descendentes começam a ganhar a vida com o aluguel de suas próprias casas aos turistas, ou de casas construídas para este fim, abertura de empreendimentos, trabalhos temporários na estação e prestação de serviços aos novos moradores e turistas. As facilidades advindas com a expansão urbana oportunizou a muitos jovens buscar empregos e estudar no centro da cidade.

Comparando os conteúdos das categorias de análise, retiradas do discurso dos nativos, vê-se que ao falarem dos recursos naturais conectam-nos aos recursos estruturais. Quando fazem referência aos recursos naturais vinculam-nos às possibilidades e à falta de estrutura no bairro. As argumentações repousam sobretudo na falta de infra-estrutura para o atendimento ao turista e nos problemas que entendem serem provocados pelas novas ocupações e novos hábitos que, finalmente, incidem sobre os recursos naturais, sobretudo a vida marinha da lagoa e a paisagem.

O discurso da falta de infra-estrutura para atender o turista é bastante corrente na cidade. Em todos os níveis e principalmente quando se discute o turismo ou quando se vive as dificuldades nos meses de verão, o assunto emerge. Entretanto a infra-estrutura mais comentada é a melhoria dos acessos às praias. Duplicações, viadutos, aterros, rotas alternativas em dunas e túneis cavados em blocos de pedras surgem como soluções apontadas para atender a enorme quantidade de pessoas que se locomovem com seus carros particulares. Entretanto o transporte coletivo continua precário, sem solução e há pouca discussão em torno da questão. Por exemplo, não há rotas alternativas entre as praias, para sair da praia dos Ingleses e ir à praia do Campeche é preciso ir ao centro da cidade. Mesmo entre praias pouco distantes, como por exemplo Barra da Lagoa e Joaquina, não há transporte coletivo de ligação entre os cinco quilômetros que as distanciam.

Há contudo uma enorme quantidade de problemas advindos da falta de infra-estrutura, que dificilmente são colocados à tona, a não ser por pessoas ou grupos

preocupados com o meio ambiente. Contrariamente às grandes obras como viadutos ou estradas, as preocupações e soluções com saneamento básico, por exemplo, tem pouca notoriedade. A falta de água nas praias nos meses de verão repete-se a cada ano. Os alertas de ecologistas da cidade sobre a depredação ambiental e cultural provocada pelo turismo é freqüentemente rebatida pela elite e pelo poder público como resultante da falta de infra-estrutura e da necessidade de investimentos que são, por fim, dificultados pelos ecologistas, apregoados como os “do contra” ao desenvolvimeto da cidade. Paradoxalmente os recursos naturais e culturais da Ilha que deveriam ser a fonte de sustentação de um tipo de turismo estão sendo destruídos. Talvez já devido à fragilidade em que se encontram, os aspectos relativos à cultura açoriana e aos vários ecossistemas locais, assim como a possibilidade do poder público “descuidar-se” das carências das comunidades, projeta-se um novo tipo de turismo para a cidade. Vê-se uma proliferação de projetos chamados de alto padrão, ou padrão internacional, instalados à parte da vida da cidade, em que seus moradores tornam-se apenas mão-de-obra para o benefício de poucos, seja em termos econômicos seja em termos de lazer e prazer de usufruir da riqueza natural da Ilha.⁹ Como já observava Mara Lago em 1996 (p.53):

A realidade da vida na Ilha não é tão idílica como a paisagem. Não o é, pelo menos, para todos os seus habitantes, e está longe de ser paradisíaca para as populações que deixam as praias em busca de ocupações que lhes permitam sobreviver, substituindo as formas tradicionais de trabalho que perderam.

A composição de Valdir Agostinho para a música intitulada Vida de Pescador transmite poeticamente a nostalgia e a perda das tradições. Transcrevo apenas uma das estrofes onde canta:

9 Já instalados temos Jurerê Internacional, Costão do Santinho, descaracterização completa da praia dos Ingleses, marinas como as da Lagoa e da Beira-Mar. O projeto Porto da Barra é outro bom exemplo, entre tantos outros. Alexandre (1998) estudou os conflitos sócio-ambientais criados pelo projeto de construção do Porto da Barra e conclui entre outras coisas que: “A comunidade de pescadores, os moradores da Lagoa e os moradores da Barra da Lagoa continuam a conviver num clima de antagonismo pouco favorável à busca de soluções negociadas e criativas.”(p.120)

.....
*hoje a vida mudou
o filho estudou
deixando a tradição
vida de pescador
uns exploram o turista
e também o artista
que tem coração
vida de pescador!
estão perdendo as
raízes
ficando infelizes
vendendo seu chão
vida de pescador
vida de pescador
o meu pai pescador
o meu irmão pescador
onde está o valor?*

Entre os moradores nativos da Lagoa encontra-se uma diversidade de ocupações profissionais que os distanciam das práticas tradicionais como a pesca, por exemplo. Há uma série de fatores que provocaram esta mudança. Creio contudo que na base está uma nova relação com a natureza, com os recursos naturais que se engendrou. O pescador vendeu o pedaço de encosta onde deixava seu barco; seus filhos não seguem a tradição; novos hábitos trazem barcos a motor para a lagoa; o pescado começa a rarear; surgem outras oportunidades de trabalho e a pesca passa a ser ocasional. E a relação com a natureza passa também de diária à ocasional, sobrepõe-se ou concorre com os recursos estruturais da Lagoa. O morador tradicional investe em estrutura para os turistas, construindo casas no mesmo terreno onde habita ou utiliza áreas da família para abrir restaurantes, pousadas e pequenos comércios. Esta prática, a exemplo das áreas de encosta no caso da pesca, leva-o a ficar sem terra também para plantar. A falta de orientação e fiscalização faz, inclusive, com que comercialize áreas consideradas de preservação. Grande parte destas terras não possuem documentação, nem mesmo escritura de posse, mas o risco dos compradores é compensado pelo valor paisagístico, pela fragilidade da fiscalização (facilidades de suborno de fiscais) e mesmo pelo valor atribuído aos terrenos para quem vem de centros urbanos e possuem uma capacidade de renda muito maior. É bastante conhecida na Lagoa a alcunha *paulista endinheirado*. Entre os

representantes dos nativos, há uma retrovisão que lhes permite identificar quem foram os primeiros a comercializar as áreas de preservação, no entanto não se encontra no discurso a identificação de co-responsabilidade pelos danos ao ecossistema. Talvez o uso (ou não) destas áreas pelos nativos não provocavam danos, mas à medida que são vendidas para pessoas que intencionam construir suas casas ou comércio esta possibilidade aumenta, tendo em vista o estilo de vida e finalmente a relação que se estabelece com a natureza. Um dos entrevistados nativos afirma categoricamente:

Foram essas pessoas que vieram, houve uma especulação imobiliária grande, construíram sem planejamento nenhum, sem infra-estrutura nenhuma, há invasão de área de APP, APL¹⁰. Não foi o nativo que invadiu. Acho que eles deviam de ter essa responsabilidade. Se eles não tem, vão ter que ter. Até porque, se eles vieram atrás de uma qualidade de vida, daqui a pouco se não procurar assumir essa responsabilidade, vão ter que sair daqui e continuar procurando porque não vai ter mais. (Membro da AMOLA)

Os representantes da população nativa concentrados na AMOLA são atentos à falta de recursos estruturais para atender turistas e a população fixa, além do acesso rodoviário. Elencam uma série de problemas de necessidades básicas como o saneamento. Mas atribuem sobretudo aos novos moradores a ocorrência dos problemas. Fazem alguma vinculação com o turismo. Esta entrevistada, que aluga casas para os turistas, aponta que:

O turismo não traz problema para o meio ambiente, ao contrário porque o turista vem visitar. O ideal seria que nós tivéssemos bem preparados pra receber bem o turista e ter o que oferecer das melhores formas possíveis, com a maior limpeza, com o melhor atendimento, a maior segurança. Agora o turista ele vem aqui e vai embora, qual o problema que ele vai causar? Ele só vai dar renda e levar boa imagem, se for o caso, não é? E fazer amizade. Eu faço amizade com os turistas que eu recebo, quer dizer, a gente conversa, troca idéia, eu fico conhecendo o país deles,

10 Segundo o Plano Diretor do Distrito Sede - Florianópolis : São considerados APP (Área de Proteção Permanente) e APL (Área de Preservação de Uso Limitado) áreas de usos não urbanos. APP são aquelas necessárias à preservação dos recursos e das paisagens naturais, e à salvaguarda do equilíbrio ecológico e, APL são aquelas que pelas características de declividade do solo, do tipo de vegetação ou da vulnerabilidade aos fenômenos naturais, não apresentam condições adequadas para suportar determinadas formas de uso do solo sem prejuízo do equilíbrio ecológico ou da paisagem natural. (p.29)

o estado deles. O turista não tem casa, o pior somos nós que vivemos aqui dia a dia. Claro que apesar do problema da droga, da segurança a gente vive mais tranqüilo de março a novembro. (Membro da AMOLA)

Outros depoimentos já incorporam uma visão crítica do turismo, como exemplifica este a seguir :

Eles deixaram a agricultura e foram prá pesca, porque a pesca dava mais. Acabou-se a agricultura, acabou-se a pesca e hoje o que quê tem? Turismo. E aí o que aconteceu da Costa da Lagoa? Fizeram uma porção de restaurantes. Hoje é um preocupação grande com respeito a isso: a sobrevivência daquela comunidade. A pesca se acabou. A agricultura não existe. O turismo? Onde é que eles vão botar esse esgoto da Costa da Lagoa? Daqui a uns anos, se não resolver o problema de esgoto da Costa da Lagoa, acabou-se também o ganha pão deles. Acabou-se os ovos da galinha de ouro. Olha, prá eles é importante porque eles ganham o seu dinherinho, tão fazendo os seus quartozinhos para alugar prá essas pessoas de fora. Tem os comerciozinhos. Prá eles é uma satisfação muito grande, só que ele não tá olhando as conseqüências que podem vir posteriormente...não tá tendo condições de pensar essas coisas. Aí cabe às Associações que fazem parte da bacia da Lagoa, a população geral se unir, chamar as autoridades, prefeito, governador, os órgãos responsáveis pelo problema do esgoto e nós vamos ter que levantar uma bandeira para resolver isso aqui. Porque eu acho que seria muito triste para Florianópolis, para o Brasil e para o mundo nós perder esse santuário ecológico que é a Lagoa da Conceição. Eu acho que gostaria um dia partir dessa vida, mas ver as pessoas, essa geração que tá vindo aí, meus filhos poder entrar na lagoa prá tomar um banho. Mas do jeito que tá caminhando a coisa não tá fácil, porque hoje a lagoa, inclusive tem alguns pontos da lagoa hoje que não dá prá tomar banho. (Membro da AMOLA)

Os novos usos da lagoa para o lazer incluem passear de lancha e jet-ski nos finais de semana, feriados e meses de verão. Entre os adeptos deste novo hábito está o morador da Lagoa e de outras partes da Ilha. São nascidos na cidade e vindos de fora. Basta passear pela beira da lagoa ou frequentar os restaurantes da Fortaleza da Barra e da Costa da Lagoa para identificar, pela maneira de falar, os vários adeptos destes esportes. Lanchas, jet-ski e os mais diversos tipos de barcos ficam ancorados nas marinas que atendem estes usuários. Especialmente as lanchas e jet-ski têm sido alvo de muitas críticas pelos ecologistas por serem poluentes, possibilitarem

acidentes em banhistas ou pescadores e serem barulhentos.²⁷ Há bastante incentivo e organização para a prática de esportes mais brandos e que não agridam o meio ambiente, como os barcos à vela, windsurf, canoagem, pescaria, natação, entendendo que estes não causam depredação da fauna aquática da lagoa. Somente o ruído provocado por jet ski e lanchas já é um enorme causador de poluição, a auditiva. A fundação da AVELISC (Associação de Vela e de Preservação Ecológica da Lagoa da Conceição) é um bom exemplo deste tipo de trabalho.

Após o Primeiro Seminário de Planejamento da Lagoa da Conceição promovido pela Fundação Lagoa constatou-se, segundo sua secretária, que:

... a única coisa que foi voto unânime foi a proibição de jet-ski na lagoa. Jet-ski é o caos, porque eles vão até onde tem trinta centímetros de água e detona toda a lagoa com aquelas turbinas, toda a turbulência e óleo tudo, então as larvas de camarão, todo ecossistema, a fauna, flora que tá se desenvolvendo ali, larvas e tal é destruída totalmente. Demora não sei quanto tempo prá se depositar, formar toda uma teia viva de novo, aí vem outro cara e tom. A lagoa é um estuário, ela tem que ser respeitada como um estuário importantíssimo, dando alimento e lazer prá grande comunidade e garantido vida nela. (Integrante da Fundação)

Os nativos também observam que:

...esses jet-ski, eu não entendo muito, eu não sou professor, essa coisa toda, mas a gente fez algumas reuniões e algumas pessoas informadas no assunto disseram que o motor dele fica muito em cima e a larva do peixe fica na superfície da água. Então o jet-ski, quando vai, o que tem de larva de peixe, vai matando tudo. (Membro da AMOLA)

Dentro deste quadro, ao olhar as fotografias do Grupo 04 do Painel uma entrevistada se emociona com lembranças do passado. Segundo ela:

27 A toxicidade advinda do óleo dos motores e tintas anti-incrustantes de lanchas e baleeiras têm sido enfocada por muitas pesquisas no local. Pesquisadores do Centro de Maricultura da UFSC localizado na Barra da Lagoa advertem, entre outras coisas que as tintas podem afetar a reprodução de camarão e moluscos em geral, assim como o aumento no número de embarcações (forte ruído) pode causar o decréscimo da população de espécies migratórias como tainhas e larvas de camarão.

Isso aqui não tem nada a ver com a Lagoa de 20 anos atrás. A Marina aqui avançou nessa área, a chamada pontinha...isso aqui já foi, isso aqui já é uma foto que dá tristeza...essas lanchas, jet-ski, mais não sei o que...porque destrói uns quarenta por cento da pesca, então talvez até o barulho de tanta lancha, motor, tanto óleo, tanta coisa. Lógico, porque a gente quando mergulha sente o barulhinho do carro passando, da lancha, imagina os peixes! Então claro que vai destruindo...tu vê, é feio, o visual tá feio. (Membro da AMOLA)

Pode-se verificar neste último depoimento o apego ao entorno, onde a referência a certos componentes da paisagem são qualificados temporalmente. Anteriormente bela, a paisagem sofre após a inserção de novos elementos, como a Marina que é avaliada negativamente. A referência aos danos ambientais, prováveis causadores de perdas na esfera produtiva da pesca artesanal, denota indícios de identificação com o entorno e que, por sua vez, vem produzindo relações complexas e ambivalentes entre os modos de vida locais e suas dinâmicas diferenciadas.

Quanto à frequência, especialmente de jet sky na lagoa, não se sabe as razões que levam ao não cumprimento das normas de segurança e de meio ambiente. No entanto para um dos entrevistados parecem evidentes:

...é fácil tirar um pescador da beira da praia, fazer outra atividade, tirar o pessoal pobre, já que eles são os poderosos. Quem é que faz a lei, são eles, quem é que tem influência na Câmara dos Vereadores são eles, então poder econômico, é questão de poder econômico. Na Lagoa é questão de poder econômico. Só que quem tá passando por cima das dunas, não é o nativo. Até porque as atividade de lazer, de atividade econômica desse grupo, são as coisas mais simples. Já o outro grupo não, são uma coisa mais sofisticada, com mais tecnologia, mais poluente, é um grupo que tem mais. É a mesma coisa comparar os americanos, quem são mais poluidores, somos nós do sul ou eles do norte? Não, claro que os americanos do norte são muito mais poluidores do que nós americanos do sul. Esse pessoal também é muito mais poluidor que o pessoal que estava morando aqui. (Nativo, integrante da Fundação)

O mesmo morador vai relativizar quando fala em *agressões a miúdo*. Para ele, nestes casos, o nativo é também um pequeno agressor do meio ambiente:

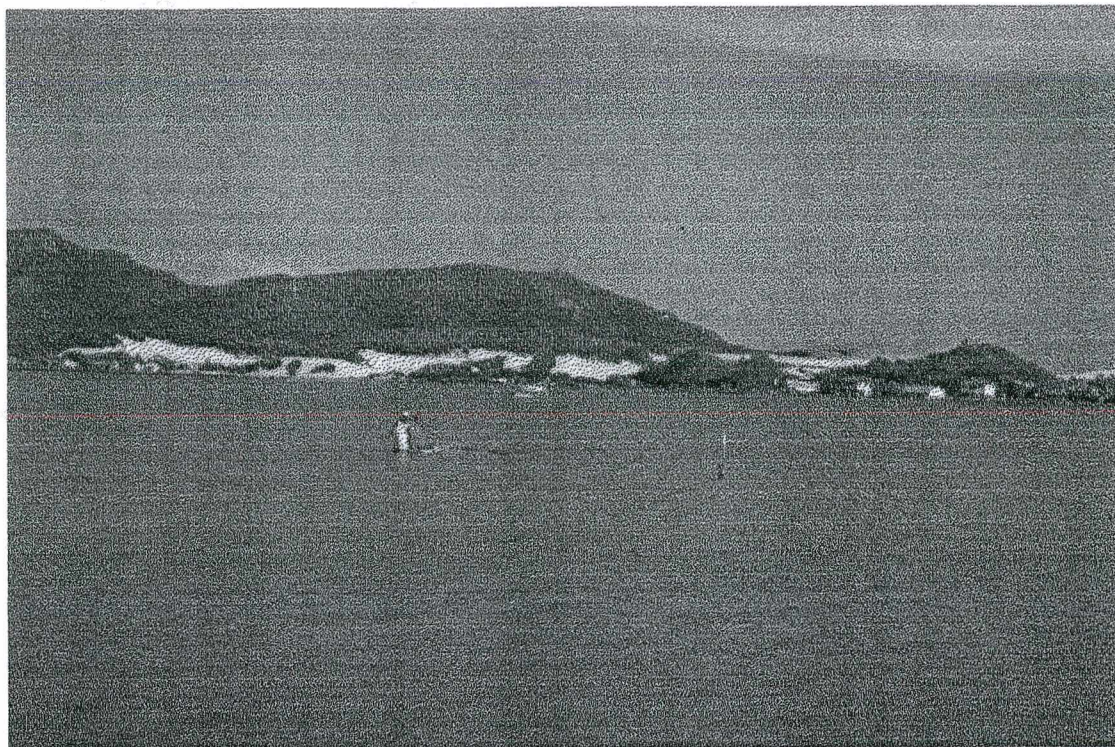
Ele é poluente também, não é tão poluente como o outro, mas são poluentes também. Na questão do lixo, o pessoal de fora cuida mais do lixo que o nativo. Culturalmente o nativo jogava o lixo dentro da lagoa, todo mundo pegava o lixo e jogava tranqüilo, não tinha coleta, jogava dentro dos terrenos atrás de casa...fazia assim porque não

tinha coleta de lixo. Só que tinha pouca embalagem, a gente comprava quase tudo com embalagem reaproveitada, levava garrafa prá comprar querosene, o papel da venda era feito caderno, mas alguma coisa que sobrava de lata, de não sei o que jogava dentro do terreno da gente. Culturalmente o nativo fazia isso com o lixo, agora o pessoal de fora que veio morar na Lagoa não, por isso todo mundo já tenta cuidar do lixo hoje. (Nativo, integrante da Fundação)

Outro nativo membro da AMOLA também diagnostica a situação de modo semelhante:

...eu estou fazendo um trabalho com pessoas que conheço (ainda é meio meio parente, tudo das antiga né,) eu que ainda botam esgoto, tudo prá lagoa. Nós chegamos prá essas pessoas e dissemos: olha, infelizmente não concordo que o senhor bote esgoto na lagoa, porque hoje, o senhor tem 70 ano, tem os nossos filhos, tem os seus netos que vão usar aquela água ali e o senhor vai usar a água totalmente poluída, seus filhos, seus netos. O senhor tá acabando com a lagoa. Se todo mundo fizesse como o senhor faz, o que que ia ser da lagoa? É, pessoa acomodada. (Membro da AMOLA)

Há outros elementos do ecossistema que agonizam como o campo de dunas, que estende-se da Avenida das Rendeiras na Lagoa à praia da Joaquina e segue em direção ao sul da Ilha. Os fortes e ocasionais ventos sul, que vêm da praia da Joaquina e do Campeche, são responsáveis pela origem destes campos de dunas que chegam a atingir altitudes de até quarenta metros, segundo Herrmann et al (1987). Também não têm sido devidamente protegidos, como podia se esperar de uma área resguardada por tombamento municipal. Segundo relatório do CECCA/FNMA (1996) o Plano Diretor dos Balneários de Florianópolis classifica estas dunas como APPs (Áreas de Preservação Permanente). Por abuso dos passeios turísticos a pé e dos esportes com pranchas (sandboard) a vegetação de restinga vem sendo eliminada. Esta área sofre devido à ausência de fiscalização, de sinalização visual ou ainda de limitação de acesso através de cercas. A vegetação típica, que faz a chamada cobertura primária, foi alterada devido a estas ações e especialmente à especulação imobiliária. Hoje estas dunas estão recobertas somente por gramíneas. A falta daquela vegetação anterior tornou as dunas fixas em dunas móveis que, devido aos ventos, invadem vias, residências e danosamente estão causando o assoreamento da própria lagoa.



Dunas da Lagoa da Conceição

A mata atlântica original é pouco encontrada na Lagoa como um todo. Somente restou em locais onde a população teve dificuldades de acesso e mesmo assim, segundo Herrmann et al (1987) não se encontra em nenhuma parte resquícios de mata intacta. Uma das fotografias apresentadas no Grupo 01 do Painel mostra as árvores chamadas garapuvus, que florescem nos meses de novembro e dezembro no Morro da Lagoa. Dos garapuvus são feitas as canoas de um tronco só, tradição quase esquecida entre os pescadores.

Algumas vezes a população da Lagoa já se viu as voltas com planos de zoneamento advindos da Câmara de Vereadores. Em fevereiro de 2000 novamente foi preciso que seus representantes se mobilizassem para impedir que fossem implantados na margem da lagoa, prédios de até 5 andares. O grande argumento contra foi a precariedade da atual estação de tratamento de esgoto e a falta de rede coletora na maior parte da bacia da lagoa. É de se desconfiar porque recentemente, no mês de novembro, a imprensa e a CASAN deram grande atenção ao problema na Lagoa. O despejo de esgoto, direto ou não, nas águas da lagoa confirma-se como o maior problema identificado por todos os atores entrevistados.

...hoje nós temos uma rede de esgoto aqui na Lagoa que foi implantada há 15 anos atrás num momento emergencial, onde a associação de moradores participou dessa luta pra colocar na orla da lagoa onde os restaurantes e casas na época jogavam esgoto. Veio num momento importante, porque se não houvesse essa rede de esgoto a gente não conseguiria entrar mais na lagoa. Mas só que ela ficou saturada. (Membro da AMOLA)

...aquele tratamento de esgoto ali nas dunas tá com um agravante que eles tã largando de qualquer jeito, já tá totalmente fora de controle, segundo relatórios da CASAN. Ai tu faz um sistema de tratamento numa duna que ela vai contaminar o lençol freático que vai contaminar o Campeche, vai acabar com a água da Ilha, entendeu? Porque o lençol freático é uma teia que se comunica inteiramente. Por exemplo, a minha água aqui é fantástica, ela vem de oitenta metros de profundidade ali da duna. Ela é o maior reservatório de água, não só da Lagoa, como do Itacorubi, dessa região aqui, porque é inesgotável, ela é um grande filtro. Agora a empresa vai colocar um sistema de tratamento num filtro!! (Integrante da Fundação)

Os gananciosos que só visam lucro e dinheiro, pessoal de hotel que joga esgoto clandestino...ai se alguém denuncia ninguém faz nada, então é um problema. (Participante da ONDA)

Um dos geradores de problema para a capacidade da Estação de Tratamento, além da falta de rede coletora e do aumento da população, é a ligação do esgoto pluvial à rede cloacal, aumentando o volume a ser tratado. Os vazamentos do esgoto cloacal na rede pluvial, a construção de fossas fora das especificidades técnicas e o despejo direto na lagoa contribuem para o agravamento do problema. As chuvas torrenciais, que ocorreram em fevereiro de 2000, acabaram por tornar impróprias para banho toda a orla da lagoa. Num discurso emocionado um dos nativos entrevistado declara chorando:

Mas eu acho que muita coisa pode ser salva. É um desejo. Claro que é utopia. Claro que eu gostaria que, se ela não fosse igual ao passado, mas que pelo menos que a gente pudesse tomar banho dentro dela. Eu não tomo, eu tenho medo, eu tenho preocupação. Nem meus filhos. Ai que tá o problema, todos os moradores que moram aqui na Lagoa assumem essa responsabilidade ou então, nós vamos perder. Por que se hoje ainda existem alguns pontos em que se pode tomar banho já existe outros pontos que não pode. (Membro da AMOLA)

Indagado porque havia se emocionado responde:

Ah! por que mexeu um pouco, né? Mexeu um pouco com as coisas, né? Eu nasci aqui, me criei aqui, eu acho que todas pessoas que vieram pra cá tem o direito como

eu de viver aqui, morar aqui, mas eles tem que assumir a responsabilidade.
(Membro da AMOLA)

Em julho de 2000, foi discutida na comunidade a formação de um comitê para gerenciamento da Bacia Hidrográfica da Lagoa. Participaram o poder público, ONG's e associações de bairros. O processo foi iniciado em maio quando foram abordadas as preocupações ambientais envolvendo a bacia da Lagoa. Na reunião de julho formou-se um pré-comitê, organizado através da ACIF (Associação Comercial e Industrial de Florianópolis) seccional Lagoa, que centralizaria as ações. O comitê deveria ser composto de, segundo a legislação federal, 20% do poder público, 40% de ONGs, 40% de usuários.¹²

Um dos projetos da Fundação Lagoa é o Projeto Parque Lagoa.¹³ Segundo o documento de finalização do Primeiro Seminário:

O Parque Lagoa é o nome que se deu para a área geográfica que engloba as seis unidades de conservação em torno da Lagoa da Conceição e as Áreas de Preservação que as ligam. Elas criam um grande anel verde protegido por lei em todo o entorno da lagoa. É objetivo da Fundação Lagoa estimular o conhecimento e a apreciação das riquezas naturais desta região, reforçando assim a necessidade de demarcação, sinalização e fiscalização das áreas verdes, bem como o desenvolvimento de projetos para seu manejo adequado (Integrante da Fundação)

As atuações da AMOLA visando a preservação do meio ambiente remontam a sua origem em 1985. Historicamente seus participantes enfrentam situações problemáticas para a comunidade como os relativos ao esgoto, coleta de lixo, pesca predatória, avanço em áreas de preservação, projetos de zoneamento etc. É a organização mais conhecida no bairro, não só por ser a mais antiga mas

12 Segundo o Jornal da Lagoa de julho de 2000, existe uma Lei Federal, de 1994, que aprova as Normas Gerais para composição, organização, competência e funcionamento dos Comitês de Bacias Hidrográficas. Este comitê pode arbitrar os conflitos relacionados aos recursos hídricos, aprovar as propostas das Agências de Águas (CASAN ou similar em SC), submeter à audiência pública, entre outros.

13 Encontram-se em anexo documentos que contêm mais informações sobre o projeto.

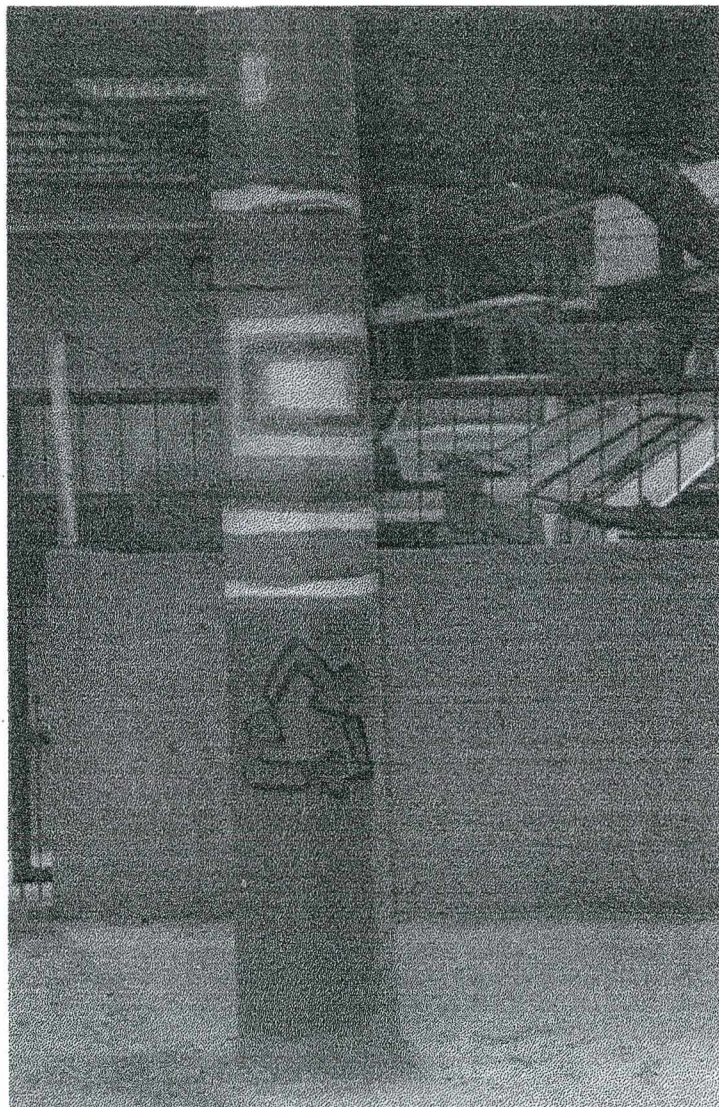
principalmente porque é a que mais envolve a participação comunitária, desde a eleição para sua diretoria até a parceria com órgãos governamentais e ONGs, organizando eventos para atendimento médico-dentário, geração de empregos, emissão de documentos etc. além dos que envolvem questões ambientais, como por exemplo O Abraço à Mãe Lagoa em 13 de maio de 2000 ou a Abertura da Primavera em 23 de setembro do mesmo ano. Estes dois eventos foram organizados na Praça Bento Silvério e imediações da lagoa e tiveram forte participação da comunidade como um todo. Apresento a seguir um registro fotográfico do primeiro evento.



Ao fundo manifestantes «abraçando a lagoa». A frente, barcos à vela

A ONDA iniciou sua atuação na Lagoa com um trabalho em parceria com alguns pontos comerciais, com cartazes que enalteciam os recursos naturais visando a preservação das belezas naturais. Paralelamente o enfoque recaiu sobre os resíduos. Em vários pontos do bairro encontravam-se lixeiras para reciclados elaboradas e decoradas com arte. Postes, muros, calçadas, bancos de praças e da beira da lagoa,

fachadas de estabelecimentos comerciais são embelezados com pinturas por artistas da ONDA. Nestes são comumente encontradas alusões às belezas naturais da Lagoa e estímulos à preservação. Uma filosofia de vida naturalista é claramente observável nestas manifestações. Indicativos de uma vida mais natural e contemplativa do belo são freqüentemente reverenciados. Abaixo exponho alguns exemplares deste trabalho.



Poste com motivos que lembram a reciclagem



Painel utilizado pela ONDA

A preocupação com o belo faz esse grupo se mobilizar para mudar através da pintura de lugares degradados pela poluição visual. Por exemplo, o muro da loja Ar Antigo que freqüentemente era pichado, recebeu uma produção artística de pessoas ligadas ao grupo. No depoimento desta participante pode-se entender um pouco as intenções e o resultado positivo da iniciativa:

...em São Paulo eu sempre viajava, ia prá praia, prá todos os lugares, lá pichação tem por tudo, em todos os lugares, monumentos, tudo é pichado, tudo. As pessoas sabem quem pichou, vê pichando e não tomam nenhuma atitude. São Paulo já é muita poluição visual, de placas, "outdoors" e tudo, mais a pichação. Lá cruzava

quase a cidade inteira e via todo tipo de gente, a zona leste que o pessoal é mais pobre, zona sul que é só gente de carrão e que jogava também lixo. Independente de classe social. Nossa, cansava muito. E aqui em Florianópolis não tem isso. E aqui no "ar antigo" eles pichavam, nesse muro, aí a ONDA veio pintou e ninguém mais pichou. Então o único lugar que o pessoal pichava aqui na Lagoa era esse muro, que tava branco. Claro, eles queriam espaço prá falar alguma coisa e o espaço não era deles. Eu achei legal que o pessoal pintou, fizeram uma obra de arte e ninguém mais pichou. (Participante da ONDA)

O muro que ela se refere foi fotografado e fez parte das fotos do Grupo 03 do Painel apresentado durante as entrevistas, que estão nos anexos.

As pichações são consideradas pela psicologia ambiental como criação de fronteiras nos espaços públicos e exprimem, na maioria das vezes, uma relação de revolta com o espaço, onde os excluídos manifestam um tipo de apropriação sobre estes lugares. Para Fischer (1997, p.73): «...representa um sistema de extensão psicológica do indivíduo, no qual as inscrições tem por função a tomada de posse material ou psicológica de um espaço e a definição de um lugar. » É considerada por Fischer como uma apropriação selvagem que denuncia um pano de fundo onde impera a inexistência ou a insatisfação com a apropriação do espaço, onde geralmente vivem os agressores. Não restando outra forma de expressão, expressa-se através de transgressões. O fenômeno ocorre por transferência de uma situação à outra. As pichações são sintomas de uma desapropriação, de sentimentos de não pertencimento. São feitas por pessoas sem nomes (anônimos) e sem espaço. Para Moser os locais públicos degradados e mal cuidados facilitam o aparecimento deste tipo de manifestação.¹⁴ Um local desapropriado, sem apego é território livre e ideal para ser possuído, marcado, etiquetado. A valorização estética feita pelos integrantes da ONDA, não deixa de ser um tipo de pichação (renomeada de grafite, para diferenciar-se como obra artística) aos espaços públicos como muros, postes, bancos, calçadas. Também indicam autoria e apropriação, mas sobretudo é um sintoma de apego ao lugar que, por fim, intimida manifestações que degradam ou poluem visualmente o lugar.

¹⁴ Anotações do curso : DESS de Psychologie de l'Environnement- Université Paris V, outubro de 1998.

Para impedir o vandalismo é preciso construir e ordenar as partes comuns a todos, de forma que as pessoas sintam que estas lhe pertencem. Desta forma a coletividade se sente interessada no uso, conservação e proteção daquele espaço. Supõem que as condutas agressivas não estão determinadas nem pela personalidade dos agressores nem pelas características do ambiente. Sua conduta é o resultado de uma certa percepção do entorno, analisável em termos de relação indivíduo/meio ambiente. Segundo Lévy-Leboyer (1985, p.153) :

Quando o ambiente não oferece os meios necessários para satisfazer as necessidades individuais ou coletivas, os indivíduos e os grupos desenvolvem condutas que são destinadas a compensar os inconvenientes do entorno ou a criar um ambiente que substitua ou complete o que o meio físico não proporcionou.

Neste aspecto devemos pensar que proporcionar espaços que intensifiquem a participação, a livre manifestação de diferenças e de sua negociação, que permitam encontros interpessoais e permeabilidades, podem levar uma comunidade a discutir e por fim ter condições de decidir um projeto para o lugar onde vivem. Neste aspecto creio ser interessante ressaltar uma das conclusões do trabalho de Pedro Jacobi (1999):

Os determinantes de deterioração ambiental são bastante conhecidos, e as restrições institucionais estão sujeitas não somente a uma reflexão sistemática, mas a uma ação alternativa. O que está efetivamente faltando é a fusão de um marco analítico baseado em como as pessoas entendem e explicam os determinantes negativos em suas vidas e os dados secundários que existem em torno do tema. (p.171)

A vinda dos novos moradores para a Lagoa vai conferir uma outra ordem de trocas a este bairro e seus elementos naturais onde o meio aquático e seu entorno tornam-se uma figura até mesmo dogmática. O sentimento de apego é um fenômeno visível, objetivo. No entanto há uma série de fenômenos não tão fortemente explícitos como, por exemplo, a projeção de uso dos recursos naturais que o compõem. Observam-se contradições e ambigüidades de idéias onde a preservação ambiental não compete com o lazer a motor ou a deterioração advinda do turismo não é avaliada quando há benefícios pessoais em jogo, o bairro do passado em oposição ao modelo de desenvolvimento em curso competem mas a lógica do lucro

subsiste. Entretanto a percepção de que o espaço urbano vem transformando o modo de habitar no local leva estes moradores a se organizarem em sua defesa. A lagoa acabou por adquirir um valor histórico e fez surgir novas sociabilidades entre os habitantes. Efetivamente a Lagoa se constituiu ao longo dos anos em um território onde o poder de mobilização se consolida no discurso ecológico, referendando a hipótese inicial desta tese. A territorialidade pode ser observada pelo conjunto de condutas espaciais dos grupos, que exprimem um controle simbólico sobre o espaço. Ela é utilizada como suporte de identidade. A bacia da lagoa tornou-se um elemento constitutivo da imagem do que se deseja preservar. Como referência de espaço público e suas variadas formas de apropriação, é enaltecida em nome da identidade deste local, deste território e daí subjazem significados de ordem cultural, econômica mas sobretudo ecológica. Cada grupo tem suas próprias práticas e o que os une são os ideais, que confluem para a defesa do ecossistema presente na Lagoa.

Devemos entender que toda apropriação do espaço deve ser definida como uma resistência à desapropriação ou como uma reapropriação, uma reconquista simbólica dos lugares, graças às atividades sensoriais, perceptivas e motoras dos seres humanos. É da familiaridade que nasce a apropriação de um lugar, realiza-se na cotidianidade por uma aprendizagem progressiva de caráter específico de um lugar.

Conclusivamente essa análise indica que os elementos naturais e culturais, próprios do local, vem sendo alvo de diferentes apropriações e, num movimento de interação com os grupos humanos que aí residem, aqueles transformam-se transformando as pessoas e vice-versa. Muito além de um quadro ou um meio, a natureza local é vivida como um espaço particularizado socialmente e culturalmente. Meio ambiente e indivíduo se definem mutualmente nessa interdependência. Essa pesquisa pôde observar a existência de inter-relação entre o meio ambiente e sua representação como uma marca da integração entre o fisicalismo e o individualismo ou do objetivismo e o subjetivismo. Para tanto os aportes teóricos das representações sociais tornaram-se fundamentais enquanto base para compreender as diferentes apropriações e a construção de identidades.

3. 5. VALORIZAÇÃO E TRIAGEM DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO UNIVERSO DOMÉSTICO

O lixo inscreve-se num tempo tecnológico e num tempo económico, mas ele inscreve-se também num tempo social e cultural. Ele flutua entre o esquecido e a memória. (Jean Chesneaux: Temps et Déchets, in: L'Art d'accommoder les restes. Catálogo da Exposição do Centre Georges Pompidou, Paris, 1981)

Apenas lembrando, as representações sociais têm sempre um caráter intencional, são sempre referenciais a um objeto particular, são sempre representações de alguma coisa, o que exclui possibilidade de existência de representações sociais genéricas. Também é importante especificar que não são socialmente indiferenciadas, estão sempre vinculadas a alguém ou a algum grupo que as elabora. Ao adentrarmos pela via dos determinantes simbólicos, dos fenômenos sociais, não podemos relegar os determinantes sócio-estruturais e materiais destes fenômenos. Ou seja, ao dar maior ênfase ao funcionamento dos níveis simbólicos não se deve esquecer o espaço da prática com a qual eles se relacionam. A interação psico-sociológica entre representações e práticas leva o sujeito a produzir um discurso sobre suas ações. Um discurso filtrado e construído pelo conhecimento apresenta uma justificação própria do sujeito, provocado pelo impacto da prática sobre as representações e de um modo de conhecimento e descrição não imediatamente simbólica.

Existe uma relação entre a forma discursiva e o conteúdo que não é tão simples de ser estabelecida quanto fazer o entrevistado falar de sua prática. A análise do seu processo argumentativo é que irá fornecer estas informações ao pesquisador. Por exemplo, a representação social de meio ambiente exerce um papel importante na prática de valorização e triagem dos resíduos domésticos. Tal prática entra como um fator determinante na elaboração desta representação. (Kuhnen, 1995)¹⁵

¹⁵ Minha pesquisa de mestrado versou sobre este aspecto. Chego a tal conclusão a partir da análise da participação da população de Florianópolis no Programa de Coleta Seletiva da cidade.

Entretanto uma conduta tão simples pode vir a construir um universo argumentativo sofisticado para o sujeito. Ilustrativamente pode-se observar que os moradores pesquisados na Lagoa da Conceição utilizam todo um arcabouço racional onde incluem modelos culturais, projetos de vida, situação sócio-econômica e de escolaridade entre outros, quando buscam explicar o que fazem com seu lixo, como veremos adiante.

Não sendo unicamente conteúdo mas maneiras específicas de compreender e de comunicar, as representações ligam-se às contingências das condutas sociais e as explicam. A determinação social de significados é entendida como um atributo das representações sociais que por sua vez buscam subsídios numa sociedade plena de idéias como a atual. Estas idéias são especificamente formalizadas através da ciência e da ideologia. Entretanto as idéias precisam da concretude do cotidiano para serem repassadas. É por esta razão que as representações sociais acabam sendo tanto o veículo quanto a forma desta transposição, ao mesmo tempo que comunicam, partilham, reproduzem e recriam as informações circulantes na sociedade.

Gostaria de me ater um pouco ainda na capacidade de criação das representações sociais. Entendo que a negação do que se apresenta e a capacidade de elaborar uma visão alternativa e de agir para produzir as transformações com as outras pessoas leva o sujeito a rever suas próprias posições. A articulação entre os fenômenos sócio-representacionais e os ideológicos, como foi proposta por Ibanez (1992), conduz-me a entender que, dentre a pluralidade de condições de produção de representações sociais, a ideologia, como uma delas, entra na gênese e elemento de causalidade como outras. Mas o que interessa particularmente aqui é que esta relação de causalidade sendo circular pode recair, por sua vez, sobre a modificação dos elementos ideológicos que co-determinam as representações sociais. A instância ideológica, que em parte determina as representações, pode ser observada no discurso dos sujeitos, onde certos modos de racionalidade, certos tipos de engajamento são expoentes do funcionamento ideológico. A ideologia perpassa as justificações e racionalizações que sustentam as idéias. A hierarquização de poder ou a visão do governo como ator anônimo que deverá cumprir o seu papel (embora não

claro), são os melhores expoentes da ideologia presente no discurso dos entrevistados.

Ao considerar-se, portanto, a relação entre comunicação e ação tem-se obviamente que levar em conta os recursos sociais, materiais e simbólicos que dispõem os indivíduos e sobre os quais inserem-se os processos de construção identitária. Entendo pois que uma análise de condutas sociais, como por exemplo a triagem de resíduos, fundadas sobre indivíduos ou grupos que produzem idéias próprias, deve dirigir-se também para o processo de construção de identidade, por caracterizar-se como o lugar onde confirmam-se modos de fazer as coisas, referendadas socialmente. A dimensão de tal construção depende tanto de mecanismos cognitivos que dirigem a ação, de objetivos que lhe dão direção, de papéis que a regem quanto de condições materiais e sociais na qual se insere. Da articulação, provocada pela ação, tanto o indivíduo quanto as condições podem vir a se modificar. Finalmente ao falar aqui em representações sociais não estou deixando igualmente de analisar os processos das práticas e de construção identitária, pois entendo que somente por este caminho é que poderei conhecer os moradores da Lagoa em um universo social mais amplo. Brilhantemente Amerio (1992, p.116) teoriza sobre um sujeito em transformação, que para ele deve ser considerado em sua plenitude como:

...um sujeito um pouco menos simplificado, alguém que pode se caracterizar 'pelo ultrapassamento de uma situação, pelo que ele chega a fazer do que fizeram dele' (Sartre, 1966; ed. 1985, p.76). Um sujeito possível, cujos atributos 'naturais' não se realizam 'naturalmente', cuja consciência é um produto, mas não automático, da cognição, e não exclusivamente dela. No concreto da existência, nós sabemos, a *possibilidade* se conjuga às suas *limitações*: pode ser útil, entretanto, de conduzir a pesquisa, *ao início*, em direção ao primeiro termo, a fim de ter mais claramente as dimensões (e a proveniência) do segundo.¹⁶

Apesar de cumprir o papel de resistir a novos conhecimentos, que possam ameaçar destruir uma identidade consolidada, a resistência conferida pelas

16 os grifos e referência são do autor.

representações sociais é também um fator criativo destas. (Bauer, 1994). A resistência como elemento constitutivo das representações sociais é para Bauer (idem, p.229) uma espécie de defesa que "...toma a forma de re-(a) apresentações. Essas representações podem ser consideradas como a ação de um 'sistema imunológico' cultural: novas idéias são assimiladas às já existentes, que neutralizam a ameaça que elas apresentam e tanto a nova idéia, como o sistema que a hospeda, sofrem modificações neste processo."

Estes intercâmbios que produzem mudanças tornou-se ainda mais possível com o advento de popularização da ciência, que acabou mesclando o saber popular com o saber científico. Neste movimento de vai e vem os restos humanos também não ficaram imunes a mudanças de designação. Dejetos, lixo, rejeitos passam a ser chamados de resíduos, combinando a nova nomenclatura ao incremento científico-industrial. Sem contudo deixar de lado o pensamento mítico que envolve o tema, passa-se a olhá-los de outra maneira, graças especialmente à distância geográfica que as tecnologias oportunizaram. Parece que o fenômeno NIMBY (Not In My Back Yard - Não em meu quintal)³³ apresenta-se com sentido para a sociedade. Este fenômeno tem sido uma amostra de que a humanidade aceita o progresso desde que os riscos e as conseqüências não estejam ao seu lado. Mas parece que ainda não encontramos uma saída para um existir sem o outro. Bertolini (1994) pensa que no caso dos resíduos, a recusa sustenta-se na utopia do *lixo-zero* ou seja, na sua eliminação sem problemas.

Apesar do avanço científico algumas coisas ainda são colocadas à margem pela sociedade. "Alguém afirmou, certa vez, que tudo o que existe na natureza se produz a partir de uma de suas margens: a superfície da terra, a membrana de uma célula, o momento de uma catástrofe, o começo e o fim de uma vida. Poder-se-ia dizer o mesmo do que se produz na sociedade" ironiza Moscovici (1994, p.7). Se

33 NIMBY é um fenômeno de rechaço frequentemente observado quando da instalação de Estações de Tratamento, seja de resíduos ou esgoto, assim como de indústrias e similares. A população que reside próxima destas instalações manifesta-se contra. O fenômeno ficou assim conhecido como Não em meu quintal.

lembrarmos oportunamente a interpretação do lixo feita por Gouhier (1997; 1999)³⁴ como *margem* teremos presentificado o seu papel essencial na evolução de um sistema. Para ele a margem constitui um campo de significação reduzida e, como representante do vago, da inexistência favorece, por outro lado, o pensamento de permissividade à iniciativa e à liberdade. Por isso o autor visualiza que: “a gestão dos resíduos e dos rejeitos oferece uma ocasião de desenvolvimento motivado por um projeto coletivo combinado à escala da unidade de produção e à da coletividade territorial...” (1999, p.89)

Por estas e outras razões os resíduos podem nos dar uma dimensão interessante da sociedade. A um certo nível a lixeira, como concluiu Barbier (1996), é um indicador que permite verificar a “verdade verdadeira” dos comportamentos e das posições sociais. Por certo um olhar sobre nossas lixeiras dará uma idéia singularizada da sociedade de consumo. Baudrillard, em 1970 escrevia em *La société de consommation*: “Sabemos quanto a abundância das sociedades ricas está ligada ao desperdício, visto que podemos falar de civilização da lixeira e mesmo visualizar uma ‘sociologia da lixeira’ : Diga-me o que tu joga, eu te direi quem és!” (p.48)

Por outro lado sabe-se que as pessoas podem expressar sua preocupação ambiental através de distintas formas relacionadas com os mais diversos aspectos do meio ambiente. Minha intenção nesta pesquisa foi acessar à compreensão que os moradores da Lagoa têm da circulação de seus resíduos ou como entendem que eles os concernem e que relação estabelecem entre eles e os recursos naturais e de que maneira a relação inscreve-se nas formas de participação social. Primeiramente trago alguns depoimentos que retratam como esta população interpreta sua relação com a

34 J. Gouhier é geógrafo e desenvolve, junto ao Groupe d'Etudes Déchets et Espace Géographique da Université du Maine - França, um estudo que chamou de Rudologia onde, através de uma tipologia das lixeiras, constrói uma ciência destas. Por meio da análise da composição dos resíduos chega a conclusões interessantes que podem ser muito importantes para as políticas públicas de manejo dos resíduos, assim como oferecer um apanhado dos atores e dispositivos que estão ligados ao resíduos e a circulação destes. A palavra Rudologia foi pensada por ele tendo por base o termo latino *rudus* que significa escombros.

natureza e como identificam suas práticas no que concerne mais globalmente à defesa ambiental. Por exemplo a jovem empreendedora e participante da ONDA entende que:

Florianópolis é a cidade onde as pessoas estão mais preocupadas. Aqui na Lagoa a maioria das pessoas que estou encontrando são pessoas com mais ou menos o mesmo pensamento. Esse pensamento de não destruir, de conservar (...) A gente tem esse propósito de saúde, a gente pensou vamos fazer um negócio, alguma coisa que vá ajudar a sociedade, não só buscando o lucro...acho que todo mundo, hoje em dia, a partir de agora, já vai começar a pensar por esse lado. Não só o lado de dinheiro, de lucro, mas pensar em fazer alguma coisa de bom para a comunidade...claro a gente precisa sobreviver, precisa de dinheiro mas não pensa só nisso. A a gente tá fazendo esse lance do lixo reciclado, de sucos naturais, sucos terapêuticos. Justamente prá tentar ajudar de alguma forma, não só prá sugar, entendeu? Não só sugar daqui, mas oferecer alguma coisa prá comunidade. (Participante da ONDA)

Na Lagoa esta orientação motivacional para a coletividade aparece bastante forte nos dois grupos. A avaliação comparativa com outros bairros da cidade e assim como do tratamento dado aos resíduos feita por um dos nativos entrevistados faz uma vinculação semelhante ao indicar esta hipótese no seu discurso :

...acho que os locais que mais participam é a Lagoa, e a gente vê que não tá tendo um incentivo muito grande ainda para coleta seletiva, não é? (Nativo, integrante da Fundação)

Ainda dentro do campo de cuidado com os resíduos apresento a seguir duas versões, que são curiosamente distintas, duas formas destes novos moradores avaliar a relação de cada grupo com o meio ambiente. Apesar de, finalmente, o comportamento dos novos moradores ser avaliado em termos de apego ao atual local de moradia, as diferentes conclusões destas duas moradoras demonstram que não há uma unanimidade neste grupo na definição do outro, o morador nativo. Como já vimos anteriormente a pluralidade originária destes novos não os consagra como um grupo identitário, apesar de serem mais “idênticos” entre si que com os membros do outro grupo. Mas ao mesmo tempo ainda vale ressaltar que a posição teórica desta pesquisa concebe que a identidade individual não reflete inteiramente definições fornecidas pelo grupo de pertencimento. Enquanto os nativos se atribuem características que são mais ou menos típicas de sua categoria de pertencimento, os

novos moradores somente se reconhecem enquanto grupo como não sendo “daqui”. Mas, como procuro demonstrar neste trabalho, há uma identidade em construção para ambos, e esta ancora-se na relação protecionista com o meio ambiente local. Definem-se muitas vezes segundo características consideradas comuns aos membros dos dois grupos, ou melhor dizendo segundo características partilhadas pelos dois grupos. Onde se tem a compreensão teórica de que o entendimento de um ou outro são definidos como representações sociais.

Dois depoimentos de entrevistadas da ONDA podem servir de ilustração para visualizar como são percebidas as diferenças entre os grupos. Uma delas conta que convive com o hábito dos nativos de jogar lixo nos terrenos baldios. Reconta uma história interessante de uma amiga, que acompanha diariamente o ritual de um senhor nativo idoso. Até que um dia, quando o vê indignado olhando o terreno cheio de resíduos, se aproxima e o escuta dizendo: *“Que coisa! Antigamente eu jogava o lixo aqui na terra e ela engolia tudo, o que tá acontecendo que ela não gosta mais do alimento que eu estou dando prá ela?”* Avalia a entrevistada que tal história reflete a falta de informação sobre a transição do lixo orgânico para o lixo inorgânico, das novas embalagens, o que é biodegradável e o que não é. Mas raciocina: *...como a gente vai falar de ecossistema, biodegradável, ozônio, biosfera para as pessoas do local?* Ainda da relação entre os grupos diz: *...não percebo que o meu vizinho tem o ritmo diferente do meu...as pessoas se satisfazem com o que tem aqui porque elas vieram de um meio tão agredido que eles acham que está pouco agredido, que aqui tá muito bom, perto do lugar que vim. (Participante da ONDA)*

No segundo depoimento a nova moradora compara sua vida em São Paulo com a atual na Lagoa. Para ela, inversamente ao depoimento anterior, o grupo em que se inclui distingue-se positivamente dos nativos no aspecto de valorização do ambiente. Para ela o aprendizado da vida poluída de São Paulo faz com que valorize o meio local mais que os nativos, diz categoricamente: *As pessoas daqui não dão o mesmo valor do que as pessoas que vem de fora...quem nasceu aqui olha todo dia, a vida inteira...eu já vi várias pessoas aqui de Florianópolis jogando coisa na rua. Eu*

fico revoltada, vou lá, xingo, grito: você tá louco, você é porco! (Participante da ONDA)

Ao questioná-la de como identificava serem eles nativos, argumenta que observa a placa do carro e, em seguida relativiza dizendo: “...claro, posso até ser injusta, pode ser de São Paulo e ter um carro daqui, mas...”¹⁹ Exemplifica ainda que na festa de inauguração da Pracinha, a maioria dos presentes era nativo e estava cheio de lixo por tudo. Ela e uma amiga ao verem aquilo começaram a catar e colocar em sacos. A iniciativa do ato planejava demonstrar a indignação: “... jogamos o saco de lixo na frente de todo mundo. Chegamos para o pessoal que estava no trio elétrico e pedimos prá não jogar mais lixo no chão. Então o pessoal, com certeza, a maioria era o pessoal daqui, olhavam e falavam: ‘Que é que essas duas mulheres tão catando no chão?’ O pessoal acha meio nojento. Eu não acho. Acho até o lixo meio limpo, sabe? E eu cato mesmo, não tenho vergonha, eu cato do chão e não estou nem aí.”

O fenômeno de acusação de provocador de poluição que já foi mencionado em partes precedentes deste capítulo pode ser visto também aqui. Se os nativos acusam os novos moradores pela especulação imobiliária, construções clandestinas, problemas de esgoto, os novos moradores por sua vez imputam aos nativos uma mesma gama de acusações onde a forma de lidar com o lixo é a mais comum. Para alguns dos novos moradores a agressão de jogar lixo em qualquer lugar ou mesmo não aproveitá-lo é vista como uma contradição ao modo de vida proporcionado pela beleza e condições do lugar. A integração do aproveitamento dos resíduos sólidos ao

19 Apesar de não ter sido alvo desta investigação percebe-se que alguns novos moradores, apesar de já residirem a longo tempo na cidade, mantêm seus carros emplacados na cidade de origem. São sobretudo jovens. Já questionei informalmente tal procedimento a alguns que o justificam pela vinculação com a família que lá reside e subsidia economicamente sua vida aqui, ou ainda há também neste ato um símbolo da identidade de ser de fora ou mesmo de não « ser mané » que procuram expor através disto. O mesmo ocorre com alguns habitantes das cidades vizinhas a Florianópolis : São José, Biguaçu ou Palhoça. Novamente, sobretudo, os jovens que apesar de aí residirem inscrevem seu veículo no Detran de Florianópolis para ser identificados como da capital e não destas cidades menores.

modo de vida subjacente ao residir na Lagoa é anunciado no conteúdo desta entrevista:

...na Lagoa quem não mora em apartamento tem condições de fazer uma hortinha e se não tiver condições de fazer uma horta pelo menos pode processar o lixo orgânico que dá prá botar numa árvore, adubar, pode adubar até a árvore que tem na frente da casa dele ou no jardim, é só uma questão também de decidir. Cinquenta por cento do peso do lixo transportado na Lagoa é de lixo orgânico, então a própria COMCAP²⁰ podia fazer esse trabalho. (Integrante da Fundação Lagoa)

Como para Barbier (1996) entendo que o ato de triagem dos resíduos é uma forma de internalização destes à natureza. A necessária identificação dos resíduos pela coletividade a fim de enviá-los à coleta seletiva provoca uma nova classificação na circulação tradicional dos nossos restos e uma mudança que perpassa a nomenclatura clássica em direção a uma valorização deles, reintegrando-os à natureza. A integração deste novo modelo à complexidade da vida cotidiana ocupará um lugar tanto no arranjo domiciliar (espaço e acordo entre os ocupantes da casa) quanto nas políticas públicas de resíduos (a triagem obriga um tratamento de valorização posterior à coleta). Portanto ela tem um amplo escopo de repercussão na sociedade que parece estar bastante claro para esta entrevistada. Vejamos:

Eu acho que o lixo tem muito valor a partir do momento que você dê valor prá ele e que você separe em casa. Na minha visão, essa palavra lixo é uma palavra muito cômoda, as pessoas falam lixo prá designar tudo aquilo que elas não querem mais prá elas, e que elas botam num cestinho e misturam e, aquilo vira um lixo realmente né? Eu acho que o lixo é essa coisa criada culturalmente, porque se você separa em casa vai ver que aquilo ali não é lixo, não tem cheiro e tem um valor, é matéria-prima que pode usar das mais diversas maneiras. (Participante da ONDA)

A coleta seletiva deve ser entendida como uma gestão coletiva dos resíduos, na medida em que o ato de triar os resíduos leva, através de um pequeno gesto, seus praticantes a sentirem-se ligados a um canal de preservação da natureza e a se sentirem ligados à vida social. Esta ação revela um compromisso entre a pessoa e o

²⁰ Companhia Melhoramentos da Capital, empresa municipal responsável pela coleta de lixo da cidade.

espaço, seja ele privado ou público. O movimento, a recomposição das práticas e o controle do que lhe concerne enquanto cidadão permitem acompanhar a trajetória dos bens de consumo e no final prolongar a vida destes objetos e, creditar um valor público, cria-se uma significação positiva em relação a eles.²¹

O ato de triar os resíduos é tratado pela psicologia ambiental como um comportamento pró-ambiental ou pró-ecológico. Pode ser visto também como uma forma de altruísmo no interior das relações interpessoais, conforme avaliação de Moscovici (1994). Analisando dados da coleta seletiva executada pela COMCAP na Lagoa e, comparando-os com dados de outros bairros, com características populacionais semelhantes, pode-se verificar que a participação dos moradores de Lagoa é mais significativa do que nos demais bairros. Tomemos os dados do ano de 1999, por exemplo. Somam-se 221 toneladas para a Lagoa (Canto da Lagoa, Loteamentos Village e Saulo Ramos, Rua Osni Ortiga, Avenida das Rendeiras, acesso à Joaquina e centro da Lagoa) e, 175 toneladas para Coqueiros, Itaguaçu, Bom Abrigo e Abraão. Nos primeiros meses do ano 2000 (janeiro a agosto) tem-se 120 toneladas para a Lagoa e 108 toneladas para Coqueiros e região. Na região de Coqueiros são feitas duas coletas semanais enquanto que na Lagoa e região a coleta é somente executada um dia na semana. Com certeza o melhor atendimento naquela região favorece a participação da população que, muitas vezes, por falta de espaço nos domicílios e estabelecimentos comerciais acaba por dispensar o material para a coleta convencional quando os recicláveis começam a atrapalhar. Outro ponto a se observar é que vê-se diminuída a tonelagem dos dois bairros a cada dia, o que segundo informações de técnicos da COMCAP, deve-se a “concorrência” que a coleta seletiva vem sofrendo com o trabalho dos catadores de rua, que recolhem o material das lixeiras domiciliares e comerciais antes dos caminhões da coleta. Por

21 Uma série de trabalhos vem sendo desenvolvida no tocante aos comprometimentos do engajamento da população na triagem dos resíduos. A título de exemplo posso citar os trabalhos de Vining & Ebreo, que organizaram uma escala de atitudes específicas para avaliar o comportamento de triagem dos resíduos, e outros tais como Obregón-Salido & Corral-Verdugo; Crivelatti de Abreu; Hopper & McCarl Nielsen; Humphrey, Bord, Hammond & Mann; Burn & Oskamp; Kambur & Messer; Yong; Maclaren; Chung & Poon; Everett & Peirce; Gonzáles & Amérigo; Matheau, entre outros.

esta razão os dados de peso computados pela empresa não conferem com a real participação. Como não há um controle do peso do material recolhido por estes catadores não se tem dados precisos sobre a tonelagem de material disposto para a coleta seletiva nos bairros. Mas se pode concluir certamente que estes catadores chegam a recolher a metade (a parte mais nobre comercialmente) do que é disposto nas lixeiras pela população.²² Em anexo estão as planilhas fornecidas pela COMCAP onde pode-se acompanhar o ritmo mensal das coletas nos bairros.

Abaixo apresento mais um exemplo de como os moradores avaliam a proposta de aproveitamento dos resíduos e as repercussões para a vida cotidiana local:

A gente vê nativo dando bronca em uns cara que andam jogando lixo na rua, nativo reciclando, reaproveitando material, até móvel velho, até fogão, geladeira, tudo hoje na Lagoa se aproveita para fazer obra de arte e para reciclar. A quantidade de reciclados pelo nativo é muito grande mesmo...hoje se joga pouco lixo dentro da lagoa, o máximo é embalagem plástica, de coca, essas coisa tudo de plástico que voa com o vento. Mas acho que a questão do lixo tá melhorando bastante. Acho que da questão ambiental é a que tá mais avançada, com um nível de conscientização. Acho que tá acontecendo por causa do tipo de clientela que nós temos na Lagoa, o tipo de morador na Lagoa tá fazendo com que isso chegue a esse nível. Ai entra todos os atores junto nisso ai. A gente vê que o tipo de pessoal que mora na Lagoa exige melhor tratamento do lixo. Isso ai é uma corrente. Agora embora seja um processo muito lento, a questão educacional, a gente vê que tá avançando bastante. Todo mundo já recicla o seu lixo, separa. (nativo, Integrante da Fundação)

O lixo e os efluentes domésticos (esgoto) estão lado a lado no discurso dos entrevistados. Creio que esta inter-relação se dá graças às preocupações com o despejo destes nas águas da lagoa. Os resultados dos mutirões de limpeza da lagoa, que têm por finalidade a limpeza das águas e arredores e acima de tudo a sensibilização da população, retiram grande quantidade de lixo lançado das mais diversas formas no meio aquático ou que são levados pelo vento até as pequenas praias da orla da lagoa. A supervisão e controle das ligações clandestinas de esgoto e despejo dos dejetos na lagoa são incessantemente cobrados pelas organizações

²² Os catadores recolhem papel/papelão, alumínio, vidro. O plástico, metal de baixo valor e os que tem valor de mercado reduzido em comparação aos outros são, na maioria das vezes, deixados nas lixeiras e posteriormente coletados pela COMCAP.

comunitárias. Apesar de haver uma estação de tratamento esta encontra-se saturada e, por ser localizada nas dunas tem sido alvo de pesquisas a fim de diagnosticar possíveis danos ecológicos, como já foi visto anteriormente. Em definitivo, talvez se possa dizer que todo problema de meio ambiente é também um problema de dejetos. A poluição da água é finalmente um problema de dejetos, está relacionada com o que se joga. Ou seja, diz-se que:

...a questão do lixo é igual a do esgoto, tem que ser uma coisa trabalhada junto...através duma metodologia de trabalho, de uma coordenação correta, de um grupo que se fecha, que tem um objetivo comum, monta um projeto, pede financiamento...esse ano na Fundação Lagoa a prioridade é a questão do esgoto. O lixo, a gente já tá pedindo prá fazer um caderno educativo. (Integrante da Fundação)

Retornando às questões iniciais dessa pesquisa tinha-se a idéia de que os moradores da Lagoa da Conceição gerenciavam seus recursos naturais e seus resíduos a partir de representações sociais de meio ambiente distintas e em conformidade com o grupo social com que se identificavam. Agora, já de posse dos dados, posso confirmar que suas representações encontram-se em conformidade com o grupo social que se identificam, como anunciava naquela ocasião. Talvez isso já esteja evidente neste momento do trabalho, mas ainda ressalto que, por estar falando em representações sociais, seja essencial identificar como o grupo que as veicula relaciona o conteúdo ao contexto específico. Identifico algumas representações próprias a cada grupo pesquisado, no entanto pude também detectar outras que assumem vida própria e, não apresentando disparidades, estão presentes para ambos os grupos.

O fato de comparar os resultados da análise do discurso permitiu colocar em relevo os itens congruentes entre si. A escolha de classes sobre as quais firmar a análise possibilitou a elaboração de categorias no discurso, como já vimos anteriormente. Resultado disso tem-se a visualização de que os resíduos não aparecem relacionados aos recursos naturais em primeira instância para os novos moradores e, sim a um conjunto onde incluem tanto os recursos estruturais quanto o tema relativo à qualidade de vida. Esse grupo de moradores evidencia no seu discurso o grau de adequação entre os recursos estruturais e o gerenciamento dos

resíduos no bairro. Somente são relacionados aos recursos naturais num momento secundário, assim como também os aspectos político-institucionais. Já para os nativos os resíduos também estão alinhados aos recursos estruturais mas, distintamente do outro grupo, incluem-nos junto aos recursos naturais. Estão afastados dos aspectos político-institucionais e também dos culturais. Tal conformação indica que para os nativos, que se organizam em torno da AMOLA, os resíduos não são evocados como parte da sua atuação na comunidade (categoria político-institucional). Para eles o campo de ação e participação social concentra-se mais no domínio cultural, nas diversas formas de apropriação e significação do espaço, seja em aspectos histórico-culturais ou mesmo relativos ao patrimônio arquitetônico e natural. Por essa razão o enfoque de suas acusações ao outro grupo concentra-se no que chamam de *choque cultural* provocado pela ação deste novos moradores. De igual forma, a evocação frequente das perdas que vêm sofrendo, sobretudo relativas à paisagem e ao uso dos recursos como as águas da lagoa e das terras, são vividas como privações de parte de sua cultura, de seus costumes, de sua tradição. A forma como surge o conteúdo e o lugar destacado no discurso poderia ser explicado por uma concepção de mundo que orienta o pensamento e a ação dos moradores, sobretudo os mais antigos. Penso que talvez a crença no poder dos saberes míticos associada a outras formas de conhecimento, poderia estar orientada a uma certa representação da natureza como um patrimônio cultural e não só como um recurso.²³

Quando neste grupo surgem elementos discursivos relativos aos recursos naturais junto aos resíduos entendo que tal arranjo deve-se a particular conexão que os nativos fazem entre a finitude dos recursos e o reaproveitamento dos resíduos. A reciclagem é vista como uma solução que pode vir a minimizar a degradação ambiental. Os problemas ambientais, visualmente percebidos ou não, são sempre vinculados à atualidade, especialmente ao aumento da população residente. As tradicionais práticas, hoje condenadas ecologicamente (jogar lixo e esgoto na lagoa),

23 Destaco os livros *Vozes da Lagoa* e *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias na Lagoa da Conceição* que apresentam estudos sobre o universo mítico em torno da existência das bruxas da Lagoa.

são justificadas pela baixa densidade populacional das épocas passadas. Um dos entrevistados compara tais costumes com outros. Para ele a abundância do passado permitia certos comportamentos:

...a gente pegava passarinho aqui nessas roças de mandioca...por isso eu digo que você tinha tudo essas coisas, mesmo você fazendo alguma coisa de errado, como por exemplo pegar o passarinho...naquela época era tanto que talvez não fazia diferença na preservação do meio ambiente. Eu tinha viveiro com uma porção de passarinho...muitas coisas na vida você vai aprendendo, eu depois me fui lá e soltei tudo. E até hoje eu não tenho, gostaria de ter um culeirinha na gaiola ainda que é um passarinho que é daqui, mas hoje não tem mais nada. Mas se eu pudesse ter um prá ver o canto dele porque hoje já não existe mais, está em extinção esse culeirinha...era preservar uma história prá mim, buscar aquilo que passou. É uma maneira de recordar o passado. (nativo, membro da AMOLA)

A nostalgia da idéia de infinitude da natureza é com certeza tema presente entre os nativos. O atual estado de escassez das coisas é freqüentemente condicionado à vinda dos novos moradores. Se compararmos este mesmo tipo de nostalgia em outros lugares que não apresentam esta mesma particularidade o que se vê é a imputação dos malefícios ao progresso. De certa forma aqui temos a mesma vinculação já que para os nativos os novos moradores trazem o progresso para o lugar. Ao mesmo tempo que valorizam as facilidades que o desenvolvimento trouxe avaliam as perdas, como diz uma das entrevistadas:

Apesar de ser nova já sinto essa tristeza da diferença, porque tu quer um avanço, ver teu lugar aumentar, ver esse processo, só que infelizmente o progresso não vem só com o positivo, ele vem também com muito prejuízo. (nativa, membro da AMOLA)

Enfocando ainda mais um pouco o papel dos resíduos, vejo que o seu aproveitamento não se apresenta como uma proposta distanciada da prática tradicional destes moradores, já que “jogar as cascas na bananeira” é hábito comum entre os antigos moradores. A atual realidade do “progresso”, solicitando a intervenção dos habitantes num domínio que à longo tempo é do poder público, não é novidade para estes habitantes pouco urbanizados. A demanda destas novas políticas públicas de resíduos firma-se sobre a necessidade dos habitantes se ocuparem de seus dejetos, e em particular de triá-los antes de dispensá-los. Entre os moradores nativos

da Lagoa a alternativa de triagem domiciliar é pois ancorada num antigo comportamento de aproveitar ao máximo os materiais, assim como dar conta deles pela sua própria ação, já que o sistema de coleta destes não era habitual antes da urbanização do bairro. Não a entendem como uma nova proposta tecnológica mas sim como uma institucionalização dos seu antigo hábito. Advindos de uma cultura rural incorporavam à terra de seus quintais os restos orgânicos, cascas de camarão, conchas de berbigão e outros. Contam os mais antigos que antes de haver coleta de lixo enterravam tudo e que “a terra ficava gorda”. Naquele tempo o lixo não se apresentava como um problema para esta tradição já que tinham acesso a grandes áreas de terra onde enterravam ou queimavam suas sobras.²⁴

O costume tanto de enterrar o lixo orgânico como de queimar os demais é ainda bastante forte entre os moradores nativos mais antigos. Entretanto muitos elementos foram incorporados ao “menu” do lixo, como salientou uma nova moradora, e a prática individual da queima por exemplo, acaba apresentando problemas com os rejeitos poluentes tanto sólidos quanto gasosos.

Aos nativos é alcunhado o adjetivo de pouco cuidadoso com suas casas e tudo que lhe diz respeito. Esta designação pejorativa vincula-se sobretudo à sua descendência portuguesa em comparação aos valores dos descendentes germânicos que mantêm seu local de moradia sempre limpos, com jardins e hortas. Se fizermos um pequeno *tour* pelas cidades brasileiras avaliando as soluções coletivas que os municípios dão ao lixo, veremos que como na Florianópolis de 1956 muitas adotaram (e infelizmente ainda adotam) o despejo em áreas desprotegidas. A capital catarinense optou, na ocasião, pela área de mangue situado no bairro Itacorubi. Atualmente envia seus resíduos para uma das cidades conurbadas a ela onde também são dispostos os resíduos de tantas cidades vizinhas.

24 Talvez tomaram o exemplo da administração municipal do início do século XIX que construiu um forno para queima do lixo da cidade logo abaixo da Ponte Hercílio Luz entre os anos 1910 e 1914, no Estaleiro Arataca.

Encontram-se “soluções” semelhantes em várias outras cidades do país. Entre elas algumas cidades de tradição germânica em Santa Catarina, contrariando até certo ponto a tendência de creditar o mau hábito à origem de seus moradores. O tradicional jargão de que os primeiros moradores de Florianópolis tinham o hábito de construir suas casas com os fundos para o mar e que facilitava desta forma os despejos ao mar é retratado por Cabral (apud Veiga, 1993, p.38) Segundo Veiga: “....Florianópolis foi uma cidade que nasceu e cresceu de costas para o mar, com seus cais e aterros iniciais reforçando esta disposição de locar os quintais e fundos das casas para as marinhas.” Mas é importante destacar que a disposição das casas esteve ligada à atividade daquela população, pobres marinheiros e mercadores dependiam do acesso ao mar e os nobres tinham na fachada das casas o interesse da urbanização e atrativo comercial como atividade econômica. Fontes históricas indicam que a tendência dos primeiros moradores de Desterro foi de se instalarem ao redor da igreja e da praça central, respeitando a ordem da Corte Portuguesa. “A opção pela locação das cidades litorâneas em platôs elevados próximos ao mar, ou mesmo à beira-mar, tendo a retaguarda preservada pela existência de uma encosta, foi sem dúvida um modelo repetido em muitas cidades luso-brasileiras, cujas aglomerações se concentram ao longo da costa.” (Veiga, 1993, p.31)

Retomando a análise do discurso dos entrevistados vimos que os de fora conectam os resíduos aos recursos estruturais e à qualidade de vida. Creio que a verbalização de reclamações destes moradores quanto à eficiência dos serviços de limpeza urbana pelo órgão público responsável fez com que assim se arranjasse o discurso. Relacionado ainda à estrutura, ao visual do bairro e suas condições de vida apontam para os problemas de lixo nas ruas, o mal acondicionamento deste pelos bares e restaurantes, a falta de projetos comunitários de incentivo à triagem nos estabelecimentos comerciais etc. Paralelamente há um reconhecimento de que a participação dos moradores na coleta seletiva de lixo é um indicador do estilo de vida a ser preservado e buscado. As avaliações de duas moradoras que vivem há pouco tempo na Lagoa e que pertencem à Fundação e à ONDA, respectivamente, poderão ser esclarecedoras:

Tem essa questão, é uma questão do Estado, a falta de eficiência do Estado, a falta de cuidado do morador também, junta os dois lados. Agora, por outro lado, existe uma corrente nascendo na comunidade que tem uma preocupação com o lixo, o lixo é um super assunto...um grupo de pessoas, que talvez sejam pessoas de fora ou com um outro tipo de consciência querendo cuidar dessa questão, reciclar lixo, fazer mutirão, educação em cima do lixo. Em São Paulo não rola, ninguém fala...essa é umas das questões que eu aprendi a ver lá na Fundação Lagoa. Pela primeira vez na minha vida eu entrei num lugar onde estão falando sobre lixo. Na minha cidade não se falava. (Integrante da Fundação)

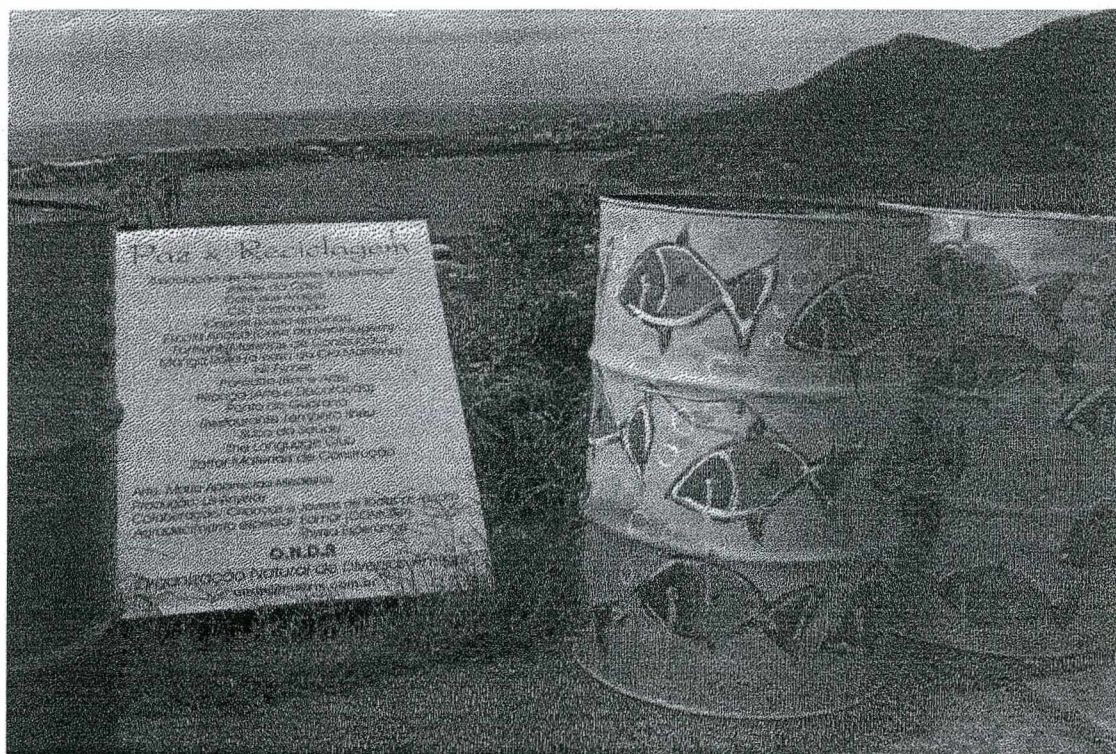
As pessoas tem muito essa mentalidade de que o lixo é da Prefeitura, boto na rua pela lei é da Prefeitura. Eu hoje não penso mais assim, acho que cada um é responsável pelo seu lixo, você gerou aquilo então...lógico que a Prefeitura tem por competência levar esse lixo prá algum lugar, é ela que vai dar um destino final adequado. Só que as pessoas não podem pensar assim. Você produziu, você tem que pelo menos acondicionar ele de uma maneira adequada ou então ajudar na reciclagem prá diminuir cada vez mais esse volume de lixo. (Participante da ONDA)

Ao particularizar-se a análise por grupo associativo vê-se que para os integrantes da Fundação Lagoa o enfoque aos resíduos repete o mesmo significado que para os participantes da ONDA quanto à relação que estabelecem com a qualidade de vida. Entretanto a Fundação ainda estabelece uma vinculação original com sua atuação política-institucional. Digo original pois esta correlação somente é revelada nesta organização. Os resíduos são incorporados à ação desta entidade diferentemente das outras duas associações locais estudadas. Como um dos planos de atuação, falam em cartilhas, apoio à coleta seletiva, aproveitamento de resíduos orgânicos na arborização do bairro etc. Para os integrantes da AMOLA a valorização dos resíduos restringe-se ao plano individual, não aparece como um projeto coletivo da entidade. Muito embora os resíduos sejam para os participantes da ONDA sua principal fonte de atuação comunitária, sua particular preocupação estética leva-os à enfocá-los por uma via diferencial, a da qualidade de vida buscada através da expressão artística e de valores éticos. Ao fazer referência à sua participação na ONDA esta entrevistada fala da forma de expressão dos outros participantes e da mensagem estética que é presente nesta entidade.

Começou pelo motivo que eu posso chamar assim da indignação em relação ao volume do lixo ou do descuido ou até mais relacionado mesmo com o desperdício. Tinha várias palavras que incomodavam as pessoas, uma chama desperdício, outra chama descartável e a outra é a palavra lixo mesmo (...) todo movimento da ONDA não tem a ver só com reciclagem exterior, nem só com o lixo da rua, tem a ver com

reciclagem interior...todas as pessoas que estão se aliando à ONDA, prá pintar ruas, guias, colorir, a idéia é educar as pessoas, o que é reciclar. Pelo menos que haja uma manifestação de cores prá que elas entendam que algo está mudando. As cores têm que aparecer na lata, tem que aparecer. (Participante da ONDA)

A seguir apresento algumas fotografias das lixeiras produzidas e distribuídas pela ONDA na Lagoa.



Lixeiras produzidas por artistas ligados à ONDA



Lixeiras produzidas por artistas ligados à ONDA

Há ainda outras manifestações individuais e coletivas que tematizam os resíduos, como as escolas locais que a exemplo do dia do Abraço à Lagoa as crianças e professores fantasiaram-se com material do lixo, como pode ser observado nas fotografias do evento que estão em anexo. Assim também outros manifestantes foram fotografados na Praça como os objetos e os cartazes. Um deles traz a frase “Transformando o Lixo em Arte”. Ou a peça teatral de um grupo local, o colete e o boné artisticamente confeccionados com materiais do lixo que veste o cantor Valdir Agostinho, o início da árvore de Natal de 1999 que depois foi transformada na Maricota, elemento da brincadeira folclórica boi-de-mamão, que poderão ser contempladas também nos anexos.

Este conjunto de manifestações dos moradores da Lagoa representados aqui pelas organizações comunitárias me faz lembrar que se o lixo não é nada, como diz Bertolini, “... o zero é relativo; um comprometimento maior consiste precisamente em criar valor a partir do quase nada. Ele não é insignificante, mas ao contrário profundamente significativo, requintado; quais valores e quais riscos se escondem por

detrás de sua aparência insignificante?”(1999, p.38) Insignificante ou relíquia o lixo traz em si a mensagem primordial de nossa relação com a natureza. A cada minuto em nossas casas, quando escolhemos esquecer ou utilizar um objeto, um material, destruir ou conservar amplia-se a dimensão de como podemos tratar os objetos, as formas e os signos. Isto nos faz pensar sobre nós mesmos, se acreditarmos na hipótese cósmica que indica ser um resíduo tudo que resultou da explosão inicial. Galáxias, estrelas, planetas e tudo que os contém figuram como restos, assim como nós, poeira das estrelas.

Conclusivamente entende-se que a triagem domiciliar dos resíduos projeta-se como um bom exemplo de uma das funções das representações sociais, ou seja a de orientar os comportamentos. Tal prática cotidiana apresenta-se de grande importância quando constata-se o caráter global dos problemas ambientais provocados pelos resíduos. Exemplo sempre utilizado para descrever o modo como o comportamento humano pode atingir mudanças e transformações ambientais é, por assim dizer, uma resposta participativa de apoio às novas políticas ambientais. Dentro do conjunto de problemas dessa ordem, os originados pelo esgotamento dos recursos naturais e pela interveniência no seus ciclos são os que mais exigem mudanças comportamentais. Para se chegar a efetividade desses comportamentos desejados há que se referendar valores subjacentes a uma nova ética de relação com a natureza. Vejo que as modalidades de conhecimentos ou representações sociais de meio ambiente, que circulam entre os moradores da Lagoa e os impulsionam a adotarem estratégias participativas na gestão dos recursos naturais locais. Os conhecimentos intercambiados entre os grupos servem de base para a ação e a interpretação da realidade. Têm, ambas, uma dimensão social que estrutura a experiência cotidiana desses habitantes em relação ao meio ambiente que os circunda, levando o sentimento de apego a concretizar-se em manifestações que visam a proteção ambiental. Como brilhantemente prescreve Sawaia (1995), reconhecer a individualidade e a multiplicidade dos fenômenos como valor irreduzível pode levar a produção de “belos arranjos estéticos e éticos”.

CONCLUSÕES

O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam.

(Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas)

Os problemas ambientais gerados pelo comportamento humano remontam à pré-história mas certamente se agravam com a nova maneira de produzir a partir do avanço tecnológico. Contudo a tecnologia da era moderna, através da utilização de máquinas e procedimentos, teve maior habilidade de destruir a natureza e, parece que junto, a relação com o ser humano. A noção utilitária e infundável dos recursos naturais avançou no mesmo ritmo da perda de respeito pela sua fragilidade e finitude. Estes fatores reunidos configuram o campo em que ocorre o comportamento destruidor do meio ambiente. Infelizmente muitas tentativas de explicá-lo caracterizam-se pela parcialidade. A predominância de um dos pólos da relação deixa de lado a noção de interação entre natureza e humanidade. Meu esforço aqui foi escapar da armadilha da parcialidade conferindo à história, à cultura, à ideologia e às representações sociais papéis fundamentais para compreender como tais comportamentos se instalam e como podem ser transformados. Lembro das palavras de Daniel Cohn-Bendit (Castoriadis e Cohn-Bendit, 1981) a respeito de ecologia numa intervenção durante a Conferência *da ecologia à autonomia*: “Para mim, a ecologia não é apenas um problema de relações sociais de um homem com outro homem; é o problema da relação do ser humano com a natureza e com os outros homens. A ecologia não é tão pouco a defesa do meio ambiente; isso é apenas uma parte do programa ... eu defendo um ecossistema, no interior do qual existem relações sociais.” (p.82)

A centralidade da questão ambiental no século XX é apresentada por muitos autores que prescrevem à humanidade o enfrentamento de suas responsabilidades frente ao futuro da natureza. Ou seja, como diz Moscovici em seu livro *Essai sur l'histoire de la nature* (1977): “de fato, é preciso substituir um quadro que nos

parecia dado por um quadro que façamos nós mesmos.” (p.12) e que devemos aceitar “...lucidamente o encargo da natureza, seu passado e seu vir-a-ser, da mesma forma que no século passado os homens aceitaram o mesmo dever e a mesma responsabilidade sobre o plano da sociedade.” (p.24) O contexto espacial e temporal da relação sociedade/meio ambiente assim como certas dimensões relativas ao indivíduo, como a etapa do ciclo de vida, o projeto, o modo de vida, o apego afetivo, a expressão identitária e simbólica, as aspirações, os valores constituem-se num agrupamento de fatores que têm um peso importante na avaliação do meio.

O intuito desta investigação foi analisar falas e ações a partir de um conjunto de técnicas, entre elas entrevistas, observações e registros fotográficos de situações cotidianas do entorno onde vivem os moradores da Lagoa da Conceição. Buscou ter acesso às representações sociais destes por entender não ser possível compreender como o meio ambiente é percebido sem fazer referência a esta noção, vista como uma atividade de reconstrução da realidade. As representações sociais foram sobretudo abordadas enquanto construção do social, com o objetivo de compreender como os indivíduos organizam seu conhecimento da realidade social e como valores, crenças ou ideologias modificam-na. Para entender as representações foi necessário conhecer a história, a cultura e a experiência destes moradores no contexto de seu meio ambiente físico e social. Feito este percurso a pesquisa chegou até as identidades.

Os espaços tornados lugares, através da mediação dos símbolos marcados por esta população, deram uma identidade própria ao bairro, seus símbolos inscrevem-se na paisagem local. A busca dos processos simbolizantes, que transformaram este local e suas paisagens mais comuns, mesmo aparentemente irrelevantes ou insignificantes em termos de visibilidade (se lembramos de Lynch), tornou o encontro com os entrevistados um momento de pausa no movimento do seu viver, um verdadeiro encontro com os espaços vividos, com os lugares de suas histórias de vida. A acessibilidade ao conhecimento destas experiências permitiu-me recuperar o sentimento e o simbolismo das paisagens da Lagoa juntamente com eles. Desta forma tive a oportunidade de acessar aos espaços não como realidade física mas

como lugar. Esta pausa converteu-se numa possibilidade de compreender as dinâmicas da localidade. O estudo das inter-relações humano-ambientais trouxe à tona as teorias que elaboram e que dirigem suas ações. Em especial revelou a vinculação que fazem entre os recursos naturais e os resíduos que produzem. O discurso sobre as práticas tentou explicitar o fazer destes sujeitos nas suas combinações com a problemática ambiental, seja de aspectos observados ou vivenciados quanto à poluição, devastação, reciclagem, qualidade de vida, percepção da paisagem, modos de vida, atuação política etc. O entendimento do papel que o ambiente desempenha na vida destes indivíduos foi importante para descobrir que outros aspectos devem ser analisados conjuntamente a fim de avaliar o significado existente entre o ambiente, a experiência e a ação humana.

O estudo da relação entre os moradores da Lagoa e o meio ambiente permitiu-me observar como realizam a síntese entre sua ancoragem física e simbólica do mundo. O percurso feito chegou à reconstituição de imagens do mundo que justificam as representações sociais dos grupos. Se em muitos estudos torna-se difícil saber que lugar o meio ambiente ocupa numa hierarquia de apreciações dos indivíduos, na Lagoa da Conceição não. Em todos os discursos esta mensagem estava presente. O que parece é que os elementos do meio ambiente físico e natural são os mais suscetíveis de terem um papel de apoio ou de inibição tanto em relação às necessidades objetivas quanto às psicológicas, fisiológicas e comportamentais. Vê-se que no discurso destes moradores estão incorporados os efeitos concretos e visíveis de um processo de degradação ambiental. Têm clareza da conexão entre as condições de vida e os problemas ambientais, pois frequentemente analisam os vínculos entre o significado do problema e sua repercussão. Por exemplo a concomitância de certas práticas aquáticas na lagoa, tais como jet-ski, lanchas e a pesca artesanal, vem sendo alvo de inúmeros fatos e debates calorosos no interior do bairro e mesmo além. Entrevistados dos dois grupos (nativos e de fora) relembram situações extremamente drásticas onde ocorreram mortes de pescadores e de outras pessoas que passeavam em embarcações a remo ou a vela. Mortes que segundo eles foram provocadas por irresponsáveis condutores de lanchas ou jet-skis e que denunciam mais uma vez a impunidade, pois até onde se tem notícia estes não foram

devidamente culpabilizados e nem mesmo os fatos orientaram uma tomada de decisão sobre a regulamentação ou o cumprimento de leis já existentes¹. Esta convivência marcada pela degradação do entorno, apresenta por sua vez algumas alternativas na perspectiva da sustentabilidade do bairro e da cidade. Parece que, neste caso, pode-se prescrever que os diretamente afetados pela destruição dos recursos naturais são os que podem constituir-se em reais defensores dos mesmos.

Procuro demonstrar neste trabalho os indícios de uma identidade em construção para os moradores da Lagoa que se ancora na relação protecionista com o meio ambiente local. À descrição da instabilidade da vida social que temos hoje na Lagoa, procurei complementar com uma reflexão sobre as formas de socialização, que têm permitido a emergência de identidades, suscetíveis de acompanhar as redefinições da realidade social. Entendo que uma visualização da transformação macroscópica desta sociedade não pode ocultar a sustentação psicossocial que vem acompanhando tais fenômenos. Moscovici (1999, p.84) atenta que uma das verdades banais é a diferenciação social como um fenômeno geral e histórico em todas as sociedades conhecidas. Um indivíduo ou grupo somente se diferencia em relação a outros e “as diferenças não se encontram por assim dizer imediatamente nos seres ou objetos; elas se revelam através da maneira com que as representamos ou julgamos.”

Para estes atores sociais confrontação, integração, coabitação, coexistência são palavras que indicam componentes de uma realidade social onde o meio ambiente é um forte elemento construtor de identidades. O que se viu é que as ações em favor do meio ambiente advêm das apreciações feitas ao lugar onde moram e constituem uma referência territorial. É para eles um componente e uma medida essencial da vida, seja individual ou coletiva, presentificada na relação espacial destes com o local onde moram. O estudo das representações sociais evidenciou a natureza e a estrutura dos espaços dentro de uma visão positiva do lugar onde vivem. A imagem referencial, sobretudo sustentada na paisagem e nos recursos naturais,

¹ As legislação ambiental restringe a utilização desse tipo de esporte em meio lágunar. No entanto não há fiscalização e controle.

amplia-se através de outras componentes como a cultura e a história, fortemente marcantes para o antigos moradores ou como os recursos estruturais, as relações sociais, a disponibilidade de lazer para os novos moradores. As heranças históricas, anunciadas até mesmo como um valor mítico, presentes no discurso dos dois grupos, conferem um valor a ser anunciado.

Tentando afastar-me de olhares reducionistas, como o do determinismo social, cultural ou econômico, pretendi demonstrar que é na dialética sociedade/meio, na reciprocidade entre ambivalentes, por serem ao mesmo tempo facticidade e representação, objetivo e subjetivo, físico e fenomenal, que estes atores começam a engendrar novas identidades sociais na Lagoa. Pois entendo que partindo desta vivência dialética, o ser humano envolve-se definindo-se numa identidade em movimento, não determinada e em constante questionamento. Por exemplo, ao alterar algum aspecto do cotidiano deixando de reproduzi-lo romperam com um tipo de pessoa vivido anteriormente. Este Outro que avança, *negocia* e articula-se com o que já existe. Sei que as teorias indicam ser a constância, a característica mais saliente da identidade, no entanto a idéia de permanência causa uma redução ao conceito, eliminando um componente importante do vivido, a absorção do novo, a mudança. A articulação que proponho visa compreender a identidade dentre uma constância não mecânica mas dialética, de integração do novo ao antigo, da mudança na continuidade. Numa dinâmica de arranjo de diferentes, de inserção de contrários visando evitar a contradição e de poder reconhecer-se. Entretanto esta *unidade de sentidos*, como fala Camilleri (1989), pode vir a ser ameaçada e provocar alguma crise. Uma diversidade altamente desordenada do meio coloca à prova nossa capacidade de reorganização da *unidade* construída. O sucesso desta negociação para os moradores da Lagoa dependerá do que idealizaram, do valor que atribuem a esta organização coletiva.

Como nos lembra Jovchelovitch (2000, p.47-48):

Viver com outros de forma humana pressupõe a capacidade de escapar do domínio da necessidade pura e entrar para um domínio completamente diferente - o domínio da ação, ou da política, onde as pessoas desenvolvem suas capacidades para o discurso e a ação. (...)...o que faz a vida humana única e distinta não são os laços de

uma vida em comum impostos pela necessidade e dados pela nossa locação natural na terra. Pelo contrário, é a vontade livre da ação e do discurso exercidos no reino da vida política que constituem a experiência genuinamente humana.”

A meu ver um duplo movimento desdobra-se nesta comunidade: interesses divergentes se chocam no interior de um espaço definido pelo reconhecimento de interesses comuns. Claro que há divisões internas dentro de cada organização social estudada, não somente sobre os diversos planos estudados, mas a coexistência apresenta uma possibilidade de construção de um produto original no bairro. A formação de um novo “nós”, atravessa as fronteiras do bairro levando a informação da criação de um novo sistema de valores. Por certo há diferenças entre os dois grupos na maneira como classificam hierarquicamente os valores que construíram e que evoluíram ao longo do tempo, mas há também muita coisa em comum entre eles. Poder-se-ia dizer que há uma cultura comum onde as semelhanças superam as diferenças, onde as relações entre uns e outros são evolutivas e alimentam um dinamismo em equilíbrio instável. A resposta original surge no campo dos comportamentos pró-ambientais. Esta unidade vivida por alguns repousa sobre a comunhão da preservação do patrimônio ambiental da Lagoa, repercutindo num engajamento em grupo ou individualmente e, é expresso em ações pluridimensionais. Ao verificar os índices de participação de seus habitantes na triagem domiciliar do lixo, pude ter dados mais concretos para argumentar nesta discussão. Ao adotarem tal hábito qualificam-no relacionado-o a uma possível economia dos recursos naturais. Ou seja, os elementos que compõem o lixo doméstico como plástico, papel, metal e vidro e mesmo a matéria orgânica são triados pela possibilidade que apresentam de serem reciclados pela indústria ou no caso da matéria orgânica compostada e incorporada ao solo.

A triagem domiciliar do lixo proporciona um elo entre os fatores objetivos e o seu impacto na relação entre meio ambiente, como recursos naturais e as condições de vida. A adoção de determinadas práticas face à existência de problemas ambientais e do seu impacto decorre de um conjunto de relações sociais que se estabelecem e que parecem estar distanciadas das condições de funcionamento dos serviços, como a coleta de lixo por exemplo. Os dados mostram que a solução dos

problemas ambientais, e em específico os relacionados à questão do lixo, é vista sob uma perspectiva mais de contribuição individual e coletiva do que de ação governamental. Creio que a ação mais direta de mudança de hábito frente aos resíduos oferece uma noção de controle sobre a política pública. A necessária participação comunitária faz com que esta alternativa de destino final dos resíduos apareça como independente do órgão responsável. O que me leva a concluir que identificam na mudança de atitude das pessoas uma via importante que poderia levar a soluções de alguns problemas ambientais e estruturais do bairro.

Os resultados desta pesquisa, assim como as de Jacobi (1999), apontam para a potencialidade dos moradores participarem da prevenção da degradação ambiental e reforçarem a relevância de proteger, manter e monitorar o seu entorno local. O resultados indicam a existência de um nível de consciência acerca dos problemas ambientais. Entretanto a percepção das condições ambientais existentes está para os antigos moradores muito vinculada às novas ocupações e aí encontram explicação para muitos dos problemas com que se defrontam. Enfatizam a ação destes enquanto responsáveis pela depredação, prevenção e remediação da degradação ambiental. Os nativos manifestam uma tradição identitária com o bairro e a vivem de um modo patrimonial. Com a chegada dos novos moradores surge o temor da extinção e a da perda de exclusividade da apropriação. Para alguns nativos a natureza adquire um significado dependente das atividades que eles realizam, pesca ou turismo. A interpretação da realidade circundante e, com ela a natureza, se baseia no tipo de relações sociais que desenvolve. Se pensarmos como o marxismo, estas relações se estabelecem ao redor de um certo modo de produção, surgindo a ideologia e de um tipo específico de interações produtivas e de relação com o meio, atitudes concretas para com a natureza. Para o homem primitivo a interação com a natureza estava cercada de mitos, daí tiravam os elementos para avaliá-la. Da magia e desta maneira de conceber o mundo constróem seus esquemas explicativos. O mundo atual coloca-nos diante de outra concepção. O homem usa a ciência, em grande parte, para explicar o desconhecido. A ciência tomou o lugar da magia e impõe-se para dar conta do conhecido a fim de buscar explicação para o desconhecido. A ocultação da dimensão simbólica das práticas é típica de uma abordagem utilitarista que não

reconhece que a lógica que ela privilegia é o resultado de uma impregnação cultural. Sabe-se que a passagem das sociedades estratificadas para as sociedades funcionalmente diferenciadas acarretou uma certa representação da natureza, que no mundo moderno é influenciada pela revolução científica, pela instauração de uma economia capitalista, que tem por princípio ver a natureza como um mundo explorável.

As estratégias de uso múltiplo e integrado dos recursos, fundadas em sistemas de saberes tradicionais, permitiam uma distribuição equitativa dos recursos e uma apropriação diferenciada no tempo e no espaço, assim como uma integração de valores culturais orientados por objetivos de subsistência ou satisfação imediata de necessidades. Uma racionalidade oposta à maximização de interesse econômico ou de lazer em vigor atualmente. Os valores culturais integram o saber acumulado em larga experiência e tradição histórica da comunidade e manifestam-se nas formas de trabalho e lazer, no conhecimento do meio e são incluídos em seus ritos e mitos. As crenças religiosas, as normas morais e os valores culturais, assim como as transformações sofridas no processo histórico, afetam a relação entre antigos e novos moradores e de certa forma o entorno modificado e muitas vezes irreconhecível devido a rapidez dos dispositivos ocupacionais, modificam freneticamente a distribuição espacial no local. E ainda mais, o nível econômico da ocupação mais recente funda uma nova relação social mesmo para os moradores, que embora nascidos em outras cidades, já habitam na Lagoa há muitos anos. Um novo morador, com nível sócio-econômico bastante elevado, mesmo para os padrões da elite florianopolitana, traz uma racionalidade que distingue seu estilo de vida. Em torno dos recursos da Lagoa da Conceição uma série de conflitos e contradições tem ocorrido entre diversas forças sociais, interesses e concepções acerca da forma de seu aproveitamento e tem-se que entender quais são os papéis que estes recursos cumprem desde o ponto de vista ecológico, sócio-econômico, cultural e de lazer.

As distintas formas de apropriação do entorno mereceram destaque neste estudo por se entender que podem explicar uma série de questões. Até que ponto estes dois grupos atribuem um significado de pertencimento ao local onde moram?

Que elementos culturais, ou talvez arquitetônicos ou paisagísticos contribuem para tal e, como o entorno comunica tal pertencimento? Que influência exerce a relação com o entorno em certas atividades que levem à valorização deste e da cultura? Quais normas e necessidades constituem um sistema de referência a partir do qual o meio ambiente é apreciado neste processo de identificação?

Por certo a identificação com o espaço vivido leva as pessoas a apreenderem as múltiplas dimensões dele. No caso estudado penso que cada grupo apreende o local onde mora de modo bem particular. Para os nativos da AMOLA são os aspectos culturais e o comunitário que prevalecem na relação com o entorno. Já para os novos moradores, que integram-se à Fundação Lagoa em busca de um trabalho de base técnico-científico para os problemas identificados no bairro, indica uma apreensão que visa ultrapassar uma relação romântica, contemplativa ou mesmo comunitária. Para os participantes da ONDA é a estética que se sobrepõe. O belo é buscado para dar uma nova forma ao espaço físico utilizando-se simbolicamente de seus objetos.

A paisagem ou a imagem da paisagem indicadas nas entrevistas dos dois grupos demonstram a fusão de componentes naturais e construídos com o cenário do mundo vivido. O que temos, a partir deste estudo na Lagoa, é que os membros dos dois grupos, nativos e de fora, se identificam com o lugar onde moram, ou seja transformaram e transformam o espaço em lugar, carregando-o de simbolismos e valores. Como viu-se anteriormente alguns elementos tiveram importância na formação do conhecimento, da afetividade e dos comportamentos relativos ao lugar. Vimos que o encontro, não linear, de dinâmicas exógenas e endógenas de recomposição social da população, de trajetórias geográficas e sociais diferenciadas, de estratégias de vida distintas levaram a um peculiar funcionamento das redes locais de interconhecimento. Assim como a experiência adquirida por cada um, em matéria de meio ambiente, através do processo de apropriação de certos espaços e de sua hierarquização em função de sua importância pessoal, fez com que o meio ambiente se tornasse um parte da expressão da identidade de cada um. O investimento afetivo exprime-se não somente pela marca afetiva dos elementos deste meio ambiente como

também pelo sentimento do indivíduo, pelo fato de estabelecer uma ligação subjetiva forte com o lugar em que vive.

As formas de interação entre os grupos reforçam a posição de que estas se dão pela integração com a paisagem, fazendo mesmo parte da construção subjetiva da identidade desses, no entendimento mútuo de que os recursos naturais devem ser preservados. Expressam o valor que dão aos espaços específicos do bairro, onde sentem-se bem e podem desenvolver suas atividades com prazer, onde encontram disponibilidade tanto física quanto social para tal. Apesar dos conflitos existentes, os componentes, por vezes simbólicos, são evidenciados na explanação de interação satisfatória entre meio natural e sociedade. Neste processo estão sempre presentes ajustes que ligam elementos do passado e a negociação com o futuro. Tarefa nem sempre fácil quando se tem recordações idealizadas como no caso dos nativos. Ao se comprovar que não se reconhece mais um lugar desejado pode-se dizer que a relação que se estabelece com ele não é mais positiva. O que emana daí é a história de busca das raízes perdidas e então super valorizadas, muitas vezes idealizadas e distanciadas da realidade concreta.

O que se tem na Lagoa é o jogo simbólico como elemento importante desta interação social e ambiental dos moradores. Felizmente esta interação vem sendo vivida em constante construção e desconstrução de significados, valores, representações e, por fim comportamentos. O simbólico, para os integrantes destes grupos, tem a capacidade de evocar uma imagem clara da situação ambiental do bairro e por isso estabelece novos valores entre os membros. Vêm-se alguns aspectos ambientais sendo requeridos para a nova formação, desenvolvimento e mesmo manutenção da identidade social destes moradores. Em especial verifica-se o complexo lagunar da bacia da lagoa. Os elementos ambientais, urbanísticos e arquitetônicos aliados à lagoa consagram-se em símbolos de "pertencimento" ao local. Procurei dar especial atenção à lógica dos processos, às atividades sociais, à sua distribuição espacial pois entendo que os fatores iniciais, os sistemas de

processos naturais e a exposição ao impacto, em outras palavras, a dinâmica das relações nesta estrutura é determinada por sua peculiar história, tanto natural quanto social. Concluo concordando com Leff (1993, p.81) que:

A conservação e o melhoramento das estruturas funcionais que sustentam as condições de equilíbrio, estabilidade e produtividade dos ecossistemas, dependem diretamente das práticas produtivas que se desenvolvem nestes espaços. Assim a conservação da biodiversidade, a evolução biológica dos recursos e inclusive o funcionamento de reservas da biosfera dependem da preservação das organizações culturais que vivem em ecossistemas particulares e desenvolvem estilos próprios de manejo de seu ambiente, gerando desenhos particulares na seleção e regeneração de espécies, assim como a reestruturação dos ecossistemas, para convertê-los em um sistema de recursos com uma oferta sustentada de satisfação para a comunidade.

O problema das relações interculturais se perpetua quando imagens errôneas, estereótipos, preconceitos veiculados de geração a geração fixam-se em função da história de suas relações. A coexistência, mesmo que em condições de relativa estabilidade, de grupos que revelam raízes culturais diferentes, pode levar ao aparecimento de certos conflitos que, muitas vezes, conduzem ao estabelecimento de estratégias identitárias, desenvolvidas seja a fim de preservar as raízes do grupo ou de adaptação às novas mudanças. Tal adaptação poderá também ser vivida como um dos aspectos positivos da convivência conjunta. Essa regulação da comunicação entre portadores de culturas diferentes poderá ser assimétrica, evoluindo em direção à dominação de uma sobre a outra, ou simétrica, onde há a presença de trocas mais ou menos recíprocas. A cultura intervém num domínio fundamental para a humanidade, o que dá sentido ou significação e que constitui-se na mediação obrigatória para o acesso ao real. Mas este universo simbólico poderá variar, evoluir constantemente. O comum, que ultrapassa as diferenças sem anulá-las, não será resultado do simples encontro. O contato não produz somente a boa comunicação e não é a condição para um efetivo conhecimento recíproco das partes. Se “comunicar é apreender o outro em todas as suas dimensões”(Lorenzo, J.M. apud Camilleri, 1989, p.368), não é visando apenas um ponto mas a estrutura onde eles se integram que se chegará à compreensão do outro. Esta regra aparece algumas vezes no caso estudado pois de fato o que se observou é que os grupos que dividem este mesmo lugar, coabitam mais com a imagem do outro do que com o outro real e, conseqüentemente, comunicam-se com um imaginário. Os dois grupos constroem

indivíduos através de peças justapostas e o resultado é um mosaico que não pode ser compreendido como unidade nem por quem o criou e muito menos reconhecível pelo objeto da construção, o outro. Assim se explicam os estereótipos e preconceitos que o outro é alvo. A simplificação de certas características, mesmo sendo verdadeiras, tende a favorecer o criador dela em seu objetivo ou como disse Braudrillart: “a categorização é raramente inocente.”

Mas como corrigir a imagem de maneira a alinhá-la sobre o real? Esta boa percepção depende por sua vez de uma abordagem correta de si e dos outros. Uma vez conscientes da diferença, estes moradores devem resignificá-la como diferença, algumas vezes para excluí-la ou para que se transforme em luta conjunta pelo bem coletivo. Mas é preciso ter claro que esta relação entre sistemas diferentes ainda não aconteceu plenamente, ainda há necessidade de criar espaços para tal. O contato de culturas diferentes, geralmente, desestabiliza os indivíduos dentro de sua convicção de caráter absoluto e não questionável de sua formação. Ao mesmo tempo, os conflitos de sentidos e de valores obrigam a tomar decisões, de tornar-se agente. E se esta experiência conduz alguns a se defenderem por detrás da cristalização reativa de seu sistema, outros encontraram aí a possibilidade de se distanciar, mas ainda outros poderão lutar e ultrapassar o que os distingue para unir-se no que os aproxima. Um dos caminhos é assim proposto por Jovchelovich (2000, p.62): “O fato de que seres humanos podem interrogar a si mesmos e usar territórios diferentes para refletir sobre suas identidades demonstra claramente que, para além de qualquer tipo de isolamento e individualismo, a verdadeira possibilidade de acesso à individualidade reside na presença do Outro.” Nesta direção credita especial importância à esfera pública, que me parece primordial aos moradores da Lagoa, e vai além prevendo que “a forma como uma comunidade representa sua vida pública também forma a maneira como o Outro generalizado é internalizado pelos seus membros, e, portanto, os sujeitos individuais que emergem neste processo.” (idem, p.64)

Não é suficiente constatar a reatualização constante das situações sociais, é ainda preciso favorecer espaços para que nesta sociedade tenha indivíduos capazes de lutar e de imaginar, com outros, alternativas aos comportamentos e às relações

que têm predominado até aqui. Em termos de práticas comunicativas na esfera pública não se pode negligenciar a relação estrutural que existe entre as representações e o usos do poder, que a ideologia perpassa as justificações e racionalizações que sustentam as idéias. Como adverte Jovchelovich (2000) a construção de relatos expressa o produto de lutas simbólicas em conformidade com lutas maiores da sociedade. E se é verdade que: "...alguns grupos possuem mais oportunidades do que outros para assegurar sua versão da realidade. A situação assimétrica de diferentes grupos sociais deve ser considerada seriamente, pois grupos diferentes possuem recursos desiguais no processo de propor e sustentar suas representações." (p.178-179) Ainda restam algumas dúvidas sobre que elementos devem ser trabalhados para que se possa, no âmbito de uma sociedade altamente desigual, hierarquizada e individualista como a nossa, construir novos sujeitos capazes de produzir mudanças a nível das relações e das percepções sociais, com vistas a uma sociedade em que as diferenças não sejam consideradas como desigualdades, uma vez que a constituição desses sujeitos se dá a partir das condições sócio-culturais presentes em cada sociedade?

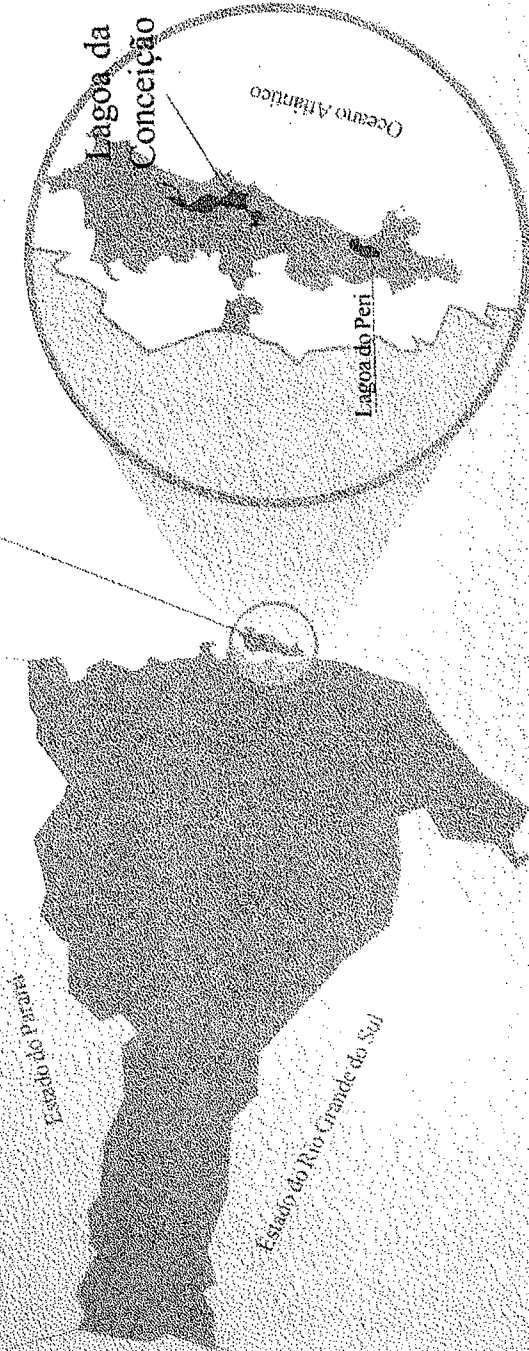
Pode-se pensar que quanto mais estes sujeitos tenham oportunidade de se encontrar, de adquirir uma postura de abertura para o futuro, mais eles deverão ser capazes de impulsionar mudanças no seio da sociedade. Ainda um alerta deve ser feito, como nos lembra Rudolf (1998, p73): "A apropriação social do meio ambiente não se limita a uma definição da natureza ou do meio ambiente, o êxito que encontra refere-se a outros aspectos da vida que foram inicialmente identificados como problemáticos." Todos os níveis deverão ser considerados, devem estar presentes todos os domínios da vida, não apenas especificamente o meio ambiente. Toda ação em matéria de meio ambiente deve aprofundar-se o mais amplamente possível nas diferentes camadas da realidade social. Deve ultrapassar as fronteiras da realidade cotidiana para atingir diferentes sistemas da sociedade.

ANEXOS

ANEXO 01: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA LAGOA DA CONCEIÇÃO

Localização Geográfica da Lagoa da Conceição

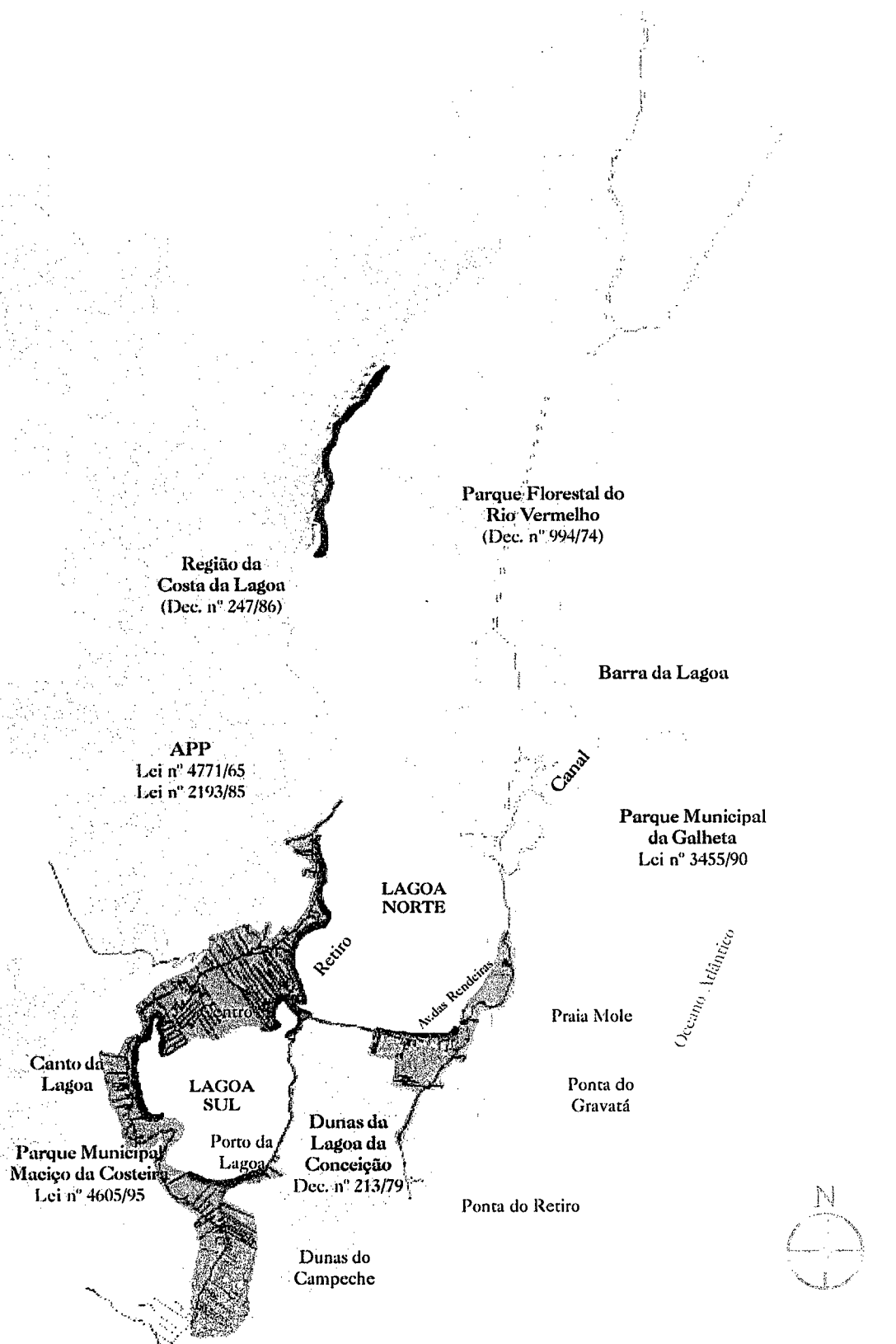
Município de Florianópolis




Fonte: ABES-SC/CREA/SC. Lagoa da Conceição – diagnóstico ambiental preliminar. Florianópolis : set 2000. p. 12.


ANEXO 02: MAPA DA LAGOA DA CONCEIÇÃO


Mapa 2. Locais de Balneabilidade Imprópria




Legenda

 Área Urbanizada

 Área de Expansão Urbana

 APL Área de Preservação Limitada

 Área de Balneabilidade Imprópria

**ANEXO 03: QUESTÕES METODOLÓGICAS;
QUESTÕES ORIENTADORAS PARA AS ENTREVISTAS;
PAINÉIS FOTOGRÁFICOS UTILIZADOS DURANTE AS ENTREVISTAS**

QUESTÕES METODOLÓGICAS

1. PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS

São conhecidas certas artimanhas de muitos estudos que escondem as implicações pessoais na busca cega da rigorosidade científica, mas esta aparente neutralidade dos resultados somente deixa de lado as componentes subjetivas do processo, que se fossem explicitadas poderiam, oportunamente, serem controladas e diferenciadas da realidade estudada. Entretanto a importância de reconhecer os pressupostos epistemológicos subjacentes à pesquisa pode parecer “chover no molhado”, mas creio que não. Opções teóricas e metodológicas têm implicações que vão muito além do avanço da pesquisa em ciências humanas. Elas trazem a oportunidade de saber o caminho que se segue e daí debater o projeto de humanidade que se tem.

A primeira parte destas questões procuro resolver deixando explícito que minha abordagem teórico-metodológica nesta pesquisa tentou penetrar na complexidade, na dinâmica do discurso e ações dos entrevistados. Evidentemente uma série de escolhas são resultantes de decisões subjetivas do pesquisador, como por exemplo a escolha de dados considerados mais importantes que outros deixados de lado, num segundo plano. Assim como o modo de os sistematizar, o enquadramento teórico, a atitude do entrevistador e o olhar através da lente fotográfica, a posição tomada para observação etc. A segunda parte das questões espero que tenha ficado clara no referencial teórico adotado. Resumidamente, guio-me pela concepção do ser humano e de sua realidade como construção social estritamente espacializada e contextualizada, onde o sujeito que conhece produz conhecimento. O que o pesquisador acessa é fruto da relação ou interação entre o sujeito do saber e o objeto de saber. A idéia é captar a individualidade presentificada, entendendo que esta expressa o universal e também o específico.

Entendo que a escolha de uma metodologia particular e das diferentes técnicas, no que concerne tanto a coleta quanto a análise de dados, estão ligadas a opções teóricas que fundamentaram a pesquisa. Ou melhor dizendo, a escolha das práticas de pesquisa dependem das questões feitas, que por sua vez dependem do contexto em que estão inseridas. Este estudo buscou trazer à tona particularidades da população estudada, assim como também de um momento específico na evolução dela, portanto foram reconhecidas como fenômenos psicossociais históricos e culturalmente condicionados. Sendo assim, esta pesquisa não irá oferecer resultados replicáveis ou generalizáveis para outros contextos. A construção e a expressão do sujeito foi considerada do ponto de vista social ou coletivo, na medida em que buscou integrar a relação do sujeito com um objeto (de natureza social, material ou ideal) sem perder de vista o pertencimento e a participação social e cultural do referido indivíduo. A perspectiva adotada consiste em compreender como se processam nas representações sociais os novos elementos de saber dentro de uma rede de categorias epistemologicamente compatíveis, entre elas a identidade e a cultura.

Busco finalmente entender que tipo de relação tem os moradores da Lagoa da Conceição frente a natureza, como estruturam suas concepções e práticas, assim como quais são os elementos fundantes dos processos organizativos coletivos que tem expressão na localidade. Trabalho sobre a hipótese de que os problemas ambientais e a sua gestão são um caso exemplar de ação conduzida por um certo tipo de representação social de meio ambiente.

Na construção do objeto de estudo a metodologia utilizada sustentou-se numa base diversificada e combinada entre si, onde entrevistas, registros fotográficos, observação de reuniões, festas populares, manifestações da vida social local e pesquisa documental possibilitaram abstrair da concretude da vida diária elementos importantes de teorização sobre este modo de vida na localidade.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2. 1. A pesquisa de campo

O universo empírico escolhido para esta pesquisa foi a Lagoa da Conceição por ser uma localidade tipicamente habitada por representantes de dois grupos populacionais residentes na cidade. Esta população é constituída por habitantes chamados de “nativos” e os “de fora”, que a priori se diferenciam daqueles por serem novos moradores, advindos de cidades do interior do estado de Santa Catarina, de outros estados ou países. Para melhor os conhecer pode-se sublinhar sua diversidade de origem, ou seja nascidos em Florianópolis e residentes na Lagoa da Conceição e, nascidos fora do município e residentes na Lagoa. A característica diferenciadora de identificação da população estudada é primeiramente esta, aliada necessariamente a uma afiliação a um grupo associativo organizado que resuma sua atuação principal junto às questões ambientais do bairro.

2. 1. 2. A pesquisa documental

O conhecimento da história da Lagoa da Conceição e das organizações estudadas foram peças fundamentais para compreensão dos aspectos intervenientes nas representações dos entrevistados. Foram buscadas informações nos seguintes locais :

IPUF/PMF (Instituto de Planejamento Urbano de /Prefeitura Municipal de Florianópolis): mapas, dados; Plano Diretor do Município Sede. 1998;

IBGE: caracterização da população : trabalho, renda...;

FLORAM - Fundação de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Florianópolis: dados sobre o meio ambiente da cidade/Lagoa ;

Casarão da Memória Cultural Bento Silvério: bibliografias, acervo de fotografias, documentos, fitas de vídeo;

AMOLA, ONDA e Fundação Lagoa: histórico

NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) : informações sobre cultura açoriana;

Arquivo Público: Jornais, livros, documentos;

Secretaria do Estado de Coordenação Geral e Planejamento: Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio - Econômico. Diagnóstico Municipal de Florianópolis. Florianópolis, 1990.

2. 1. 2. A pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória executada entre os meses de fevereiro e abril de 1998 identificou vários grupos organizados com sede no bairro. No entanto três foram considerados como os mais representativos e aglutinadores dos diversos movimentos locais, tem-se então a AMOLA (Associação de Moradores da Lagoa da Conceição), a ONDA (Organização Natural de Diversos Amigos) e a Fundação Lagoa. A escolha justifica-se pelas seguintes razões :

São as organizações comunitárias mais reconhecidas no bairro. Esta informação foi verificada através da leituras dos jornais locais (Folha da Lagoa e Jornal da Lagoa) assim como em conversas com informantes do comércio local, de moradores em geral, de instituições, entre elas agência dos Correios, Casarão da Memória e Prefeitura. A AMOLA também é identificada pelo “Cadastro e Perfil do Associativismo Civil” das Organizações Voluntárias de Florianópolis (1996, p.76). Todas têm o meio ambiente como o principal objetivo de sua atuação no bairro. Entre os organizadores haviam representantes dos dois grupos a serem focalizados, nativos e de fora. Foram inicialmente entrevistados os presidentes destas associações e convidados a indicar os demais sujeitos, seguindo sempre esta ordem. Ou seja, ao final cada entrevistado indicava pessoas a serem entrevistadas. A amostra foi assim composta quando não se tinha mais indicações.. Entrevistou-se 12 membros das diretorias ou similares das organizações comunitárias.

2. 1. 3. A observação e o registro fotográfico de manifestações locais

As observações de algumas manifestações locais relativas ao meio ambiente e aos problemas culturais advindos do conflito entre os grupos foram fotografadas e documentadas. São iniciativas que partiram tanto das entidades locais, escolas, associação comercial, grupos folclóricos, comerciantes em geral e artistas quanto de pessoas, anônimas ou não, que não estão ligadas às associações de bairro. Algumas destas manifestações objetivam chamar a atenção para os problemas ambientais, muitas vezes oferecendo iniciativas de melhoria a estes. Outros registros são flagrantes da convivência, muitas vezes pouco harmoniosa, entre os dois grupos.

A organização do material fotográfico traz inerente representações de quem o elaborou. Olhar simplesmente e olhar através de uma lente implica uma posição deste sujeito, portanto o material exposto buscou as representações dos sujeitos, mas estas foram explicitadas sobre as representações desta pesquisadora. O mesmo acontecendo com a entrevista. A forma de organizar as questões também implicam uma certa posição. Mas afinal não há como fazer pesquisa desta ordem sem que os valores estejam presentificados. Sei da interferência de aspectos das minhas próprias representações quando elaborei as questões para o roteiro de entrevista. Assim como à medida que olhei a localidade pela lente da máquina fotográfica, selecionei enquadres e também após, quando fiz uma outra escolha das imagens focalizadas. A relutância entre uma foto ou outro é a comprovação destes argumentos. No entanto, a inevitabilidade alia-se aos objetivos do estudo. Nestes termos, busquei ser fiel ao que pretendia buscar dos moradores da Lagoa.

2. 1. 4. As entrevistas

2.1.4.1. Preparação do material para as entrevistas

a) Memorial fotográfico

Iniciei o trabalho fazendo um reconhecimento à pé pelo bairro a fim de buscar as principais imagens que poderiam ser aproveitadas posteriormente para os painéis. Há que se considerar que esta pesquisadora habita no bairro o que facilitou o conhecimento dos locais reconhecidamente mais representativos do modo de vida local. Este trabalho resultou no seguinte roteiro:

Pescadores

Marina (barcos, jet-ski...)

Banhistas

Jogadores de dominó

Rendeiras

Religiosidade

Dunas, praias, vegetação (morro)

Alto do morro-visão geral

Comércio local

Lixo deixado nas ruas

Lixeiras em geral

Projeto Lixo/Arte

Casas tradicionais

Casas novas

Pracinha

Casarão

De posse das várias fotografias o trabalho seguinte foi escolher quais seriam as melhores imagens para identificar o que se buscava. Organizei as fotos em sete grupos composto cada um deles de quatro fotografias. Esta seleção pretendia colocar

o entrevistado defronte à algumas imagens que continham alguma similaridade e que lhe sugerisse algo a dizer. Um exemplar está disponível no final deste anexo.

b) Roteiro de questões para as entrevistas

Inicialmente elaborei um roteiro geral, apenas com uma divisão entre as questões por conteúdo. Este roteiro prévio foi submetido a apreciação da orientação em conjunto com o grupo de pesquisadores orientandos da Professora Ilse Scherer-Warrem. Após a contribuição do grupo reorientei as questões aglutinando-as em temas como são apresentadas em anexo. Estes temas geradores tiveram o objetivo de organizar as informações advindas do campo. Acreditou-se que desta forma a análise dos dados poderia seguir uma certa ordem, facilitando sua compreensão. As 47 questões orientadoras para as entrevistas foram distribuídas em 8 temas, como apresento ao final deste anexo.

Quando da situação da entrevista, expliquei os objetivos do estudo e quais seriam os procedimentos seguintes. Sete painéis de fotografias foram apresentados um a um e solicitado aos entrevistados que declarassem suas impressões sobre as imagens. Em algumas entrevistas este procedimento foi suficiente para que o sujeito falasse sobre os temas indicados no roteiro elaborado para a entrevista. Já com outros entrevistados foi necessário apresentar algumas questões adicionais que os levassem a falar a respeito de tais temas. A inclusão dos painéis fotográficos objetivou trazer a tona focalmente determinadas representações. As imagens selecionadas e apresentadas nos painéis de fotos buscaram colocar o entrevistado frente a um estímulo específico, que o levaria a falar sobre aquela realidade ali exposta. Entendo aqui a fotografia como uma estratégia metodológica com potencial de gerar conhecimento a partir da informação retida em imagens congeladas. Assim como também possibilita ao entrevistado recordar-se de elementos ausentes na comunicação cotidiana. As imagens ofereceram o recurso de poder transpassar o momento presente levando-o à outros tempos do passado e de visualização do futuro. Gerar informações a partir de tal impacto pareceu-me relevante na medida em que

pôde distanciar o discurso programado e oficial. Conclusivamente pode-se perceber que as fotografias alcançaram emoções, flagrando importantes elementos da construção do discurso elaborado. Iniciei as entrevistas em 4 de abril de 1998. Duraram em média duas horas e meia e foram registradas em fitas cassete, transcritas e arquivadas.

3. A ANÁLISE DOS DADOS

De posse destes materiais iniciei a organização dos dados pelas transcrições das fitas. Procedi em seguida com a análise destas entrevistas. Primeiramente fiz uma análise de conteúdo textual das entrevistas utilizando-me de um programa informático chamado ALCESTE¹, que vem sendo utilizado em muitas pesquisas de representações sociais e identidade, como por exemplo Costalat-Founeau (1997) e Camargo (mimeo, s/d). Como ainda é um programa pouco conhecido entre nós no Brasil apresento a seguir as suas bases teóricas e operacionais resumidamente, a fim de apresentá-lo. Em seguida apresento partes retiradas do relatório disponibilizado pelo Alceste após a execução das análises de meus dados. Objetivando ampliar a abordagem dos dados fiz uma segunda uma análise do discurso à mão do conteúdo das entrevistas, reconhecendo temas indicados anteriormente na elaboração do roteiro de entrevistas.

O Alceste (Analyse des Lexèmes Cooccurrents dans les Énoncés Simples d'un Texte) é um método inteiramente informatizado e automatizado de análise de discurso. O Programa Alceste oferece uma análise de dados textuais ou estatística textual que visa descobrir a informação essencial contida num texto. É uma técnica ainda em desenvolvimento e foi apresentada pela primeira vez por Max Reinert em 1987. Permite efetuar de maneira automática análises de entrevistas, questões abertas de questionários diversos, obras literárias, artigos de revistas, romances etc.

¹ O Programa Alceste foi conhecido em um dos cursos frequentados durante o estágio « sanduíche » desenvolvido junto ao Laboratoire de Psychologie Environnementale – Université Paris V – França, no período de maio de 1998 a agosto de 1999. Portanto somente após o trabalho de campo, as entrevistas, já estarem terminadas é que tive conhecimento deste. Sendo assim os dados tiveram que ser adaptados, exigindo um trabalho de preparação do texto à posteriori.

Apresenta relatórios de dados brutos sobre os quais o pesquisador poderá apoiar sua interpretação. Faz uma análise lexical por contexto de um conjunto de segmentos de textos, não compara distribuições estatísticas de palavras mas estuda a estrutura formal de suas ocorrências num “enunciado” de um conjunto de texto ou *corpus*.² Resumidamente, o programa dispõe uma primeira classificação estatística dos “enunciados simples” do *corpus* estudado em função da distribuição de palavras nesses enunciados, a fim de isolar as palavras mais características. Tem como condição para que os resultados sejam significantes que o *corpus* ou conjunto de texto tenha uma certa coerência temática. Uma indicação de conteúdo somente poderá ser esperada se anteriormente há uma conformidade de informações no conjunto. Outra condição é quanto ao volume de material. Somente um bom volume alcançará os benefícios estatísticos. Isto será avaliado pelo próprio programa que indica um valor (em % e Khi^2) da fidedignidade dos dados analisados. O que distingue qualitativamente este programa de outros é que a unidade de contexto (u.c.) considera não uma palavra mas um conjunto de palavras independentes das unidades lexicais incluídas), permitindo em seguida a construção de classes de sujeitos pelo método de classificação descendente hierárquica. A extração de u.c. permite apreender o sentido das classes com a ajuda de frases extraídas do *corpus*. (Reinert, 1993; 1999)

É importante destacar que o Alceste preocupa-se em evidenciar uma dimensão da organização do texto que “memoriza” suas condições de produção. A memorização se dá através de um objeto que se repete e, a repetição pressupõe um sujeito. Esta parte repetitiva, estabilizada, ficará conhecida na linguagem do Alceste como *mundo*. Reinert (1999) pergunta-se qual o sentido de determinadas repetições e apoia seus pressupostos sobre a noção de repetição. Para ele:

É através da construção de signos que se organiza o jogo de repetições, de início ligados às impressões múltiplas e passageiras, depois ligadas aos *habitus* estabilizados, expressão da história e da identidade de

² Decidi por continuar utilizando a mesma terminologia empregada no Alceste para o documento analisado. Chamarei *Corpus* como aparece na bibliografia relativa ao Alceste para homogeneizar facilitando a compreensão, distinguindo de outras.

um sujeito. Esta ‘sedimentação’ de signos nos Sujeitos lhe dá por sua vez uma estrutura e uma matéria. (...) Nossa hipótese de trabalho é que este tipo de repetição icônica pode ser referenciado a um nível muito arcaico em todo enunciado.” (Reinert, 1999, p.2 e 3).

Tal suposição atenta para simples presença de palavras, independentemente da maneira com que são ligadas ao nível sintático. Neste caso estas palavras são chamadas de *palavras plenas* por serem palavras ícones, afirma Reinert. A materialidade destas palavras faz referência às experiências passadas do sujeito e carregam a marca dos lugares onde foram reconhecidas. Acrescenta Reinert (idem, p.7): “Para o sujeito, este ícone da *palavra plena* é uma forma de memorização desses lugares como expressão de um atrativo particular.”

Cada enunciado é um vestígio de uma repetição elementar e pode ser interpretada como a marca de algo reconhecido pelo enunciador como seu próprio lugar, sua própria história significante. A ordem do discurso se constitui através de uma dinâmica dialógica própria a cada um que fala. As insistências do que se exprime serão as ancoragens de seu discurso. Ou seja, as repetições tem seus lugares. O objetivo do método Alceste será justamente permitir uma visualização destes lugares insistentes, por intermédio do que Reinert chamou de Mundos Lexicais. Será por fim uma maneira de visualizar o estável, ou como chama o autor o *Mesmo*. Pois “... se a ordem do discurso nasce da tomada de consciência da totalidade como Mundo coerente (novo “Mesmo”), esta tomada de consciência passa por uma representação mais ou menos conflitual de diferentes ancoragens.” (idem, 1999, p.4) Para ele o vocabulário de um enunciado particular é tratado como um vestígio pertinente de um ponto de vista, que é por sua vez um lugar referencial e uma atividade coerente do sujeito-enunciador: “Nós chamamos mundos lexicais, os vestígios mais impregnantes destas atividades no léxico.” (Reinert, 1993, p.11) Este lugar referencial poderá ser comum para um grupo de sujeitos, uma coletividade, uma época e se impõe ao enunciador que não o escolhe individualmente para si. O sujeito poderá dar-lhe uma nova coloração, reconstruí-lo. Observa-se pois aqui a semelhança com a noção de representação social, pois “... essas noções evocam um

lugar situado entre as representações individuais e os pré-construídos culturais.”
(idem, 1993, p.12)

A segmentação do discurso em enunciados elementares operada pelo Alceste se dá pela escolha de um tipo de ruptura. Observa-se que outros cortes seriam possíveis de igual forma, por parágrafos, capítulos, entonação ou silêncios na linguagem oral. Estas fronteiras são estabelecidas por determinadas escolhas. A escala que adotamos fará referência ao ponto que tomamos para observar aquilo que é significativo para o observador. No Alceste o encadeamento de enunciados está ligado à recursividade do processo semiótico. Ou seja, por repetição icônica de um *Mesmo* como uma ancoragem ligada à história, por repetição indicial de um *Outro* como alteridade do presente e, por representação simbólica das repetições através de uma lei como forma atemporal que permite a previsão.

Quando se trata de um conjunto de entrevistas semi-dirigidas geralmente tem-se uma estruturação em mundos lexicais dependentes da grade de questões previamente estabelecidas. Sua presença pode estar oculta e influenciando a construção das classes, ligadas a uma forma elaborada antes do aparecimento do discurso. A hipótese que se tem é que o processo categórico deixa vestígios analisáveis estatisticamente no estudo de um corpus quando o “objeto” evocado não está já pré-formado numa representação elaborada socialmente antes de ser expresso na forma de discurso. Não se pode perder de vista que o que ele busca é a singularidade da experiência vivida. A metodologia proposta permite ir atrás dos passos identitários de um autor, individual ou coletivo, através dos mundos lexicais que não são, senão vestígios em seu discurso dos mundos que ele constrói para sustentar seus pontos de vista e construir sua obra. Ao nível operacional o procedimento consiste em segmentar o *corpus* em unidades de texto de tamanho variável, se possível compatível com a pontuação, efetuando várias análises e somente interpretando os resultados estáveis, ou seja que não dependem muito da arbitragem da segmentação.

A noção de mundo no Alceste diz respeito a um mundo que aparece ao nível cognitivo através de um conjunto mais ou menos organizado de signos relativos aos objetos, atos, julgamentos etc. Se ele não foi construído previamente será revelado através da coerência dos atos e da previsão de seus efeitos. (Reinert, 1993, p.13) O Alceste tem por alvo atingir o mundo lexical e se utiliza para tanto dos lexemas que compõem os enunciados, através de uma classificação de enunciados de um *corpus* dado em função da semelhança ou da discrepância. O termo enunciado aqui será substituído pela noção de “unidades de contexto”. Aquele pode ser concebido segundo vários pontos de vista, como sintaxe, pragmática, semântica e até mesmo cognitivo. A nível de sintaxe permite delimitar aproximativamente as fronteiras possíveis identificando mais ou menos a noção de preposição, frase ou parágrafo. Tais fronteiras restam, em parte, arbitrárias e utiliza uma heurística estatística para delimitar as então chamadas unidades de contexto. Esta opção se explica pela dificuldade de se obter um corte rigoroso em enunciados de um determinado texto. Ou seja, a arbitrariedade dos cortes em unidades de contexto se dará por variação de tamanho objetivando proporcionar resultados estáveis.

Já para lexema utilizará o termo “formas reduzidas”, que serão as raízes usadas para designar os produtos das transformações executadas pelo Alceste. São obtidas através de duas etapas. Na primeira etapa do cálculo as formas simples são primeiramente delimitadas, as locuções reconhecidas e as palavras-ferramentas (*mots outils*) são eliminadas. Na segunda etapa as formas simples, que não são as palavras-ferramentas, são reagrupadas. São utilizados dois métodos. O primeiro consiste em reconhecer estas formas com a ajuda de um dicionário próprio e, o outro consiste em reagrupar as formas do *corpus*, associáveis a uma mesma raiz e após, a desinência será reconhecida com a ajuda de um dicionário de sufixos.

Definidas as unidades, o *corpus* é modelizado através de um quadro de dados cruzando unidades de contexto por formas reduzidas. Uma “classificação descendente hierárquica” deste quadro permite distinguir classes de unidades de contexto em função da distribuição diferenciada do vocabulário. No que consiste esta classificação descendente hierárquica? A primeira classe analisada compreende

todas as unidades retidas. Em seguida, à cada passo, busca segmentar as duas maiores entre as classes restantes, maximizando um certo critério (o Khi^2). O procedimento termina assim que o número de interações solicitadas forem esgotadas.

As operações sucessivas de análise percorrem o seguinte caminho:

1. Definição de unidades de contexto (frases, parágrafos etc. No caso aqui desta pesquisa será o conjunto das entrevistas);
2. Pesquisa de formas reduzidas analisadas (palavras, expressões....)
3. Definição de quadros de dados associados;
4. Pesquisa de classes de unidades de contexto característicos;
5. Descrição destas classes para ajudar a interpretação.

Algumas características gerais do programa Alceste são :

<i>Corpus</i> máximo tratado	em média 10 milhões de caracteres
Corpos mínimo tolerado.....	em média 50.000 caracteres
Número máximo de unidades de contexto elementares (u.e.).....	10.000
Número mínimo de unidades de contexto elementares (u.c.e.).....	50
Tamanho máximo de uma u.c.e. (em número de palavras).....	2.000
Número máximo de unidades de contexto inicial (u.c.i.).....	10.000
Número mínimo de unidades de contexto inicial (u.c.i.).....	0
Número máximo de formas iniciais.....	90.000
Número máximo de formas reduzidas.....	1.400
Número máximo de « 1 » no quadro analisado.....	600.000

No primeiro procedimento de preparação do material para a análise deve-se verificar se o documento, ou corpus pela terminologia Alceste, ultrapassa a média de 1000 linhas de 70 caracteres e não excede a capacidade do programa, como indicado acima. A partir daí há uma série de procedimentos específicos que são necessários para adequar o texto ao formato reconhecido pelo programa.

Nesta pesquisa a organização do material das entrevistas se fez necessário tendo em vista que estas não estavam adequadas à utilização do Alceste. Vale acrescentar que tal procedimento acrescentou um grande esforço de trabalho, tendo em vista tratar-se de uma adequação à posteriori. A melhor condição seria tê-lo

previsto e planejado anteriormente ao roteiro das entrevistas e a transcrição das fitas cassete, de acordo com as exigências do programa. Em resumo, darei algumas exemplos dessa adequação do texto. A preparação do *Corpus* exigiu os seguintes procedimentos:

1. Limpeza do texto :

- 1.1. **Maísculas:** Deixar somente nas palavras que iniciam frases. Ex. Eu penso que..... Nunca Eu penso Que, ou QUE.
- 1.2. **Nomes próprios:** Colocar todo em maiúsculas. Ex. MARIA, LAGOA (quando estiver se referindo ao bairro e lagoa quando estiver se referindo ao lago)
- 1.3. **Siglas:** Deixá-las em minúsculas. Ex. PT fica pt. As siglas que estão pôr extenso devem ser transformadas em siglas. Guardar em outro arquivo o significado das siglas.
- 1.4. **Asterisco:** Ele é um símbolo importante na análise Alceste, portanto não deve constar nenhum no texto.
- 1.5. Após estes procedimentos efetuar uma correção com o Corretor WORD.
- 1.6. **Seguir a limpeza:** Uso do traço alto (-) e baixo (_). Para palavras compostas substituir o traço – (alto) por (baixo). Ex. palavra-chave deve ser substituída por palavra_chave, trata-se por trata_se. Programa Beija-Flor por programa beija_flor (quando não iniciar frase).
- 1.7. Corrigir a pontuação do texto.
- 1.8. Não deixar no texto os seguintes caracteres: “ “ aspas, ‘apóstrofe, \$ cifrão, % percentagem.
- 1.9. Salvar em forma “texto com quebra de linha”.

Preparado o material deu-se seqüência visando as análises. Estas vinculam-se às questões iniciais da pesquisa e as escolhas seguintes dependem delas. Neste caso foi preciso retornar à problemática da pesquisa. Aqui enfocamos o material sobre dois aspectos distintos. Num primeiro momento separei o material proveniente das entrevistas com os membros de cada associação e num segundo momento agrupei as respostas dos entrevistados em dois grupos, dos nativos e dos de fora. Os procedimentos para as duas análises foram os mesmos, seguindo os passos pré-estabelecidos pelo programa.

Primeiramente os dados de identificação foram sendo agrupados nas chamadas “linhas com asteriscos” conforme a denominação original. Nestas linhas estão expressas as variáveis importantes para o estudo. Cada um dos 3 grupos de

sujeitos foi analisado a parte, onde as seguintes variáveis foram indicadas : sujeito, sexo, escolaridade, renda, idade e local de nascimento. Tomemos apenas um exemplo para ilustrar : para o grupo de entrevistados da Associação de Moradores da Lagoa - AMOLA os entrevistados foram classificados e identificados com as mesmas variáveis. Para cada variável foram dadas informações de identificação: indivíduo, classificado por um número, sexo : número 1- masculino e 2- feminino ; nível de escolaridade : 1 - até 2º grau completo, 2 - acima de 2º grau ; renda : 1 - até R\$ 1.500,00, 2 - acima de R\$ 1.500,00 ; idade : 1- até 30 anos ; 2- acima de 30 anos; local de nascimento : 1 - em Florianópolis, 2 – fora de Florianópolis.

Exemplo de uma linha com asteriscos :

```
**** *ind_01 *sex_1 *educ_1 *econ_1 *id_2 *nasc_1
```

Já a outra análise agrupou as entrevistas com os nativos e não nativos, independente de sua participação em determinada associação, mas guardou as mesmas variáveis por indivíduo incluindo sua origem associativa.

O número de u.c.i.(unidade de contexto inicial) é então definido de acordo com a quantidade destas linhas indicadas. No caso este número coincide com a quantidade de entrevistas incluídas. O procedimento de análise oferece um relatório completo das várias etapas processadas. Dentre elas escolhi algumas para dar seqüência a interpretação dos dados. Em cada análise tem-se o número de u.c.e. (unidade de contexto elementar) processadas. Este número oferece um percentual de texto classificado dentre o conjunto. Para a AMOLA o programa dividiu 892 u.c.e. e destas 643 foram classificadas, aproveitou-se então desta forma 72,09% do total do material inserido. Para a Fundação são 710 u.c.e. classificadas sobre 957, ou seja 74.19 %. Para a ONDA 568 u.c.e classificadas sobre 724, obtendo-se 78.45 % de aproveitamento do material.

De todas as operações processadas foram aproveitadas: a classificação descendente hierárquica, que é apresentada em forma de dendograma, onde tem-se a classificação das UCEs analisadas; o vocabulário específico de cada classe e a

seleção das u.c.e. mais características de cada classe. Estes dados são obtidos a partir das Etapas C e D do Relatório, respectivamente. É também na Etapa C que teremos dados concernentes às variáveis adotadas. A etapa D1 fornece partes do discurso dos entrevistados representativos de cada classe. Estas são formadas levando em consideração os “mundos” de que fala Reinert, que já foi explicitado anteriormente. Fazem parte destes mundos o vocabulário, a classificação por incidência percentual das palavras representativas destes mundos assim como outros dados advindos de outras operações do programa.

A classificação e o vocabulário específico permitiram visualizar e estabelecer categorias no discurso dos entrevistados. Nas 5 categorias selecionadas encontra-se temas que giram em torno do discurso sobre: Cultura (Identidade e Tradição), Político-institucional (Global e Local), Recursos (Naturais e Estruturais), Qualidade de Vida (Arte) e Resíduos (Arte). Como apresentado no quadro-resumo abaixo:

CATEGORIAS DE ANÁLISE
POLÍTICO-INSTITUCIONAL: Local ou Global
CULTURA: Identidade ou Tradição
RECURSOS: Naturais ou Estruturais
QUALIDADE DE VIDA
RESÍDUOS

Estas 5 categorias foram analisadas e interpretadas enquanto representações sociais. Tendo em mão um relatório de todas as operações efetuadas pelo Alceste iniciei o trabalho de análise ou interpretação destes resultados. A Etapa D1 ofereceu um vocabulário específico de cada classe. Analisando-os um a um busquei categorizar o discurso emergente de cada classe. Considerei não apenas a frequência com que estas palavras apareceram, mas também a sua pertinência ao assunto discursado dentro do material em cada categoria. Por exemplo, na classe 1 da ONDA a palavra *informe* somente aparece uma única vez, mas a qualifiquei por entender

que pertence a um campo semelhante em que se insere as demais palavras da classe, como *grupo*, por exemplo, que aparece 33 vezes nesta classe.

Ao se analisar tanto o vocabulário específico de cada classe (etapa D1) como as palavras apontadas na descrição de classes (etapa C2) pode organizar um glossário de cada classe. Aliado ao conhecimento que se teve do contexto das entrevistas classifiquei os grupos de palavras para designar as categorias. A seguir, apresento o vocabulário específico de cada classe. O número entre parênteses indica a frequência de aparecimento dentro da classe. Apresento o exemplo da análise da Fundação mais completo para ilustrar e as demais apenas o que considere mais importante em cada uma das etapas.

Fundação

Vocabulário específico da classe 1. Categoria: Político-institucional grupo+(33), polit+(12), reuniao+(10), empresa+(7), brig+(4), entidade+(6), funcao(5), ped+(6), prefeitura(7), reunioes(4), reun+(5), agente+(5), cargo+(3), denunci+(3), documento+(4), edificio+(3), estrateg+(2), financiamento(2), intend+(5), objetivo+(3), ong+(2), particip+(7), partido+(3), tecnica+(5), seminario(3), tecn+(6), universidade+(8), atu+(3), funcion+(2), informe(1).

Nesta mesma classe aparecem palavras que não tem sentido para o estudo³ e palavras que fazem ligações com outras categorias. Aqui temos ambiental+(11) que foi uma palavra qualificada dentro da categoria Recursos Naturais e; comun+(2), conhecido+(1) em Cultura.

Vocabulário específico da classe 2: Categoria: Recursos Naturais lago+(142), duna+(28), ecossistema+(20), plano+(20), parque+(20), preserv+(22), regi+(23), bacia(12), barr+(16), can+(13), ilha(16), pesc+(14), rio(13), turismo(13), urbanizacao(9), are+(26), atlantic+(5), barco+(11), ciclovia(5), cresc+(5), desenvolv+(7), floresta+(9), macic+(5), natur+(10), pont+(17), restinga(8), tecnologia(6), vegetacao(5).

³ Estas formas reduzidas muitas vezes aparecem nas classes por problemas de dicionário como *as*, *os* ou *ach*, *ou da* que figura 58 vezes na classe 2 da AMOLA, por exemplo ou ainda, erros na limpeza do texto, onde deveriam estar em letras maiúsculas para não ser tratadas como por exemplo Avenida das Rendeiras ou Araças e palavras que não se enquadram dentro de nenhuma categoria como exemplo nesta classe *porcento*, *quase*, *grand*.

Um dos anexos expõe um dos relatórios do Alceste onde pode-se verificar tal situação aqui exemplificada.

Dentro do contexto desta classe temos as palavras diretor+(10), administrac+(9), estadu+(6), estr+(11), feder+(5), obra+(11), internacion+(6), legislacao(6), municip+(5), profission+(7), projet+(24), que são palavras classificadas como próprias da categoria Político-Institucional. Já as palavras catarina(5), gaúcho+(7), paulista+(7), sant+(8) são pertinentes à Cultura. Há ainda palavras que são classificadas como representativas de duas categorias como cresc+(5), desenvolv+(7) e tecnologia que podem figurar tanto em Recursos Naturais como em Político-Institucional

Vocabulário específico da classe 3: Categoria Resíduos

lix+(53), organic+(10), recicl+(17), separ+(12), embalagem(6), garrafa+(6), recolh+(6), tratamento(6), coleta+(6), freatico(5), lencol(5), plastic+(5), educativo(4), esgoto+(12), materi+(7), papel+(5), vidro(4), caminh+(5), coloc+(10), consci+(4), contamina+(2), lat+(4), sistema+(8), tonelada+(3), hort+(2), lav+(1), limp+(4), sanitari+(3), aterro+(3), comum(2), nojent+(2), process+(4), quantidade(2), compost+(1)

Nesta classe percebo a predominância de palavras que identificam um discurso sobre Resíduos. Dentro da mesma classe temos as palavras culturalmente(3) e antigo(1), próprias de Cultura e; camar+(3), corrego+(2), vel+(2) pertencentes a classe Recursos Naturais e; mutirao(2), relatorio+(2) próprias da classe Político-Institucional.

Vocabulário específico da classe 4 :

Esta classe vai oferecer poucas palavras para construir uma categoria. No entanto ainda assim pode-se perceber que antiga+(7), conhec+(18), daqui(21), nasc+(8), domin+(5), farinha(3), farra(3), boi(3), carioca(2), casarao(2) fazem parte de um universo Cultural do discurso. Paralelamente lanch+(6), ecolog+(6), orla(4), lugar+(28) são próprias da categoria Recursos Naturais e com apenas uma palavra podemos identificar alguma coisa do discurso Político-Institucional com instituic+(7); acondicion+(2) ao se referenciar ao tema dos Resíduos. Nesta última classificação observa-se ainda palavras que não inserem-se, ou seja não apresentam sentido dentro das 4 categorias. Entretanto um sentido próprio e diferenciado das demais. Talvez pudesse qualificar estas palavras como um discurso de Qualidade de Vida. Temos aqui a presença de palavras como:

tenh+(35), fal+(36), sinto(15), vida(26), vou(24), amigos(10), aprendi(6), conhec+(18) filh+(10), **sensacao(8)**, senti+(7), vej+(11), vi(7), acesso+(8), amig+(5), cas+(37) domin+(5), encontr+(10), fic+(29), horario+(5), **lugar+(28)**, maravilh+(6), mor+(32), observ+(4), querendo(4), sab+(41), **sentido+(5)**, **sol+(8)**, tempo+(16), **vem(13)**, **vim(12)**, banc+(6), cafe+(3), comunic+(4), consum+(4), critic+(4), dia+(24), ecolog+(6), **facilidade(3)**, falta(10), hora+(9), pass+(32), **povo+(4)**, preco(3), rico+(4), trist+(3), agrad+(2), **cidade+(14)**

Pode-se observar que estas palavras são significativas dentro do discurso de um dos entrevistados. Estas palavras foram selecionadas dentro do todo de uma entrevista e classificadas pelo Alceste. Para dar uma visão mais global desta representação social ilustro com algumas partes de sua fala. Diz a entrevistada:

Mas o que eu estou dizendo e que me impressiona como pessoa que vem de fora, de ver a facilidade com que eles se comunicam com as instituições, e um exercício de cidadania na verdade que eu acho muito mais real.

Então, eu vejo, eu vejo aqui muito isso, é uma sensação de que você sabe onde, aonde as coisas começam e onde acabam, se sabe onde a cidade começa e onde a Lagoa começa, onde acaba, onde acaba o povoado, onde o sol nasce. São referências tão importantes. Assim, que eu comecei a observar quando eu cheguei aqui, a primeira coisa eu fui saber onde é que o sol nascia, onde é que batia o vento. São coisas que em São Paulo você não percebe. Eu não vim com esse propósito, assim, ah eu vou mudar prá Florianópolis prá saber onde é que o sol nasce, não é isso, são coisas que foram surgindo aqui.

Ao se referir a Lagoa como bairro:

...as pessoas em São Paulo falam assim, ah, você tá mudando prá Florianópolis, muita gente que não conhece aqui direito, não sabe que existe aqui um..., eu falo assim, é Florianópolis, mas é um outro lugarzinho de Florianópolis. Porque não teria sentido prá mim mudar prá Florianópolis prá morar no centro, claro que seria uma, até teria atenuantes, com relação a estresse, trânsito, violência, essas coisas todas com relação a São Paulo teria, mas eu acho que é assim, além de tá em Florianópolis, eu estou na Lagoa, prá mim é um outro, é como se fosse outro micro, micro sistemazinho assim, que faz sentido prá mim, pra mim não faz sentido morar aqui em Florianópolis se não for aqui na Lagoa, gozado né?

Este mesmo tipo de discurso é encontrado em outras classes nas outras organizações comunitárias e caracteriza-se como discurso típico de entrevistados que vem morar na Lagoa, os de fora.

As demais análises resumidamente são apresentadas a seguir :

AMOLA

classe 1: Resíduos

caminh+(13), lev+(14), recicl+(11), lix+(23), receb+(7), mistur+(6),
reciclavel(3), garrafa+(4), lixo+(4), natur+(5), plastico(2);

classe 2 :Recursos estruturais

are+(31), terren+(18), terr+(9), construi(7), bonit+(6), constroi(5), cuid+(6),
desapropri+(5), dinheiro(9), farinha(5), lazer(4), local(7), rest+(3), banco(3),
correio(2), derrub+(4), conhec+(10), constru+(8),

classe 3: Recursos naturais

agua(17), red+(12), dunas(5), maravilh+(5), mar+(7), oxigena+(3), pont+(10),
rio+(7), agrad+(2), orla(1)

classe 4 :Político-institucional

associac+(40), entidade+(8), presidente+(9), reuni+(11), morador+(10),
partidari+(6), politic+(7), carta+(3), chap+(5), conselho(3), denunci+(4), execut+(3),
lut+(8), particip+(9), represent+(3), vincul+(3), apoio(3), bandeira+(3), cham+(13),
comum(3), convoc+(3), forca+(2 levant+(3), part+(12), pergunt+(4), problema+(18),
vot+(4), engaj+(1), fiscaliz+(2), lei+(2), participativ+(2), pod+(18), poss+(5),
prefeit+(5), programa+(2), tecnico+(3), diretor+(2), governo(3), ajud+(4),
campanha+(1), delegacia(1),

classe 5: Cultura (tradição)

nativo+(16), vieram(20), nasc+(14), vida(13), vivendo(5), rejeic+(3), invasao(3),
nasci(4), respeit+(7), costume+(4), diferente+(5), domino(2),
conviv+(3), diferenc +(2), simples+(3), comunitar+(1), jeit+(1), nativa(1),

classe 6:Cultura (identidade)

fe(6), festa+(11), patrimonio+(8), religi+(5), tomb+(6), igrej+(10), histor+(9),
navegante+(3), acorian+(3), cultur+(7), espirito(2), folclor+(4), prociss
comunidade(7), +(2), perdendo(2), resgat+(3), sant+(2), tradicion+(3).

ONDA

classe 1: Recursos Naturais

cresc+(14), ver+(14), constru+(6), lago+(45), turismo(7), conserv+(4), meio+(23),
surf+(5), degrad+(5), natur+(9), preserv+(5)

classe 2: Resíduos

aterro(15), lev+(15), lix+(63), separ+(18), limp+(13), sanitari+(10), papel+(10),
problema+(24), resolv+(8), caus+(12), colet+(6), enterr+(6), final+(9), mont+(8),
receb+(8), residuo+(5), seletiva+(5), suj+(8), toxico+(5), adequ+(4),

compostagem(3), convencao(3), dest+(5), diario(4), incentiv+(3), inciner+(4), lat+(13), materi+(7), organ+(8), resto+(5), solo+(4), tecnico+(4), transport+(4), vend+(7), vidro(4), vol+(7), cat+(4), mistur+(4), plast+(6), produto(4), produz+(4)

classe 3 :grupo+(22), reuni+(7): Politico-institucional;
agredid+(7): Cultura;
cuid+(15), conscientiz+(7), lixeir+(11): Resíduos;
lugar+(43), pais+(9), vento+(6), agressao(5): Recursos Naturais

Nesta classe aparece um conjunto compreendido como relativo a Qualidade de vida. A presença de palavras como identific+(13), pesso+(123), sent+(14), sinto(15), trabalh+(33), encontr+(15), lugar+(43), escol+(12), relacao(12), relacion+(8), reuni+(7), simples(8), vindo+(10), viv+(15), estud+(6), facilidade(5), filh+(4), gostar+(7), habitos(4), amigos(10), cheguei(8), human+(5), veio(11), vir+(14), afin+(3); ilustram este contexto no discurso da entrevistada que da forma a esta classe. No discurso destes sujeitos também aparece algumas conotações diferenciais a respeito de arte. Neste sentido palavras como grupo+(22), artista+(13), cart+(8), desenh+(6), cor+(6), mostr+(8), manifest+(5), percepcao(4),(classe 3) e pich+(8), placa+(4), pint+(9), fei+(3), mur+(4), post+(3), visual+(3), arte(3), tinta+(2), obra+(1), colorido+(1), imagem(1) (classe 4), são específicos de 2 classes desta associação.

classe 4: Resíduos
nojent+(2), consci+(3), recolh+(2), poluic+(3), denunci+(2), poluindo(2),
experimental(1), lixos(1), poluido+(1), contamin+(1), embalagem(1)

A seguir a análise por grupo (nativos e de fora):

NATIVOS

classe 1: Cultura
cultur+(24), nativ+(43), vieram(25), nativos(8), raiz+(8), choque(5), cost+(14), domin+(4), rejeic+(7), valoriz+(5), agress+(4), carioca(3), desvaloriz+(2), diferenca+(6), indigena+(3), linguagem(3), nasci(5), respeit+(10), velh+(4), jeit+(3), maneira(3), particip+(8), tradic+(5), culturalmente(3), perdendo(5)

classe 2: Político-institucional (global)

escol+(14), educ+(11), orgao+(8), publico+(14), fiscaliz+(5), intend+(8), patrimonio+(7), popul+(7), tomb+(5), confront+(5), equipe+(6), financeira+(4), obra+(3), obrig+(8), organiz+(10), orienta+(4), prefeito+(7), soluc+(4), administracao(3), ajud+(5), apoio(3), cargo(2), cobr+(2), computador+(2), denunci+(2), dever+(5), dev+(8), grupo+(8), policia(5), politicos(2), trabalh+(15), trein+(3), diretor+(4)

classe 3: Resíduos

lix+(19), recicl+(16), lixeir+(6), enterr+(4), garrafa(3), mult+(4), plastico(4), embalagem(3), materi+(5), papel+(4), queim+(2), sobr+(3), vidr+(3), caminh+(5), casca+(2), coleta(2)

classe 4: Recursos Naturais

agua+(16), camar+(11), peixe+(13), pont+(15), beleza+(6), caval+(6), conserv+(7), dunas(9), lancha+(8), pesc+(18), trapiche+(4), trilh+(3), turist+(9), jet_ski(6), mar+(10), mont+(6), bondinho+(2)

classe 5: Político-institucional (local)

associac+(15), infra_estrutura(3), presidente+(5), carta+(3), planejamento(3), progresso(2), relacao(2), aprovado(1), conselho(2), divis+(1), entidade+(4), especulacao(2), problema+(12), programa+(1), represent+(2), sede(1), imobiliaria(2), implant+(3), lei+(2), vot+(2), comunitar+(2), poder+(3), discuti(1), reuni+(3), campanha+(1)

classe 6: Recursos estruturais

ranch+(9), terren+(17), can+(7), cafe(5), engenho+(6), feijao(3), mandioca+(6), plant+(9), terra(5), cerc+(3), pescador+(9), torrado(2), constroi(3), constru+(6), desapropri+(2), milho+(3), pra+(36), roc+(4), agricultura(2), app(2), arvore+(3), soc+(1), ventejado(1), beir+(3), hotel(1), loc+(4), madeira(1)

DE FORA

classe 1: Recursos estruturais (qualidade de vida)

lanch+(20), barc+(12), bonit+(17), pesc+(15), crescend+(11), restaur+(12), vista+(9), derrub+(4), supermercado+(8), correio(3), foss+(8), lindo +(8), infra_estrutura(7), maravilh+(11), mont+(17), nad+(9), tarraf+(5), terr+(21):

classe 2 : Político-institucional

grupo+(46), particip+(27), universidade+(27), comunitar+(14), associ+(20), politic+(20), reuniao+(15), reunioes(12), associacoes(9), atu+(9), comunidade+(20), ministerio+(7), pesquis+(11), postura(9), projet+(26), seminario(7), soci+(9), trabalh+(63), campo(4), ciencia+(4), comissao(5), conheci+(13), dificuldade+(8), diretor+(4), documento+(6), entidade(6), escol+(16), empresa+(10), estud+(11), experiencia(8), feder+(6), governament+(6), governo(14), mestrado(7), objetivo+(6),

partidari+(6), procurador+(8), professor+(11), programa+(8), public+(16), quest+(39), relatorio+(4), tecnica+(6), tecn+(9), vincul+(4), voluntario+(4), acao(5), agente+(3), assembleia(3), atividade+(7), aula+(4)

classe 3: Qualidade de vida

pesso+(151), paul+(35), agredid+(7), diferenc+(7), nativos(18), adapt+(4), agressao(5), nasc+(8), cuid+(19), surf+(7), vento+(8), aluguel(3), bicho+(4), peixinho+(4):

classe 4: Resíduos

aterro+(16), descartavel(6), garraf+(6), itacorubi(8), lat+(17), lev+(19), lixeir+(11), lix+(87), organ+(16), plast+(11), receb+(8), recicl+(20), recolh+(6), sanitari+(11), separ+(29), vidro(9), comcap(7), copo+(5), lav+(5), mistur+(8), papel+(10), seletiva+(5), aplic+(4), caminh+(8), colet+(7), compost+(5), descart+(4), dest+(6), fin+(10), incentiv+(4), jog+(21), limp+(12), suj+(6), transport+(6), vol+(7), adiant+(6), bot+(10), diari+(4), enterr+(4), import+(4), inciner+(3), produz+(4), residuo+(3), resto+(5), toxico+(3), util(4), vai(41), aberto(5), adequ+(3), carreg+(3), caus+(9), ceu(3), convencion+(3), conven+(3), materi+(5), poluindo(3), prefeitura(8), quantidade(5), resolv+(7), responsabilidade(3), acondicion+(1), coloc+(9), despert+(2)

classe 5: Recursos naturais

duna+(24), ecossistema+(17), lago+(70), proteg+(7), restinga(9), barr+(13), estaciona+(7), morros(6), preserv+(15), carros(5), vegetacao(6), arboriza+(4), atlantic+(4), bacia(7), bolsoes(4), encosta+(5), estacion+(4), favelados(3), florest+(6), fonte(4), ilha(10), impacto+(5), regi+(10), saudavel(3), alimentacao(3), ameac+(5), are+(14), barcos(6), bel+(7), ciclovia(3), conjunto+(6), invad+(4), mar+(9), mat+(7)

Dentro do contexto geral algumas palavras foram entendidas como tendo um duplo sentido podendo figurar em várias classes. São elas:

Can (canoa): cultura e recursos naturais

Vem: resíduos e cultura

Are (área): cultura e recursos naturais

Tarrafa: cultura e recursos naturais

Pesc (pescador, pesca) (c1A, c4o e c3A): cultura e recursos naturais

Agricultura (c3A): recursos naturais e cultura

Planejamento (c3A): recursos naturais e político-institucional

Desenvolvimento (c5A): recursos naturais e político-institucional

Progresso (c5A): recursos naturais e político-institucional

Tecnologia (c5A): recursos naturais e político-institucional

Crescimento (c1O): recursos naturais e político-institucional

Degrad (c1O): recursos naturais e político-institucional

Conserv (c1O): resíduos e recursos naturais

Preservação: resíduos e recursos naturais

Agredido c3o: recursos naturais e cultura
Agredid: idem
Freático c3f: resíduos e recursos naturais
Lençol: idem
Esgoto c2a: idem
Destroi c1o: idem
Destruí idem
Contaminacao c4o: idem
Poluicao: idem
Poluindo c4o: idem
Local: recursos naturais e cultura
Lugar: idem
Infra-estrutura: recursos naturais e político-institucional

Reunidos todos os dados nomeei cada classe em conformidade com a qualificação que dei a frequência das palavras, tanto em quantidade de aparições quanto em número de palavras de um assunto. Outro dado foi o contexto geral das entrevistas. A seguir apresento a classificação descendente hierárquica e os dendogramas provenientes da Etapa C do relatório Alceste já inserida a categorização. Dendogramas são uma representação gráfica de parcelamentos sucessivos obtidos a partir da classificação descendente hierárquica e permite de ler as ligações de cada uma das classes da parte retida (geralmente aquela cuja contribuição é a mais forte) com as categorias de palavras da grade de análise de conteúdo. Eles são aqui apresentados beneficiando-se de outros resultados como por exemplo o vocabulário específico de cada classe e a triagem de unidades de contextos elementares⁴, que me auxiliaram na categorização destas classes. Segundo Pereira (1999) as distâncias entre os objetos estudados são calculadas e, a seguir, os elementos são agrupados conforme a proximidade entre eles e em seguida, apresentados sob a forma de dendogramas. Primeiro é constituído um grupo inicial no qual são inseridos os dois objetos mais próximos, em seguida o objeto seguinte mais próximo deste grupo formando um novo grupo e assim sucessivamente até que todos os objetos são reunidos no grupo total de todos os objetos estudados.

A seguir apresento a Classificação Descendente Hierárquica/Dendrograma das Classes Estáveis de cada organização e grupo de sujeitos:

⁴ Etapa D, especificamente D1.

ANÁLISE POR ORGANIZAÇÃO

AMOLA

		RESIDUOS	
Cl. 1 (217uce)		-----+	
17		RECURSOS NATURAIS	-----+
Cl. 3 (89uce)		-----+	
18		RECURSOS ESTRUTURAIS	-----+
Cl. 2 (132uce)		-----+	
19		POL-INSTIT	+
Cl. 4 (77uce)		-----+	
12		CUL.TRAD -----+	
Cl. 6 (53uce)		-----+	
14		CULT.IDENTID	-----+
Cl. 5 (75uce)		-----+	

FUNDAÇÃO

15,07%		POL-INSTITUCIONAL	
Cl. 1 (107uce)		-----+	
32,68%	17	QUALIDADE DE VIDA	-----+
Cl. 4 (232uce)		-----+	
11,83%	18	RESIDUOS	-----+
Cl. 3 (84uce)		-----+	
40,42%	19	RECURSOS NATURAIS	+
Cl. 2 (287uce)		-----+	

ONDA

	27,82%	RECURSOS	
Cl. 1 (58uce)		-----+	
8,63%	15	RESID/ARTE	-----+
Cl. 4 (49uce)		-----+	
43,66%	16	QUAL. DE VIDA/ARTE	-----+
Cl. 3 (248uce)		-----+	
19,89%	18	RESIDUOS	+
Cl. 2 (113uce)		-----+	

ANÁLISE POR GRUPO

DE FORA

26,24%		RECURSOS ESTRUTURAIIS	
Cl. 1 (327uce)	-----+-----		
26,00%	16	QUAL VIDA	-----+
Cl. 3 (324uce)	-----+-----		
10,27%	17	RESÍDUOS	-----+-----
Cl. 4 (128uce)	-----+-----		
25,52%	18	POL.INST.	
Cl. 2 (318uce)	-----+-----		
11,96%	13	RECURSOS NAT.	-----+-----
Cl. 5 (149uce)	-----+-----		

NATIVOS

22,31%		CULTURA	
Cl. 1 (147uce)	-----+-----		
7,89%	13	POL INST LOCAL	-----+-----
Cl. 5 (52uce)	-----+-----		
19,88%	14	POL.INST.GLOBAL	-----+-----
Cl. 2 (131uce)	-----+-----		
12,14%	16	RESIDUOS	
Cl. 3 (80uce)	-----+-----		
29,29%	17	RECURSOS NATURAIS	-----+-----
Cl. 4 (193uce)	-----+-----		
8,09%	15	RECURSOS ESTR	-----+-----
Cl. 6 (56uce)	-----+-----		

Analisando o dendograma dos dois grupos, nativos e de fora ,nota-se que para os de fora a menor distância é entre os objetos ou classes, usando a terminologia do Alceste, 5 e 2, que categorizei como discurso referente aos Recursos Naturais e à temática concernente aos aspectos Político-Institucionais. Um outro agrupamento se forma à parte deste, aí as classes 1, dos Recursos Estruturais e a 3 de Qualidade de Vida estão aproximadas. Este grupo se liga à classe 4, dos Resíduos. Num terceiro momento estes dois agrupamentos são ligados entre si, registrando uma maior distância que entre os outros.

Para os nativos s classes mais importantes configuram-se como a 1 e a 5. Pode-se questionar a título de interpretação o que esta paridade entre os aspectos culturais e os políticos-institucionais locais representam? Formando um segundo

agrupamento tem-se as classes 4 e 6. Respectivamente recursos naturais e estruturais. A inclusão dos recursos numa só classificação indica que interpretação? Liga-se ao primeiro grupo a categoria política-institucional global e, ao segundo os resíduos. Por último e mais distante que todos as outras interações tem-se a ligação entre os dois agrupamentos.

A interpretação destas análises, conjuntamente com as demais estão detalhadas no capítulo III, onde foram então apresentados e discutidos os resultados desta pesquisa.

A seguir apresento o Roteiro das Entrevistas e o Painel Fotográfico.

Questões Orientadoras Para as Entrevistas
(Total: 47 questões)

TEMA 1 : IDENTIFICAÇÃO: (10 QUESTÕES)

1. Nome (opcional)
2. Idade
3. Sexo
4. Profissão
5. Situação Familiar: solt.; casado; filhos
6. Renda
7. De onde veio? Desde quando mora na Lagoa?
8. Já morou em outros lugares antes?
9. Veio morar na Lagoa por que razões?
10. Pretende ficar, Por que? Ou pensa em deixar de morar aqui?

TEMA 2 : IDENTIDADE : (3 QUESTÕES)

1. O que representa ser « NATIVO » e ser « ESTRANGEIRO » ou ser « DE FORA »
2. A identidade, ou de onde é interfere em alguma coisa na sua vida ?
3. Existindo essa diferenciação, como convive com ela ?

TEMA 3 : PERCEPÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS: (12 questões)

1. De que forma participa da vida da Lagoa? Onde faz suas compras, serviços, passeios, escola, clubes, amigos, bares, restaurantes...
2. Ao olhar a Lagoa, enquanto bairro, o que acha importante?
3. É possível sobreviver, trabalhar na Lagoa com recursos do meio ambiente da Lagoa, tipo lagoa: água, peixes, camarões... paisagem, dunas, praias...;
4. Relativo à natureza o que é importante? Enumere por ordem de importância, justificando a colocação.

5. Pensando no passado, o que mudou daquele tempo para hoje na sua vida. Como era e como é. Quais as transformações que percebe? E na natureza?
6. Nas conversas com amigos, vizinhos, parentes conversam sobre o que? Conversam sobre ecologia, meio ambiente, destruição, poluição...? O que eles pensam? Em especial sobre a Lagoa?
7. Quando passeia ou trabalha pela Lagoa o que vê? O que mais lhe chama a atenção? O que mais lhe chama a atenção no meio ambiente? Há alguma coisa que sempre comenta com familiares ou amigos sobre a Lagoa?
8. Quais os principais problemas que voce percebe na Lagoa? Geral e específico de meio ambiente.
9. Você acha que há algumas pessoas que mais destroem o meio ambiente? Fale sobre elas.
10. Que tipo de poluição você percebe na Lagoa?
11. Como avalia a expansão imobiliária da Lagoa ? Há algum transtorno em relação ao meio ambiente devido a isso ?
12. Como avalia o turismo local. Percebe algum problema para o meio ambiente ?

TEMA 4 : PERCEPÇÃO DOS RESIDUOS: (4 QUESTÕES)

1. O que você faz com o lixo que produz em casa, no seu trabalho (se for na Lagoa)...
2. Que idéia tem do destino final dado ao lixo produzido em sua casa e a da comunidade em geral? O que é feito ? Como era antigamente ? É diferente de hoje ?
3. Qual sugestão voce daria para o problema ?
4. O lixo tem algum valor ? E se fosse trocado por outra mercadoria ? O que acha ?

TEMA 5 : AVALIAÇÃO DO PASSADO/PRESENTE: (3 QUESTÕES)

1. Você percebeu mudanças nos últimos anos no modo de vida da Lagoa. (Períodos)
2. Você percebeu mudanças nos últimos anos no modo de vida do morador nativo?
3. Você percebeu mudanças nos últimos anos no modo de vida do morador "estrangeiro"?

TEMA 6 : PARTICIPAÇÃO COMUNITARIA: (8 QUESTÕES)

1. Participa ou participou de alguma associação ou manifestação pública na Lagoa ou pela Lagoa?
2. Nestas o meio ambiente era conversa ou tema presente ? Fazem o que ?
3. O que você faz pelo bem estar especificamente do lugar onde mora? Onde ?
4. Como você vê o que outros grupos ou pessoas fazem pela comunidade?
5. O que mais você gostaria de fazer e, porque não consegue fazer?
6. Que tipo de ações você julga que possam trazer consequencias à qualidade de vida local?
7. Quando você descobre (ou se você vir a descobrir) que alguma coisa que faz está prejudicando o meio ambiente como procede? Continua ou não e por que?
8. A sua participação comunitária vincula-se a alguma forma de participação política partidária ?

TEMA 7 : RELAÇÃO COM GOVERNO E EMPRESARIADO : (4 questões)

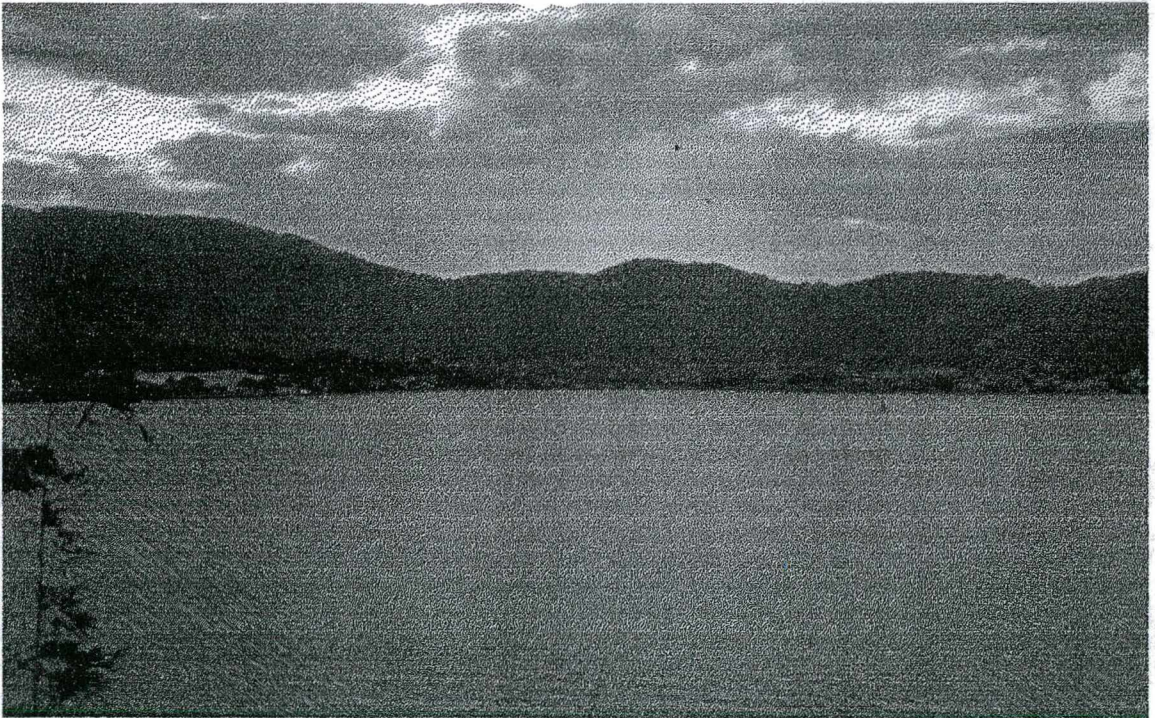
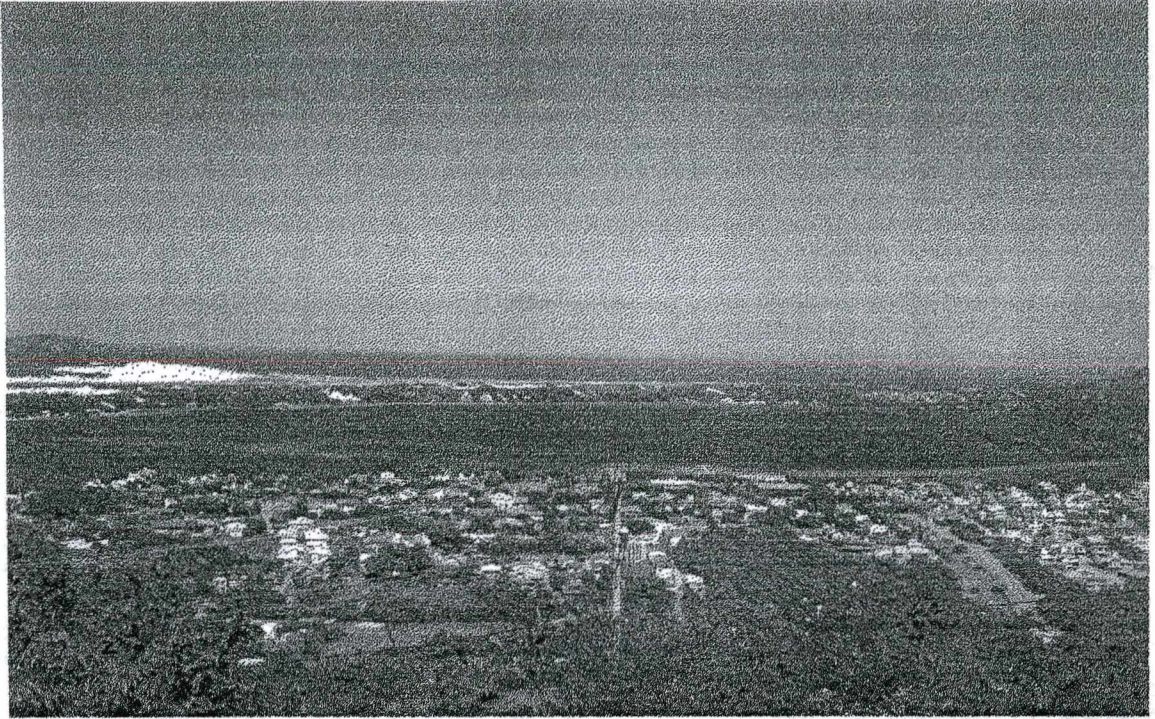
1. Como avalia a ação governamental na comunidade ?
2. Os políticos têm beneficiado o local com melhorias ? Cite as que mais lhe chamam a atenção.
3. Como avalia as propostas que são anunciadas para a Lagoa, de políticos e empresários?
4. Nas propostas a alguma coisa relativa ao meio ambiente ? Cite positivas e negativas

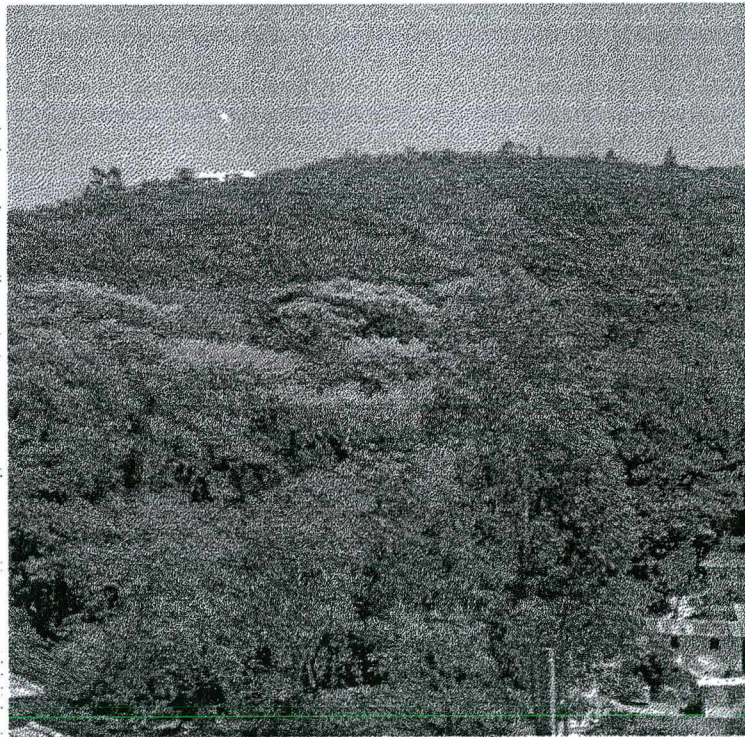
TEMA 8 : RELAÇÃO COM A MÍDIA : (3 QUESTÕES)

1. Gosta de ler? O que?
2. Habitualmente lê que tipo de coisas? Jornais locais ou da comunidade, nacionais, revistas, livros... Que tipo de temas mais lhe interessam? Lê artigos sobre meio ambiente? O que pensa sobre?
3. Com que frequência assiste TV ou ouve rádio? Acompanha programas sobre meio ambiente? O que pensa sobre?

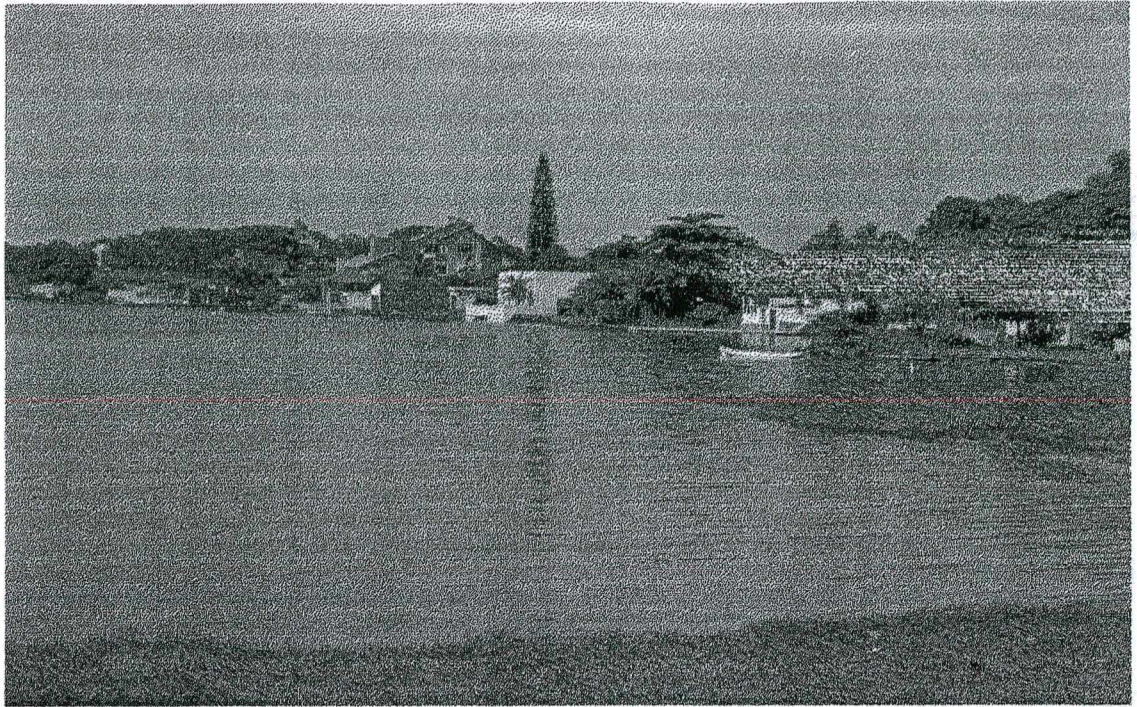
**REPRODUÇÃO DO PAINEL FOTOGRÁFICO
UTILIZADO DURANTE AS ENTREVISTAS**

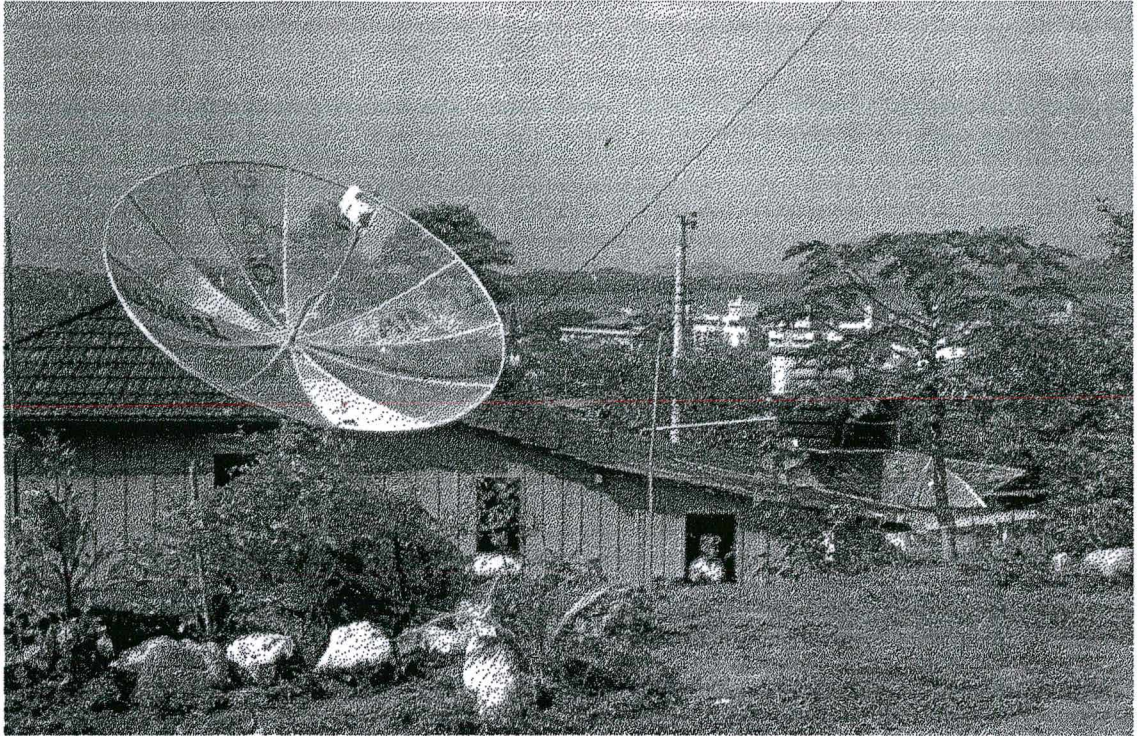
GRUPO 01



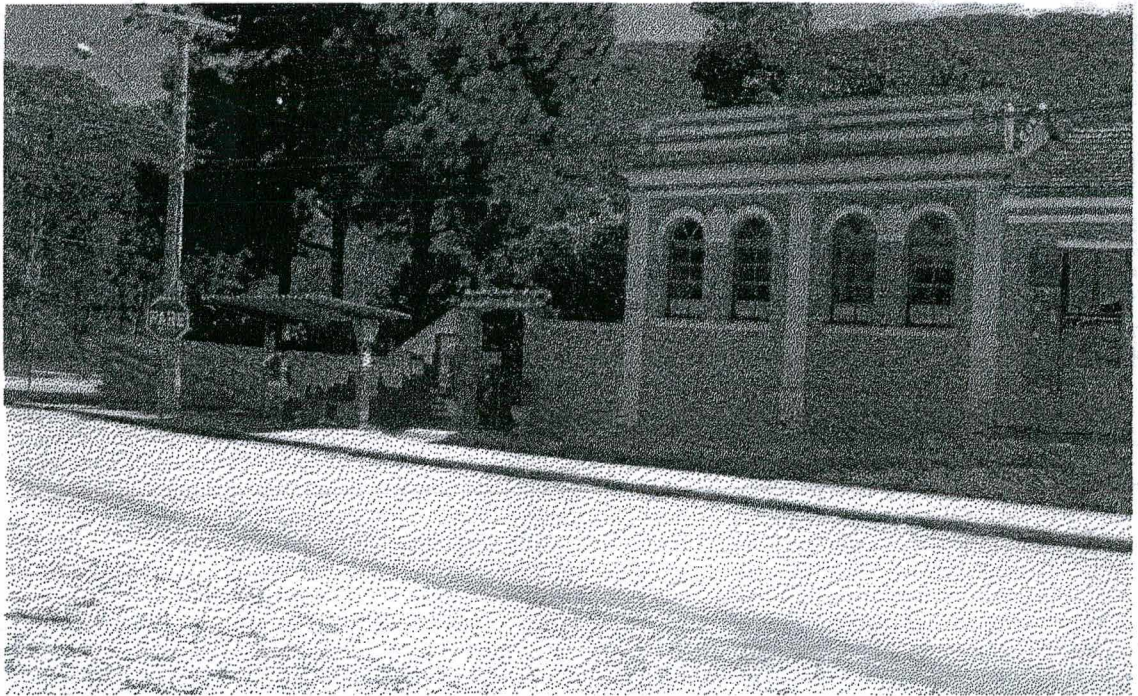
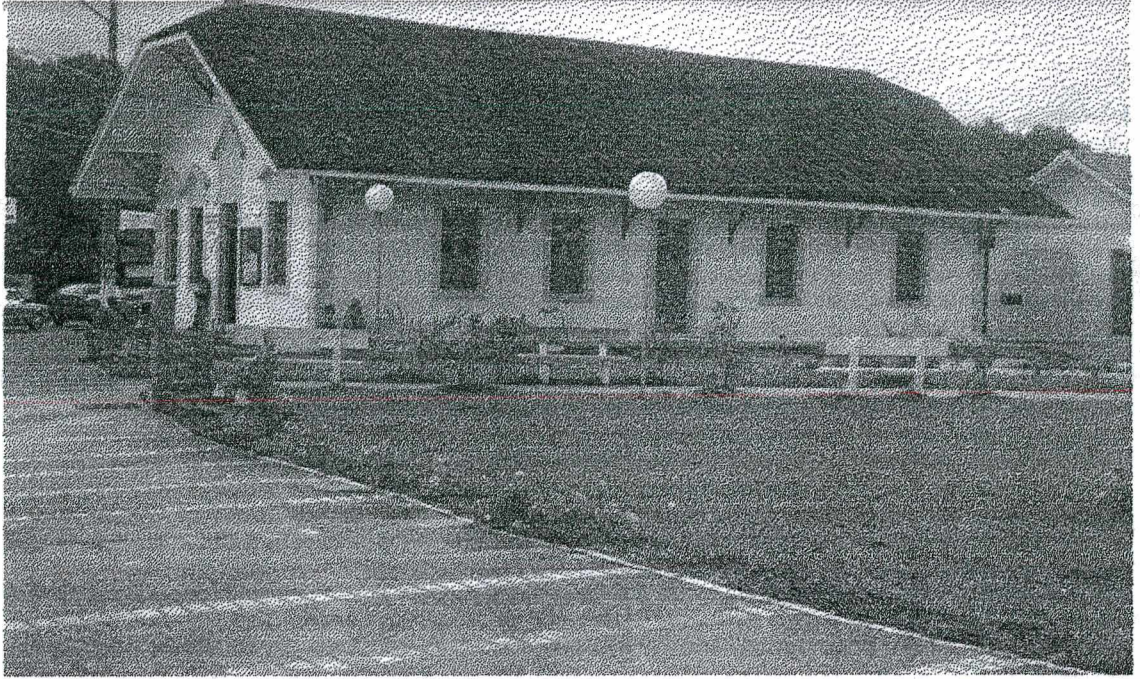


GRUPO 02



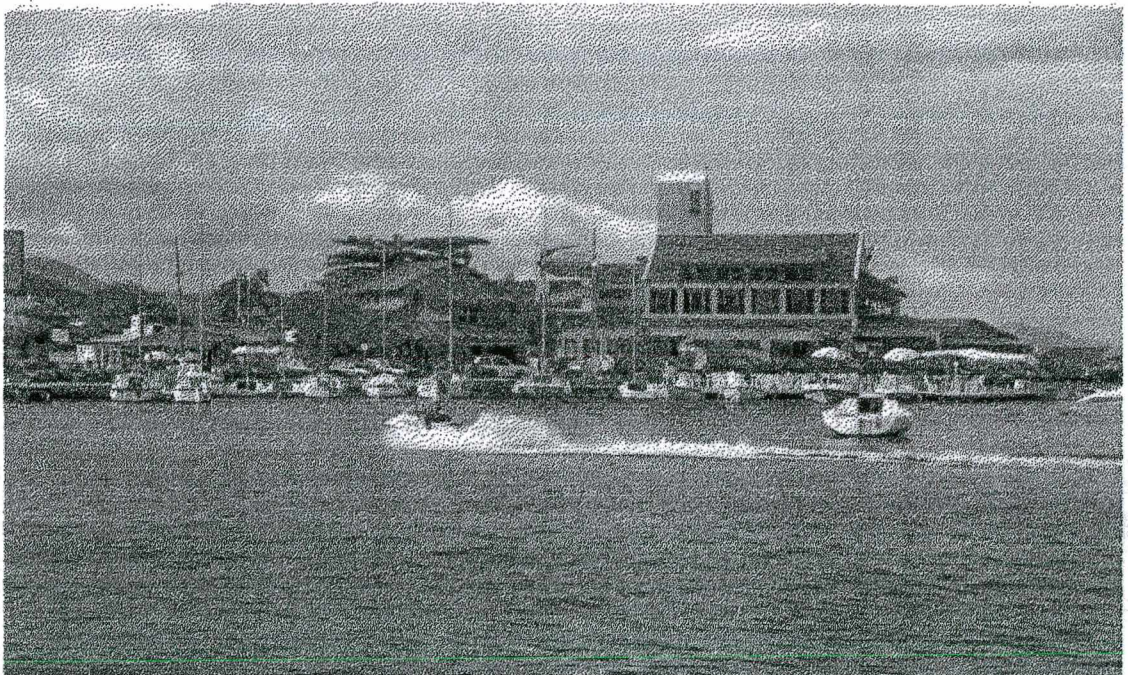


GRUPO 03



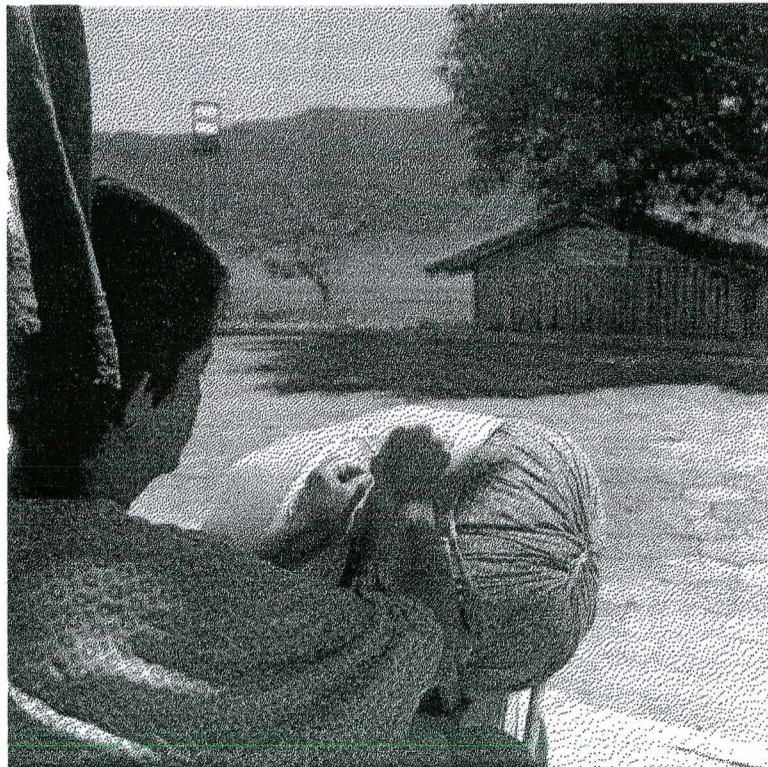
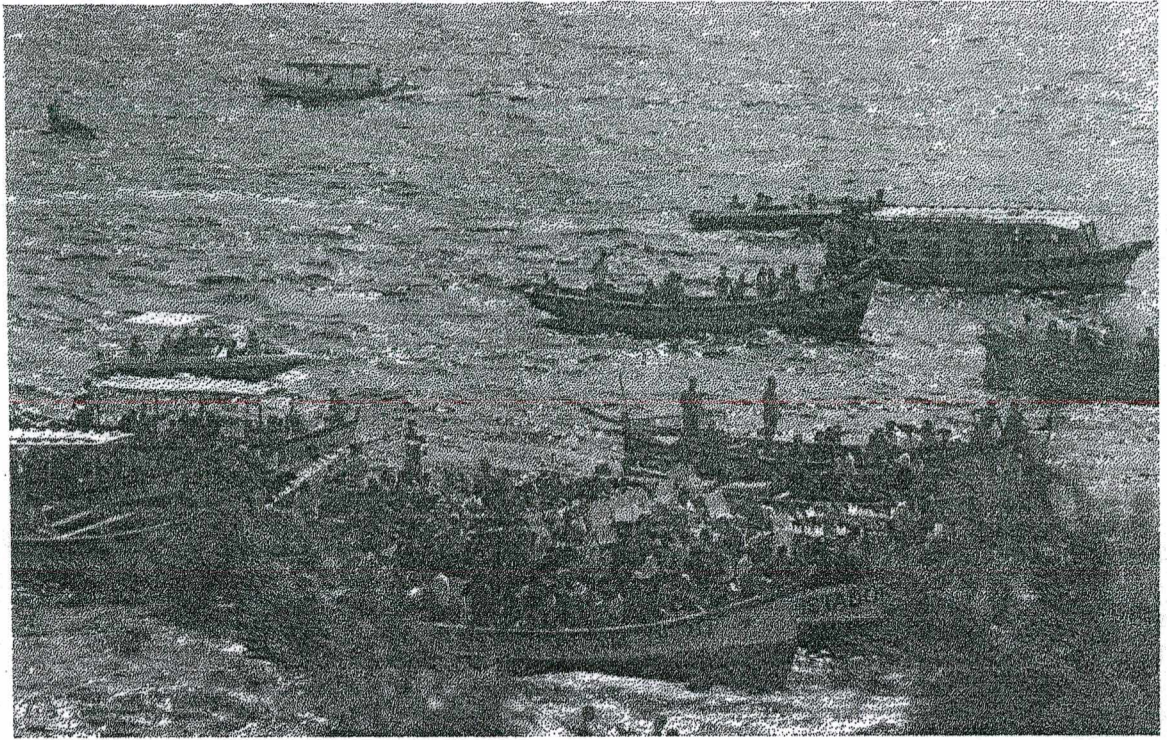


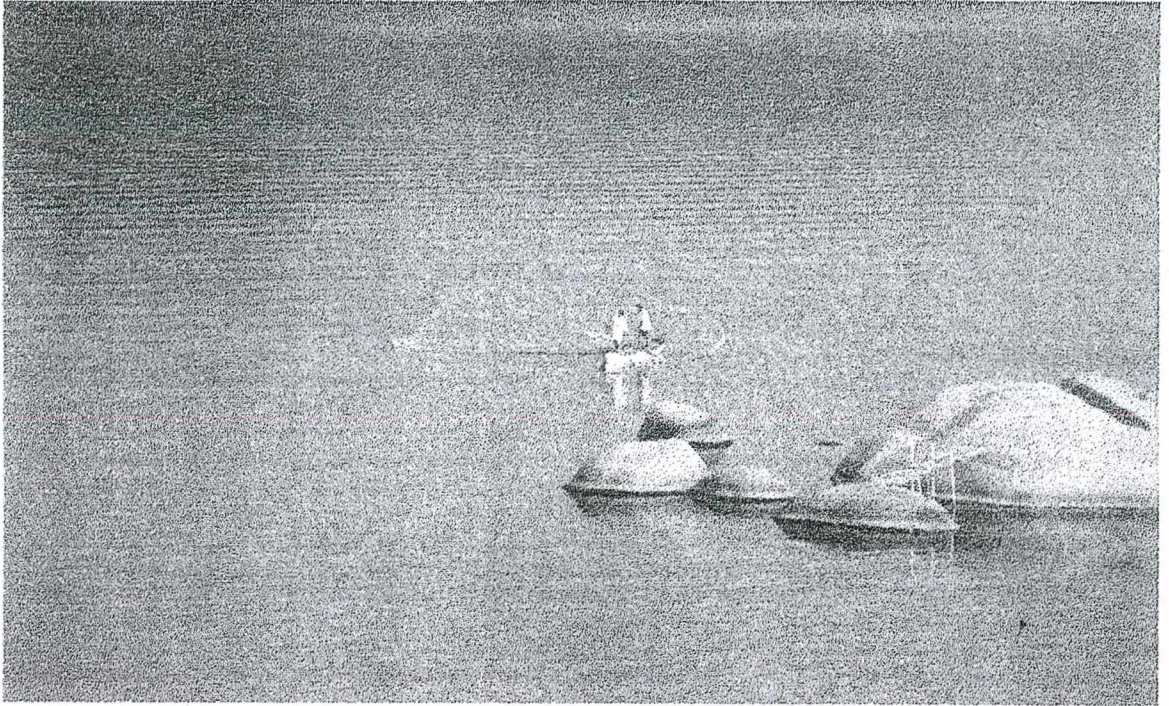
GRUPO 04





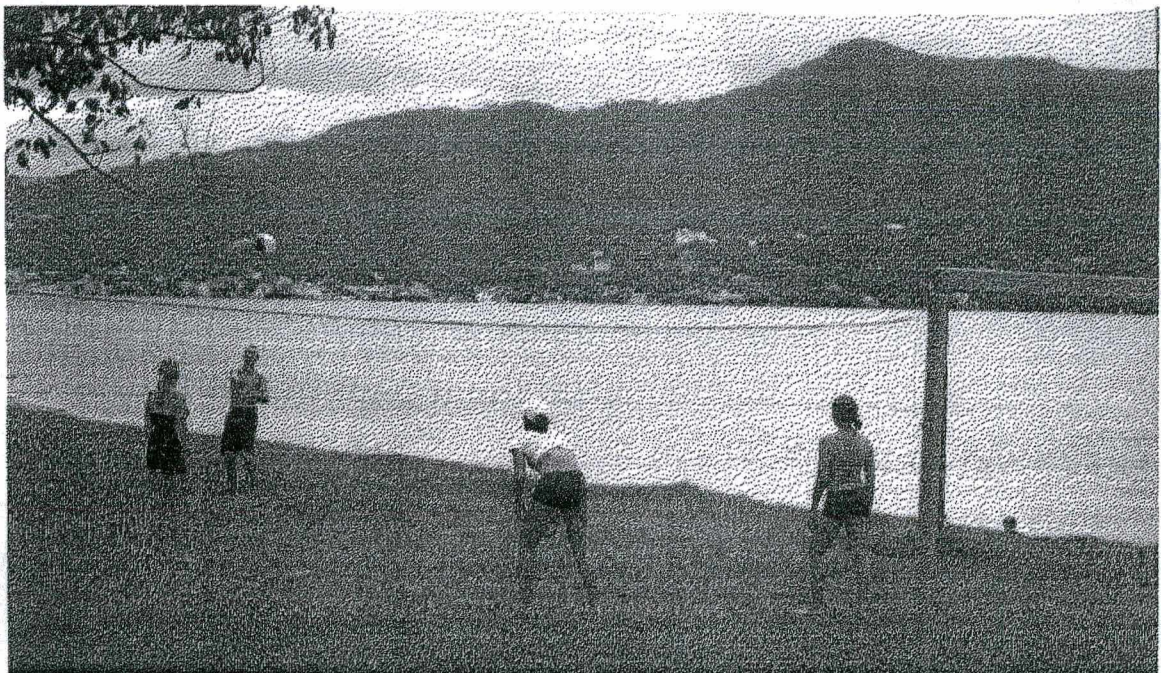
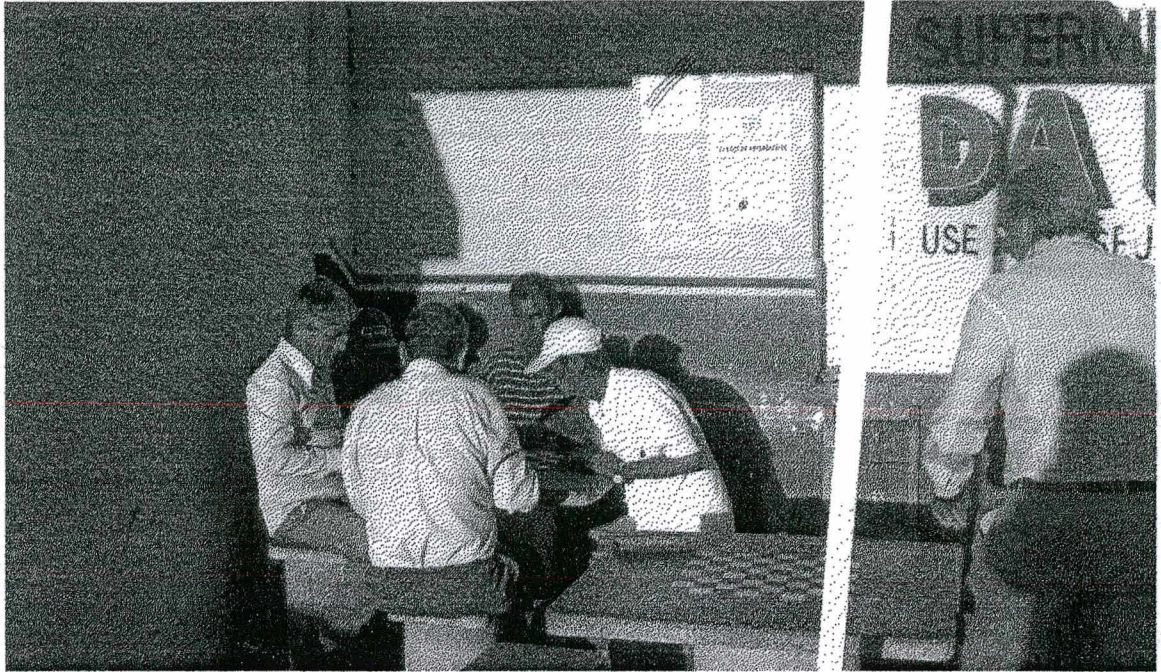
GRUPO 05





GRUPO 06





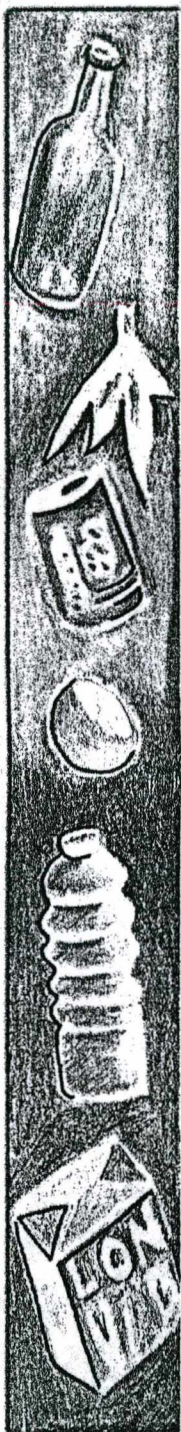
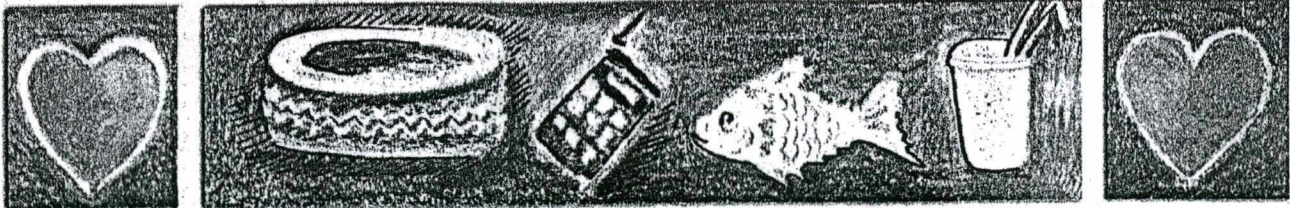
GRUPO 07





ANEXO 04: DOCUMENTOS ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS

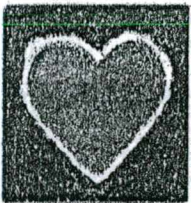
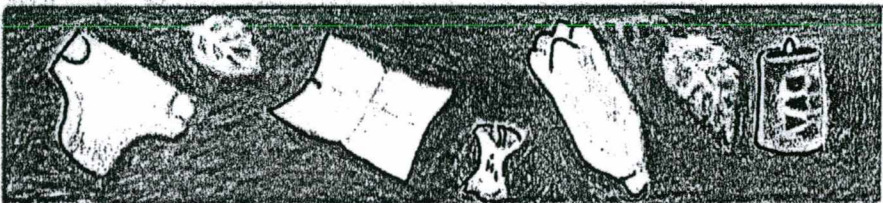
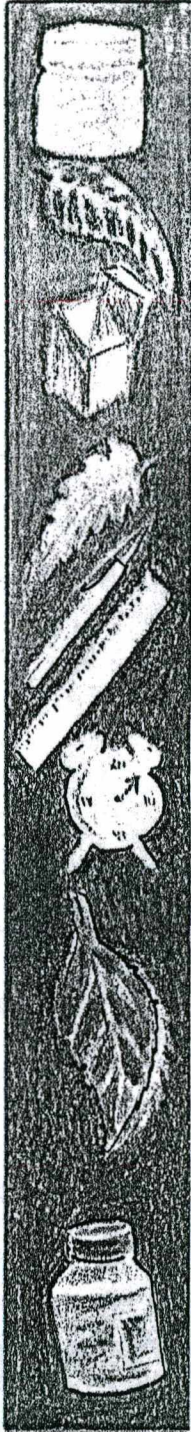
ONDA



REDUZIR REUTILIZAR RECICLAR

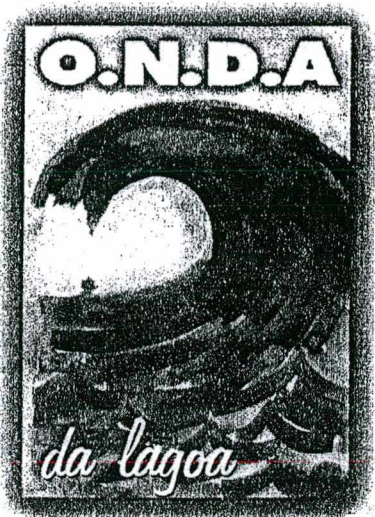
AGENDA 21

Temos direito a um ambiente saudável,
mas também temos que defendê-lo
Individual & Coletivamente!



Poster anexo ao Livro: "Considerando Mais o Lixo" - Ilustração by Lis & Design Gráfico: Adrian Martin San Juan





Lis Figueiredo

**Organização Natural
de Diversos Amigos**

Florianópolis - SC - Tel.: (048) 232-1203

RECICLANDO A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

M.Lis Figueiredo - O.N.D.A. da LAGOA
LAGOA DA CONCEIÇÃO

Estamos na era da educação ambiental, que se relaciona diretamente com auto estima e consciência.

Existe uma infinita gama de possibilidades para que esta informação simples seja divulgada por toda a mídia. É necessário preparar terreno junto com as empresas que já começam a investir em Marketing Ecológico.

- A informação ambiental através de boas imagens pode mudar o rumo dos hábitos de consumo condicionados que geram degradação.
- Existe a possibilidade de sensibilizar as populações de todo e qualquer lugar do país mostrando com bom senso estético algo revelador , um reflexo do próprio local onde se vive.
- Paisagens fotográficas das diversas zonas da Terra penetram no inconsciente coletivo colocando o indivíduo numa posição de cidadão mundial , ampliando sua consciência.
- A tarefa do educador é indicar objetivos de trabalho e interesse pelos problemas locais através de cartazes lúdicos (melhorando na prática algo que a população local presencie permitindo o exercício da cidadania através de mutirões).
- Uma campanha nos meios de comunicação a favor da qualidade de vida pode incentivar que muitas empresas venham obter certificados das ISO's evitando despesas enormes do poder público com a problemática do lixo e conquistando ajudas econômicas internacionais.
- As informações básicas sobre questões ambientais podem ser veiculadas nas Embalagens , Out-Doors, Rádio, TV, Jornais, Revistas, Internet, Cartazes, Folhetos de Publicidade, Calendários, Agendas e demais meios circulantes. A mídia pode incentivar a redução de fabricação de materiais tóxicos mostrando um bom exemplo de preservação de alguma empresa.

O futuro do nosso Bairro, Município, Estado e País depende da prática educativa através dos meios de comunicação. Esta prática deve se dar no cotidiano uma vez que a propaganda de massa e consumo não exclui nenhuma faixa etária e horário.



Organização Natural de Diversos Amigos

Vivemos em um momento em que o nosso maior desafio é garantir sustentabilidade sócio-econômica e ambiental

Dentro desta proposta começamos a fazer um trabalho simples e experimental aqui na Lagoa da Conceição, Florianópolis.

A nossa surpresa foi encontrar pessoas altamente afinadas com a questão ambiental, e que nos apoiaram de cara!

Foi assim que o desenho feito de improviso na prancheta "de brincadeira" foi parar na rua "de verdade"!!

Cento e trinta dias após o nosso nascimento "oficial" ao público, passamos a trabalhar cada vez mais no sentido de unir pessoas, fazer parcerias, etc... por uma boa causa.

Recentemente tomamos contato com a "Agenda 21" e sentimos que é EMERGENTE conscientizar a população sobre aspectos básicos de nossas vidas no cotidiano desta ilha.

É absolutamente necessário o apoio da MÍDIA para que algo aconteça de fato em direção ao desenvolvimento sustentável em cada ecossistema.

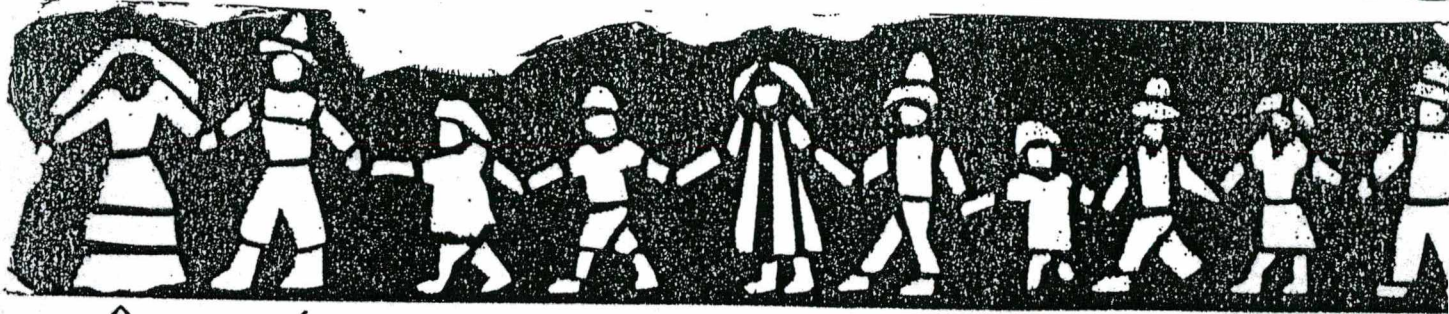
Contamos com a sua adesão.

Um abraço!

Liz Figueiredo

VEJA COMO VOCÊ
PODE PARTICIPAR
PARA SALVAR NOSSO PLANETA!

O CAMINHO DO LIXO



RESPEITO É O FUNDAMENTO DA VERDADEIRA CULTURA

Meu caro amigo:

Você já imaginou um movimento com muitas pessoas que se dispusessem a ajudar o meio ambiente, tanto em sua conservação quanto na divulgação das informações básicas (com ARTE) para se evitar possíveis agressões a ele?

CONSUMA PRODUTOS cujos fabricantes estejam voltados para o desenvolvimento de uma ética ecológica. Cultive o belo com simplicidade!

Conscientize-se de como usa os recursos da Terra. ★ O lixo orgânico é essencial para que o solo se enriqueça e dê flores, frutos e vegetação de alta qualidade. Procure plantar cada vez mais, seguindo, sem duvidar, a sua intuição! Faça AQUILO que você disse que ia fazer.

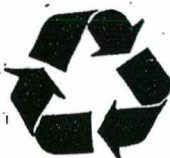
VOCÊ PODE COMEÇAR PELA SUA CASA SEPARANDO O MATERIAL RECICLÁVEL



Observe quanto tempo os "Lixos" levam para se decompor e passe cada vez mais a cooperar com a qualidade de vida planetária apoiando a reciclagem de recursos naturais. TOME ATITUDES ARROJADAS!



MUITO DO QUE NÓS JOGAMOS FORA TODOS OS DIAS PODE SER REAPROVEITADO!



ESSES MATERIAIS PODEM SER VENDIDOS E VÃO GERAR RECURSOS PARA PROJETOS SOCIAIS!

FUNDAÇÃO LAGOA



Primeiro Seminário de Planejamento da Lagoa da Conceição

Organização : Fundação Lagoa

Principais Tópicos abordados pelos 4 Grupos de Trabalho:

Grupo de Trabalho I : Parques e Áreas Verdes

- Abrir ao público toda a orla da Lagoa.
- Desenvolver um plano para o uso das águas da Lagoa.
- Solicitar das entidades de fiscalização municipais, estaduais ou federais, um barco com agentes fiscais para a Lagoa durante todos os dias de verão e todos os fins-de-semana do ano, para fazer cumprir as leis de segurança e velocidade, e para impedir a poluição de motores de embarcações.
- Colocar bóias para demarcar as áreas de banho, pesca e reservas ambientais, com acesso proibido a barcos e jet-skis.
- Desenvolver um projeto para replantar a vida aquática na Lagoa.
- Construir equipamentos recreativos para crianças e adultos nas áreas de lazer.
- Demarcar e proteger os sambaquis, engenhos e outros sítios históricos, culturais e arqueológicos da região.
- Garantir campo de pouso para o vôo livre.

Grupo de Trabalho II : Zoneamento e Uso do Solo

Turistas, moradores e visitantes, consideram que o charme da Lagoa está estreitamente ligado à cultura tradicional, seus traços arquitetônicos e suas características de vila pequena e simpática.

Por esta razão, tem-se como necessário:

- Não descaracterizar a cultura e a arquitetura locais.
- Criar mais áreas públicas e verdes de lazer sinalizar, demarcar e proteger as que existem.
- Fazer o levantamento da infraestrutura disponível incluindo esgoto, água potável, luz, sistema viário e transporte coletivo verificando se tal infraestrutura pode sustentar a densidade de ocupação atual e a densidade planejada para a Lagoa.
- Reduzir a taxa de ocupação na área urbana da Lagoa, para não sobrecarregar ainda mais a infraestrutura, não prejudicar ainda mais as encostas e não aumentar o açoreamento e a poluição da Lagoa.
- Aumentar as áreas de preservação permanente, reconsiderando a cota de altura, os cursos de água e a declividade dos terrenos.
- Arborizar as ruas e praças do bairro.
- Estabelecer um programa de conscientização dos(as) moradores(as) sobre o destino do esgoto e do lixo, e sobre o uso do solo.
- Criar um programa de educação ambiental para turistas em hotéis, pousadas, etc..
- Proibir grandes "out-doors" na Lagoa."



Grupo de Trabalho III : Sistema Viário - Circulação

No sistema viário da Ilha, a Lagoa é colocada como o vértice central de uma figura em “8”, o que leva a um grande acúmulo de tráfego, sendo que não todo ele destinado ao bairro. Dada a fragilidade dos ecossistemas e da natureza da Lagoa da Conceição, é preciso encontrar um modo de reverter este quadro.

Para atender às necessidades de transporte na circulação do bairro, é preciso que seja dada prioridade ao transporte coletivo através de um sistema integrado de qualidade. Considera-se também prioritário o desenvolvimento de calçadas para pedestres e ciclovias.

Grupo de Trabalho IV: Esgoto, Água e Lixo

A rede de esgotos deve ser ampliada para toda a bacia da Lagoa. Além disso, a rede deve ser ligada a estações de tratamento. Uma série de medidas deverão ser tomadas para proteger a qualidade da água e a saúde da população:

- monitoramento regular da qualidade da água em vários pontos da Lagoa, com a divulgação dos resultados, para alertar a comunidade e os órgãos de fiscalização sobre problemas de poluição.
- fiscalização regular tanto das ligações do esgoto pluvial à rede cloacal, como dos vazamentos do esgoto cloacal na rede pluvial .
- elaboração de um programa educativo com a comunidade, que inclua a instalação adequada de fossas e sumidouros, e as ligações à rede de esgotos.
- divulgação dos horários de coleta de lixo, para que diminua o acúmulo de sacos de lixo na rua. Também deve ser feita uma campanha para estabelecer o uso de contêineres-padrão.
- desenvolvimento de um programa para a separação do lixo de acordo com os materiais recicláveis: papel, vidro, lata e plástico; lixo orgânico e lixo seco.

Propostas Comuns aos Grupos:

- Estabelecer um Corpo de Guardiães(ãs)/Cidadãos(ãs) do Meio Ambiente para fiscalizar o crescimento urbano na Lagoa e outras ameaças ao meio ambiente.
- Montar uma “Home-Page” para a Fundação Lagoa e um endereço de correio eletrônico.
- Exigir melhor fiscalização das construções por parte das entidades responsáveis, incluindo a SUSP, a FATMA, o IBAMA, a Polícia Ambiental e a Capitania dos Portos.
- Divulgar as normas de zoneamento urbano na Lagoa para que proprietários e compradores saibam que construções são permitidas e onde.
- Desenvolver uma campanha de educação ambiental voltada à comunidade, enfatizando o destino adequado do esgoto, do lixo, bem como o respeito pelo meio ambiente e pelas leis de zoneamento em projetos e obras de construção.
- Não duplicar, e sim humanizar a Avenida das Rendeiras.
- Proteger a grande área verde de mata primária à beira da Lagoa entre o LIC e o centrinho.
- Estabelecer bolsões de estacionamento em vários pontos da Lagoa, ligados por calçadas, ciclovias e um sistema de transporte coletivo.
- Implementar na Lagoa da Conceição uma proibição total do uso de jet-ski, lanchas “voadeiras”, e outros veículos náuticos motorizados que sejam altamente poluentes, perigosos e barulhentos.
- Estabelecer a rede Telefônica “De Olho na Câmara”, para avisar e mobilizar a comunidade antes de votações importantes.



As Primeiras Etapas do Projeto Parque Lagoa:

O Parque Lagoa é o nome que se deu para a área geográfica que engloba as seis unidades de conservação em torno da Lagoa da Conceição, e as Áreas de Preservação que as ligam. Tais unidades de conservação e suas respectivas Áreas de Preservação criam um grande anel verde protegido por lei em todo o entorno da Lagoa.

É objetivo da Fundação Lagoa estimular o conhecimento e a apreciação das riquezas naturais desta região, reforçando assim a necessidade de demarcação, sinalização e fiscalização das áreas verdes, bem como o desenvolvimento de projetos para seu manejo adequado.

Para o alcance da sua meta a Fundação Lagoa vai promover:

- Passeios públicos com as crianças das escolas e também com adultos.
- Boletins informativos sobre a flora, fauna, cultura e história da região.
- Concurso para projetar portais ou sinais indicando as entradas do Parque Lagoa.
- Organização de uma comissão de moradores(as), técnicos(as), entidades do governo, e organizações não-governamentais, com participação majoritária da sociedade civil, para planejar o uso do Parque Lagoa.

PROJETO PRELIMINAR

Diagnóstico

A Lagoa da Conceição é uma zona úmida litorânea. Pelos aspectos peculiares da geografia constitui um sistema natural único que associa o relevo montanhoso à planície litorânea formada por dunas e restinga. Como sistema estuarino lagunar, possui águas piscosas de pouca profundidade e grande produtividade biológica. Essas entre outras características permitem afirmar que no, seu conjunto, é um monumento natural notável cuja preservação incumbe aos poderes públicos.

A localização insular acentua a interdependência desse sistema natural peri-urbano, com os demais espaços do território municipal. Não obstante, as pressões consequentes à sua ligação a um centro administrativo, e à sua condição de polo de atração turística, não anularam definitivamente o seu interesse enquanto patrimônio natural.

A legislação, ainda que constantemente violada, permitiu de certo modo refrear a degradação do ecossistema até os dias de hoje. O sistema normativo relativo ao uso do solo, mesmo não sendo oriundo de uma concepção integrada do ecossistema, pelo menos temporariamente, subtraiu à especulação, as áreas de encosta dos morros, proibindo a ocupação ou submetendo-a a parâmetros de baixa densidade. Por outro lado, a região foi beneficiada pela criação assistemática, de áreas protegidas a título de tombamento (dunas ou encostas) que associaram-se à incorporação da restinga ao patrimônio público estadual a título de reserva florestal (Moçambique e Barra da Lagoa).

A fragilidade desse equilíbrio é no entanto flagrante, sobretudo na medida em que a legislação referente ao uso do solo, além de desrespeitada, é constantemente submetida a modificações casuísticas que intensificam o adensamento da ocupação dos espaços. Por outro lado, a situação fundiária da região revela que espaços tradicionalmente públicos do domínio estadual ou federal, como as dunas ou as encostas inacessíveis caracterizáveis como terras devolutas, se encontram expostos a um processo de dilapidação contínua pela ausência de um controle patrimonial.

A preservação do uso público das margens dos elementos hídricos preconizada na legislação urbanística não tem sido respeitada. Em terrenos de marinha, os afastamentos das edificações em relação à orla previstos igualmente não são observados. Por outro lado inexistente uma política municipal de progressiva recuperação de terrenos de marinha ao domínio público, necessária à salvaguarda dos aspectos paisagísticos e à ampliação dos espaços públicos de lazer.

O processo de urbanização acelerado e a frequentação turística desorganizada constituem os principais fatores de degradação desse ecossistema ímpar. A banalização do espaço natural, decorre justamente da ausência de uma visão integrada dos aspectos socio-econômicos, urbanísticos e ambientais. Esse fenômeno é favorecido pelo modelo de organização político administrativo, caracterizado pela centralização dos serviços e a segmentação das decisões. Em consequência, inexistente uma estrutura específica para harmonização das atuações dos órgãos e agências públicas que detem atribuições na área.

A inoperância da administração municipal no que tange ao exercício do poder de polícia relativo às edificações e às atividades comerciais, contribui à ocupação caótica dos espaços, pela localização inadequada dos estabelecimentos, o

uso privado abusivo de logradouros públicos, e a proliferação de construções clandestinas. O impacto negativo reflete-se na desvalorização dos imóveis e no desprestígio das atividades econômicas e dos serviços turísticos.

O desrespeito às posturas municipais é praticado impunemente. A infraestrutura pública de saneamento é sub-utilizada pelo não exercício da faculdade de imposição da ligação compulsória das redes domésticas, patenteando-se a ineficácia dos serviços públicos essenciais. O desleixo no que tange à limpeza pública de vias e logradouros, o pouco cuidado e conservação dos equipamentos públicos, a ausência de arborização e ajardinamento públicos, conferem ao distrito nesses aspectos uma baixa qualidade de vida que contrasta com o caráter monumental do sistema de sustentação natural.

O aumento súbito e incontrolado de embarcações de recreio motorizadas sem determinação de corredores de circulação e o desrespeito às normas de tráfego marítimo, favorece a erosão das margens da lagoa e implica a destruição dos berçários naturais da fauna situados nos baixios. A ausência de controle acarreta a insegurança no exercício de atividades tradicionais, como a pesca profissional e amadora.

O incremento do número de veículos automotores frequentando a orla da Lagoa, favorecido pela implantação de vias de circulação junto às margens, agrava a poluição das águas pelo carreamento de substâncias tóxicas oriundas da combustão dos motores e da usura dos pneus, além de perturbar o habitat de aves migradoras ou endêmicas cuja reprodução depende da preservação do ecossistema lagunar.

Diante de tamanho descalabro, as organizações comunitárias tradicionais são impotentes para, isoladamente, reverter a situação.

- Constituir um acervo de informações, congregando os estudos e pesquisas disponíveis sobre os diferentes aspectos da Lagoa da Conceição.
- Intervir na discussão de projetos de urbanização em curso na esfera do poder público municipal
- Reinvidicar a criação a nível municipal das estruturas necessárias para a incorporação do Gerenciamento Costeiro nas atribuições da administração local
- Postular a participação como organização não governamental nos órgãos colegiados com atribuições no plano do desenvolvimento, urbanismo e meio ambiente
- Promover campanha comunitária para associar a população residente no combate ao carreamento do lixo sólido e dos efluentes domésticos para as águas da Lagoa
- Celebrar convênio com os órgãos competentes para realização de pesquisa sobre a qualidade das águas da Lagoa
- Celebrar convênio sobre o controle e monitoramento das construções
- Celebrar convênios com as autoridades marítimas para o controle dos usos do elemento hídrico
- Postular a afetação ao domínio público das áreas de preservação, mediante ação discriminatória ou desapropriação pelo poder público
- Celebrar convênio com os órgãos públicos para a elaboração de cadastro fundiário das áreas de preservação

- Constituir reserva fundiária tendo por objeto terrenos ou edificações apresentando um interesse especial a ser protegido, organizando campanha de arrecadação de fundos, inclusive de recursos obtidos pelo câmbio da dívida externa
- Participar ou assumir a gestão das áreas de proteção estrita (reserva biológica, estação ecológica)
- Apoiar o Ministério Público nos inquéritos civis públicos relativos às infrações à legislação ambiental
- Contestar administrativa e judicialmente as decisões administrativas e legislativas que atentem contra a preservação da Lagoa da Conceição
- Atuar em favor da preservação de outros ecossistemas lagunares similares

Etapas de Implantação

- Elaboração de documentação preliminar
- Difusão em âmbito restrito junto aos virtuais interessados
- Debate do projeto e coleta de sugestões
- Assembleia de constituição da Associação para a Fundação Lagoa
- Seminário sobre o tema "Zonas Úmidas litorâneas. Gestão Integrada da Lagoa da Conceição." (ver programa anexo)
- Constituição da Fundação Lagoa, mediante coleta de fundos

- Convênio com organizações internacionais não governamentais e governamentais (UICN, Programa MAB da UNESCO, Bureau des Affaires Maritimes das Nações Unidas, CEE, etc.)

Anexo

Seminário sobre o tema "Zonas Úmidas Litorâneas. Gestão Integrada da Lagoa da Conceição."

Temário: 1. As zonas úmidas litorâneas. Importância internacional. Sistema da Convenção de Ramsar de 1971. 2. Indicadores fisiográficos e ambientais como monumento natural. 3. Gerenciamento Costeiro. 4. Modelos de Gestão Integrada.

Objetivos: Desenvolver a consciência sobre a importância e o caráter singular da Lagoa da Conceição como monumento natural.

Participação: Professores e pesquisadores. Comunidade local. Políticos e administradores. Lideranças empresariais e trabalhadoras.

Patrocínio: Universidade Federal de Santa Catarina, Governo do Estado, Secretaria de Turismo, Associação Comercial, Instituto Oceanográfico de São Paulo.

Extrato da Ata da ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PARA A FUNDAÇÃO LAGOA



ICC

INDÚSTRIA CARBOQUÍMICA

PETRO

CATARINENSE S/A - I.C.C. -

FÉRTIL

" EM LIQUIDAÇÃO "

CGC/MF 83 881 433/0001 - 20

Data da Assembléia: 28 de setembro de 1994, às 20:00 horas.

Local: Sede do Lagoa Iate Clube, Florianópolis.

Presença: Reuniram-se os presentes que assinaram a lista de presença constante das folhas (1) um e (2) dois que integram o livro de atas, para deliberar sobre a seguinte pauta: (1) Aprovação dos Estatutos Sociais; (2) Designação de Comissão Provisória de Administração. Dando início aos trabalhos o senhor Gilberto d'Ávila Rufino relatou aos presentes a importância de assegurar um desenvolvimento sustentado para a Lagoa da Conceição e a necessidade de constituir uma entidade capaz de atuar com efetividade na preservação ambiental da Lagoa da Conceição. Expostos os objetivos da entidade, passou a palavra ao senhor Francisco Ferreira para coordenar os trabalhos de discussão e aprovação dos Estatutos Sociais. Postos em discussão os estatutos, foram aprovados por aclamação unânime da Assembléia.

Resumo dos Estatutos: Da denominação, sede, duração e objetivos: A Associação para a Fundação Lagoa, é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica de direito privado, tendo por objetivos promover a criação da Fundação Lagoa com a finalidade de realizar estudos e pesquisas e promover ações em defesa de interesses ligados ao desenvolvimento sustentado e à preservação do meio ambiente, integrando os aspectos sócio-econômicos e culturais da ilha de Santa Catarina e em especial da bacia hidrográfica que compõe a Lagoa da Conceição. A Associação para a Fundação Lagoa tem por sede o Distrito da Lagoa da Conceição provisoriamente à rua João Henrique Gonçalves, 591-A e foro a cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. O prazo de duração da entidade é limitado ao tempo necessário à constituição legal da Fundação Lagoa, que será constituída mediante a doação do patrimônio que lhe for destinado pela Associação. Os objetivos da Fundação Lagoa são, entre outros, os seguintes: I - Postular a participação, como organização não governamental, nos órgãos colegiados com atribuições no plano do desenvolvimento, urbanismo e meio ambiente; II - Constituir um acervo de informações, congregando os estudos e pesquisas disponíveis sobre os diferentes aspectos da Lagoa da Conceição;

III - Intervir na discussão de projetos de urbanização em curso na esfera do poder público municipal; IV - Reivindicar a criação e nível municipal das estruturas necessárias para a incorporação do Gerenciamento Costeiro nas atribuições da administração local; V - Celebrar convênios com os órgãos competentes para a realização de pesquisas sobre a qualidade ambiental, especialmente das águas da Lagoa da Conceição; VI - Celebrar convênios com as autoridades marítimas para o controle dos usos do elemento hídrico; VII - Celebrar convênios para o controle e monitoramento das construções; VIII - Promover campanhas comunitárias para associar a população residente no combate ao carreamento do lixo sólido e dos efluentes domésticos para as águas da Lagoa da Conceição; IX - Postular a afiliação ao domínio público das áreas de preservação, mediante ação discriminatória ou desapropriação pelo poder público; X - Celebrar convênio com os órgãos públicos para a elaboração de cadastro fundiário das áreas de preservação; XI - Participar ou assumir a gestão das áreas de proteção estrita (reserva biológica, estação ecológica); XII - Firmar contratos, celebrar convênios e acordos com organizações nacionais e internacionais não governamentais e governamentais; XIII - Constituir reserva fundiária tendo por objeto terrenos ou edificações apresentando um interesse especial a ser protegido, organizando campanha de arrecadação de fundos, inclusive de recursos obtidos pelo câmbio da dívida externa;

XIV - Apoiar o Ministério Público nos inquéritos civis públicos relativos às infrações à legislação ambiental; XV - Contestar administrativa e judicialmente as decisões administrativas e legislativas que atentem contra a preservação da Lagoa da Conceição;

XVI - Atuar em favor da preservação de outros ecossistemas lagunares similares. Os objetivos da Associação são, enquanto existir, os mesmos previstos para a Fundação Lagoa quando constituída e mais os seguintes: I - Promover campanha de arrecadação de fundos para formação de patrimônio destinado a constituir a Fundação Lagoa. O patrimônio da Fundação Lagoa será constituído de: I - Bens doados ou adquiridos; II - Doações e contribuições de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, *Dos Recursos*. Constituem recursos da Associação para a Fundação Lagoa: I - As contribuições dos associados; II - As doações, contribuições, auxílios, subvenções e estímulos concedidos por pessoas físicas e jurídicas, de direito público ou privado; III - As receitas operacionais próprias, provenientes de serviços prestados; IV - As contribuições e doações resultantes de convênios ou acordos com entidades não governamentais ou governamentais, nacionais ou estrangeiras; V - As dotações orçamentárias públicas convencionadas; VI - As rendas eventuais, doativas e legais; e VII - Quaisquer valores de outras fontes. *Dos Associados*. A entidade é composta por número limitado de sócios que integram as seguintes categorias: I - Instituidores; II - Contribuintes; III - Sócios Beneméritos. *Da organização*. Constituem órgãos da Associação: Assembléia Geral, Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e Secretaria Executiva. O Conselho Deliberativo é composto por 7 (sete) Conselheiros, eleitos pela Assembléia Geral e tem as seguintes atribuições: I - Eleger, entre os membros do Conselho seu Presidente; II - Aprovar planos plurianuais e anuais de trabalho e seus correspondentes orçamentos; III - Aprovar o relatório de atividades e o balanço anual; IV - Examinar as contas da entidade, sem prejuízo da competência do Conselho Fiscal; V - Designar o Secretário Executivo da Associação e os respectivos Coordenadores. Os membros do Conselho Deliberativo não podem ser remunerados, sob qualquer título, pelo exercício de suas funções. O Conselho Fiscal é composto por três membros efetivos e respectivos suplentes, sem qualquer remuneração, eleitos pela Assembléia Geral, com mandato de 2 (dois) anos, permitindo-se apenas uma reeleição. Compete ao Conselho Fiscal: I - Fiscalizar os atos da Secretaria Executiva; II - Examinar livros, papéis, balanços e relatórios da Associação e sobre eles opinar; III - Representar ao Conselho Deliberativo sobre qualquer irregularidade, erro ou fraude comprovadas e sugerir as medidas cabíveis. A Secretaria Executiva terá a seu cargo a execução dos objetivos da Associação e das decisões da Assembléia Geral e do Conselho Deliberativo. A escolha do Secretário Executivo deve recair em pessoa de formação universitária ou de notório saber e reconhecida qualificação para o cargo. O Secretário Executivo será auxiliado por 6 (seis) coordenadores, respectivamente de Administração e Finanças, Jurídico, Científico, de Relações Comunitárias e de Marketing. Cabem ao Secretário Executivo os poderes gerais de gestão da Associação e a representação da sociedade nos limites definidos pelo Regimento Interno da Associação. *Das Disposições Gerais*. O Regimento interno regulará o detalhamento da organização e competência dos órgãos, bem como as atribuições da pessoa. Em caso de extinção da Associação antes de atingido o fim colimado no Artigo 3º, os bens e valores desta deverão ser destinados a entidade de fim similar, de direito privado, com atividade no campo mencionado no Artigo 1º e que tenha por base territorial de atuação a mesma bacia hidrográfica. Este estatuto entra em vigor a partir da data de sua publicação e registro no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas, Florianópolis, 28 de setembro de 1994.

Em sequência, o senhor Francisco A.C. Ferreira, solicitou à Assembléia que indicasse nominata para compor a Comissão Provisória de Administração, para que, num prazo de 6 (seis) meses organize a entidade, execute campanha de arrecadação de fundos e de associados e estabeleça o rol de prioridades para início imediato das atividades. Propôs que esta comissão provisória deveria ser revestida dos poderes previstos no estatuto para o Conselho Deliberativo. Após discutida, foi a proposta aprovada por unanimidade dos presentes e indicadas as seguintes pessoas para integrar a Comissão Provisória de Administração: André Freylencher Ferreira, Aimê Rachel M. Magalhães, Alfredo Heilmann, Ary Ribeiro Carvalho Pini, Bernd Snocier, Cláudio Brasil do Amaral, Alexio dos Passos Santos, Flávio Luiz Pedrotti, Erico Porto Filho, Francisco A.C. Ferreira, Gilberto d'Ávila Rufino, Marcelo Frugoli, Marcia de Souza Butignol, Gilberto Marcellino e Rubens Altmann. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a Assembléia e lavrada a presente ata, que vai assinada pelos integrantes da Comissão Provisória de Administração, Florianópolis, 28 de setembro de 1994.

CAPITAL AUTORIZADO R\$ 5.987.638,91
CAPITAL SUBSCRITO E INTEGRALIZADO R\$ 5.978.256,20

EXTRATO DA QUADRAGÉSIMA QUINTA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA.

1. DATA, LOCAL E HORA: 28 de setembro de 1994, na sede social na rua Manoel Florentino Machado, nº 298 - Imbituba-SC, às 15:00 horas. 2. CONVOCAÇÃO: Edital publicado no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina e no jornal "O Estado", de Florianópolis, nos dias 15, 16 e 19 de setembro de 1994. 3. COMPOSIÇÃO DA MESA: Presidente - Guilherme Antonio Kress - Liquidante; representante da acionista petrobrás Fertilizantes S/A, PETROFÉRTIL, Sr. Nelson Carvalho de Paiva; e, Secretário, Milton Chukster - acionista. 6. DELIBERAÇÕES: - ITEM 1 - PRESTAÇÃO DE CONTAS DOS ATOS DO LIQUIDANTE: O Sr. Presidente deu conhecimento do relatório das contas dos atos do liquidante, no período compreendido entre 29.03 a 31.08.94, em conformidade com o art. 213 da Lei 6.404 de 15.12.76. O Conselho Fiscal apresentou parecer favorável sobre o assunto. Colocada a matéria em discussão, foi aprovada por unanimidade. ITEM 2 - CONHECIMENTO DOS LAUDOS DE AVALIAÇÃO DO ACERVO PATRIMONIAL DA IOC E PARECER TÉCNICO DO AVALIADOR. INDEPENDENTE: O Sr. Presidente deu conhecimento aos acionistas do Relatório de Avaliação nº SEPAV-126/94, elaborado por equipe técnica do Serviço de Engenharia da Petróleo Brasileiro S.A. - PETROBRÁS, que se apresenta convalidado por parecer técnico do avaliador independente Engº Domingos Saboya Barbosa Filho. Deu conhecimento, também, da avaliação expedida por equipe técnica da Rede Ferroviária Nacional S.A. - RFFSA, dos 25 (vinte e cinco) vagões de propriedade da Companhia. Sobre os assuntos, o Conselho Fiscal emitiu pareceres favoráveis. As matérias foram discutidas e aprovadas por unanimidade. ITEM 3 - CONHECIMENTO DO RELATÓRIO E PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES: O Sr. Presidente deu conhecimento do relatório sobre o exame das Demonstrações Financeiras Extraordinárias de 31.03.94, abrangendo o primeiro trimestre do corrente exercício, elaborado pela firma Boucinhas & Campos S/C - Auditores Independentes, acompanhado de Parecer favorável do Conselho Fiscal. A matéria foi discutida e aprovada por unanimidade. ITEM 4 - MODO DE LIQUIDAÇÃO DA COMPANHIA: O Sr. Presidente colocou em debate o modo de liquidação da Companhia, uma vez que necessita de instruções complementares dos acionistas para cumprimento da Resolução nº 109 de 17.1.94 da CD/ PND e art. 208 e 210 da Lei 6404/76. O representante da acionista PETROFÉRTIL propôs: 1. a liquidação da Companhia por licitação ou por dação de pagamento na forma da lei. 2. a apresentação, pelo liquidante, trimestralmente, à Diretoria da PETROFÉRTIL, de um cronograma do andamento do processo de liquidação. 3. a apresentação de fluxos de caixa mensais, com todas as necessidades de desembolsos de recursos financeiros a serem providos pela PETROFÉRTIL. Em votação, foram as propostas aprovadas por unanimidade. ITEM 5 - OUTROS ASSUNTOS DE INTERESSE DA COMPANHIA: Em razão das deliberações tomadas pela unanimidade dos acionistas, deverão ser adotados os seguintes procedimentos: a) O Sr. Liquidante colocará à disposição dos acionistas os cronogramas trimestrais referidos no item 4 da Ordem do Dia da Assembléia; b) A procuração da acionista PETROFÉRTIL, ao seu representante, bem como todos os demais documentos ou propostas submetidos à assembléia, referidos em Ata, serão numerados seguidamente e autenticados pela mesa e arquivados na Companhia; c) A ata da assembléia será lavrada na forma sumária dos fatos ocorridos, na forma permitida pelo disposto no § 1º do art. 130 da Lei nº 6404/76. MÚTUA/APORTE DE CAPITAL: Tendo em vista a aprovação, nesta assembléia, do relatório de auditoria independente relativo às Demonstrações Financeiras do primeiro trimestre desde exercício, o Presidente do Conselho Fiscal informou que convocará, para o mês de outubro de 1994, a Assembléia Geral Extraordinária, em

centos mil reais). O da qual se lavrou a, assinada pelos presentes: Kress-Presidente; (a) Petrobrás Fertilizantes Chukster-Secretário.

Transcrito às folhas senbléias Gerais da: S.A.-IOC. E por ser: lografadas, Arquivadas: Florianópolis - data

MIL

ROTARY EXTRAT

DENOMINAÇÃO: ROTARY CLUB DE ITAPEMA-SC. DATA DA 91. SOB A PRESIDENCIA SUBSTITUTO ANTONIO DE CLAUDIO BITTENCOURT BO BAUER, HUMBERTO V.B. S THUR BAUER. LIMITES DE TER BAL.CAMBORIU E CAMPE TE TIJUCAS E CAMBORIU. IDEAL DE SERVIR COMO B PROMOVENDO E APOIANDO MO COMO ELEMENTO CAPAZ SERVIR. O RECONHECIMENTO TIL E A DIFUSÃO DAS NO LHORIA DA COMUNIDADE P NA SUA VIDA PÚBLICA E SIONAIS DE TODO O MUNDO AS RELAÇÕES, DA COOPER RETORIA: CONSISTE DE U TO, UM OU MAIS VICE-PR: SOUREIRO E UM DIRETOR

IOMP 14884/942

SINDICATO DOS EMPRE REGULAMENTAÇÃO E FICIONAIS E/OU REGION

ELEIÇÃO

Serão realizadas eleições em novembro de 1994, das 6h às 18h, na Rua Felipina 603, em Florianópolis Rodovia SC 404, Km 04, cidade de Florianópolis. Serão realizadas eleições para o Conselho Fiscal Titulares e Suplentes a ser apresentado à Sec 18:00 horas, no período de publicação deste AVIS. Contate-se com a seguinte endereços: Florianópolis/SC,

IOMP 15564/940

ASSOCIADO TRABALHO DA REGIÃO P

A Associação dos Servidores Públicos da Região Praiana (ASSIP) tem a cidade de ITAJAÍ. Tem a todos os seus propósitos de estimular a participação de associados juizes classistas na ma estejam vinculados CAMBORIU, ou a distrito A ASSJUTRARD será adotar a função de diretor e conselheiro. A função de propor ou liquidar os membros da diretoria será da Associação

AMOLA

AMOLA
Assoc. de Moradores da Lagoa da Conceição

SOS PRAIA MOLE
Assoc. Verde Futuro

Abertura da Primavera

Convidamos o Departamento a participar da comemoração do início da primavera dia 23 /set./ 2000 durante o dia todo, na praça Bento Silvério, Lagoa da Conceição contribuindo com informações, para ajudar “esta velha senhora”
a lagoa, a viver por muitos anos mais.

Informações simples, de como as pessoas devem proceder e o que não devem fazer para serem consideradas **AMIGAS DA LAGOA.**

A geografia da região e a fragilidade deste Micro Complexo Lagunar nos leva a crer que repressão e fiscalização por si só não bastam, é uma questão de cultura do desperdício, e da omissão, que devem ser mudadas, tarefas nada fáceis.

Portanto, contamos com sua essencial ajuda, fator básico neste processo vital.

Este evento será realizado pelo núcleo do fórum de bacia da lagoa

Desde já agradecemos sua cooperação e sua compreensão em prol da nossa comunidade tão necessitada de sua sabedoria, estudos, projetos diante das dificuldades e carências existentes neste ambiente lindo e tão maltratado até ontem por todos nós.

Hoje estamos unidos com o propósito de reverter este quadro, ao ponto dos pássaros comerem em nossas mãos.

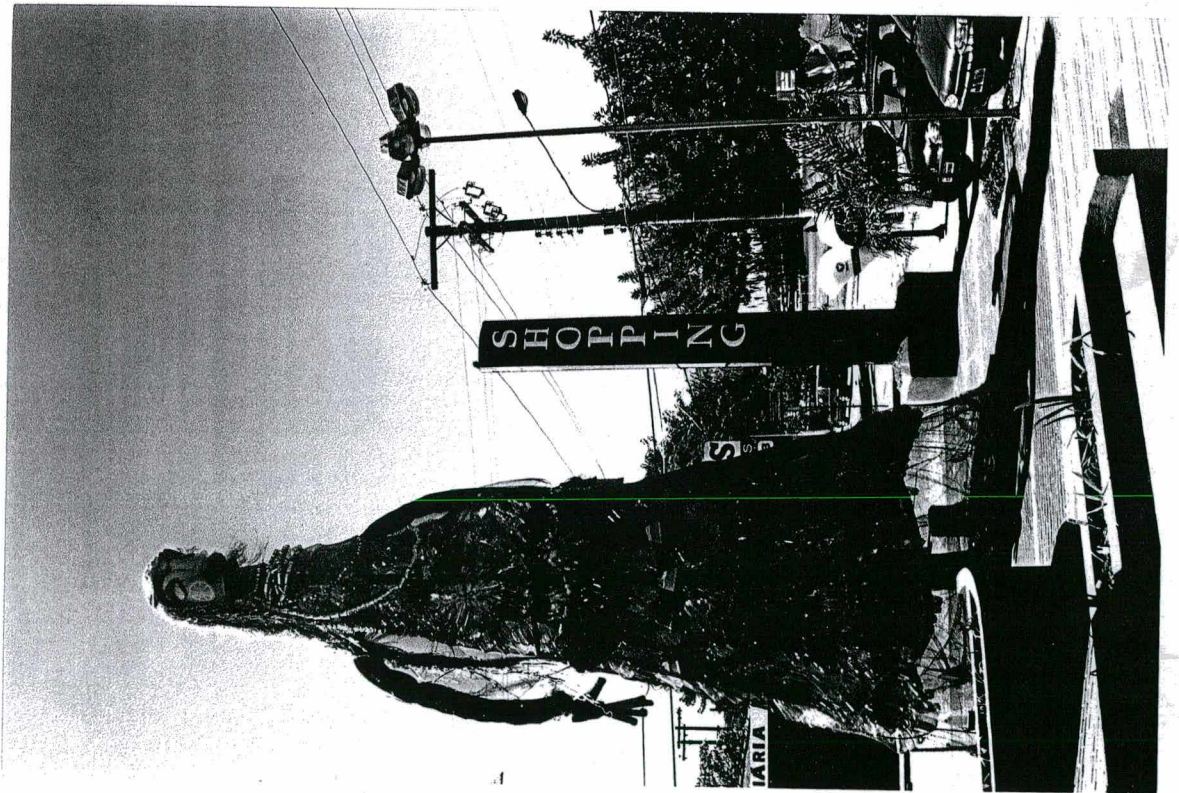
Traga um amigo e suas sugestões também.

Confirmações de presença até 11-09-2000 para formação do cronograma e ambiente de trabalho

praia mole@floripa.com.br
fones 232-5236 // 232-5237 // 9982-1647

ANEXO 05: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE MANIFESTAÇÕES LOCAIS

ESCULTURA FEITA DE GARRAFAS DE PLÁSTICO
(Maricota: folclore boi-de-mamão)



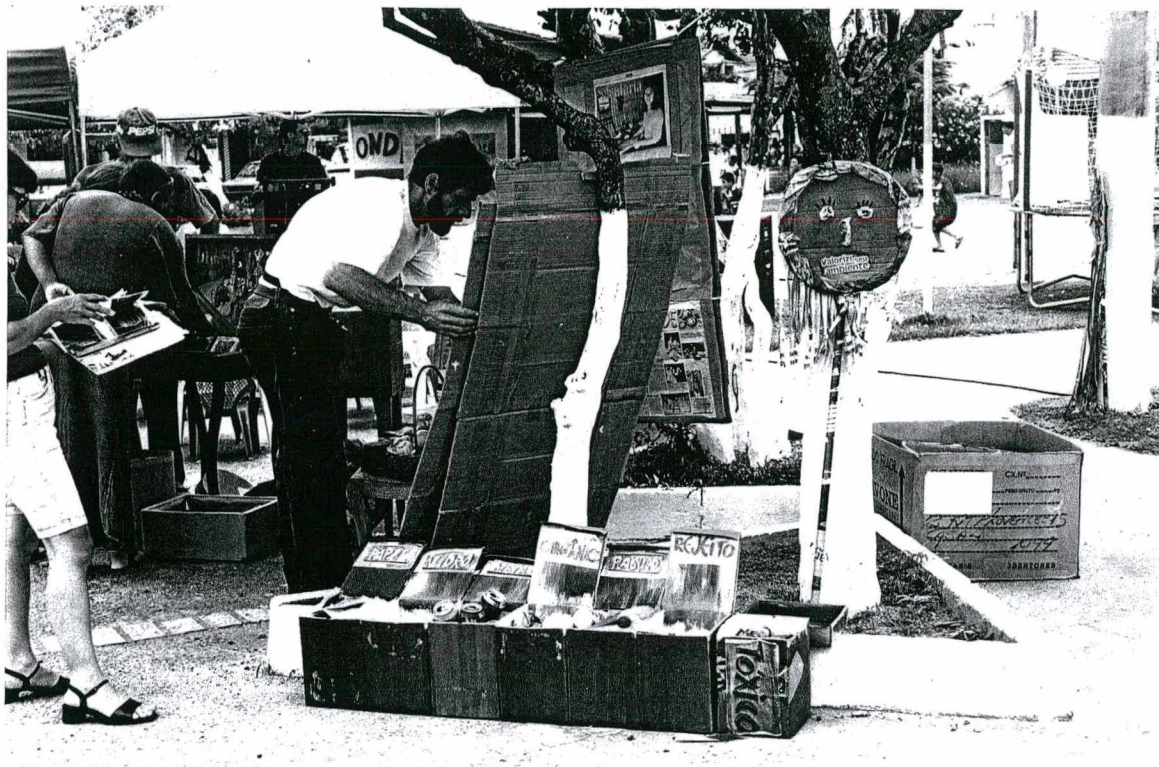
ECOFEIRA
(Feira de produtos naturais)



PINTURA NA PRAÇA DE LATÕES PARA LIXO RECICÁVEL



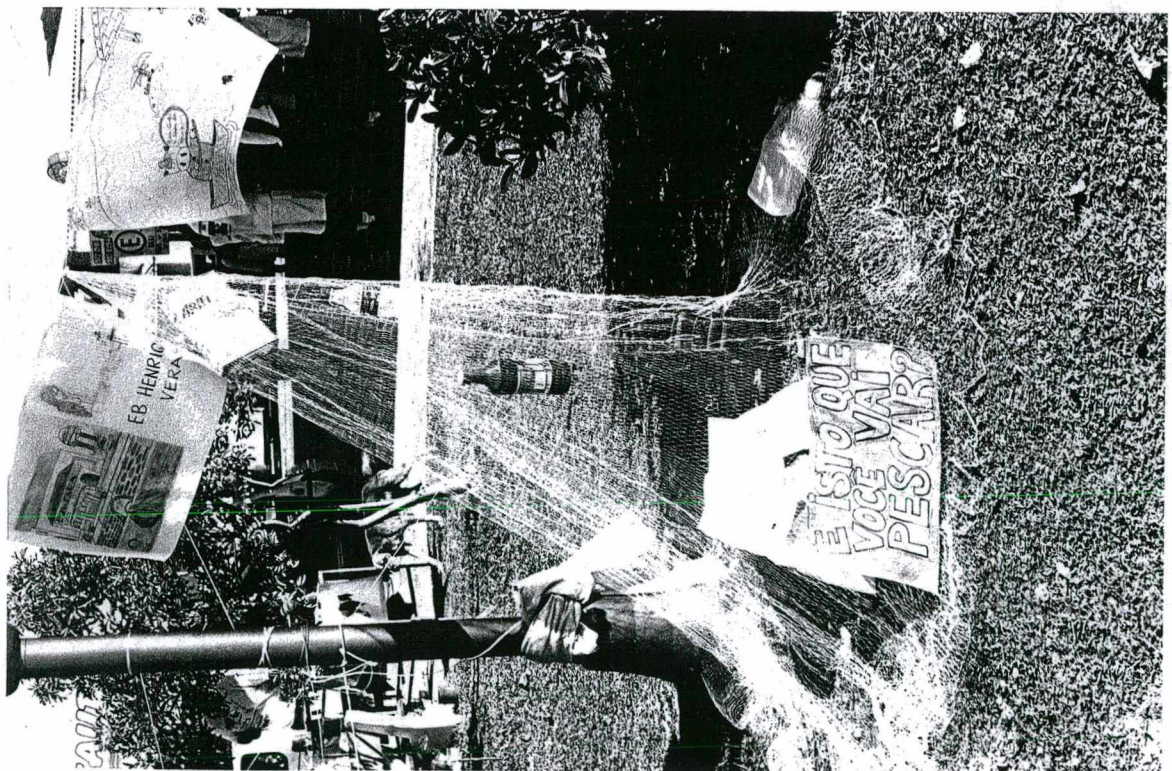
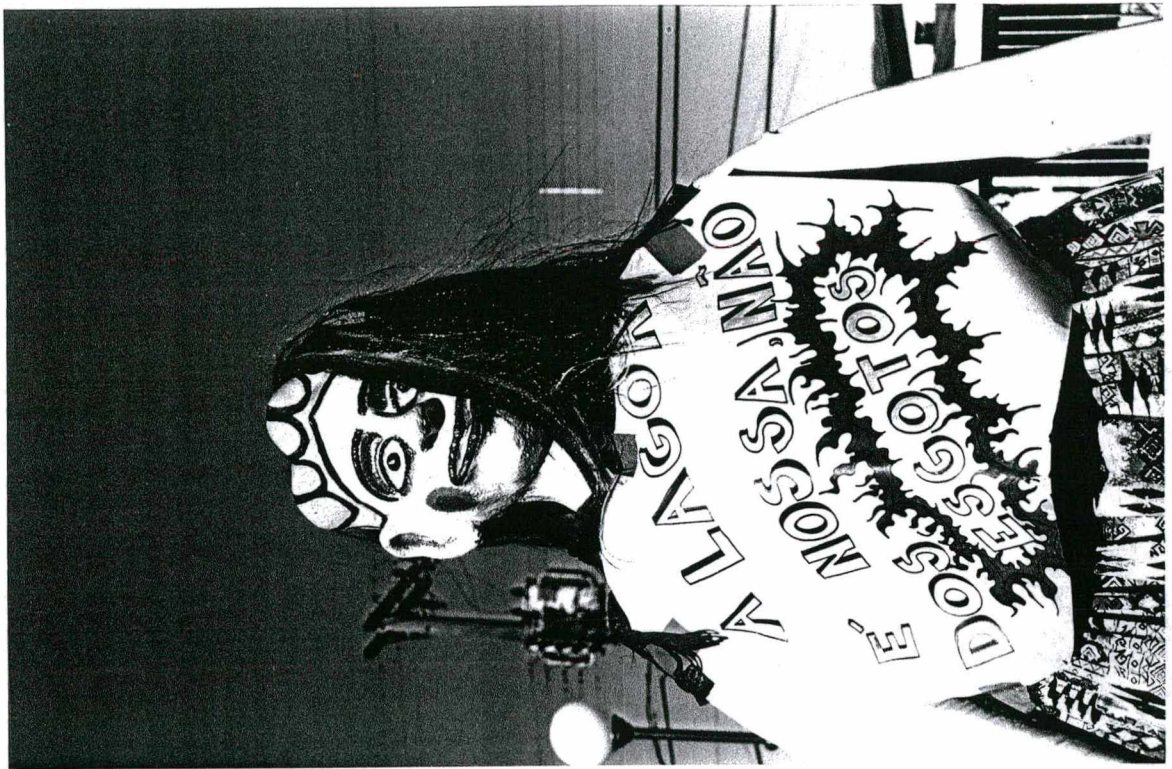
FEIRA DE ARTESANATO NA PRAÇA



TRABALHOS COMUNITÁRIOS EM PROL DA LAGOA DA CONCEIÇÃO



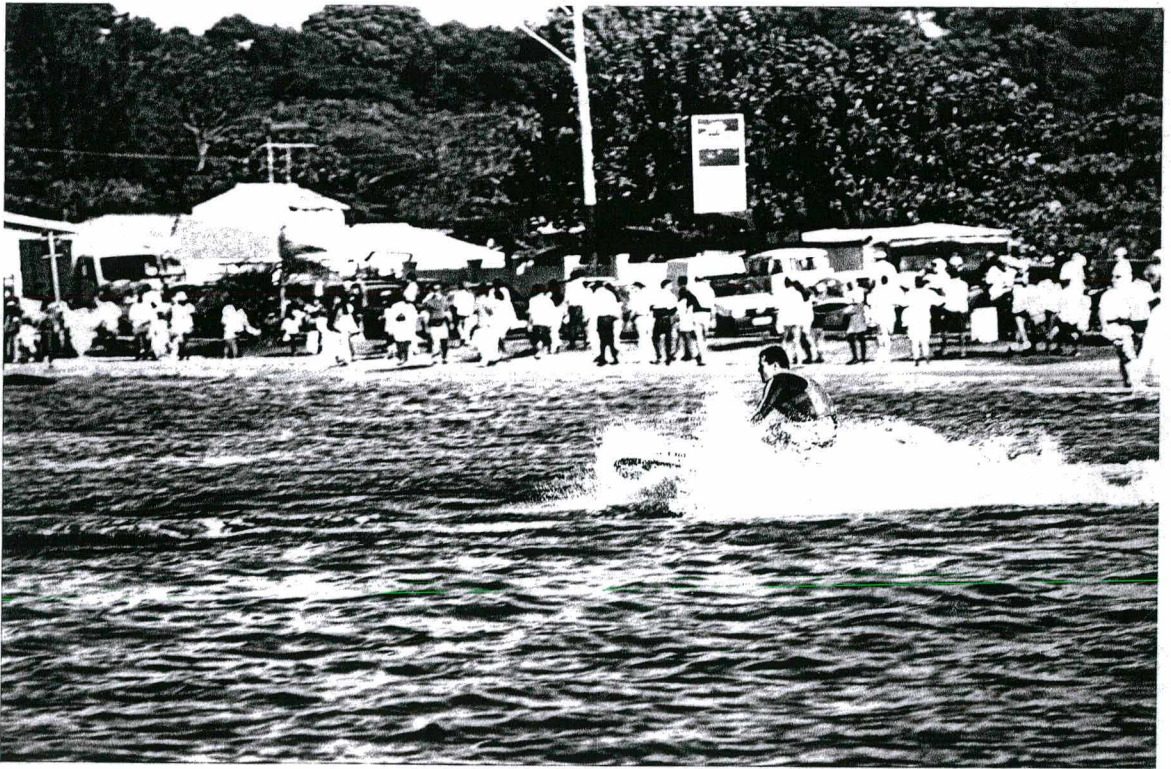
MANIFESTAÇÃO: ABRAÇO À MÃE LAGOA
(Símbolos do Folclore do boi-de-mamão, trabalhos escolares, faixas, ciranda, manifestantes à beira da lagoa e jet-sky)



QUALQUER COISA QUE
VOCÊ POSSA FAZER OU
SONHAR VOCÊ PODE COMEÇAR
COMEÇE COM A PRESERVAÇÃO
DE NOSSA LAGOA

NÃO DEIXE NOSSA
LAGOA MORRER
E O SEU ESCOTO
ESTA SENDO
JOGADO DENTRO





VENHA DAR UM



Praça Bento Silvério (CASARÃO)
DA LAGOA

13 de maio / 2000

Concentração a partir das 13h

com Eventos Culturais, Música e Artesanato

ABRAÇO - 15h

Organização - Grupos Comunitários da Lagoa - Fpolis - SC

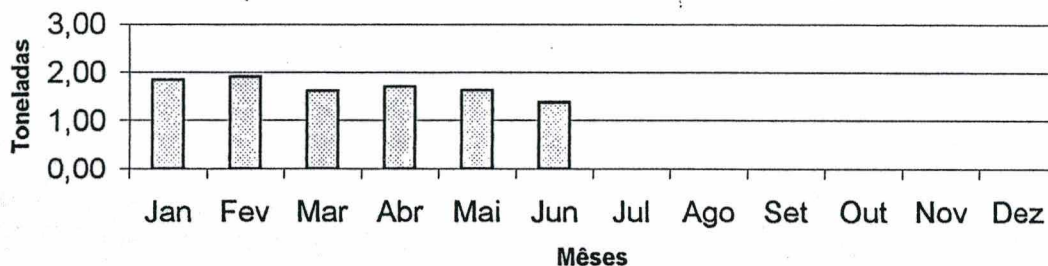
ANEXO 06: DADOS DA COLETA SELETIVA/COMCAP

ACOMPANHAMENTO ROTEIRO SELETIVA
 Produção Anual para o Roteiro S2-03*/2000

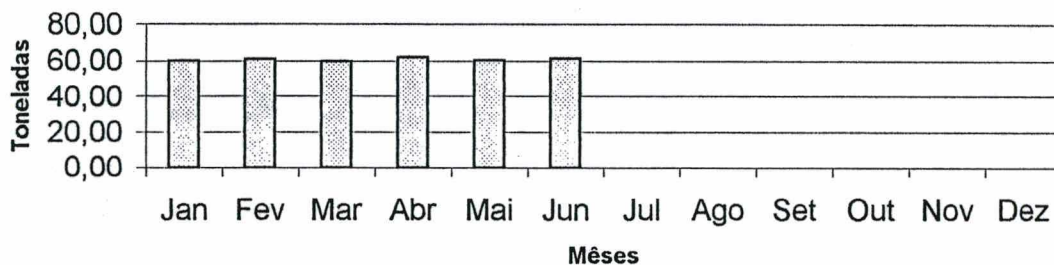
Data: 15/09/2000

Mês	Nº Viagens	Peso (ton)	Distância Perc. (Km)			Tempo de Percurso (h)			Médias / Roteiro / Viagem		
			Transp	Coleta	Total	Transp	Coleta	Total	Peso	Dist.	Tempo
Jan	11	20,40	432	230	662	15:09:00	23:49:00	38:58:00	1,85	60,18	3:32:33
Fev	8	15,26	308	183	491	10:15:00	20:45:00	31:00:00	1,91	61,38	3:52:30
Mar	8	12,81	287	193	480	9:39:00	18:34:00	28:13:00	1,60	60,00	3:31:37
Abr	8	13,64	306	192	498	10:09:00	19:25:00	29:34:00	1,71	62,25	3:41:45
Mai	9	14,50	359	186	545	13:20:00	20:49:00	34:09:00	1,61	60,56	3:47:40
Jun	8	11,03	280	212	492	10:30:00	16:15:00	26:45:00	1,38	61,50	3:20:38
Jul	0	14,94	266	206	472	11:45:00	21:45:00	33:30:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Ago	0	10	421	165	586	11:05:00	13:54:00	24:59:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Set	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Out	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Nov	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Dez	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!

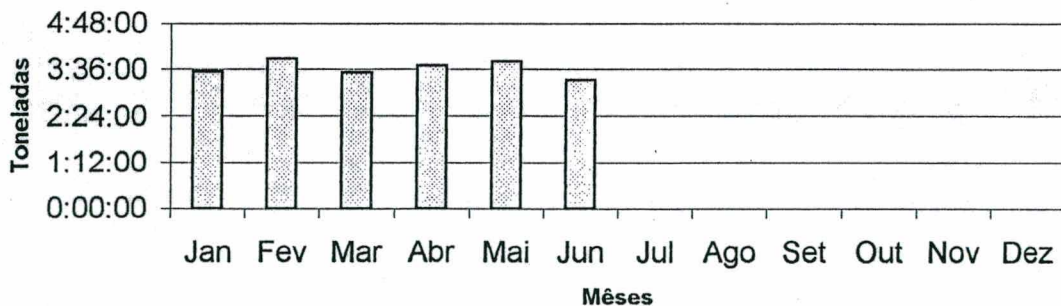
Coleta Seletiva-Produção Média Anual



Coleta Seletiva-Distância Média Anual



Coleta Seletiva-Tempo Médio Anual

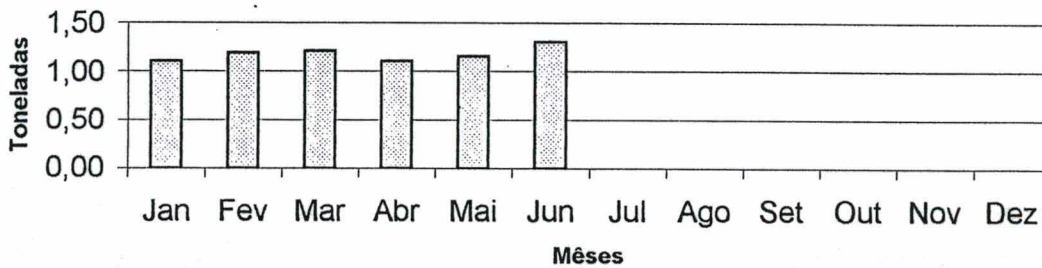


*Canto da Lagoa, Village I e II, Lot. Saulo Ramos, Osni Ortiga e Parque São Jorge

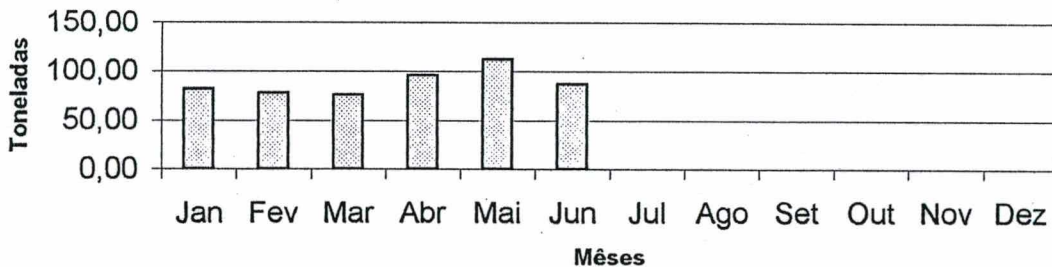
Produção Anual para o Roteiro S5-06*/2000

Mês	Nº Viagens	Peso (ton)	Distância Perc. (Km)			Tempo de Percurso (h)			Médias / Roteiro / Viagem		
			Transp	Coleta	Total	Transp	Coleta	Total	Peso	Dist.	Tempo
Jan											
Fev											
Mar											
Abr											
Mai											
Jun											
Jul	0	0,45	42	25	67	1:25:00	2:00:00	3:25:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Ago	0	7,27	257	127	384	9:09:00	11:50:00	20:59:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Set											
Out											
Nov											
Dez											

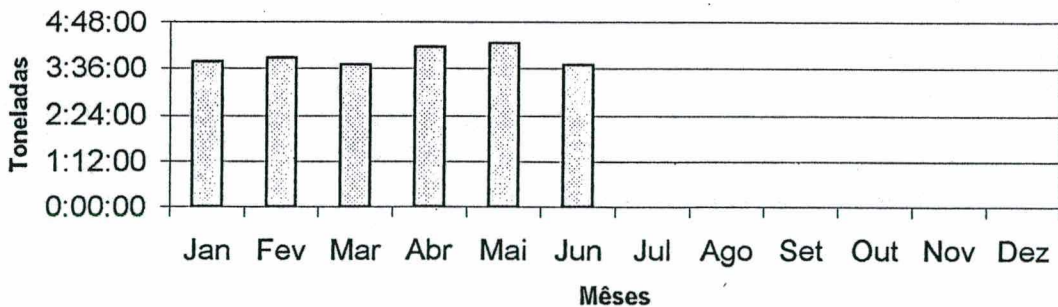
Coleta Seletiva-Produção Média Anual



Coleta Seletiva-Distância Média Anual



Coleta Seletiva-Tempo Médio Anual



*Lagoa da Conceição, Canto dos Araças, Rendeiras, Av. Acácio G. S. Garibaldi(Geral da Joaquina) e Rodovia Admar Gonzaga(do Trevo do Córrego Grande até a entrada do Canto da Lagoa) - início em 27/07/2000

5ª para para mais

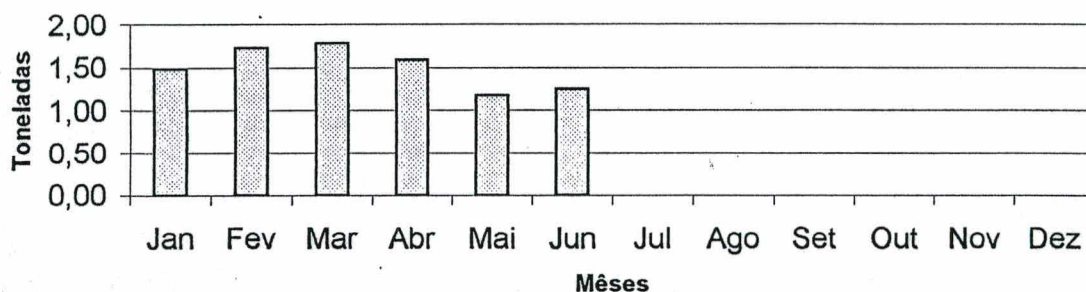
2ª. J. Canto, Osni Ortega, Vil. Santo Romão, Rib. de Lagoa
5ª. J. Rendeiras, Joazeiro, Cantinho Canto dos Araças, Lagoa

ACOMPANHAMENTO ROTTEIRO SELETIVA
 Produção Anual para o Roteiro S3-04*/2000

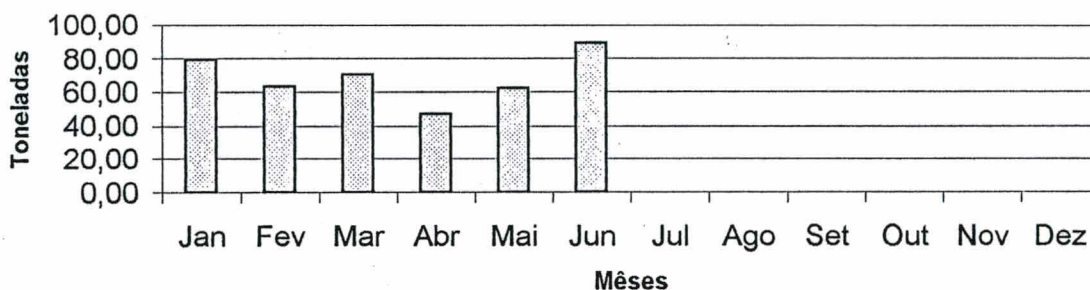
Data: 15/09/2000

Mês	Nº Viagens	Peso (ton)	Distância Perc. (Km)			Tempo de Percurso (h)			Médias / Roteiro / Viagem		
			Transp	Coleta	Total	Transp	Coleta	Total	Peso	Dist.	Tempo
Jan	5	7,41	289	107	396	8:41:00	12:05:00	20:46:00	1,48	79,20	4:09:12
Fev	5	8,63	178	138	316	5:40:00	14:20:00	20:00:00	1,73	63,20	4:00:00
Mar	3	5,36	132	80	212	4:04:00	8:35:00	12:39:00	1,79	70,67	4:13:00
Abr	4	6,35	104	84	188	4:00:00	11:50:00	15:50:00	1,59	47,00	3:57:30
Mai	5	5,90	200	110	310	8:15:00	13:05:00	21:20:00	1,18	62,00	4:16:00
Jun	5	6,24	281	167	448	8:15:00	13:20:00	21:35:00	1,25	89,60	4:19:00
Jul	0	4,92	180	158	338	5:45:00	11:50:00	17:35:00	#####	#####	#DIV/0!
Ago	0	12,45	306	168	474	11:05:00	15:15:00	26:20:00	#####	#####	#DIV/0!
Set	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#####	#DIV/0!
Out	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#####	#DIV/0!
Nov	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#####	#DIV/0!
Dez	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#####	#DIV/0!

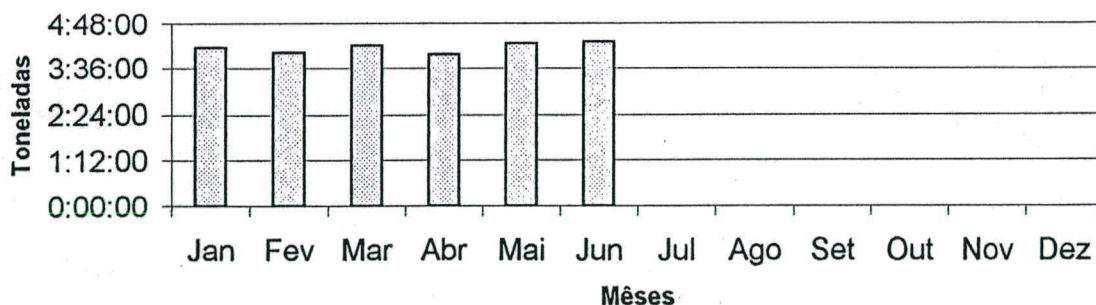
Coleta Seletiva-Produção Média Anual



Coleta Seletiva-Distância Média Anual



Coleta Seletiva-Tempo Médio Anual



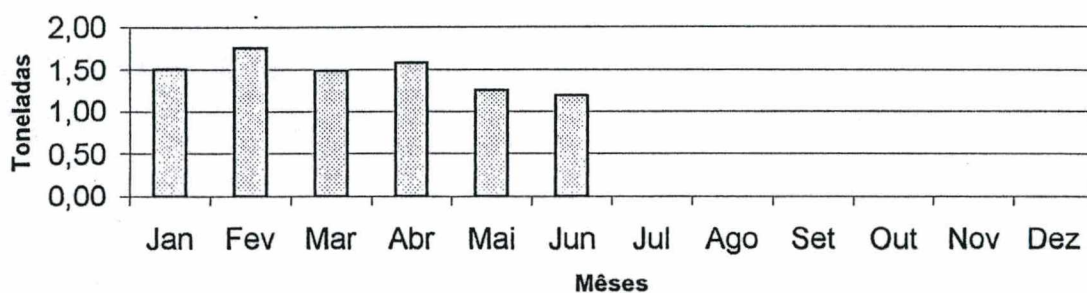
*Coqueiros, Itaguçu, Bom Abrigo e Abraão

ACOMPANHAMENTO ROTЕIRO SELETIVA
 Produção Anual para o Roteiro S7-04*/2000

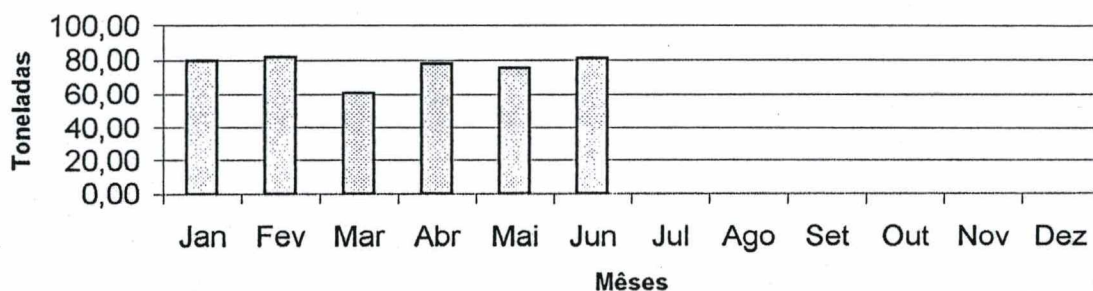
Data: 15/09/2000

Mês	Nº Viagens	Peso (ton)	Distância Perc. (Km)			Tempo de Percurso (h)			Médias / Roteiro / Viagem		
			Transp	Coleta	Total	Transp	Coleta	Total	Peso	Dist.	Tempo
Jan	4	6,02	209	110	319	5:04:00	10:30:00	15:34:00	1,51	79,75	3:53:30
Fev	4	7,02	211	116	327	5:15:00	11:39:00	16:54:00	1,76	81,75	4:13:30
Mar	5	7,42	196	109	305	5:10:00	11:30:00	16:40:00	1,48	61,00	3:20:00
Abr	5	7,92	254	137	391	6:04:00	13:50:00	19:54:00	1,58	78,20	3:58:48
Mai	4	5,03	196	107	303	5:19:00	9:30:00	14:49:00	1,26	75,75	3:42:15
Jun	4	4,76	196	128	324	6:19:00	5:54:00	12:13:00	1,19	81,00	3:03:15
Jul	0	6,27	204	169	373	6:45:00	14:05:00	20:50:00	#####	#####	#DIV/0!
Ago	0	5,36	206	198	404	4:55:00	12:54:00	17:49:00	#####	#####	#DIV/0!
Set	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#####	#DIV/0!
Out	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#####	#DIV/0!
Nov	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#####	#DIV/0!
Dez	0	0,00	0	0	0	0:00:00	0:00:00	0:00:00	#####	#####	#DIV/0!

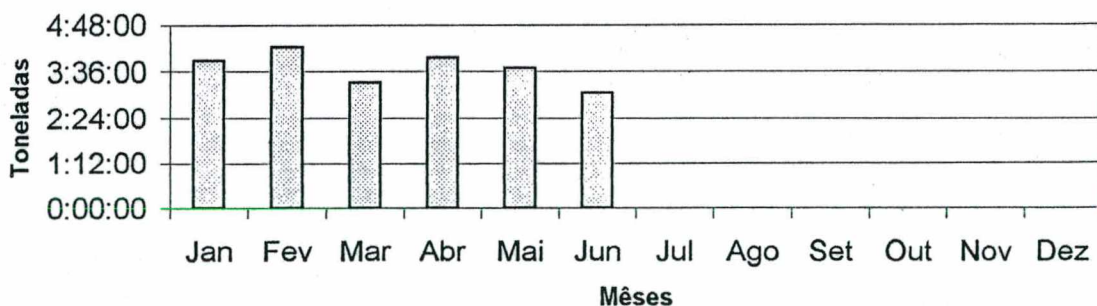
Coleta Seletiva-Produção Média Anual



Coleta Seletiva-Distância Média Anual



Coleta Seletiva-Tempo Médio Anual



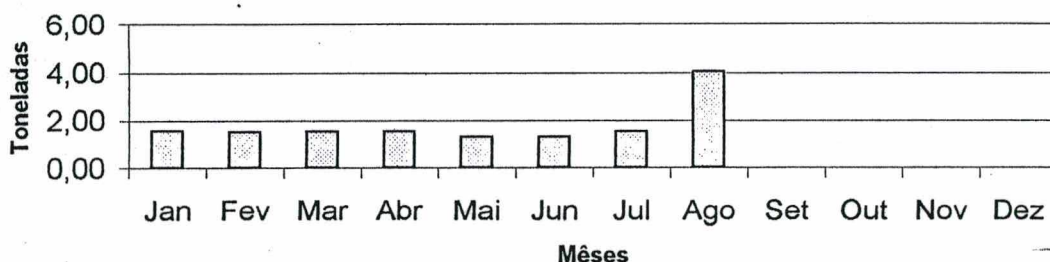
*Coqueiros, Itaguaçu, Bom Abrigo e Abraão

Produção Anual para o Roteiro S2-03*/1999

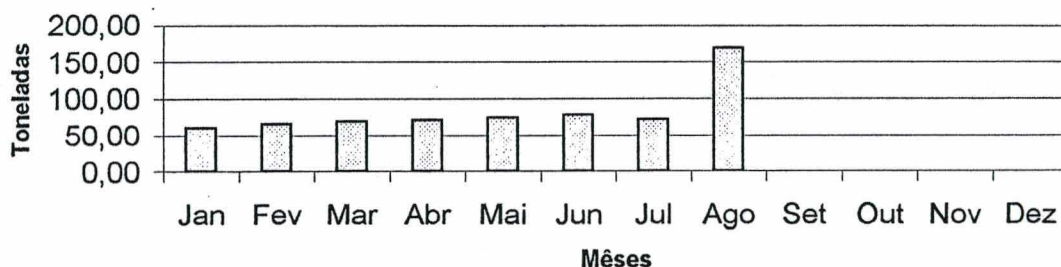
Mês	Nº Viagens	Peso (ton)	Distância Perc. (Km)			Tempo de Percurso (h)			Médias / Roteiro / Viagem		
			Transp	Coleta	Total	Transp	Coleta	Total	Peso	Dist.	Tempo
Jan	8	12,56	329	155	484	14:39:00	20:00:00	34:39:00	1,57	60,50	4:19:53
Fev	8	12,10	380	146	526	14:35:00	17:55:00	32:30:00	1,51	65,75	4:03:45
Mar	10	15,40	499	189	688	37:05:00	22:34:00	59:39:00	1,54	68,80	5:57:54
Abr	8	12,43	401	163	564	14:20:00	19:00:00	33:20:00	1,55	70,50	4:10:00
Mai	11	14,15	598	215	813	20:45:00	24:19:00	45:04:00	1,29	73,91	4:05:49
Jun	8	10,40	449	174	623	15:45:00	18:49:00	34:34:00	1,30	77,88	4:19:15
Jul	7	10,85	237	262	499	9:45:00	19:30:00	29:15:00	1,55	71,29	4:10:43
Ago	4	16,26	472	206	678	18:40:00	23:00:00	41:40:00	4,07	169,50	10:25:00
Set	0	12,79	409	166	575	15:05:00	18:45:00	33:50:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Out	0	14,89	412	205	617	14:30:00	19:25:00	33:55:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Nov	0	16,48	298	196	494	11:26:00	20:52:00	32:18:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!
Dez	0	14,78	272	178	450	11:45:00	18:49:00	30:34:00	#####	#DIV/0!	#DIV/0!

230.55

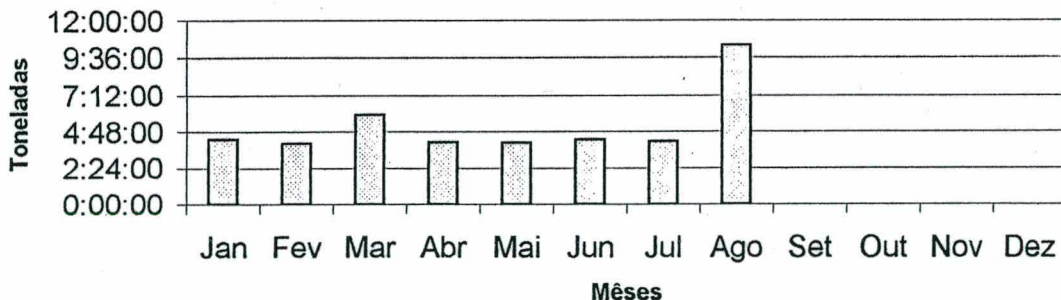
Coleta Seletiva-Produção Média Anual



Coleta Seletiva-Distância Média Anual



Coleta Seletiva-Tempo Médio Anual



*Canto da Lagoa, Village Iell, Lot. Saulo Ramos, Osni Ortiga, Rendeiras, Av. Acácio G. S. Garibaldi(geral Joaquina), Lagoa da Conceição, Rod. Edmar Gonzaga(Trevo do Canto até o Trevo do Córrego Grande).

ACOMPANHAMENTO ROTEIRO SELETIVA

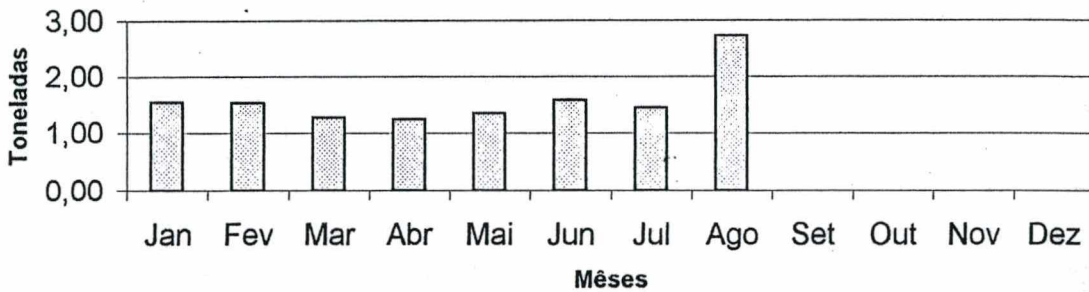
Data: 15/09/2000

Produção Anual para o Roteiro S7-04*/1999

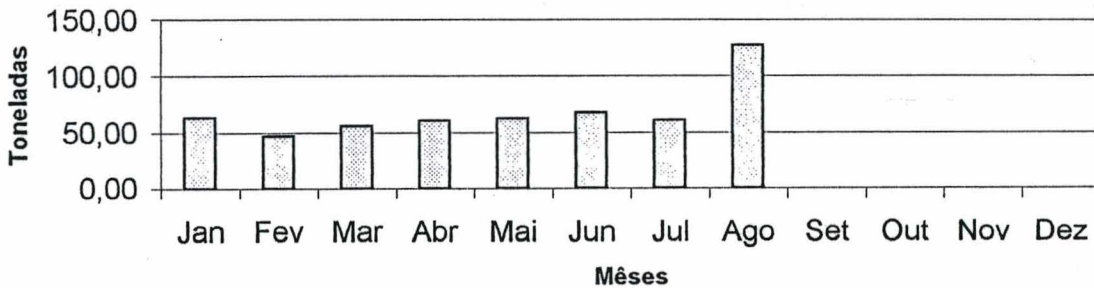
Mês	N° Viagens	Peso (ton)	Distância Perc. (Km)			Tempo de Percurso (h)			Médias / Roteiro / Viagem		
			Transp	Coleta	Total	Transp	Coleta	Total	Peso	Dist.	Tempo
Jan	5	7,69	229	90	319	7:34:00	12:15:00	19:49:00	1,54	63,80	3:57:48
Fev	5	7,63	172	65	237	5:40:00	8:50:00	14:30:00	1,53	47,40	2:54:00
Mar	6	7,56	243	91	334	6:55:00	11:45:00	18:40:00	1,26	55,67	3:06:40
Abr	5	6,18	219	85	304	8:05:00	10:45:00	18:50:00	1,24	60,80	3:46:00
Mai	5	6,71	218	97	315	7:19:00	11:30:00	18:49:00	1,34	63,00	3:45:48
Jun	4	6,30	176	96	272	5:25:00	10:50:00	16:15:00	1,58	68,00	4:03:45
Jul	5	7,24	195	113	308	6:04:00	12:15:00	18:19:00	1,45	61,60	3:39:48
Ago	2	5,47	166	89	255	4:49:00	9:39:00	14:28:00	2,74	127,50	7:14:00
Set	0	6,95	226	95	321	6:40:00	11:24:00	18:04:00	#####	#####	#DIV/0!
Out	0	10,18	371	134	505	10:09:00	13:39:00	23:48:00	#####	#####	#DIV/0!
Nov	0	7,65	260	101	361	7:30:00	10:05:00	17:35:00	#####	#####	#DIV/0!
Dez	0	7,12	173	82	255	5:04:00	10:45:00	15:49:00	#####	#####	#DIV/0!

80.57

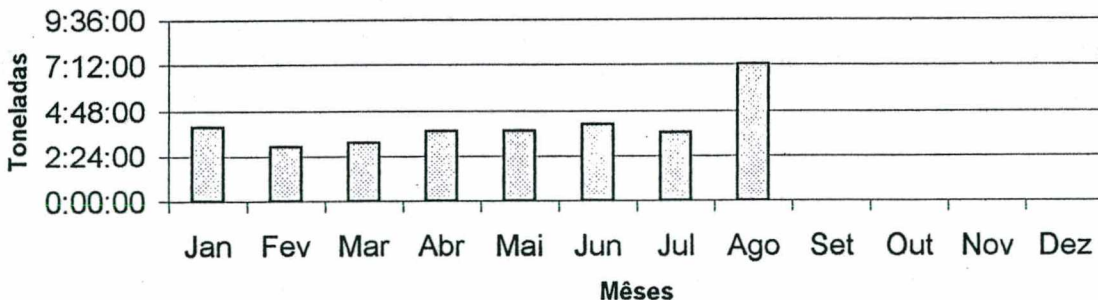
Coleta Seletiva-Produção Média Anual



Coleta Seletiva-Distância Média Anual



Coleta Seletiva-Tempo Médio Anual

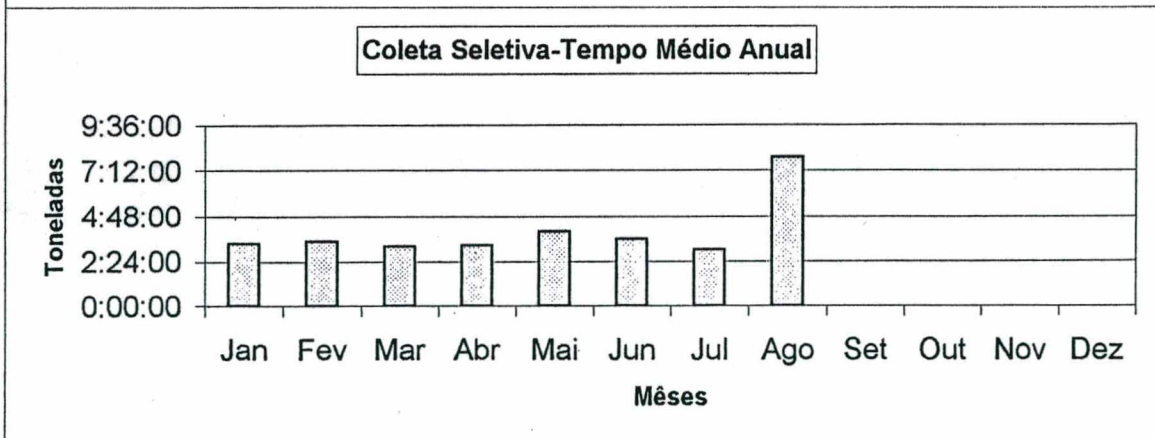
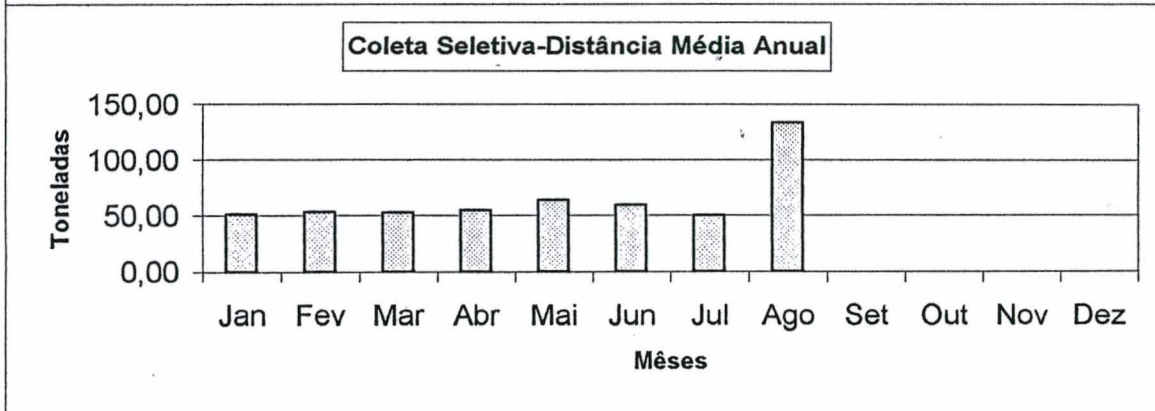
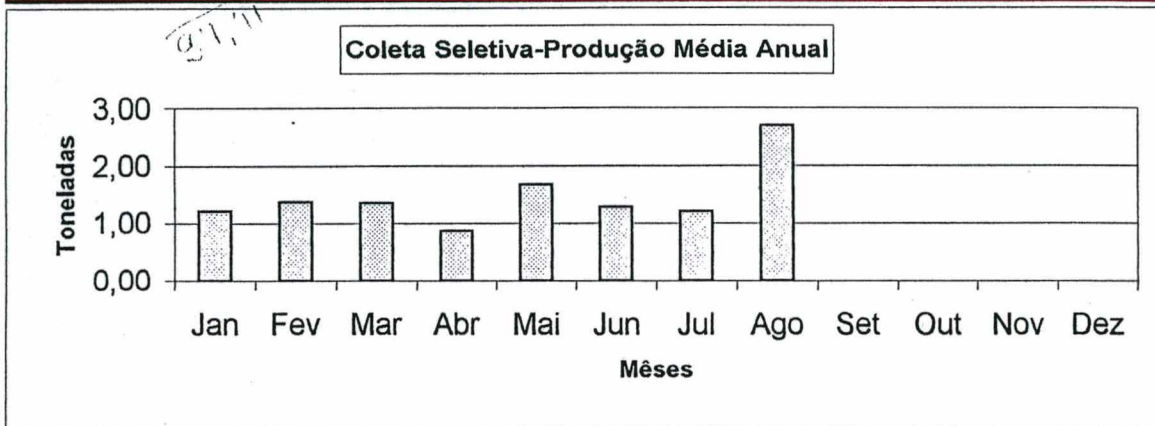


*Coqueiros, Itaguaçu, Bom Abrigo e Abraão

ACOMPANHAMENTO ROTEIRO SELETIVA
 Produção Anual para o Roteiro S3-04*/1999

Data: 15/09/2000

Mês	Nº Viagens	Peso (ton)	Distância Perc. (Km)			Tempo de Percurso (h)			Médias / Roteiro / Viagem		
			Transp	Coleta	Total	Transp	Coleta	Total	Peso	Dist.	Tempo
Jan	8	9,61	312	95	407	11:50:00	15:05:00	26:55:00	1,20	50,88	3:21:53
Fev	5	6,88	200	65	265	7:15:00	10:09:00	17:24:00	1,38	53,00	3:28:48
Mar	7	9,48	277	90	367	9:35:00	12:45:00	22:20:00	1,35	52,43	3:11:26
Abr	7	6,08	283	98	381	10:45:00	12:05:00	22:50:00	0,87	54,43	3:15:43
Mai	5	8,32	230	94	324	8:20:00	11:35:00	19:55:00	1,66	64,80	3:59:00
Jun	7	9,00	303	118	421	9:50:00	15:24:00	25:14:00	1,29	60,14	3:36:17
Jul	6	7,21	212	88	300	6:40:00	11:20:00	18:00:00	1,20	50,00	3:00:00
Ago	3	8,14	299	104	403	10:35:00	13:09:00	23:44:00	2,71	134,33	7:54:40
Set	0	4,10	182	71	253	6:15:00	8:00:00	14:15:00	#####	#####	#DIV/0!
Out	0	6,58	147	88	235	4:58:00	10:01:00	14:59:00	#####	#####	#DIV/0!
Nov	0	7,82	233	114	347	6:49:00	12:00:00	18:49:00	#####	#####	#DIV/0!
Dez	0	11,19	422	116	538	11:39:00	16:00:00	27:39:00	#####	#####	#DIV/0!

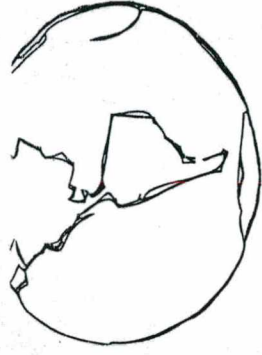


*Coqueiros, Itaguaçu, Bom Abrigo e Abraão

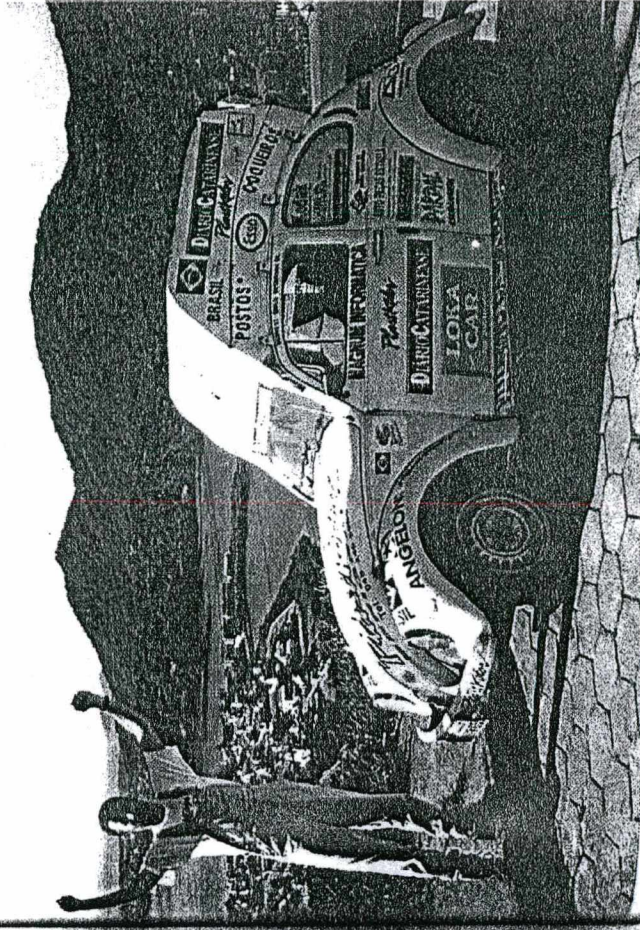
ANEXO 07: PESQUISA HEMEROGRÁFICA

ROBERTO BÖELL VAZ - NA TRILHA DAS AMÉRICAS

Ed. do autor 1972 - Florianópolis



**QUEM TEM UM SONHO
E ACREDITA NELE,
PODE CHEGAR A LUGARES
QUE NEM IMAGINA**



No morro da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, diante de uma das paisagens mais lindas do mundo,

0881 242 880/739 234 1000
881 242 880/739 234 1000
Linha de Atendimento
Linha de Atendimento

Fones: 9101-3856 e 9101-3860
Linha de Atendimento
Linha de Atendimento

Campanha
Campanha

fevereiro 2000

JORNAL DA LAGOA

Polêmica - 3

Projeto que prevê mudanças de zoneamento da Lagoa gera polêmica

"O Povo de Florianópolis, por seus representantes, aprovou e eu sanciono" a construção de um novo centro da Lagoa. O projeto prevê a construção de um novo centro da Lagoa.

reconhecem líderes dos grupos comunitários que analisaram o plano dia 24 de fevereiro.

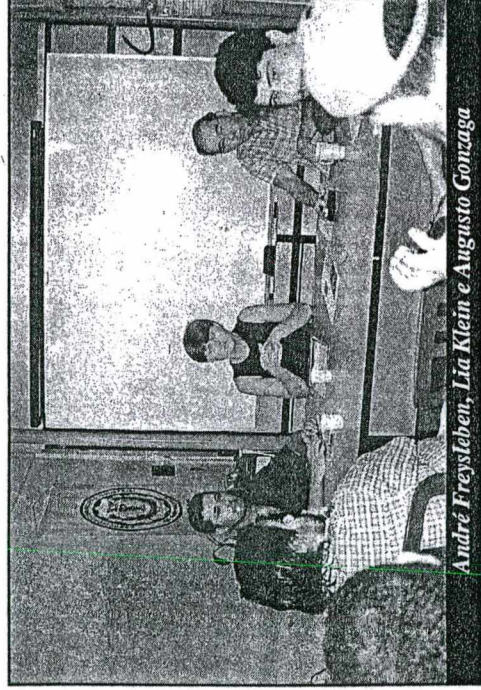
Associação de Moradores do Canto dos Araçás e a Fundação Lagoa.

Hotel. O grupo se dividiu sobre se a proposta deveria ser proibida para obras ou somente os prédios multifamiliares. Decidiu-se chamar os arquitetos e outros especialistas que mo-

cracia" falou o Dr. Augusto Gonzaga, se referindo aos oito vereadores que assinaram o projeto sem consultar a comunidade.

semelhante aos que foram apresentados duas vezes na Câmara na década de 90 - mas rejeitados por pressão da comunidade - permitiria um aumento na densidade populacional e comercial muito maior do que aquele que a Lagoa já tem sofrido nos últimos anos.

Enquanto não for racionalizado o problema do esgoto sanitário da Lagoa da Conceição, nada mais deveria ser feito", afirmou Gonzaga, que é médico e proprietário do Praia Mole Park



André Freytleben, Lia Klein e Augusto Gonzaga

Na mesma reunião chamada pela ACIF para traçar uma estratégia frente à Câmara sobre o plano, os grupos comunitários conversaram sobre a falta de rede coletora de esgoto na maior parte da bacia da Lagoa e o fato de que a estação de tratamento de esgoto já existente na Avenida das Rendeiras



Representantes das Associações da Lagoa

tratar o esgoto. "Enquanto não for racionalizado o problema do esgoto sanitário da Lagoa da Conceição, nada mais deveria ser feito", afirmou Gonzaga, que é médico e proprietário do Praia Mole Park

Jeffrey Hoff

UMA O DAD NO MUNICIPIO DO MALHADO

Vigilância Sanitária multa comerciantes

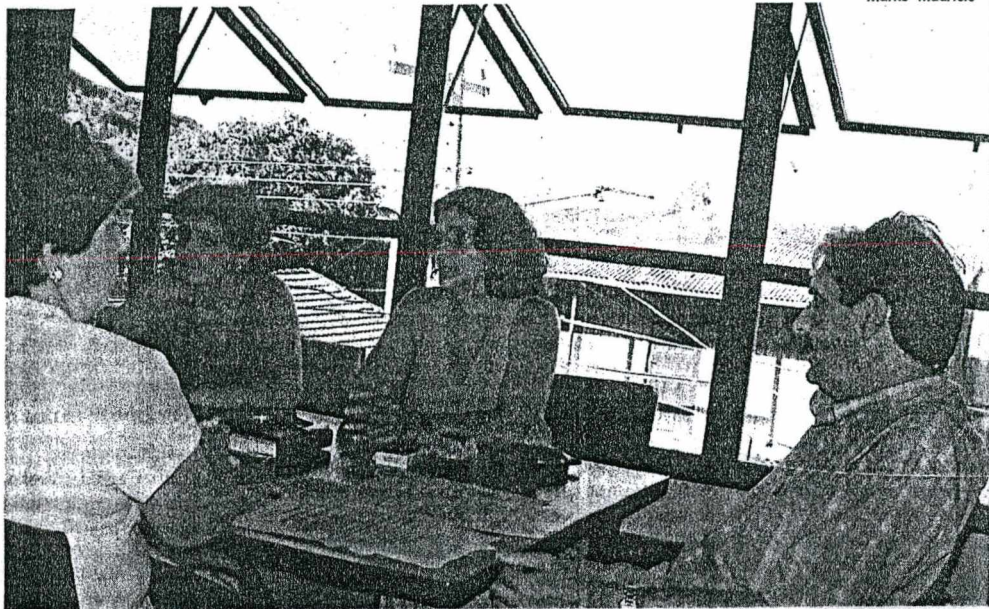
Marks Maurício

Os proprietários de restaurantes e similares da região da Lagoa da Conceição não concordam e vão recorrer das multas aplicadas pela Vigilância Sanitária, por descumprimento à Lei municipal 4.834/91/96, que dispõe sobre depósito de lixo perecível em estabelecimentos comerciais. Só na Lagoa, cerca de 40 comerciantes foram autuados no final de janeiro, e 90 intimados em toda Ilha. Cada estabelecimento recebeu uma multa superior a R\$ 445,00, que terá seu valor dobrado em caso de reincidência. Dezesesseis associados da ACIF - Lagoa, também multados, estão organizando um recurso administrativo junto à prefeitura para que seja retirada a autuação.

A maioria recebeu a multa por não ter lixeira adequada ou colocar dejetos em horário impróprio. A Lei municipal 4.834/91/96 exige que os comerciantes coloquem o lixo uma hora antes da coleta e que o estabelecimento disponha de uma lixeira em local adequado, com tampa que impeça a exalação de cheiro. Segundo comerciantes da região, uma exigência absurda, porque os caminhões da Comcap (Companhia de Melhoramentos da Capital) não obedecem a horários pré-estabelecidos.

"Para cumprirmos a lei vamos ter que adivinhar a hora que passa o caminhão da Comcap", disse Justina Pacce, proprietária de um restaurante na Avenida das Rendeiras. Sobre as lixeiras, os comerciantes afirmam que mesmo construindo-as adequadamente, estão sendo quase que obrigados a comprar um container com preço entre R\$ 200,00 e R\$ 400,00.

O empresário Moacir Pasin, proprietário de um hotel na praia da Joaquina também teve seu estabelecimento multado. Conforme ele, a Comcap retirou um dos containers que faziam a coleta geral do lixo dos estabelecimentos na praia, e não resolveu mais o problema. "Se querem multar deveriam estabelecer horários e um cronograma de coleta", disse. Na



Empresários multados pela Vigilância Sanitária se reúnem na ACIF-Lagoa para recorrer a autuação

praia da Joaquina, os donos de restaurantes reclamam que os caminhões da Comcap aparecem para fazer a coleta a partir das 11 horas da manhã, no exato momento em que as casas estão mais lotadas. "Em alguns dias eles vêm só vêm aqui no meio da tarde", enquanto exigem que o lixo seja depositado de manhã", disse um dono de restaurante que não quis ter seu nome divulgado.

Segundo Hélio Vidal, chefe do departamento estes problemas com o recolhimento do lixo estão acontecendo pelo aumento da população na temporada. De acordo com os números da Comcap, ocorreu no verão um acréscimo de cerca de 31% no volume de lixo e um aumento de 7 mil toneladas do ano de 96 para 97. Só na região da Lagoa ocorreu um crescimento de aproximadamente 70%. Segundo Mário Silva, diretor de destino final e reciclagem de resíduos sólidos da Comcap, a questão da coleta de lixo está para ser resolvida. Mas ele admite

só ter ocorrido problemas sérios na passagem do ano, quando as praias ficaram quase lotadas. A Comcap espera reforçar o trabalho de recolhimento de dejetos com a compra de sete caminhões de coleta de lixo mecanizada, sendo que dois deles antes de entrar em funcionamento tiveram problemas e retornaram para empresa que realizou a venda em Curitiba. A Comcap conta atualmente com um total de 18 caminhões e 210 funcionários divididos em três turnos para fazer a coleta em Florianópolis, 10 mil toneladas mensais. Da frota antiga o mais novo tem sete anos de uso. "Sabemos que nosso trabalho não é perfeito", disse Mário Silva.

Fiscalização - A Comcap não tem

poder para aplicar multas. A companhia envia relatórios semanais para a Vigilância Sanitária e SUSP (Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos) indicando os locais mais críticos para serem visitados, onde está sendo usada até uma máquina fotográfica para comprovar os abusos. "Nosso trabalho é servir à comunidade", afirmou o engenheiro Cláudio da Silveira, chefe de divisão da Vigilância Sanitária. De acordo com Rene Vieira, chefe da divisão e controle de serviços, da SUSP, a secretaria também está reforçando a fiscalização e, em sua estimativa, desde o começo da temporada mais 150 estabelecimentos foram autuados pelo órgão. Nos próximos meses os fiscais SUSP estarão circulando nas praias. ■

"sabemos que nosso trabalho não é perfeito"

Mário Silva da Comcap

SINTONIZE
95.1
Lagoa

CANTINA
PRIMO CAPPO
GALETERIA

ESCOLHA O MOLHO
ESCOLHA A MASSA

♦ RODÍZIO DE
GALETO NA BRASA

Praia Mole - Chuva X Engenharia

A falta de estudo de engenharia e irresponsabilidade podem levar a situações catastróficas. No caso do condomínio Costa Leste, no retiro da Lagoa, junto a Praia Mole, o acréscimo de solo arenoso sem a devida pre-

caução com as águas de chuva (que são cíclicas na região) quase levam para dentro do "tallweg" cinco casas em construção neste condomínio, na última forte chuva.

A areia levada pela chuva elevou o fundo do "tallweg" em 8 metros mudando o regime de escoamento das águas pluviais, sendo necessário a sua canalização.

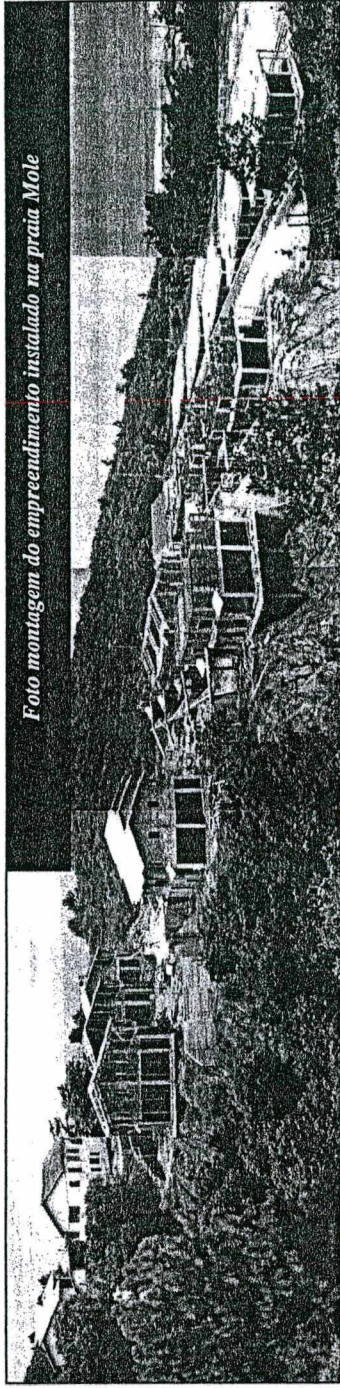


Foto montagem do empreendimento instalado na praia Mole

Universidade analisa nível de contaminação da Lagoa

Um estudo está sendo realizado com o objetivo de apurar o nível de contaminação na Lagoa da Conceição. Técnicos do Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar, da Universidade do Vale do Itajaí, es-

tão realizando a pesquisa, e para isso já coletaram amostras de água e sedimentos em quatro pontos da Lagoa, dois deles na região onde foi observado o surgimento de grande quantidade de algas, na Osni Ortega. Os outros dois pontos de coleta foram na Costa da Lagoa. A Univali irá analisar as amostras e, caso necessário, estas deverão seguir para a Alemanha, através da Sociedade Alemã de Cooperação Técni-

ca. Um protocolo foi assinado pela prefeita Ângela Amin, na presença dos técnicos da Univali. Caso seja constatado que a causa da poluição da Lagoa seja devido ao lançamento indiscriminado de esgotos no local, a prefeitura se responsabiliza por buscar uma alternativa que solucione o problema.

Elisabeth Amin Vieceli, superintendente da Florian, propõe que se aplique, na Lagoa da Conceição, o modelo de tratamento de esgoto descentralizado usado na Alemanha. "Com pequenas estações de tratamento, é possível diminuir bastante a quantidade de poluentes que a Lagoa recebe, sem que isso implique em grandes investimentos", afirma Elisabeth.

Resta agora à comunidade da Lagoa e demais preocupados com a situação do local esperar para que essas propostas sejam postas em prática.



Técnicos retiram amostras de água e sedimentos da Lagoa da Conceição

CASAN desenvolve projeto emergencial para Lagoa da Conceição

Em uma reunião entre técnicos e engenheiros da CASAN e representantes da comunidade da Lagoa, foi apresentado um plano, reconhecido como emergencial pela empresa, para o problema do saneamento básico na região.

A reunião atraiu um número incomum de participantes porque o tema, de fato, chamou a atenção da comunidade. Um projeto deste porte, desenvolvido de uma hora para outra, e em pleno ano eleitoral, parece estranho. Para Jair Sartorato, engenheiro da CASAN, a proposta pode soar realmente como mote eleitoral, mas nas condições atuais em que a Lagoa se encontra, qualquer ajuda será de fundamental importância, tal a necessidade de ampliação. "60 % da população da Lagoa está irregular em relação ao esgoto", diz Jair.

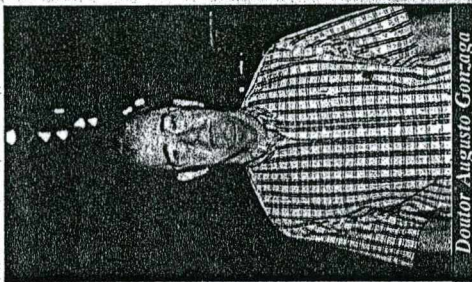
Para o engenheiro responsável pelo projeto, Grover Alvarado, "problemas sanitários abrangem o estado inteiro - o maior problema é devido ao abastecimento de água. Estamos acompanhando o problema da Lagoa. Através de uma empreiteira japonesa, estamos desenvolvendo um projeto de ampliação das estações de tratamento de esgoto. Se hoje a Lagoa tem 4 mil ligações regulares, receberia 16.000. Obviamente o sistema antigo não funcionaria, e para isso faríamos lançamentos submarinos de dejetos tratados, portanto sem impacto ambiental, inicialmente num costão de rochas antes da Joaquina", explica o engenheiro, salientando que a água salgada é um eficiente bactericida e o tratamento não traria muitos problemas para a Joaquina. "O mundo inteiro faz este tipo de tratamento com esgoto bruto. Nós iríamos separar a parte líquida da sólida."



O eng. Grover explica o projeto

tamento. Com um limite máximo de 16 mil habitantes, quase a metade de toda a população da Lagoa, em breve seria necessário outra medida emergencial para a população restante.

Mas a CASAN reafirmou os ânimos: "Essa solução seria apenas uma opção para tentar resolver o problema mais rapidamente. Um projeto de grande porte, para que toda a comunidade local possa ser inserida, leva de seis a oito anos para ficar pronto. Neste meio tempo, o projeto do Costão da Joaquina poderia ir auxiliando", conta Grover.



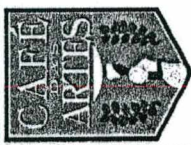
Doutor Augusto Gonzaga

Participação da comunidade

"Um forte sentimento de pesar para no ar, porque não vemos a médio e curto prazo nenhuma saída para melhorar a crescente poluição da Lagoa", diz Augusto Gonzaga, presidente da ACIF. Augusto analisa a reunião da qual participou, juntamente com engenheiros da CASAN: "Existem dois tipos de solução para o problema da poluição ambiental, em se tratando de esgoto sanitário. O primeiro seria a expansão ou criação de outra estação de tratamento para a Lagoa, que no momento atende apenas 4 mil pessoas quando a população anual é de 30 mil, e provavelmente no verão em torno de 40 a 50 mil. Fora os turistas que visitam-nos e frequentam os restaurantes locais. A julgar pelo grande número de construções atuais a população local vai aumentar ainda mais nos próximos anos. Portanto se surgir alguma solução para este problema, será a médio e longo prazo", diz Augusto, e conclui: "Telo que fomos informados pela CASAN, a Lagoa não é prioridade, tendo em vista situações mais graves em outras tantas cidades do Estado, entretanto com boa vontade é



Os participantes do reunião



POSTO TEXACO
LAGOA DA CONCEIÇÃO
FONE: 232.0744

possível que se consiga alguma coisa, porém isto será uma solução para somente 16 mil pessoas, segundo a CASAN, para expansão da atual estação de tratamento.

Portanto é uma solução que vai demorar, se ocorrer, no mínimo em torno de dois ou três anos e não atenderá de maneira total o problema, embora qualquer tipo de melhoria seja bem vinda.

A segunda solução seria a população individualmente passar a colaborar na instalação de fossas, sumidouros, caixa de gordura etc., estanques ou impermeáveis feitos de fibra de vidro.

A legislação em vigor é antiga e de uma época em que a fibra de vidro, embora já fosse conhecida, não era exigida pela legislação, porque não existiam fábricas no país. Hoje existem várias fábricas, embora sejam pequenas, mas se não tivermos uma legislação neste sentido as fábricas continuarão sendo pequenas.

Grande parte das construções na Lagoa são irregulares e as autoridades não estão fiscalizando. As fossas não estão sendo dimensionadas corretamente, são fossas de alvenaria sem nenhum tipo de armação, portanto contrariando as normas. Mesmo que sejam seladas por selantes moderno elas trincam com facilidade, permitindo a mistura com o lençol freático devido a movimentação do solo que ocorre nas enxurradas, enraizamento das árvores, valas feitas nas proximidades e assim por diante. A legislação pode ser melhorada e a vigilância cada vez maior. Como se pode ver, não existe solução a curto e médio prazo para o problema", conclui o presidente da ACIF.

A comunidade foi informada de que o custo para este primeiro projeto seria de 12 milhões: a rede coletora e o emissário submarino, e incentivada a cobrar a conclusão do projeto junto às autoridades. "Façam pressão na CASAN", disseram Grover e Sartorato.

Foi discutida ainda a possibilidade de se realizar um fórum permanente visando a despoluição na Lagoa, e a reunião foi encerrada com o compromisso de que a comunidade e a CASAN trabalharão em parceria para que o objetivo maior seja alcançado: a preservação da Lagoa da Conceição.

Cíntia Teixeira dos Santos

Oliveira

□ O vento Sul foi in-
placável no sábado, cor-
tando o barato dos surfis-
tas que estavam na Praia
Mole participando do Ma-
resia Surf Floripa, e casti-
gando os amigos que fo-
ram prestigiar a inaugura-
ção do Mirante do Mene-
za, no alto do morro da
Lagoa, no início da noite.
Sorte que o coquetel rolou
no barzinho ao lado, com
champã, chope e salgadi-
nhos, tendo de fundo a
música do grupo Partido
Alto e Engenho.

□ Ali, apreciando a La-
goa, todo mundo se es-
quentou.

□ Já os músicos!!!

□ A continuação, com
as presenças do governa-
dor Esperidião Amin (jan-
tou em quatro mesas), da
prefeita Angela, do sena-
dor Jorge Bornhausen
com filhos e noras, de Re-
gina e Roston Nascimento
com os filhos, de nossa fa-
mília e de inúmeros ami-
gos, como José Carlos
Soares, Flávio de Almeida
Coelho, Regina e Mário
Irié, Rob Kuzolitz, Waldir
Sousa, Mauro Beal, Pedro
Sirotsky, Bel e Pepê Go-
mes, Odilon Furtado, Car-
los Alberto Riederer,
Eduardo Santos Lins, Te-
ro Cavallazzi, Ricardinho
Machado, Leodegar Tis-
cosky e mulher, Patrícia e
Guilherme Grillo, Juarez
Silveira, metade do time
do governador, o Primave-

Vocação irreversível

Florianópolis poderá ter,
ainda nesta Primavera, se
as forças do contra deixa-
rem, é verdade, um novo
e deslumbrante point, capaz de
botar inveja a qualquer Joá da Vi-
da. Imaginem o Mirante do Mene-
za, inaugurado sábado; o bar Pa-
radise (envidraçado e com um ter-
raço alucinante) ao lado; e a boate
Harmony em cima, no antigo ho-
tel, bombando de gente bonita e
feliz numa noite de sábado e lua
cheia? Meu Deus!

□ O projeto da boate é aluci-
nante. Os quartos do antigo hotel
foram transformados em camaró-
tes, todos com banheiros. De to-
dos os lugares se vê a Lagoa, já
que a parte da frente é fechada
com vidro grosso. Lá dentro, um
moderníssimo sistema de ventila-
ção e acústica. Coisa de primeiro
mundo.

□ Por ser coisa de primeiro
mundo, a obra foi embargada sex-
ta-feira. Moradores lá de baixo,
aliados a concorrentes influentes

do Centro da cidade, estão preo-
cupados, pasmem, com o movi-
mento de carros no morro, que-
rendo transformar o principal car-
tão postal de Florianópolis, o redu-
to mais procurado pelos turistas,
em condomínio residencial fecha-
do.

□ E conseguiram paralisar a
obra desta cinematográfica casa
de dança. E ninguém diz nada!

□ Então eu digo: vamos salvar a
Lagoa da sua poluição, mas não da
sua vocação!



TK HELENA/DC/FLORIANÓPOLIS

Leitura online

□ A Feira do Milênio, realizada recentemente na Alemanha, reuniu 7 mil editoras de 107 países.

□ Entre os temas, o impacto da Internet na indústria gráfica, e-books e, claro, livros.

□ Apesar da enorme tendência de que os leitores vão demorar para trocar o velho e bom papel impresso e encadernado pelas novas tecnologias (o mercado deve crescer 4% em todo o mundo nos próximos cinco anos), é certo que a leitura online também irá crescer.

□ Nos Estados Unidos, por exemplo, 10% do mercado já é abocanhado pela Internet e a aceitação do e-book também vem crescendo, apesar das dúvidas quanto ao padrão de software e hardware e do medo de perder o controle sobre os direitos autorais.

□ Como já aconteceu no passado, o certo é que haverá espaço ao sol para todos. Caberá ao consumidor definir as suas preferências e onde vai gastar o seu dinheiro.

Imprensa

□ Para o colunista Ricardo Boechat, de O

CENA: O

careca

Esperidião

Amin ameaçou

tirar a peruca

do roqueiro

Serguel,

sábado, na

inauguração

do Mirante

do Menezes.

Lagoa da Conceição

No sábado passado levei minha esposa e filha à Lagoa da Conceição para nos divertirmos com o jet ski. Quando me aproximei do local onde normalmente colocamos o jet ski na água me surpreendi com o forte odor. Parecia que havíamos entrado num banheiro sujo. Era simplesmente insuportável, não havia condições de permanecer por ali.

Ivo João Gaspar
Florianópolis

Excelente a capa do DC de domingo. Realista e inteligente, põe à tona os problemas que ocorrem na Lagoa da Conceição. Precisamos de reportagens deste tipo, que retratam a realidade do a quem doer. É um tapa na cara das autoridades e de todos nós que assistimos estáticos à destruição de um dos lugares mais bonitos do mundo. Vamos nos unir conscientemente e salvar a Lagoa.

Raphael Schlickmann
Florianópolis

Até que enfim o DC está realizando uma série de reportagens sobre as agressões à nossa Lagoa da Conceição! Acho que tudo isso vai colaborar para chamar a atenção das autoridades, que infelizmente só funcionam à base de pressão. No entanto, acho que os moradores também têm uma parcela de culpa. As ações por parte dos órgãos de fiscalização simplesmente não funcionam, parece existir uma convivência muito grande com as irregularidades na Lagoa. Desejo que todos os esforços na luta pela preservação da "mãe Conceição" não sejam em vão e quem possa fazer efetivamente algo que o faça, em nome de todas as formas de vida que habitam a bacia da Lagoa.

Bira Schauffert
E-mail: birasurf@terra.com.br

30/10/2000

Variedades

Sérgio da Costa Ramos

O estertor da Lagoa

O espelho da Lagoa esconde os tumores malignos da poluição, revelou ontem o DC, a razão de 60 piscinas semi-olímpicas por mês, 720 por ano. Alguns Maracanãs de porquidão, desasseio, imundícies produzidas pelo bicho "homem", atiradas ao organismo doente desse nosso "mar" quase morto.

Olhando a Lagoa do alto do Morro Padre Doutor, a 450 metros de altura, o espelho parece imaculado, virginal, puro como uma vestal. A putrefação que esconde decanta aos poucos, assim como os pecados da humanidade. Custa acreditar que estejam assassinando uma "visão" tão divina, "um dos mais belos panoramas que os olhos humanos podem apreciar", na opinião de Virgílio Várzea, em *A Ilha*, edição de 1900:

- Um panorama que atrai vivamente a atenção dos viajantes, nacionais ou estrangeiros, que passam ou se demoram em Florianópolis, constituindo também o encanto de seus habitantes, que, aos domingos e dias feriados, fazem da formosa localidade um dos pontos prediletos de suas excursões.

Esgotos ligados à rede pluvial, e as "línguas negras" canalizadas diretamente para o remanso das águas, transformam a Lagoa num organismo canceroso, condenado à morte rápida. Em 10 anos esse *Maracaná* cloacal refluirá até a borda e o espelho negro refletirá a "parada cardíaca" do *orgânico cristal*, que deveria ser o albergue das fadas e das feiticeiras de Cascaes, das ninfas e das sereias da Ilha, mas que guarda em seu ventre apenas a esterqueira e a podridão produzidas pelo seu assassino predador.

Custa a crer que, apesar da luta inglória das Associações de Engenharia Sanitária, do Crea, e das Associações de Moradores, os domicílios familiares ou comerciais, como os "restaurantes", além da própria Casan - com uma estação de tratamento altamente contaminada - contribuem diariamente para o *Lagoacídio*.

Em 10. anos, "morar" ali não terá qualquer relação com o prazer visual ou olfativo: a Lagoa estará transformada num esgoto debaixo do céu. Boiará, à superfície, a terrível sentença contra os seus assassinos: o ar irrespirável terá o mesmo odor emanado de uma privada.

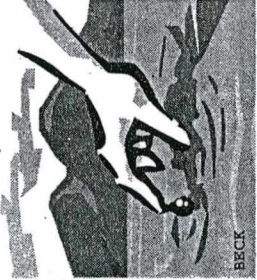
Será possível que poder público, comunidade e exploradores do turismo não se dêem conta dos riscos imediatos dessa morte anunciada?

A quem apetecerá jantar na varanda de um restaurante debruçado para uma cloaca? Não percebem, todos, que a *Lagoa dos ovos de ouro*, o principal sítio de atração turística da cidade, está sendo assassinado por asfixia?

Governo e comunidade, juntos, precisam começar já a Operação SOS. Fiscalizar a pequena rede da Casan, multar e punir os detentores de fossas não-impermeáveis, apressar a liberação dos recursos necessários à despoluição e ao saneamento definitivo. Se começarem hoje, este será um desafio para uma geração.

Se começarem amanhã, talvez reste apenas a esses interessados de boa fé a encomenda de uma *Missá de Réquiem*.

Ou seja, a liturgia do ofício dos mortos.



Na-drinha

Na-drinha

Festa dos Navegantes

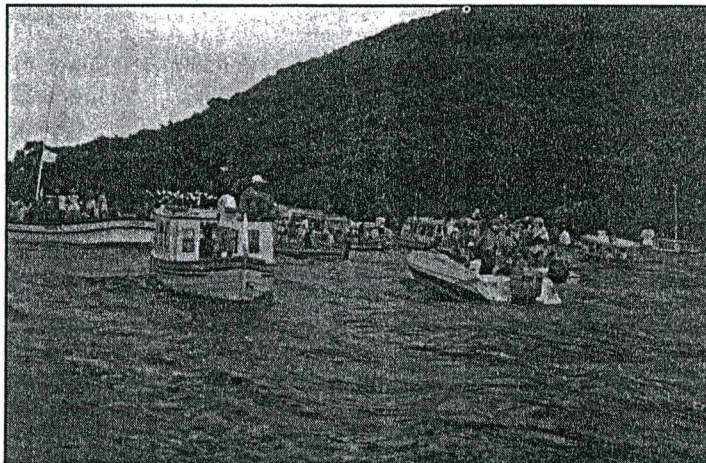
A Festa dos Navegantes, que aconteceu no dia 6 de fevereiro aqui na Lagoa da Conceição, é uma das mais tradicionais comemorações religiosas da cidade. Costuma atrair inúmeros fiéis que vêm oferecer suas preces e orações nas igrejas, e que através de embarcações, cruzam parte da Lagoa conduzindo a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, reconduzida à igreja após o cortejo.

Este ano a modificação no horário da procissão desagradou muitos dos fiéis, que apontam a causa da insatisfação como o principal motivo do escasso número de participantes.

Segundo moradores da Lagoa, "a procissão sempre se re-

alizou das 16 às 17 horas, mas agora o horário foi modificado. O resultado é que ninguém aparece. O presidente da Associação dos Moradores da Lagoa (AMOLA), Lelo, defende a mu-

dança, dizendo que no fim da tarde as águas ficam mais agitadas, normalmente chove e alguns pessoas acabam exagerando na bebida, criando momentos constrangedores.



Maricota ecológica

Desde do dia 21 de fevereiro pode ser vista, em frente ao shopping Via Lagoa, a transformação de uma árvore de Natal feita de garrafas em uma figura ligada à cultura local, a Maricota.

A nossa intenção principal é mais uma vez despertar a consciência da população local e turistas sobre a quantidade de lixo Bom, que pode ser reaproveitado.

Nesse caso, usamos colchões velhos, aparas industriais de plástico, tampinhas de garrafas, latinhas de alumínio, guarda-sóis abandonados, tubos de papelão de escritórios, sacos de cimento e uma rede de pesca



cedida pela Polícia Ambiental, apreendida pela má utilização em pesca predatória.

Primeiro Passeio Ecológico de Caiaque

Se você curte a natureza, é fera no caiaque e está procurando alguma maneira de contribuir para a despoluição das lagoas e praias da Lagoa, fique li-

gado. No dia 4 de março de 2000 vai acontecer o 1º Passeio Ecológico de Caiaque, da Lagoa à Costa da Lagoa. O passeio está sendo organizado por Marcos Davet Arnhold, atleta de Cristo, guia e educador ambiental. Marcos trabalha para a Trekking Escolar, que oferece aulas de educação ambiental para colégios do Centro, com aulas-passeio. Além disso o atleta já realizou a 1ª Volta à Ilha, de caiaque.

A saída será às 9 horas da manhã, ao lado da ponte da Lagoa. Após a chegada haverá almoço para os participantes no Restaurante da Cachoeira. O retorno será de barco, até a Lagoa da Conceição. As inscrições podem ser feitas na loja Só Sport no shopping Via Lagoa. O passeio tem o patrocínio da Suco da Saúde, Restaurante Akillo, Imobiliária JR, Pizzaria Bamboa, Restaurante da Ca-

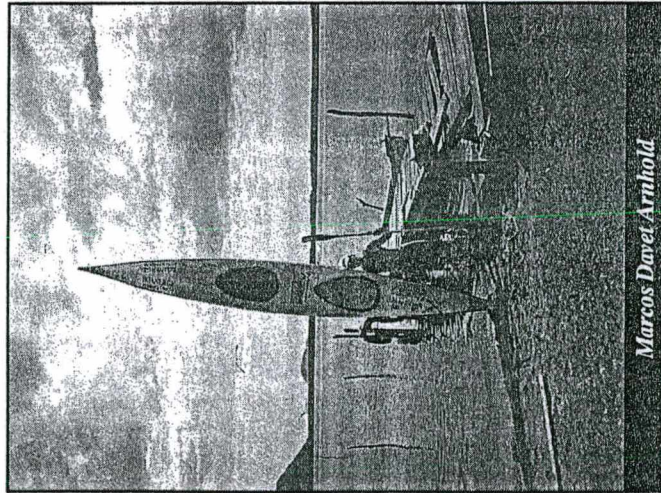
choeira, Joia So Sport e Banana Brasil. O apoio é da Trekking Escolar, Projeto Amar, Comcap, Clic Sinalização e da Editora Copyflo. O prêmio para o primeiro colocado é de um caiaque, para o 2º, um kit da Banana Brasil. O 3º colocado ganha uma bola de futebol da Só Sport, o 4º, um almoço no restaurante Akillo. Para o 5º colocado, um almoço no restaurante Cachoeira. O 6º ganha um lanche no Suco da Saúde e o 7º colocado ganha um pizza na Bamboa. Os requisitos para participar são os seguintes: fazer a inscrição; usar colete salva-vidas (quem possuir um, favor trazer); boné, protetor solar, água, lanche e um calçado apropriado.

“Os interessados em participar que não possuírem um caiaque, haverá aluguel dos mesmos no dia do passeio”, avisa o organizador. Durante o passeio, os inscritos irão coletar todo o lixo reciclável encontrado pelo caminho. Uma embarcação da Comcap irá acompanhar o trajeto para recolher o que for coletado pelos participantes.

“Este é o primeiro projeto que estou colocando em prática, que é a coleta de lixo reciclável despejado na Lagoa. Mas já tenho outros dois projetos em mente: um deles é a 2ª Volta à Ilha, e dessa vez com aulas de educação ambiental em quatro escolas estaduais, incluindo a Henrique Veras, na Lagoa. Na ocasião serão distribuídos livretos educativos”. Um outro projeto a ser desenvolvido por Marcos é uma travessia pelo litoral brasileiro, do Oiapoque ao Chuí. “Para estes dois últimos projetos é necessário o apoio e o patrocínio de algumas empresas. A Copyflo já está colaborando para a realização dos mesmos”. Se você se interessou pelas idéias do atleta, entre em contato com ele pelo telefone (048) 9998 7879.

Maiores informações pelos telefones (048) 9998 7879 ou 232 1715. O Jornal da Lagoa aprova a iniciativa do atleta Marcos Davet Arnhold, que está contribuindo com a Campanha Lagoa Limpa e Limpa. Participe você também.

Cíntia Teixeira dos Santos



Marcos Davet Arnhold

LIXEIRA NO LIXO

No início do ano o Jornal da Lagoa e os empresários da Lagoa da Conceição, lançaram uma campanha denominada "Lagoa: Linda e Limpa".

Através desta campanha o Jornal da Lagoa publicou matérias educativas, mostrando o problema da poluição do meio ambiente. Além de publicar artigos de pessoas, que buscam alternativas para solucionar o problema. Também foram doadas pela campanha, lixeiras para a comunidade, para amenizar a "sujeira". Mas o que foi visto e fotografado, é que certas pessoas ainda não estão conscientizadas do problema que enfrenta o mundo de hoje. Foram destruídas 03 lixeiras na Lagoa, além de retirarem os adesivos da Campanha.

Mas não vamos desistir de alertar os graves problemas que atinge a comunidade, tanto nos aspectos sociais ambientais.



Trabalho de Lagoa - 1990

Ocupação ameaça abastecimento de água

AV Capital 31/7/2000

Foto Guilherme Torres



Ambientalistas estão preocupados com a contaminação de mananciais hídricos

CARLA PESSOTTO

O abastecimento de água no interior da Ilha de Santa Catarina pode se inviabilizar dentro de alguns anos, principalmente por causa da ocupação desordenada nas localidades. "A falta de um planejamento que leve em consideração o saneamento básico terá como consequência a contaminação dos mananciais", afirma o geólogo e mestre em engenharia civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Alexandre Guedes Júnior.

A situação se torna mais preocupante levando em consideração a recém descoberta do geólogo; a possibilidade de várias regiões da Ilha estarem sendo abastecidas pelo mesmo manancial de água, batizado de aquífero da Joaquina. Segundo Guedes Júnior, desde a Praia do Campeche, no Sul, até os Ingleses, no Norte, estende-se um aquífero estimado em 274 bilhões de litros de água potável.

É uma espécie de lago subterrâneo sob as dunas com cerca de 15,7 quilômetros quadrados de extensão e 17,5 metros de profundidade praticamente em ao longo de toda a Costa Leste. "Até então pensava-se que haviam mananciais separados nas diversas regiões da Ilha", explica ele. O manancial supera em seis vezes o volume de água da Lagoa do Peri, que tem cinco quilômetros quadrados de extensão.

Durante três anos, o geólogo pesquisou a água subterrânea existente na Ilha para uma dissertação de mestrado e que resultou no estudo "Mapeamento Hidrogeológico da Ilha de Santa Catarina Utilizando Geoprocessamento".

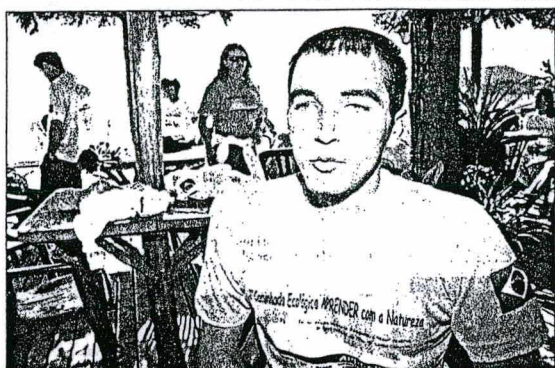
Além da descoberta do aquífero, o levantamento aponta para a fragilidade do manancial. Ele se estende sob um campo de dunas, de grande permeabilidade e possui nível freático bastante superficial, o que facilita a sua contaminação. "Esta pesquisa tem também o objetivo de alertar para a preservação do manancial", afirma o geólogo.

Segundo ele, além da ocupação ilegal, outra ameaça é a estação de tratamento de esgoto e a lagoa de estabilização que a Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casas) mantém sobre as dunas da Lagoa.

Do abastecimento em Florianópolis, apenas o Centro e os bairros mais próximos recebem água do rio Cubatão, em Santo Amaro da Imperatriz. Nas localidades, o fornecimento é feito através de poços artesanais, perfurados tanto pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casas) quanto pelos moradores.

O geólogo explica que, apesar de todo o potencial, nem toda a água armazenada pode ser extraída, sendo necessários estudos hidrogeológicos detalhados para definir a exploração racional e sustentável dos recursos. O estudo foi entregue ao governador Esperidião Amin, que se comprometeu encaminhá-lo à Casas para servir de subsídio para novos projetos de exploração hídrica.

ALERTA Integrantes da organização não-governamental realizaram sábado a 1ª Caminhada Ecológica Aprender com a Natureza



JOAQUINA Advogado Rafael Costa, da ONG Aprender: estudo sobre o aquífero

TRECHOS DO ESTUDO

■ As águas subterrâneas abrangem aproximadamente 97% da água doce do planeta no estado líquido, enquanto que os recursos hídricos superficiais correspondem a 3%.

■ As águas subterrâneas são águas armazenadas em fochas e/ou depósitos sedimentares (chamados aquíferos) que se acumulam ao longo de milhares de anos.

■ As dunas de Santa Catarina são excelentes para o desenvolvimento da água subterrânea, por sua alta taxa de recarga. Na Ilha ocorrem boas taxas de precipitação, boa permeabilidade, condutividade e qualidade das águas para o consumo.

■ A Casas possui poços tubulares profundos no aquífero da Joaquina, explorando uma média de 40 mil litros/hora em cada poço. Eles fazem parte do Sistema Costa Norte da Companhia, composto por 11 poços tubulares profundos localizados na região de Ingleses/Itaio Capivari.

Caminhada chama atenção para necessidade de preservação

A descoberta do aquífero da Lagoa já está mobilizando ambientalistas pela sua preservação. No sábado aconteceu a 1ª Caminhada Ecológica Aprender com a Natureza, promovida pela Organização Não-Governamental (ONG) Aprender.

A ONG pretende atuar de duas formas. A primeira é desenvolver atividades, envolvendo a comunidade, que criem uma conscientização sobre a responsabilidade de todos na preservação do manancial e de todo o ambiente da Lagoa. Outro foco do trabalho realizar um projeto apresentando alternativas para exploração racional da água existente no local.

"Temos uma equipe multidisciplinar que, dentro de seis meses, deve ter concluído o estudo", afirma o Rafael Costa, advogado ambientalista e diretor-presidente da Aprender. Uma parte da pesquisa irá propor alternativas para o plano de expansão da estação de tratamento que está nos planos da Casas.

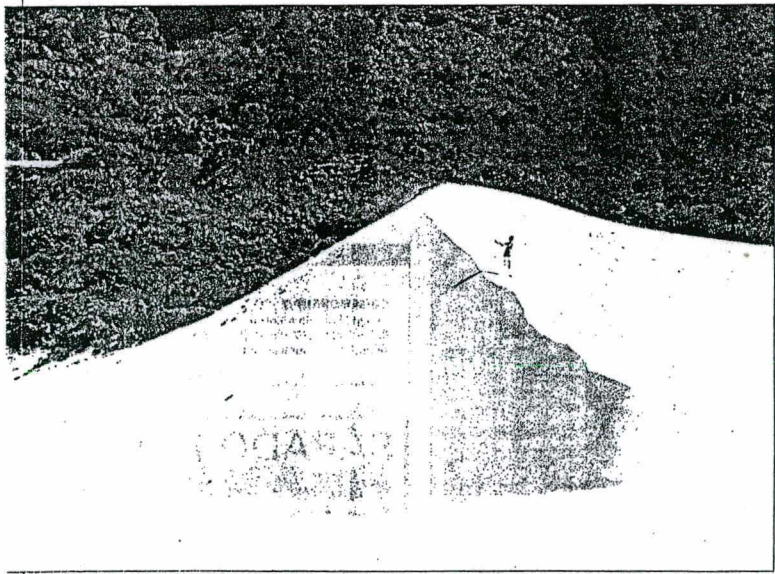
No sábado um grupo pequeno

das Rendeiras até a Praia da Joaquina, na área que compreende o Parque Municipal das Dunas da Lagoa. Próximo ao local onde é praticado o sandboard foi realizado um mutirão de limpeza.

Foram coletados cerca de 300 quilos de lixo, sendo a maior parte de embalagens plásticas de água mineral, latas de refrigerantes e saquinhos de salgadinhos. "O que mais impressiona é que isso corresponde somente a 10% do lixo existente no local".

Por causa da quantidade de sujeira encontrada a ONG está planejando, para o final do ano, uma operação de limpeza maior, inclusive com máquinas que revolvam a areia. "Com isso conseguiremos retirar também outro tipo de lixo, como os sacos plásticos com animais mortos", detalha Costa.

Antes, porém, a ONG realiza, em outubro, a segunda operação subaquática de limpeza da Lagoa. Na primeira, montada no mês passado, foram retiradas cerca de 10 toneladas de lixo. "É preciso fazer um alerta sobre a falta de responsa-



TAMANHO Aquífero, espécie de lago subterrâneo sob as dunas, tem cerca de 15,7 quilômetros quadrados de extensão

SOS Costa Leste/AMOLA organizam Mutirão da Cidadania

Quem ainda não tem carteira de trabalho, título de eleitor ou carteira de identidade, poderá tirá-los sem sair da Lagoa da Conceição. É que no dia dois de maio, o Programa SOS Costa Leste estará promovendo, na Praça Bento Silvério, o Mutirão da Cidadania. Entre as atividades planejadas para todo o dia estão o atendimento médico, informações sobre seguro desemprego, Programa de Geração de Trabalho (Proger), qualificação profissional, intermediação de mão de obra, além da emissão de documentos. Segundo André Videira, Coordenador do Programa SOS Costa Leste, a intenção do Mutirão é promover um envolvimento maior das

peças com a comunidade. A Fundação Franklin Cascaes cedeu duas salas do Casarão para o TRE, que fornecerá o título de eleitor e dará informações sobre o funcionamento da urna eletrônica. Na Delegacia, serão emitidas as carteiras de identidade. E na unidade móvel do SINE (Sistema Nacional de Empregos), serão fornecidas carteiras de trabalho e informações sobre seguro desemprego, PROGER, entre outras. Ainda será montada uma unidade para o Posto de Saúde, onde a comunidade poderá verificar a pressão e fazer exames preventivos contra diabetes.

O Programa SOS Costa Leste pretende beneficiar de 300 a 900 pessoas com a

iniciativa. Segundo André Videira, Coordenador do Programa, será feito um contato com o Núcleo de Transportes para que linhas do Rio Vermelho para Lagoa e Rio Tavares/Lagoa, sejam oferecidas. "As pessoas de qualquer parte da Ilha podem participar. O importante é que todos sejam atendidos", fala

André Videira.

O Mutirão da Cidadania começa às nove da manhã e vai até as cinco da tarde. Todos os serviços oferecidos serão totalmente gratuitos. O evento é uma iniciativa do Programa SOS Costa Leste e Associação dos Moradores da Lagoa, com o apoio das entidades comunitárias da Bacia da Lagoa.

Documentação necessária para retirar os documentos

Título de leitor:

Novo: Carteira de identidade, certidão de nascimento, casamento ou certificado de reservista.

Transferência: Título de eleitor, comprovante de voto da última eleição ou certidão de nascimento, casamento e

certificado de reservista.

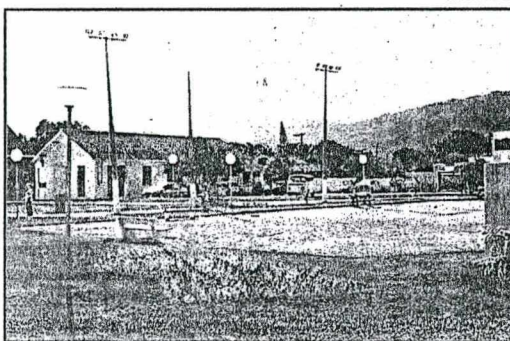
Carteira de identidade; Certidão de casamento (se casado), certidão de nascimento (fotocópia autenticada no cartório ou original, duas fotos 3X4 (colorida ou P/B), recente, de frente, sem sorriso e sem relóques.

Projeto Comunidade em Ação continua em atividade

Keko Brito

No dia 23 de maio, começa a segunda etapa do Projeto Comunidade em Ação. O evento, que acontecerá na Praça Bento Silvério, terá Gincana Esportiva, mutirão para retirada de lixo da Lagoa, campanha de esclarecimento quanto ao uso de drogas, bandas de reggae, apresentações folclóricas e peças teatrais. A iniciativa é do Programa SOS Costa Leste e AMOLA, juntamente com outras 60 entidades.

Com a ajuda da Polícia Rodoviária Estadual, serão montados postos de pedágios em cinco pontos da Lagoa, onde estudantes das escolas da região distribuirão panfletos



Praça Bento Silvério, onde serão realizados os trabalhos

explicativos sobre lixo, uso de drogas e AIDS, além de preservativos. Segundo André Videira, Coordenador do Programa SOS Costa Leste, um dos pontos mais importantes do Projeto Comunidade em Ação

é justamente a campanha de esclarecimento. "Muitas pessoas não procuram auxílio porque tem vergonha. Com os panfletos explicativos, elas poderão procurar os grupos de ajuda para drogados sem

precisar pedir qualquer outro tipo de informação", fala André.

Durante o dia haverá apresentações folclóricas, como boi-de-mamão e terno de reis. Peças teatrais ficam por conta do Grupo Girassol e do Grupo Atormenta, com a apresentação do Seu Maneca e Dona Bilica. À noite, o agito fica com as bandas Iriê e Dazaranha, o cantor Valdir Agostinho e uma banda gospel e outra evangélica. Segundo os organizadores do Projeto, a expectativa é de que sete mil pessoas passem pela Praça durante todo o dia, e que à noite três mil pessoas compareçam ao evento.

Associação auxilia na reciclagem de lixo

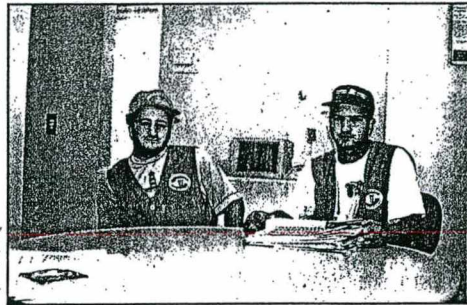
Uma nova associação surgiu para dar apoio à eterna luta contra o Lixo. A Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis, fundada há cinco meses, surgiu da ideia de que se pode extrair lucro daquilo que é jogado nas lixeiras todos os dias, em grandíssimas

quantidades.

A Associação, cujo presidente é Mariano Gentara, já possui setenta associados, distribuídos por toda Florianópolis. Na Lagoa são dois, Luís Carlos Quadros e Helodir José Quadros, coletores de papel e materiais diversos.

Ambos juntam o maior número possível de material reciclável e o vendem para uma fábrica de reaproveitamento, em Itajaí, onde é definitivamente reciclado e transformado em produtos diversos.

"O tipo de material de que mais precisamos são papéis (papelão,

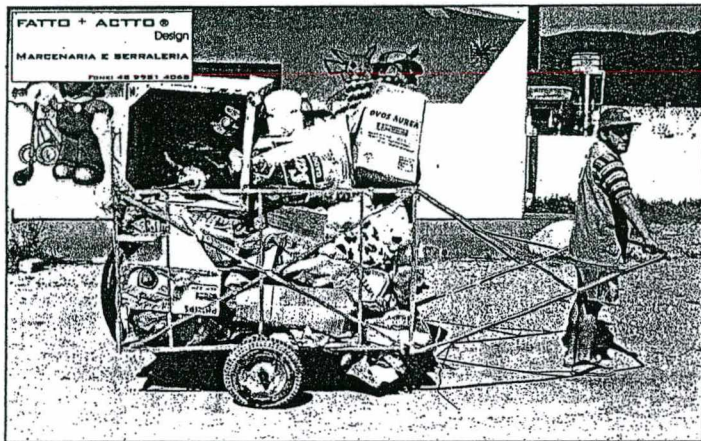


jornal, revistas, livros velhos etc), embalagens plásticas e de alumínio", diz Luís Carlos. "Só não coletamos caixas de leite e sabão em pó, do tipo tetrapak, porque não são recicláveis", informa Helodir. A comunidade pode auxiliá-los juntando material adequado. "As pessoas podem nos reconhecer pelo uniforme que usamos", lembra Luís Carlos, referindo-se à vestimenta que exibe o logotipo da Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis. Os dois costumam circular pelo bairro a

procura de material para seu trabalho.

Por enquanto Luís Quadros e Helodir estão recolhendo e separando materiais no terreno ao lado do posto BR, mas invasores estão vandalizando a área, que já correu risco de incêndio. "Queremos arrumar um outro espaço para dar continuidade ao trabalho. Quem puder nos ajudar para alugar ou ceder, procure-nos", conclui Luís Quadros.

Participe e contribua com este movimento de utilidade pública.



Invasão e Construção Clandestina na Praia do Moçambique

Quando foi criado o Parque Florestal do Rio Vermelho a divisa Norte foi estabelecida como sendo no Morro das Aranhas, por ser um acidente geográfico de destaque em meio a planície are-

ao longo da Praia do Moçambique, foi alvo de um escândalo amplamente denunciado na imprensa, em 1979.

Naquela época funcionários do antigo IRASC (Instituto de Re-

área continua ameaçada pelas invasões que o ambientalista André Freyesleben vem tentando demolir desde 1987. Uma casa já foi demolida, no entanto os dois barracos do invasor Divo Régis teimam em permanecer na área de preservação abrangida pelo parque.

O mais grave é que pretende-se atribuir a sua permanência na área à uma suposta autorização da própria administração do parque, o que não procede.

O vereador André entrou com uma representação no Ministério Público Estadual afim de solucionar definitivamente a questão. Pretende limpar a praia do Moçambique visando dar exemplo e mantendo-a como a única praia pública e livre de construções na Ilha.

Neste sentido também entrou com um projeto de lei complementar 149/99 que altera os limites do parque florestal do Rio Vermelho, aprovados pela lei nº 2.193/85.

Atualmente o projeto está na Comissão de Justiça, que manifestou-se pelo sobres-

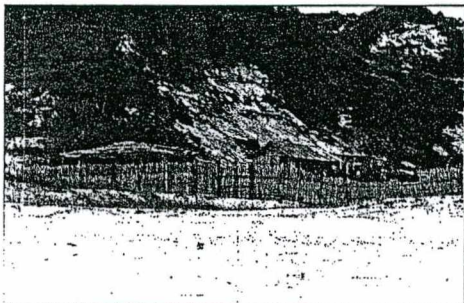
tamento do mesmo até que a Secretaria da Agricultura promova um novo levantamento topográfico do parque.

Para espanto do vereador, ele descobriu que o Plano Diretor dos balneários estabelece o limite Norte justamente no Riozinho, deixando de fora toda a área abrangida pelas falcetras dos antigos funcionários do IRASC.

Segue um trecho da sentença da ação popular proferida pelo juiz

Nestor José da Silveira, em 31/10/1983:

"Devido a grande valorização da terra na Ilha de Santa Catarina, provavelmente o Parque do Rio Vermelho tornou-se o imóvel de maior valor que possui o governo estadual, considerando-se tratar-se de extensão de 9,5 quilômetros ao longo da Praia do Moçambique, uma das mais formosas da Ilha e que continua livre de poluição pelo fato de ser área protegida.

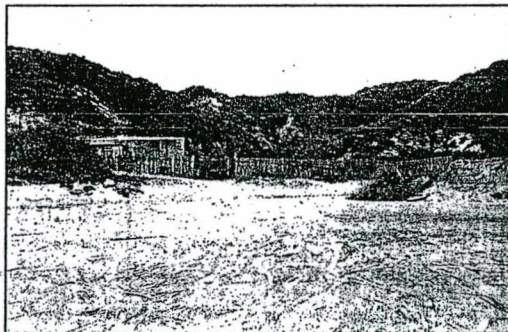


nosa.

Isto está bem claro no artigo 2º do decreto nº 2.006/62. Acontece que existe uma controvérsia em relação à legalidade das manchas existentes, uma vez que toda a área compreendida entre o Morro das Aranhas e o Riozinho (situado a um quilômetro, direção sul,

forma Agrária de Santa Catarina) titularam em causa própria este trecho de terras devolutas, pertencentes ao parque, justamente no trecho que ficou de fora no mapa utilizado até hoje pela administração do parque.

Em ação popular os títulos foram anulados. No entanto esta



**É FUNDAMENTAL PRESERVAR.
O MEIO.
O AMBIENTE.
O MEIO, JORNAL DA LAGOA.
O AMBIENTE, A LAGOA DA CONCEIÇÃO.**



Iniciativa: Jornal da Lagoa Apoio: Vivendas das Palmeiras



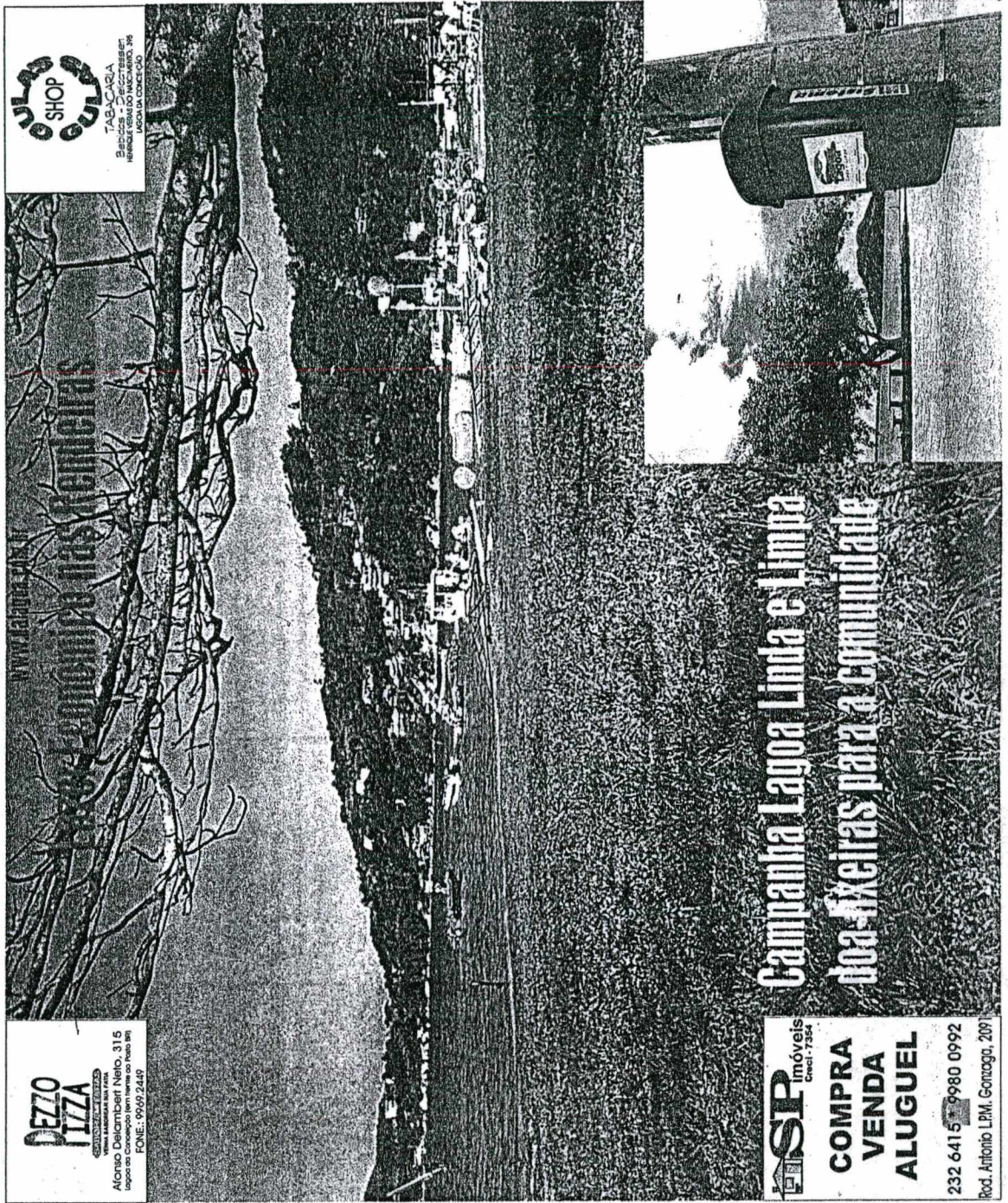
JORNAL DA LAGOA

FUNDADO EM 2 DE SETEMBRO DE 1994 - O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NA BACIA DA LAGOA DA CONCEIÇÃO

Ano 6 - edição nº 66

Lagoa da Conceição - Florianópolis, fevereiro de 2000

Distribuição dirigida



PEZZO PIZZA
CONCEIÇÃO - FLORIANÓPOLIS

Alfonso Delcembere Neto, 315
Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC
FONE: 9949-2449

WWW.LAGOA-LINHA.BR
COMUNIDADE DAS CONCEIÇÕES

SHOP LAGOA

TABACARIA
Biscoitos - Doces artesanais
Mercearia - Produtos Naturais, 396
Lagoa da Conceição

SP Imóveis
Cred. 7354

**COMPRA
VENDA
ALUGUEL**

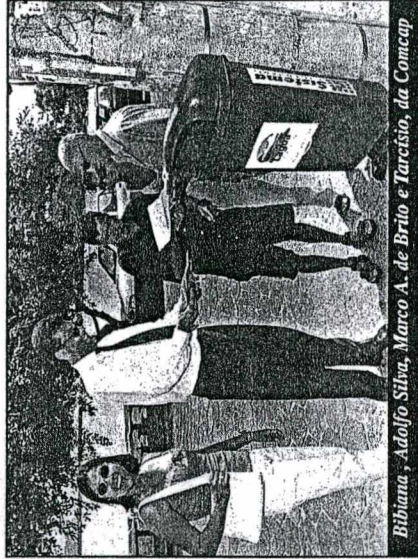
232 6415 9980 0992

Rod. Antônio L.P.M. Gonzaga, 209

**Campanha Lagoa Linda e Limpa
do-a-lixéiras para a comunidade**



Campanha Lagoa Linda e Limpa



Bibiana, Adolfo Silva, Marco A. de Brito e Tarcísio, da Comcap

A Campanha Lagoa Linda e Limpa continua trabalhando em prol das belezas naturais da Lagoa da Conceição, para que haja maior conscientização por parte da comunidade em relação a este paraíso ecológico que nos abriga e recebe turistas de todos os cantos. A causa está

conquistando a comunidade e ganhando a simpatia dos empresários. É o caso do empreendimento Vivenda das Palmeiras, da Sistema Engenharia, que doou 15 papeleiras à campanha, com capacidade para 50 litros cada, que estão espalhadas na área central e avenida das Ren-deiras. Contribua você também para esta causa nobre.

Maiores informações no Jornal da Lagoa, 232.1309. Participe e ajude a preservar o que é nosso.



Iniciativa: **Apolo: Vivendas das Palmeiras**
Jornal da Lagoa

Tecnourb - Tecnologia na coleta de lixo

A empresa responsável pela fabricação das lixeiras, a Tecnourb - Técnicas Urbanas Ltda, tem a missão de sensibilizar empresas para que estas adquiram lixeiras, que posteriormente sejam doadas para a Comcap, com a vantagem de poder explorar publicidade.

A própria Comcap já adquiriu 400 lixeiras, mas cerca de 1.200 já estão distribuídas em toda a cidade, devido a doação por parte do empresário.

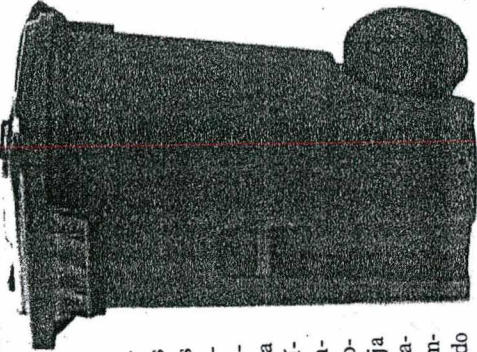
A Tecnourb apresentou à prefeitura um sistema europeu de coleta mecanizada, no ano de 1998, e

doou quatro elevadores que foram instalados em dois caminhões de lixo que circulavam pela beira mar e dois que circulavam pela Lagoa. O método foi aprovado e desde então vem sendo aplicado em Florianópolis, sendo que todos os caminhões têm elevadores implantados. O interesse deve adquirir o contenedor de lixo, que é o recipiente adequado para a coleta mecanizada.

"As pessoas acham que basta colocar o lixo em uma sacolinha de supermercado e esperar

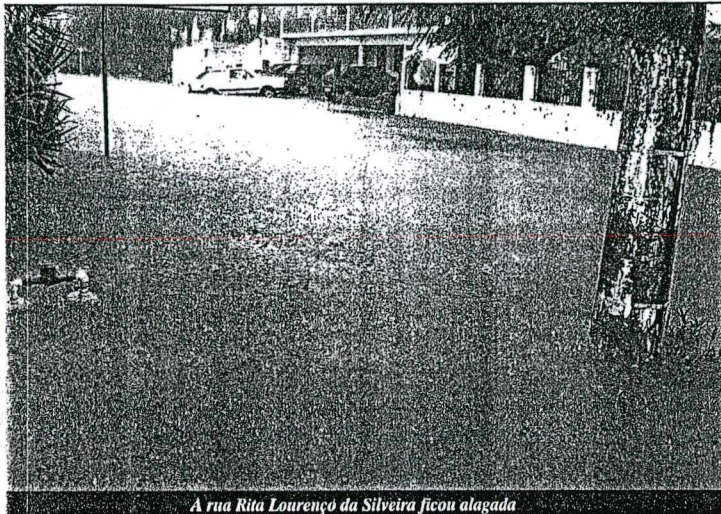
que este seja recolhido pela Comcap, mas elas devem cooperar para que a cidade permaneça mais limpa", diz Bibiana Alves, diretora comercial da Tecnourb.

Uma lei municipal (nº 4838/96) determina, em seu artigo 1º, que "estabelecimentos comerciais que manuseiem alimentos perecíveis ficam obrigados a possuir local ou recipientes apropriados para depósito de lixo perecível". Parágrafo 1º - considerado-se apropriado o local ou recipiente que seja fechado e impeça a exalação de odor, bem como im-



possibilitar a visualização do seu conteúdo pelos transeuntes. Fica evidente a responsabilidade dos proprietários de restaurantes, principalmente em muitos desses locais, a solução é adquirir alguns desses contenedores. "Mas é preciso cuidar para não exceder a capacidade de cada contenedor, porque pode acabar danificando o mesmo", conclui Bibiana. Os contenedores e papeleiras foram aprovados e recomendados pela Comcap, homologados pela Vigilância Sanitária e fabricados de acordo com normas internacionais. O telefone da Tecnourb é o 236 1961 e o 9981 1165. A empresa fica na rua Hélio Cirillo Barcelos, 91. Contribua para a limpeza da nossa cidade.

Caos na Lagoa após temporada de chuvas



A rua Rita Lourenço da Silveira ficou alagada

As chuvas que pararam a lade, na primeira quinzena mês de fevereiro, causando danos materiais diversos alimentaram uma legião de insatisfeitos com os mais que conhecidos problemas de infraestrutura em diversos pontos da Ilha, como na Lagoa da Conceição.

Aqui a água invadiu casas, inutilizou ruas de importância às praias e fez com que os esgotos e valas, sem entupidos, transbordassem, inundando ruas e avenidas. Quem acaba sofrendo as consequências é a comunidade e os comerciantes locais.



Maurício Nunes

Como o proprietário do restaurante Maurício, Maurício Nunes, que contabilizou prejuízos com a queda do movimento. "Tanto a estrada geral da Joaquina quanto as Rendeiras, entre outras, estão praticamente em estado de calamidade. Os turistas sempre reclamam da falta de infraestrutura, principalmente depois das chuvas, quando as ruas alargaram e ficaram esburacadas", conta Maurício, e aponta uma solução: "Ouvimos dizer que talvez fossem enviados alguns homens para taparem os buracos bem na temporada de carnaval. Para os comerciantes daqui é inviável, pois vai prejudicar ainda mais o acesso dos turistas. O jeito é contratar uns homens do exército para que eles trabalhem durante a madrugada, da uma às quatro da manhã, durante uns três ou quatro dias. O movimento não iria cair e as ruas estariam adequadas ao tráfego, sem que houvesse grandes prejuízos para nenhuma das partes", diz.

Devanei Paulo Ghilardi, proprietário da Malibu

Surfboards, também foi um dos comerciantes prejudicados com a chuva, e mostra indignação com a administração atual e o descaso dispen-



Devanei

sado à população. "Os comerciantes daqui, inclusive eu, estamos cansados de conversar com o encarregado das obras da Lagoa em busca de uma solução para estes problemas estruturais, que perduram por tanto tempo. Mas eles nunca atendem, ou então demoram quase um ano para

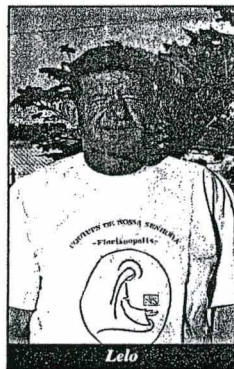
realizar reformas que poderiam ser feitas em dois dias. Para evitar as cheias, deveria ser feita uma limpeza nas valas de esgoto, mas as pessoas tem medo

de reclamar e exigir o que lhes é de direito. Fico indignado por ter que pagar, todo mês, a taxa do sistema de esgoto, que é de 45 reais, porque sei que na verdade estou contribuindo para a poluição

mas não exterminar os problemas na raiz. "Tudo o que é feito pela prefeitura é apenas uma máscara para enganar turistas. Mas nem eles estão de-

xando se enganar, e eu temo pelo fim do turismo na ilha", diz Devanei Ghilardi. Aurélio Tertuliano de Oliveira, o Lelo, presidente da Associação dos Moradores da Lagoa, é da mesma opinião. "A Lagoa já se encontrava abandonada antes dessas chuvas. Depois disso transformou-se num verdadeiro caos. Entregamos um documento para a prefeita em outubro de 1999, onde apontávamos prioridades a serem realizadas na Lagoa, como o sistema de esgoto e a condição das estradas. E nada foi feito, só pintura de meio-fio. A Lagoa está abandonada por parte do governo municipal e estadual. A prefeita fala muito mas não faz nada, pelo menos no que diz respeito à Lagoa e às diversas localidades no interior da Ilha. Estamos acabando com o cartão postal do Brasil", conclui.

Cíntia Teixeira dos Santos



Lelo

da Lagoa. É uma situação insustentável", diz Devanei.

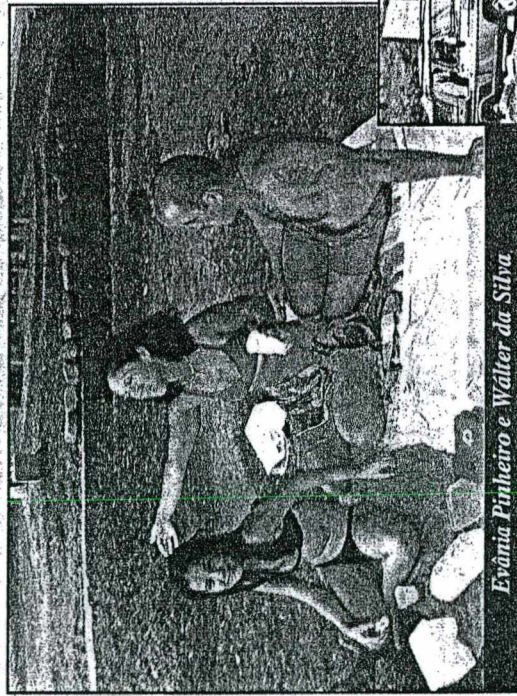
Representantes da comunidade reclamam da administração municipal pela capacidade de realizar paliativos



Rendeiras totalmente intransitável depois do temporal

Divertimento para todos os bolsos

Já se tornou tradição aqui na Lagoa: nos fins de semana, famílias inteiras ocupam as margens da Lagoa da Conceição, em frente às Rendeiras, para curtir as águas tranquilas sob as árvores frondosas e hospitaleiras, tudo regado a muita cervejinha e um bom churrasco assado na hora. O hábito é cultivado há algum tempo, mas nesta temporada o "lazer econômico" parece ter ganho mais adeptos, garantindo diver-

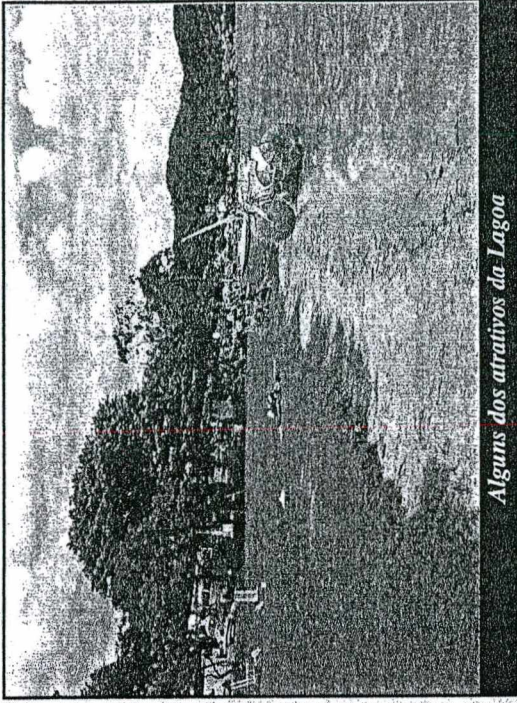


Evânia Pinheiro e Walter da Silva

são sem muitos gastos.

Walter da Silva Júnior e a mulher, Evânia Pinheiro, quebram a rotina trazendo as quatro crianças para divertirem-se nas águas da Lagoa, sempre bem abastecidos com um lanche reforçado. "Faz pouco tempo que resolvemos frequentar o local. É excelente por ser mais calmo, as crianças ficam mais à vontade, tem espaço para brincar e não existe movimento de carros. Viemos do Rio Vermelho

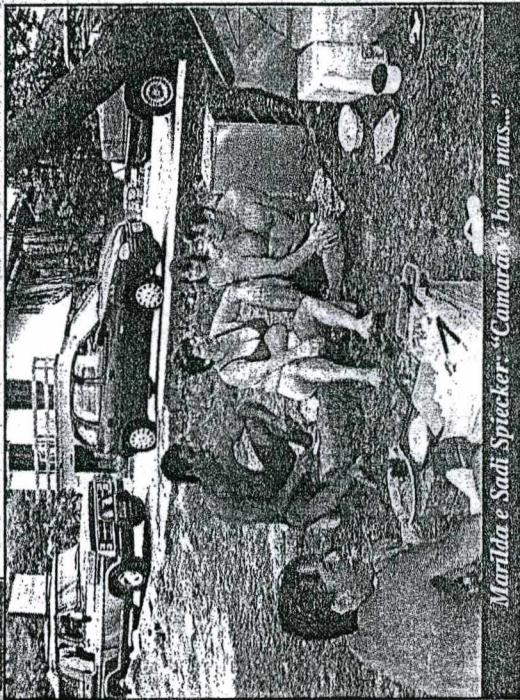
para cá porque é muito gostoso ficar aqui. A Lagoa é um local muito bonito e nós nos sentimos tranquilos, diferentemente das outras praias", conta Evânia, enquanto distribui mais cachorros-quentes para as crianças. Um dos problemas apontados pela família é a questão dos preços cobrados pelos restaurantes. "Almoçar aqui é muito caro. Então trazemos um lanche e ficamos o dia inteiro. Os preços podiam ser reduzidos", diz Walter. Apesar das garantidas horas de lazer, a problemática da falta de infra-estrutura na Lagoa é bastante conhecida. "O maior problema é esse esgoto despejado direto na Lagoa. Não existe tratamento e a gente teme pelas crianças, que podem pegar alguma doença. As autoridades



Alguns dos atrativos da Lagoa

des deveriam providenciar uma solução. Além disso falta um banheiro público para os frequentadores. Ficar pedindo para usar o banheiro dos restaurantes é ruim, os proprietários não gostam", reclama Walter.

Sadi e Marilda Spiecker, que trouxeram toda a família, também concordam com o aspecto tranqüilo da Lagoa, e das delícias que ela proporciona. "Aqui é um lugar muito gostoso, calmo. É o local que mais frequentamos", diz Marilda. "Trouxemos tudo de casa e nos instalamos aqui, onde ficamos bem à vontade". Enquanto Marilda ajeita as travessas com a maionese e a farofa, Sadi cuida da carne na pequena churrasqueira trazida pela família. "Os restaurantes daqui são muito caros. Um camarãozinho até que vai bem, mas para essa turma toda é difícil", conta Marilda. A família também queixa-se do problema com o sistema



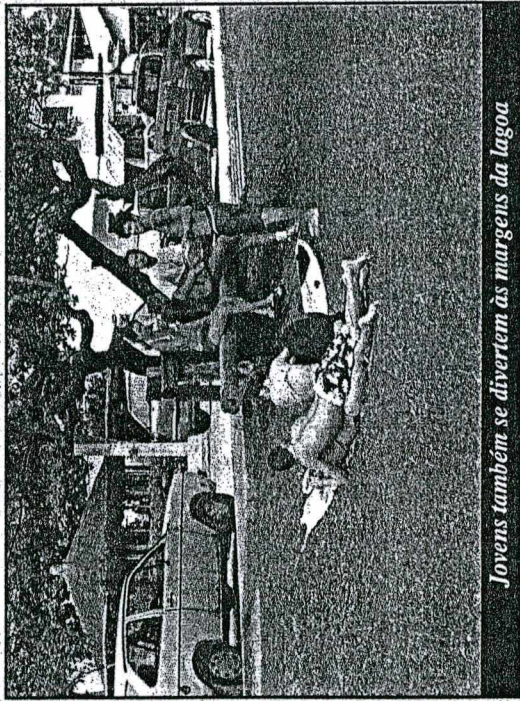
Marilda e Sadi Spiecker. "Camarão é bom, mas..."

a eclética avenida das Rendeiras

de esgoto, que dá à praia um aspecto sujo e descuidado, e da falta de um banheiro público. "Nós somos de Xaxim, atualmente moramos em Barreiros e o local que mais gostamos de passar o final de semana é aqui. Chegamos sempre de manhã bem cedo e só saímos à noite. Mas para que as pessoas continuassem a curtir esse local seria necessário algumas melhorias, dessa maneira fica difícil", conclui Sadi.

A família de Josete e Waldir Alves, de Florianópolis, também é frequentadora assídua das Rendeiras. "Vimos passar o dia aqui, de vez em quando. As crianças sempre pedem, porque gostam de brincar nas dunas, e minha tia sempre quis conhecer o

lugar, por isso a gente a trouxe", conta Josete. "Nós também trazemos lanche, almoço, e às vezes alguém traz a churrasqueira para assar uma carminha", conta



Jovens também se divertem às margens da lagoa

Waldir. O casal também tem queixas em relação à falta de infra-estrutura da Lagoa da Conceição. "Essa tranqueira de trânsito assusta o turista. Outro dia eu fiquei esperando durante uma hora na fila, e não havia como fazer o retorno. O sistema de esgotos também é outro ponto fraco da Lagoa. Se eles querem atrair turistas, que arrumem as estradas e os esgotos", conclui Waldir.

Também há aqueles que preferem (e podem) passar o final de semana apreciando o visual da Lagoa enquanto escolhe o que vai comer em um dos vários restaurantes da orla. O que vale é ressaltar o ecletismo da Lagoa da Conceição, que comporta todas as classes sociais e proporciona a todos a mesma belíssima paisagem, indiscriminadamente.



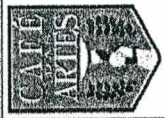
Avenida das Rendeiras

A Avenida das Rendeiras é o maior ponto de referência da Lagoa da Conceição, conhecida por todos os visitantes.

O nome originou-se nas décadas de 50 e 60, quando ainda era comum encontrar nativas da região confeccionando utensílios como colchas e toalhas com renda de bilro, enquanto aguardavam o retorno do marido, que invariavelmente tinha a pesca como fonte de renda.

Hoje a tradição das rendeiras vem sendo esquecida. As novas gerações se ocupam com outros afazeres e acabam não se dedicando à belíssima arte da renda de bilro.

Mas a homenagem às rendeiras permanecerá eternizada na Lagoa da Conceição, dando nome à mais importante via de acesso do bairro – a Avenida das Rendeiras.



POSTO TEXACO
LAGOA DA CONCEIÇÃO
FONE: 232.0744

COMUNIDADE

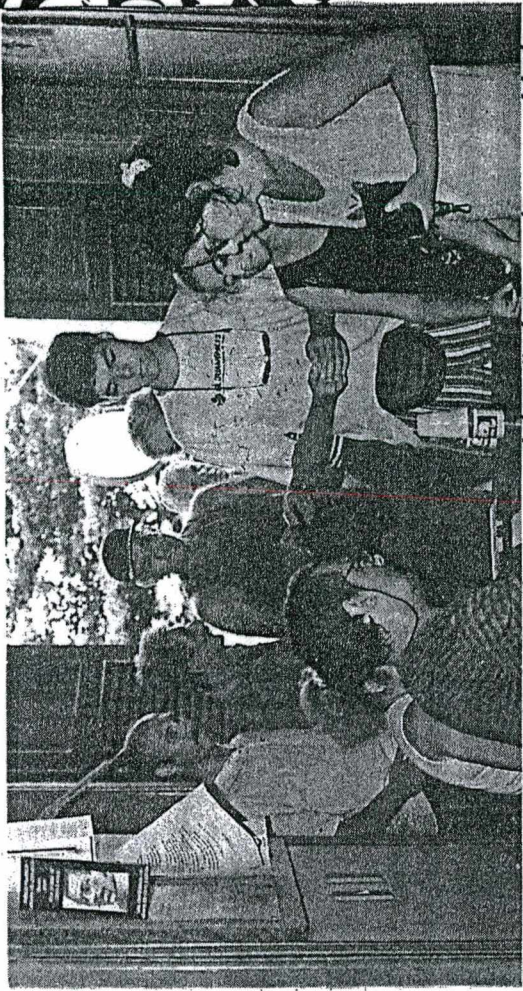
Oposição vence eleição da Amola

A chapa Pró-Lagoa Cidania, e Participação venceu por 523 votos a 357 a chapa Consenso na eleição para a diretoria da Associação de Moradores da Lagoa da Conceição, AMOLA, realizada no dia 18 de janeiro. A chapa 1, liderada por Aurélio Tertuliano de Oliveira, o Lelo, venceu por uma diferença de 166 votos a chapa 2, encabeçada por Henrique Carlos Azevedo. No total 886 moradores da região participaram da mais disputada eleição, onde concorreram pela primeira vez duas chapas à diretoria da AMOLA.

Esta foi a primeira eleição para diretoria da AMOLA que mobilizou a comunidade. No dia do pleito, carros das duas chapas concorrentes percorreram as principais ruas das comunidades que participaram da eleição (Canto dos Araças, Porto da Lagoa, Costa da Lagoa, Retiro, Barra

Até um micro-ônibus foi utilizado para transportar eleitores para a votação. No final da tarde uma fila de cerca de 50 pessoas aguardavam o resultado da votação. "Foi um exercício de cidadania", disse um dos votantes. Depois de encerrada a eleição, os presidentes da mesa junto com os candidatos e seus vices se reuniram no Casarão da Lagoa para realizar a apuração.

Em seu discurso de posse, Lelo afirmou que esta vitória foi um reconhecimento da comunidade a sua longa história em defesa das causas populares. "Nesta eleição não houve vencedores ou vencidos, quem ganhou foi os moradores da região" disse. A chapa Pró Lagoa tem como principal proposta buscar a união de todas as associações da bacia da Lagoa, deixando de lado as questões políticas partidárias e ideológicas. "Em nossa chapa participam representantes de todas as correntes políticas",



J. Lagoa

Eleição para a diretoria da Amola teve participação intensa da comunidade

Mesmo derrotado, o pessoal das comunidades mais indiretamente jogam esgoto na candidatura Henrique Azevedo afastadas".

Lagoa. Precisamos buscar a união das associações e a participação da comunidade para resolver este sério problema". Os integrantes da chapa pretendem buscar o auxílio da comunidade principalmente para melhorar as condições do meio ambiente da Lagoa. Ele também destacou como problemas a falta de segurança, saúde e educação das pessoas direta ou

todo o dia trazendo para votar

Jornal de Lages Jun 98

Árvore e Rapôças

Benzedeira mantém tradição no Canto

Marks Mauricio

Com um rozário em uma das mãos e com benzeduras Franciscas Pires Jaques, 88 anos, afirma ter curado mais de uma centena de crianças de quebrante ou mau olhado na região Canto da Lagoa. Dona Chiquita, como é conhecida, mantém há mais de 60 anos a tradição das benzeduras, que aprendeu com sua mãe e com uma parteira que conheceu quando era jovem. Ela foi premiada no início de fevereiro com uma placa, oferecida pelo Projeto S.O.S. Costa Leste, por agradecimento a sua dedicação à comunidade.

ferimentos que não saram. Mas, segundo ela, para ter resultado, a pessoa tem que procurar logo após descobrir a doença. "Uma moça veio aqui no começo do mês com uma queimadura grave. Eu benzi e ela ficou logo boa", comentou. "A minha benzedura adianta muito."

Todas as semanas pessoas procuram sua casinha azul de quatro cômodos, localizada no Canto da Lagoa. A maioria são mães de crianças preocupadas em tirar quebrante ou mau olhado de seus filhos. "Muitos não têm nada, são só enjoadinhos", conta. Ela lembra que de uns tempos para cá tem benziço muitas crianças que não conseguem dormir a noite. "São muito assustadinhos e tristes, deve ser de olhar televisão."

cômodos, Dona Chiquita acompanha há mais de seis décadas a região do Canto se transformar. Mas não dispensa o rádio sintonizado na frequência AM, onde ouve as novidades. Ainda com uma voz afinada relembra os versos que cantava depois do trabalho no Engenho de Farinha de sua família, próximo ao Morro do Badejo, no Canto da Lagoa.

Para cada tipo de doença existe uma benzedura apropriada. Dependendo do problema, muda a benzedura e o ritual que a envolve. Dona Chiquita, além de tratar mau-olhado, cuida de queimaduras, problemas de pele, aftas e

De sua janela, na casinha de madeira com quatro

entre uma risada enverganhada. ■



Dona Chiquita é a benzedeira mais velha da região

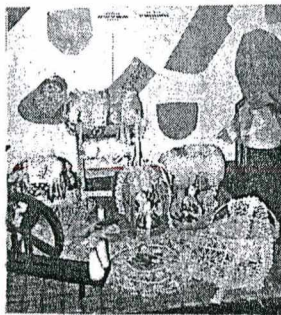


Exposição resgata o artesanato da Ilha

J Lagoa

Uma exposição de trabalhos manuais representando a cultura nativa está sendo realizada no Centro Cultural Bento Silvério. A mostra de rendas, bordados, crochê, tarrafas e redes produzidos nas oficinas oferecidas pela Fundação Franklin Cascaes fica exposta do dia 15 de janeiro até 10 de fevereiro. Segundo os organizadores, a exposição é uma tentativa de resgatar os trabalhos artesanais que representam a cultura local.

Entre suas principais manifestações está a renda-de-bilro que tornou-se muito conhecida na Europa durante o século XVI. Nos dois séculos seguintes havia praticamente desaparecido do continente Europeu, mas continuou sendo produzida em áreas periféricas como no Arquipélago dos Açores, de



Destaque para renda

onde foi transferida para o Brasil, junto com as primeiras famílias de imigrantes açorianos.

De acordo com uma das organizadoras da exposição, Vani Vieira de Souza, a Fundação Franklin Cascaes, através das oficinas desenvolvidas no Centro Cultural Bento Silvério, está conseguindo resgatar uma preciosa parcela da cultura local. "A prioridade é produzir peças que retratam a comunidade", afirmou. ■

Amin inaugura mirante na Ilha

Local permite visão da Lagoa da Conceição e homenageia o ilhéu Manoel de Menezes

Claudia Marcelo
FLORIANÓPOLIS

Uma paisagem de tirar o fôlego. É esta a visão que moradores e turistas têm ao avistar a Lagoa da Conceição, em Florianópolis. A partir de agora, as belezas do local podem ser melhor apreciadas. No sábado foi inaugurado o mirante e o Busto Manoel de Menezes, localizado ao lado do Hotel da Lagoa. O nome foi uma homenagem prestada pelo governador Esperidião Amin ao jornalista, poeta, político e empresário Manoel de Menezes, um homem apaixonado pela Ilha e que contribuiu para difundir as belezas da cidade.

Menezes morreu em 1995. Ele foi o primeiro morador da Praia Mole e incentivou o turismo na Lagoa da Conceição, onde construiu seu primeiro hotel.

"Era um homem corajoso", lembrou um de seus amigos, Silvio Ferrary, 80 anos, que compareceu à solenidade de

inauguração. O aposentado contou que, na década de 30, os dois freqüentaram juntos o ginásio e costumavam andar de bicicleta depois que saíam da escola.

Posteriormente, Silvio ia habitualmente ao restaurante Arrastão, em Coqueiros, de propriedade do amigo. "Fui criado vendo-o brindar essa cidade, que lhe enfeitiçou", disse emocionado um de seus filhos Cacau Menezes. Durante o discurso, ele não resistiu e chorou ao recordar da convivência com o pai. Foi com ele que aprendeu, aos 13 anos, os primeiros passos da profissão de jornalista, exercida há 32 anos. "Foi um homem que viveu intensamente cada momento de sua vida", resumiu.

Amin lembrou do amor que o homenageado tinha pela Capital e comparou o mirante à sacada de uma casa. "Esta é uma obra simples, porque a sacada não pode ser mais bonita que o panorama", definiu. O mirante levou 40 dias para ficar pronto. A construção foi feita com recursos do governo estadual e custou R\$ 59 mil. O local foi drenado e iluminado. Bancos foram construídos e mais de 1,5 mil mudas de flores foram plantadas.



TK HELENA/DC/FLORIANÓPOLIS

SOLENIDADE: Homenageado foi um "manezinho" apaixonado por Florianópolis

ONDA quer preservação ambiental para a Lagoa

Os integrantes da ONDA (Organização Natural Diversos Amigos) querem antes de mais nada a Lagoa e Florianópolis limpas. Com este propósito desde o início de fevereiro passado estão organizando mutirões de limpeza, divulgando a idéia da reciclagem do lixo através de desenhos e pinturas coloridas em lixeiras e conscientizando a comunidade sobre os problemas ocasionados pela degradação ambiental. O movimento está publicando já seu segundo cartaz educativo com as frases "A Lagoa é Linda. Entre nesta Onda", onde as empresa que colaborarem têm seus nomes divulgados.

O movimento é originário do consenso entre artistas, esportistas, profissionais liberais e todos segmentos da comunidade preocupados com a poluição do meio ambiente e a degradação do planeta Terra. Segundo a presidente do movimento, a artista plástica Maria Lis Figueiredo, a

humanidade vive seu maior desafio o de garantir o desenvolvimento sustentado entre sociedade, economia e meio ambiente. Dentro desta proposta o grupo começou a desenvolver a partir da Lagoa da Conceição um trabalho de conscientização experimental. "Nossa surpresa foi encontrar pessoas altamente afinadas com a questão ambiental, que nos apoiaram de cara", afirmou. Atualmente a Onda tem mais de 1500 cadastrados.

O movimento tem como principal preocupação preservar o meio ambiente, desenvolver a cidadania e levar "arte para a rua". Atualmente o grupo vem desenvolvendo projetos de conscientização ambiental com jovens,

estudantes e comunidade em geral. "O mais importante é a troca de informações para que ocorra um completa mudança de hábitos", disse a artista plástica. Durante este ano o integrantes do grupo pretendem fazer um levantamento completo dos locais que enfrentam problemas com a produção e armazenamento de lixo na região da Lagoa. Para

os responsáveis por estes locais, a ONDA vai sugerir idéias e encaminhar as melhores soluções para estas questões. A linguagem comum entre os integrantes da ONDA é a Agenda 21, um documento assinado por 170 países, em 1992, no Rio de Janeiro, que prevê um esforço conjunto de todo o mundo para proteger o meio ambiente. ■



Artista plástica é exemplo de conscientização ambiental

Marks Mauricio

ONDA espera mudar atitudes com o lixo

Organização de amigos busca consciência ambiental coletiva a favor do "tratamento" do lixo

Clara Brasil / Marcelo Lelo

**ONGs
ONGs
ONGs
da cidade**

DA
REPORTAGEM

A Organização Natural de Diversos Amigos (ONDA) não se encaixa em clichês. Se recusa a aceitar o título de ONG e sua maior luta se baseia na tentativa de ensinar as pessoas a organizarem seu lixo.

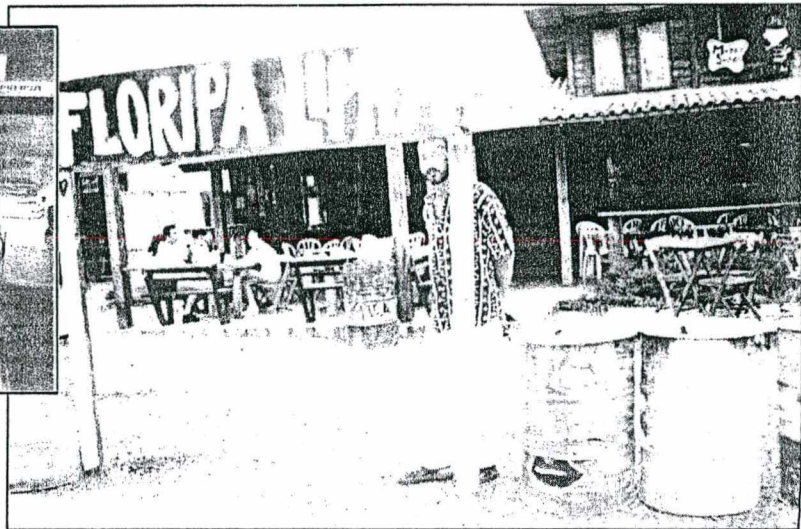
"A ONDA é um movimento social, cultural e artístico, com novos atores sociais", diz a paulista Lis Figueiredo, 44 anos, moradora da Lagoa, fundadora e porta-voz do grupo. A ONDA não gosta de ser chamada de ONG porque, segundo Lis, a sigla "restringe muito".

"Muitas ONGs queimaram o filme, muita gente fundou uma e não utilizou para a finalidade a que ela deveria se dirigir", avalia. A ONDA também se preocupa com a poluição sonora e visual da Lagoa.

O interessante nessa "organização informal" é que ela parte de um paradoxo, porque luta por algo que vai contra o senso-comum. Não trata o lixo como o "lixo", incômodo que ninguém quer. Vê valor no lixo, porque entende que ele desperta a consciência humana.



VERDES: Militante do Greenpeace e da ONDA, a empresária Manduca, da Lagoa, e as latas de reciclagem do lixo. Na foto menor, Lis e o cartaz da ONDA



"Um balde de lixo tem que ser visto com amor, com outro valor. O lixo é um bem comum, gera recursos e a consciência de que você consome coisas erradas, de quanto consome por impulso, provoca mudanças de paradigmas", diz Lis, que chegou a compor uma quadrinha: "Por estes lados agora/quem estiver avisado/tem 2 baldes em casa/põe o lixo separado".

Segundo Lis, todos deveriam ter "pelo menos" duas lixeiras

em casa para separar o lixo orgânico (que vira adubo) do inorgânico (lixo seco). "O ideal mesmo seriam sete", diz ela. Uma para o lixo da cozinha, outra para o lixo do banheiro, uma para o plástico, o vidro, o metal, papel e para o lixo de "rejeitos", que pode ser tóxico, como frascos de solvente.

A falta de lixeiras é um dos maiores problemas da Lagoa, para Lis. "Mas não queremos combater a Comcap, nem nin-

guém, queremos cooperar. As pessoas não têm informação sobre o lixo, então vamos trabalhando no fluxo, na onda, conspirando para tomar o poder", brinca.

Quando precisa, os amigos da ONDA pegam no pesado. Pintam placas educativas, fazem lixeiras e as pintam, como as que "enfeitam", agora, a Lagoa Mix, em frente ao bar Riffifi, no centrinho da Lagoa. Assim como Lis, Manduca, o dono do bar, é

militante do Greenpeace e da ONDA.

Mesmo se considerando um movimento informal, a ONDA conta com estatuto desde 6 de dezembro e está diretamente envolvida na discussão da Agenda 21 local, documento da Eco 92 com diretrizes em planejamento ambiental.

O.N.D.A. - Organização Natural de Diversos Amigos - contato fone: 232 12 03, c/ Lis

Clara Brasil



Lelo volta à presidência da Amola

Casado, 5 filhos, nascido na Lagoa, Aurélio de Oliveira, o Lelo, 47 anos, irmão do deputado federal Édison Andrino (PMDB), foi eleito presidente da Associação de Moradores da Lagoa (Amola) no último dia 18. Segundo Lelo, a função da Amola é lutar por melhorias à Lagoa.

Ele já ocupou o cargo por volta de 1994/95 e é um dos fundadores da associação, que surgiu em 1985, para defender os interesses dos moradores. "Surgiu porque a gente começou a perceber que, já naquela época, os problemas eram grandes", diz ele.

"É mais fácil cobrar do poder

público, que funciona muito através de pressão. Quanto mais unida a comunidade estiver, mais fácil será para reivindicar", avalia.

Sancamento básico é, segundo Lelo, um dos aspectos mais importantes para a Lagoa. "A rede de esgoto já esgotou sua capacidade. Se a estação de tratamento não for ampliada teremos problemas. Primeiro é preciso haver melhorias na rede coletora, para ampliá-la posteriormente", disse.

Ministro da Eucaristia da igreja católica, Lelo também já foi intendente da Lagoa, há cerca de 12 anos, o que coincidiu com o mandato de prefeito do irmão, o

deputado Édison Andrino. Ele se orgulha de ter sido eleito pelo voto direto.

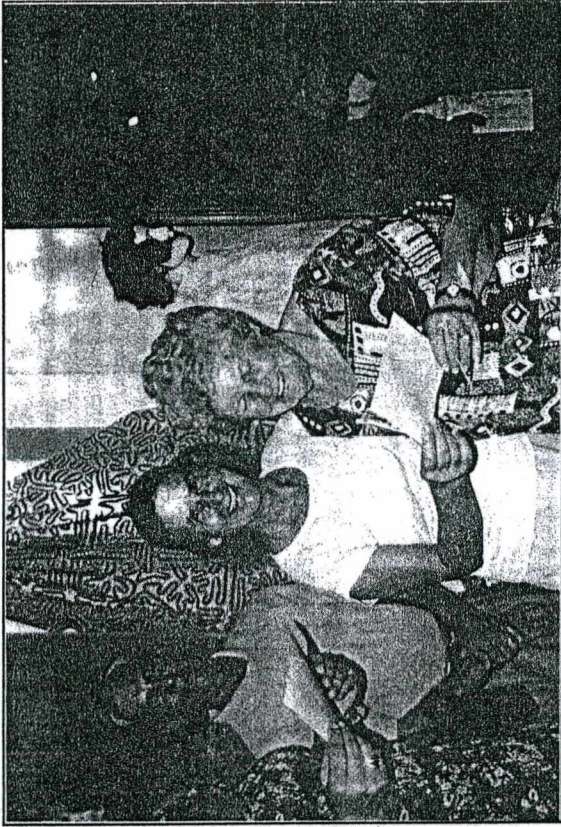
A discussão de um plano diretor específico para a Lagoa também está na pauta de ação do novo presidente da Amola. "Cada comunidade da região da Lagoa tem a sua realidade. Mas se todas deixarem as divergências partidárias e se unirem com o objetivo de lutar pela Lagoa, nossa força será muito maior", disse.

Amola - Associação dos Moradores da Lagoa - contato fone: 232-1128 c/ Lelo ou 232-0028 c/Mário.

Casarão da Lagoa expõe a renda da Ilha

Alunas da oficina de renda resgatam a tramóia da extinção; rendeiras poderão expor no Rio

Cleia Brasil



AMIGAS: Teotônia Oliveira (à dir.), 87 anos, recebe o certificado de conclusão do curso de renda que fez com Judite Vieira (à esq.). "Tudo que a gente aprende é bom", disse.

"reaprender", como Teotônia de Oliveira, de 87 anos, natural de Florianópolis.

"Eu havia feito há muitos anos, mas depois esqueci. Fiz o curso para aprender de novo e passar o tempo. Tudo que a gente aprende é bom", afirmou. "Ela é uma boa aluna", disse a professora Judite Vieira, que fez um balanço positivo. "Foi tudo muito bom, aprender não ocupa lugar", disse.

Para a gaúcha Iris Hilleshein, aprender renda foi "um sacrifício" que ela "adorou". "Dizia para mim mesma: 'hei de aprender', até que aprendi. Nunca é tarde", afirmou. "Não sabia nada, achei até que não ia aprender. Agora quero ensinar para minha neta", disse a paulista Terezinha de Araújo Leite.

Um coquete! "típico", com rosquinhas de pirão e peivinho, torresmo, entre outros petiscos, animou a programação, que marcou a abertura da exposição dos trabalhos. Segundo Vani, cerca de 25 alunos participaram das oficinas em 1997.

"Estamos com esperança que as oficinas retornem a partir de março, porque foram muito bem aceitas, mas isso depende de verbas e de prioridades nas escolhas de projetos", disse.

DA REPORTAGEM

Até o próximo dia 10 moradores e visitantes podem conferir de perto peças do artesanato típico da Ilha, com a exposição de trabalhos dos alunos das oficinas de renda e pesca do Casarão da Lagoa.

As peças não estão à venda, mas é possível 'negociar' direto com os autores, na maioria senhores que frequentaram os cursos de renda em 1997.

Segundo a coordenadora do Casarão, Vani Vieira de Souza, a renda em tramóia (veja box) foi praticamente "resgatada" da extinção. "Ela estava extinta. Era muito raro ver alguém fazendo. Muitas senhoras que sabiam fazer a renda de bilro comum, quiseram aperfeiçoar a técnica. Na exposição de agora, cerca de 80% da produção é em tramóia", afirmou.

Vani disse que enquanto as senhores buscaram a renda, muitos adolescentes preferiram aprender o artesanato que envolve os equipamentos de pesca, como a confecção de tarrafas. No último dia 15 os alunos receberam, no Casarão, o certificado de conclusão das oficinas.

Houve quem quis aprender renda de bilro comum, ou

Renda de bilro é herança açoriana

A renda de bilro tomou-se muito conhecida no continente europeu no século 16, mas entrou em decadência no século seguinte, para praticamente desaparecer no século 18, quando os habitantes açorianos também são produzidos redes de pesca, especialmente as tarrafas - redes de pequeno porte.

Historicamente feitas por pescadores, as redes hoje são confeccionadas também por outros produtores artesanais ou por lazer, para completar a renda familiar. Na categoria dos "trançados" há ainda peças, como balaios e gaiolas, em vime, cipó ou bambu.

Origem do bordado, diferenciada em pontos no ar, sem o tecido pré-existente. É feita com fios de linha usados como matéria prima e se forma pelo jogo de pequenos bilros (peças de madeira), sob uma almofada.

Ela apresenta uma riqueza muito grande de variedades e formas. A renda de bilro em tramóia é feita com 7 pares de bilros, em peças grandes e únicas, sendo ge-

Fonte: Coordenadoria de Patrimônio Cultural / Fundação Franklin Cascaes e Análise Folha

Presente ao evento, a superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Lélia Pereira, se disse bastante animada com o "sucesso" das rendas de Florianópolis em um congresso que participou em Fortaleza. "Quando cheguei com algumas peças me perguntaram como eu podia levá-las à terra da renda", mas depois que as mostrei foi um sucesso. Cheguei a vendê-las", afirmou.

Segundo ela, a Funarte (Fundação Nacional do Artesanato) demonstrou interesse em promover no Rio uma exposição da renda de bilro produzida em Florianópolis.

SERVIÇO:

Casarão da Lagoa
fone (048) 232-0155

Projeto Gráfico (jornais, livros e revistas) Diagramação/Editoração Eletrônica Assessoria/Treinamento

EXPERIÊNCIA COMPROVADA:

- São Paulo: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Diário Comércio e Indústria, Citybank, Diário Popular, Editora Manole, Imex
- Florianópolis: Estúdio 4, Revistas Gente SC, Briefing, Simdiprens, UFSC, Mvzika
- Cricúma: Jornal da Manhã

Micelli (048) 249-5254

Trilha na Galheta vira aula de ciências

Biólogo mapeia trilha em parque municipal e mostra a diversidade natural da região da Lagoa

Clara Brasil

DA REPORTAGEM

O Parque Municipal da Galheta, na praia da Galheta, oferece excelentes opções de trilha na região da Lagoa. O biólogo Ignacio Agudo mapeou uma delas, com cerca de 4km por dentro do parque, feita a partir de brechas na mata deixadas pelo gado.

"Foram vários meses estudando e caminhando, inclusive com safadas à noite para pesquisar o comportamento de mamíferos", diz Ignacio, que batizou a rota de "Trilha Interpretativa da Galheta".

Por ela o visitante conhece o parque - uma APP (Área de Preservação Permanente) criada por lei municipal - e passa por inúmeros "ambientes naturais". De cara já se tem uma idéia de como é a floresta Atlântica preservada.

A trilha é fechada pela copa da mata, úmida, com muitas orquídeas e bromélias. Depois passa por capoeiras, dunas, restinga, praia arenosa dura e costões rochosos. "Este é um dos últimos redutos de natureza da costa Leste", diz o biólogo, preocupado com o futuro do parque, diante dos problemas que detectou (veja quadro).

A trilha começa na área de entorno do parque, avança mata adentro, chega ao topo do morro de 200 metros de altura - o pico mais alto do parque - e possibilita um banho na Galheta. Termina na praia Mole, próximo a uma "colônia" de corujas.

Antes da caminhada os trilheiros podem ter uma "aula" de ciências naturais. É que Ignacio montou, onde mora com a família, um "posto de interpretação ecológica", local em que instalou amostras da riqueza biológica e histórica do parque.

O Posto de Interpretação Ecológica da Galheta tem dois 'terrários' (aquários de terra). Em um vive uma cobra inofensiva, em outro lesmas gigantes, as maiores que existem nos trópicos da América do Sul, segundo o biólogo.

Há plantas por todos os lados, orquídeas, ninhos de beija-flor e tico-tico abandonados pelos pássaros e até uma 'mostra' de um "brunidor rupestre", rocha com sulcos talhados, que os homens pré-históricos usavam para amolar facas, lanças, pontas de flecha.

Com um pouco de sorte, a visita pode coincidir com um dia em que o biólogo tenha pego um dos lagartos que vivem nas proximidades. Ignacio vem fazendo um trabalho de pesquisa com eles. A cada duas semanas os recolhe, mede, pesa, acompanha seu desenvolvimento.

Eles estão identificados por

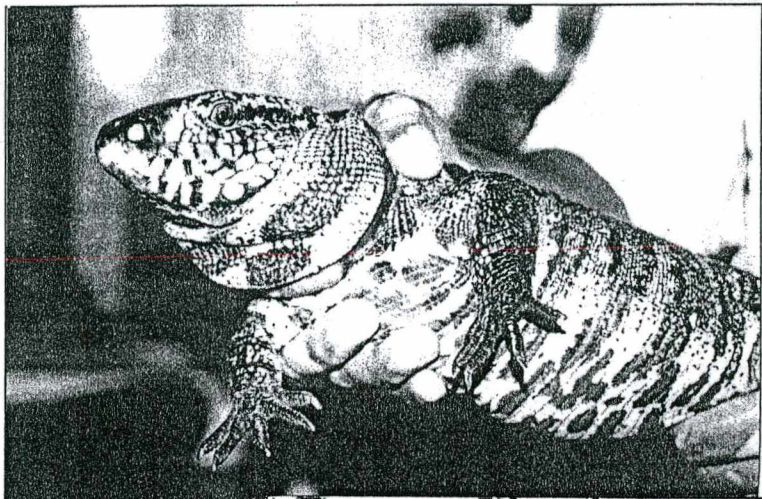
uma fita vermelha ao redor do pescoço. Segundo Ignacio, os lagartos têm seu território estabelecido e "preferem morar" na beira do mata. A 'família' do lugar reúne 8 animais permanentes, 4 fêmeas e 4 machos.

"São dos maiores lagartos da Ilha, chegam a pesar 2 quilos. Comem cobras, ratos, são controladores naturais de pragas. E inofensivos, mas um descuido em caso de proximidade pode resultar numa mordida vigorosa, como a de um cachorro", diz o pesquisador.

Com uma fêmea de 1,5 quilo e 74 cm nas mãos, o biólogo mostra que ela é maior, "mais corpulenta" que o macho, e tem dois pequenos nódulos debaixo da pele na região da cloaca (por onde urina e defeca). Eles não ganham nomes. "Não queremos domesticá-los, apenas estudá-los", afirma.

O posto tem também muitas cobras conservadas em vidro, quando se pode ver de perto a diferença entre as cobras venenosas e inofensivas. Segundo o biólogo, as cobras foram levadas para lá depois de mortas.

Ele disse que muitos ainda matam os animais e que outros moradores já os chamam quando vêem um animal que os assusta. "Aos poucos, mas ainda lentamente, as pessoas estão compreendendo que não é preciso matar, estão mudando a mentalidade", disse.



BELEZA SELVAGEM: O biólogo Ignacio Agudo mostra um lagarto fêmea, que "mora" no Parque da Galheta

Treking pela Trilha Interpretativa da Galheta: R\$ 10,00 por pessoa (grupos a partir de 4 pessoas)

Duração do passeio: 5 horas
Posto de Interpretação Ecológica da Galheta (PIEG): aberto ao público independente da trilha - R\$ 1,00 de contribuição
Fone: (048) 232 00 65
E-mail: iagudo@intercorp.com.br



Raio X do Parque

O pesquisador elaborou e cedeu, com exclusividade para a *Folha*, uma ficha técnica do parque, resultado do trabalho inédito que desenvolve há 2 anos, desde que chegou à ilha foragido da Venezuela (veja box). Veja os principais problemas e detalhes técnicos do parque.

Nome: Parque Municipal da Praia da Galheta

Classificação: Área de Preservação Permanente (APP)

Extensão total: 149,3 hectares

Extensão da praia: 1 km

Cota máxima (topo do morro): 200 metros (acima do nível do mar)

Localização: Costa Centro-Leste, Ilha de Santa Catarina

Distância do centro da cidade: 17 km

Patrimônio Histórico: Brunidores Rupestres/ Oficina Lítica (mais de 4.000 anos *C. - antes de Cristo)

Ambientes naturais presentes: Floresta Atlântica, capoeiras, campo dunar, restinga, praia arenosa dura, costões rochosos

Biota levantada (março 1996 - Janeiro 1998): Vertebrados (119 espécies), invertebrados marinhos (90 espécies), invertebrados terrestres (12 espécies), algas marinhas (17 espécies).

Vertebrados: Mamíferos (17 espécies), aves (62 espécies), répteis (16 espécies), anfíbios (6 espécies), peixes marinhos (18 espécies)

Invertebrados marinhos: Celenterados (8 espécies), moluscos (50 espécies), crustáceos (25 espécies), equinodermos (7 espécies)

Invertebrados terrestres: Moluscos (5 espécies), crustáceos (2 espécies), aracnídeos (5 espécies)

Algas marinhas: Verdes (18 espécies), pardas (4 espécies), vermelhas (5 espécies).

Problemas detectados na área do Parque: Parcelamento do solo no morro; extração de exemplares da flora (orquídeas *Cattleya intermedia*, Bromélias *Alcantarea sp.* e *Edmondoa l. lindeni*, principalmente); Intromissão de animais domésticos de pastagem no morro (gado, bodes/cabra) e animais de companhia na praia (cachorros)

Drama de biólogo não sensibiliza autoridades

O biólogo Ignacio Agudo Padrón se diz perseguido pelo governo da Venezuela desde que denunciou em vídeo a matança de golfinhos, que são pegos como isca para a pesca de atum. Nos últimos anos perdeu o pai, a mulher e, em 1996, veio para o Brasil com as duas filhas e a babá das garotas, numa fuga cinematográfica que contou com apoio de entidades ecológicas internacionais. Por isso é, segundo ele, o primeiro refugiado ecológico do planeta. Já pediu auxílio ao governo brasileiro, que lhe negou visto para não abalar as relações diplomáticas com a Venezuela. O deputado federal Fernando Gabeira (PV) prometeu-lhe ajuda. Ignacio aguarda retorno há 3 meses. Você pode protestar sobre esta situação, escrevendo para:

Ministro da Justiça Iris Resende
Ministério da Justiça
Espalanada dos Ministérios, Bloco T
CEP 70064-900, Brasília, DF
fax (061) 321-5145.

Fundação Lagoa atua pela qualidade de vida

Esgoto, lixo, urbanização, sistema viário, meio ambiente movem interesse da entidade

SILVIA QUEVEDO

Com 250 associados a Fundação Lagoa é das ONGs mais atuantes. Segundo o diretor executivo da Fundação, Alcécio Passos, a ONG trabalha muito em parceria com técnicos da UFSC na busca de soluções para garantir a qualidade de vida na região da Lagoa.

Em agosto organizou um seminário de planejamento que mobilizou moradores e órgãos públicos. Entre outras frentes, trabalha agora com a proposta de criação do 'Parque Lagoa', que prevê um "anel verde" em volta da Lagoa, com os 5 parques da região.

Alcécio disse que a Fundação, provavelmente em parceria com o Ipuf, lançará um concurso público para o desenho do portal, ou portais, do parque. "No alto do morro da Lagoa, no Rio Tavares, Rio Vermelho, Costa, isso ainda está em levantamento", diz ele.

A Fundação Lagoa nasceu no distrito sede da Lagoa há 3 anos, quando um grupo de pessoas da comunidade com "algum saber

notório", segundo Alcécio, se reuniu, buscando um órgão de atuação mais técnico e científico.

"As associações de moradores trabalham com 'recorte', isto é, só localmente. Tem a da Lagoa, do Canto, Rio Tavares e assim por diante. Buscávamos algo que fizesse abordagem do todo, porque há questões que não têm fronteiras. Se acontece um desequilíbrio no canal da Barra, por exemplo, toda bacia hidrográfica da Lagoa é afetada", afirma.

A Fundação recebe doações, mas não cobra 'mensalidade'. Alcécio é um ambientalista talhado para dirigi-la. É pós graduado em educação ambiental e conhece a Lagoa como ninguém. Nela cresceu. Com 8 anos já pegava canoa para ir pescar com o pai.

Lembra que o morro da Lagoa era "barro puro" em dia de chuva. "Estudava num colégio da Trindade, todo o dia eu subia e descia o morro a pé", conta. Formado em estudos sociais, Alcécio é funcionário da Assembléia Legislativa. A ONG, de acordo com ele, procura abranger toda a

bacia da Lagoa, "do Rio Vermelho ao Canto".

DIVERSIDADE - A região da Lagoa é rica em entidades, tem cerca de 80 ONGs, de acordo com levantamento feito por um grupo que pretendia formar uma federação das associações comunitárias. A proposta não vingou, mas permitiu um mapeamento detalhado das entidades.

A diversidade também é grande. Há ONGs de associações de moradores (Amola (Lagoa), Ampola (Porto da Lagoa), Ama (Canto dos Araçás), entre outras), de interesse histórico, como a Associação Cultural de Preservação da Igreja da Lagoa, até movimentos mais informais, como o Grupo de Idosos da Lagoa.

Segundo Alcécio, a figura jurídica de uma ONG é importante se sua atuação envolve alguma ação judicial ou se ela quer ser declarada como de "utilidade pública". Para formalizar uma ONG é preciso que o grupo interessado elabore um estatuto, realize assembleia geral e depois a registre em cartório.



RECICLANDO: Alcécio Passos, da Fundação Lagoa, na composteira que instalou em casa para transformar lixo orgânico em adubo

Pau Campeche 'refloresta' a Ilha

Localizada perto da praia, no Campeche, a Pau Campeche tem o escritório condizente com aquilo que prega: fica em uma casinha, no meio do mato. É preciso seguir pistas para encontrá-la, a principal é um terreno coberto com arbustos de vassoura e passarinhos.

A ONG se caracteriza pela distribuição de mudas de plantas nativas à sociedade e também "mina" a cidade com o plantio de espécies já difíceis de serem encontradas. "Nem tudo vinga, mas cerca de 10% se salvam e a Ilha recebe nova injeção de verde", diz Alexandre Boeira (foto), presidente da ONG.

Biólogo e professor da UFSC, Boeira mora com a mulher e três filhos na casa em frente ao escritório. A Pau Campeche, segundo ele, conta com 30 associados.

Junto ao escritório há uma estufa, tomada por caixas com sementes. Nela brotam bromélias e



outras coberturas vegetais de restinga e floresta ombrófila (das escarpas dos morros).

Desde 1993 o grupo vem reflorestando por conta própria a área de entorno da Lagoa do Peri. Guarapuvus, perobas, guarámins, picuã (alma de gato) e outras mudas são desenvolvidas na propriedade da família.

No início a produção era doada, hoje cada uma muda é vendida a R\$ 1,75. Segundo Boeira, a ONG está aguardando R\$ 100 mil que solicitou ao Banco Mundial por meio da Fatma (Fundação Estadual do Meio Ambiente) e Ibama, para concluir o plantio de mudas nativas no Parque Ecológico do Córrego Grande. (LA)

Greenpeace precisa de voluntários

Uma das mais famosas ONGs mundiais se instalou há oito meses em Florianópolis, mas até agora pouco se ouviu falar da ação direta de seus integrantes, semelhante aos grandes protestos que marcam a existência da organização em nível internacional.

Ativista que trouxe o Greenpeace para a Ilha, o artista gráfico paulista Ivan de Sá Pereira, diz que a participação de adeptos é voluntária, por isso o trabalho desenvolvido pelos 10 associados até aqui é lento e não aparece na grande imprensa.

O Greenpeace não tem sede própria em Florianópolis. As reuniões, semanais, acontecem na Lagoa. O grupo está providenciando prioritariamente o seu e-mail na Internet, sem data certa para entrar em operação.

Ivan afirma, no entanto, que algumas atividades podem ser destacadas localmente. No final de agosto, segundo ele, representantes do grupo falaram sobre os cuidados com o meio ambiente para adultos e crianças da comu-

nidade de Cacupé.

Os associados procuram divulgar em escolas e na comunidade as lutas mundiais do Greenpeace, como a campanha contra o tráfico de animais silvestres e o Projeto Greenfreeze.

O grupo quer conscientizar a população - e principalmente fabricantes - sobre o uso de um produto químico empregado na produção de geladeiras. O hidrocarboneto, segundo eles, não traz risco à camada de ozônio do planeta, que já está perfurada.

Segundo Ivan, uma das metas do grupo é aumentar o número de associados. "Estamos realizando contatos para abrir novas representações em Blumenau, Joinville e Rio do Sul", afirma.

Ivan conta que ingressou na ONG em busca de melhor qualidade de vida. Mesmo motivo que o levou, e a sua mulher, integrante do grupo, a escolherem Florianópolis para morar, há 7 anos, desde que se mudaram de São Paulo para a Ilha. (LA)

História viva na Rua dos escravos

Keko Brito

Quarenta e três anos antes de ser assinada a Lei Áurea, que libertaria todos os escravos do Brasil, a Lagoa recebeu uma visita muito ilustre, vinda do Rio de Janeiro. Em 18 de outubro de 1845, o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz D. Tereza Cristina colocaram a Lagoa da Conceição na rota de sua viagem a Florianópolis, antiga Desterro, e foram recebidos com toda pompa que tinham direito.

O objetivo da passagem pela Lagoa, do casal mais importante da época, foi a doação de uma custódia de prata - objeto para se guardar a hóstia - e de sinos para a Igreja. Os sinos só chegaram mais tarde, em 1861. Preocupados com a imagem do lugar, os súditos ilhéus resolveram construir uma estrada de pedras no morro que leva à Igreja, melhorando o acesso e embelezando o recanto para o neto de Carlota Joaquina. Para tanto, não foram os nativos que botaram a mão na massa, ou melhor, nas

pedras, e sim os escravos negros de um português que cultivava café pelas redondezas e resolveu homenagear os patrícios de sangue azul. É por isso que até hoje o lugar é conhecido como Rua dos Escravos.

Além do caminho de pedras, outra herança do século passado sobrevive sob as bençãos da Igreja, bem ao pé do morro: um casarão também da mesma época, que foi restaurado sem perder as características arquitetônicas originais. Quem mora na casa há onze anos é Mário Costa, que se interessa muito pela história, mas reclama da falta de fontes. "Só sei de algumas coisas porque um antigo padre me contou. Procurei até na cúria metropolitana, mas eles sonegam informações". Uma das coisas que ele descobriu foi que o sobrado pertenceu a um padre e a sua amante. Ele conta que, quando foram pintar as paredes, descobriram debaixo das camadas de tinta um papel de parede igual ao da Igreja, o que fez ele acreditar



O casarão, onde morava o Padre guardou o segredo do rompimento do celibato

pouco provável a hipótese do imóvel ter sido uma Casa Grande de dono de escravos, já que a única coisa que sabe sobre os servos negros é que trabalhavam na lavoura cafeeira e seu trabalho foi usado para a pavimentação da rua que fica a lado da sua casa.

Desterro e escravidão

Durante os anos em que a escravidão foi permitida no Brasil, Desterro não contou muito com esse tipo de exploração do trabalho humano. Os primeiros bandeirantes que chegaram aqui, trouxeram alguns escravos, mas não eram muito numerosos. Os açorianos, por sua vez, vinham, quase sempre, só com a família e com poucos bens, era quase impossível trazerem escravos. Os escravos que trabalhavam em Desterro geralmente eram encarregados de serviços domésticos e alguns participavam da pesca da baleia.

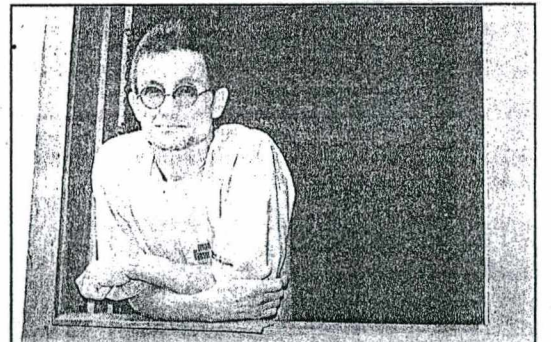
O número de escravos na capital, de acordo com historiadores, nunca representou mais de 20% da população total

da Ilha. Em 1884, no Clube 12 de Agosto, foi fundado o Clube abolicionista que lutou pela libertação dos escravos catarinenses. A adesão de muitas sociedades carnavalescas da época e a criação do jornal *O Abolicionista* fez com que vários proprietários de escravos os libertassem por conta própria.

A notícia da Abolição da escravatura, promulgada em 13 de maio de 1888, há 110 anos, só chegou em Desterro no dia 25 de maio, mas isto não foi nenhum problema, pois, em matéria de

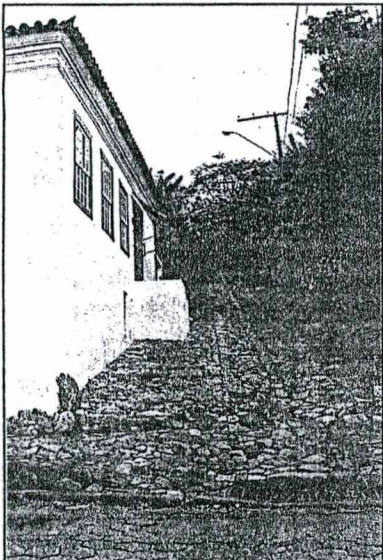
liberdade, a cidade saiu na frente. Em 24 de março do mesmo ano, quase dois meses antes, o presidente da Câmara do Desterro, Eliseu Guilherme da Silva, declarava que deixava de existir escravos no município a partir daquele dia: liberdade aos escravos da capital. Entres os abolicionistas que ajudaram a pôr em prática a Lei Áurea versão ilha, estava o poeta Cruz e Sousa, o maior expoente da poesia simbolista no país, orgulhosamente desterrense e negro.

Keko Brito



Atual morador diz que a curia metropolitana sonega informações

Keko Brito



A estrada de pedra construída para o Imperador


JORNAL DA LAGOA

FUNDADO EM 2 DE SETEMBRO DE 1994 - O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NA BACIA DA LAGOA DA CONCEIÇÃO

Ano 6 - edição nº 69

Lagoa da Conceição - Florianópolis, maio de 2000

Distribuição dirigida



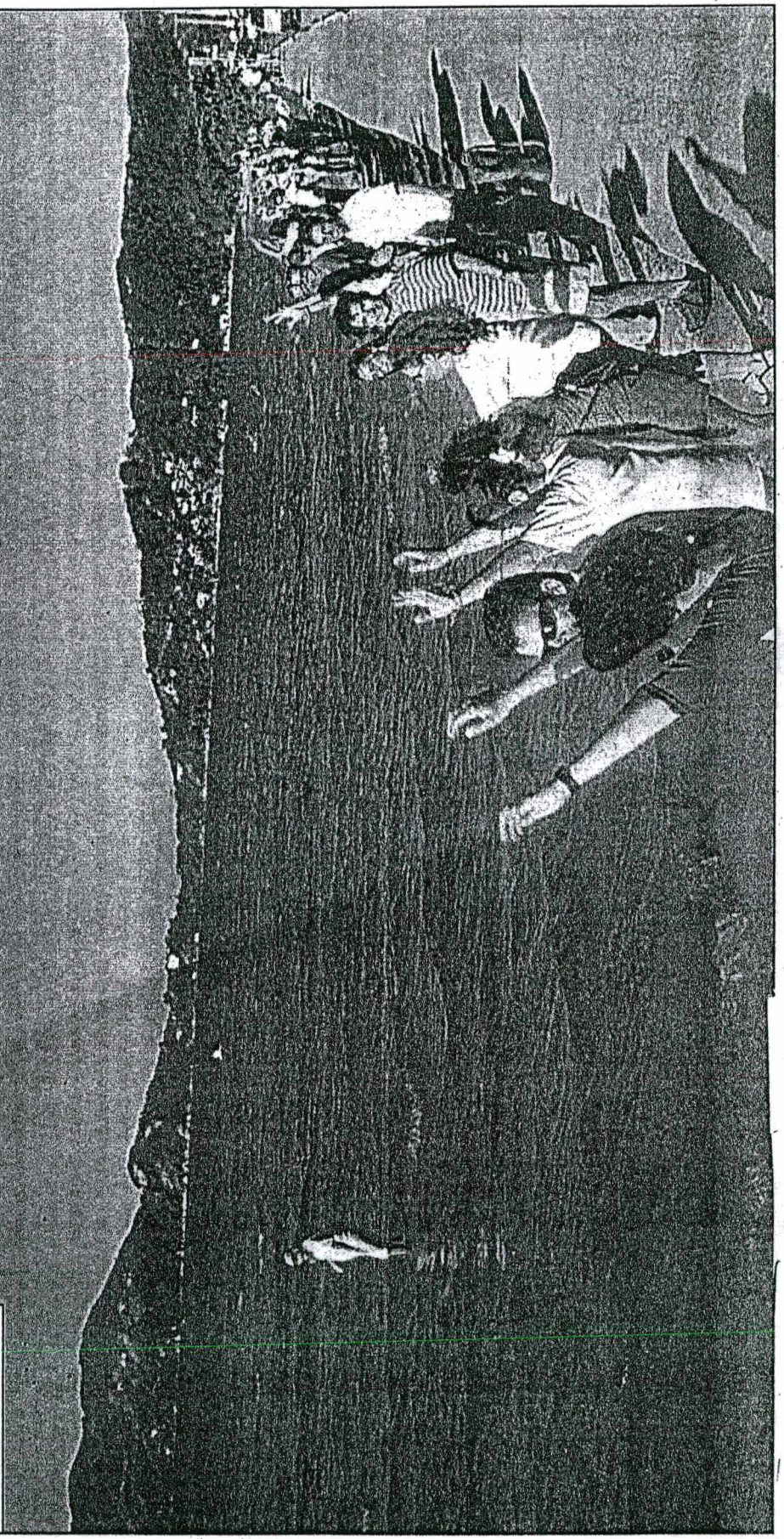
Lagoa Linda e Limpa
Instituição: Jornal da Lagoa
Assessoria: Wanda dos Palmares

www.dalagoa.com.br

"Atuação Mão Lagoa" mobiliza comunidade

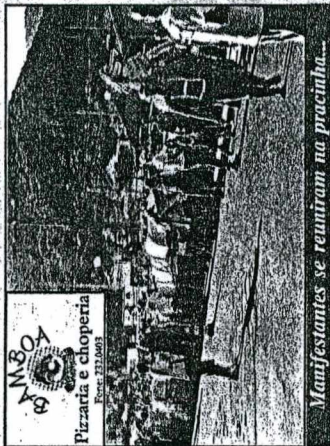


TABACARIA O SHOP
Barragem do Tabacaria
R. Rio das Pedras, 195
LAGOA DA CONCEIÇÃO



"Abraço na Mãe Lagoa" emociona e incentiva a comunidade

No dia 13 de maio cerca de 1.500 pessoas se reuniram na Lagoa da Conceição para mostrar apoio e respeito a um dos mais belos cartões postais do Brasil. Foi a manifestação "Abraço na Mãe Lagoa", que contou com a organização e participação de diversas entidades que funcionam por aqui. A AMOLA, a Fundação Lagoa, a ACIF, a escola Henrique Veras, escola desdobrada da Costa da Lagoa e o colégio estadual Henrique Veras tomaram a iniciativa de desenvolver



Manifestantes se reúnem na praia.

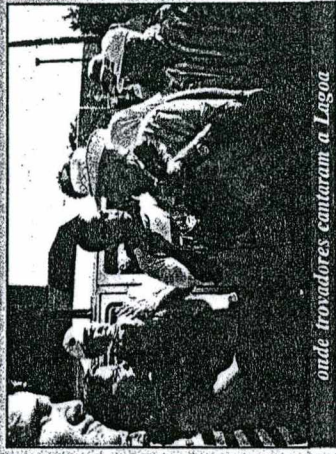
a idéia de uma passeata, que teve início na Praça Bento Silvério, percorreu parte da avenida das Rendineiras e encerrou com discursos emocionados de representantes da comunidade. O movimento contou com manifestações populares: boi-de-mamão, trovadores nativos e participação em massa de crianças, que mostraram como reciclar o lixo.

"O objetivo maior da manifestação foi passar para todas as pessoas que moram aqui, nativos ou oriundos de outros lugares, a importância da preservação do santuário ecológico que é a Lagoa da Conceição. Colocar também os órgãos responsáveis, a prefeitura, a CASAN, a par de tudo o que está acontecendo com a nossa Lagoa, e pressioná-los para que, juntamente com a comunidade, encontrem uma solução para os problemas", diz Aurélio Terminiato de Oliveira, o Lelo, presidente da Associação dos Moradores da Lagoa (AMOLA). "O sistema de esgotos da Lagoa, que foi implantado em 1987 com capacidade para atender 905 residências, hoje tenta suportar mais de 5000 ligações. Está completamente saturado e não há como ampliá-lo. 70% das residências do bairro despejam esgoto na Lagoa. Se não tomarmos providências dentro de no máximo 5 anos, o futuro será triste para todos nós. A poluição na Lagoa já se tornou um problema social - todos vão perder: restaurantes, bares, o comércio em geral e todos aqueles que sobrevivem do turismo na região. Mas ainda há tempo. É preciso investir nas crianças de hoje, inserir no currículo escolar uma disciplina que trate da questão do meio-ambiente. Me preocupo demais com este lugar porque nasci aqui e queria terminar minha vida aqui, mas desse jeito talvez tenha que sair da Lagoa futuramente. E todos são responsáveis pela situação atual, tanto as autori-

dades como também a comunidade, portanto todos devem cooperar para que o destino da Lagoa seja outro", aconselha Lelo.

Novo Plano Diretor para a Lagoa

Pedro Schmidt, figura popular aqui da Lagoa, conta que a passeata obteve sucesso ao mostrar que a comunidade está alerta, é ativa e participante, e que pretende dirigir o planejamento da região. "Muitas pessoas aqui da Lagoa, seguindo o exemplo do Campeche, querem desenvolver um plano diretor descentralizado, participativo, que permita o desenvolvimento sustentável e que respeite a cultura local", conta Pedráo. "Era o que queríamos mostrar através do movimento Abraço na Mãe Conceição. A Lagoa está morta, dizer que está morrendo é força de expressão. Vários técnicos confirmam isso, o que resta fazer é tentar recuperá-la". Pedráo aponta uma série de pontos principais a serem resolvidos de maneira emergencial na Lagoa: "O saneamento e a ocupação desordenada podem ser resolvidos bastando haver interesses políticos. A ocupação ilegal deve ser impedida agora. Somos contra o desenvolvimento predatório, que só visa poucos interesses sem ter em mente qualidade de vida local. A comunidade não deve ficar esperando por um salvador, deve sim organizar-se e batalhar pelo local onde vivem. Porém os



onde trovadores cantaram a Lagoa

problemas de sistema viário e ocupação ilegal devem ser resolvidos pela prefeitura", aponta. Segundo Pedráo, a Intendência Distrital da Lagoa da Conceição deveria fiscalizar com mais rigor, mas não o faz devido à sua estrutura anual. "Minha sugestão é a criação de uma administração local na Lagoa, onde poderíamos resolver problemas de alvará de construção, de funcionamento, IPTU, pesquisas de viabilidade, vigilância sanitária, epidemiológica, entre outros setores".

Quanto ao sistema viário da região, o assunto também vem sendo discutido entre os moradores e Pedráo opta a respeito. "Queremos que ele priorize o transporte coletivo e



Os participantes fizeram um abraço simbólico

o individual de massas (bicicletas). A idéia de construir diversas vias de trânsito aqui na região é inviável. Em relação à ocupação desordenada nas áreas de preservação, minha idéia é a de muitos daqui é de que se transforme os cinco parques existentes em um único, o Parque Lagoa. Essas áreas seriam marcadas e sinalizadas.

A comunidade também se preocupa com a recuperação das matas. A Lagoa deveria ser mais arborizada, tanto as ruas quanto as praças. As últimas árvores das Rendineiras foi o Lelo quem plantou, já fazem quinze anos. Por último, também queremos recuperar a aráido comunidade, que é um importante instrumento de integração da comunidade", diz Pedráo, e conclui: "O Abraço na Mãe Conceição foi uma campanha de

consistência das autoridades e principalmente da comunidade. Não foi um movimento contra alguma coisa, e sim a favor da sobrevivência da comunidade local com qualidade de vida".

Cinília Teixeira Dos Santos

Proteção

Ao contrário do que anunciaram alguns jornais da região, o movimento "Abraço na Mãe Conceição" também contou com manifestantes debochados e sem interesse pela causa. Foi o caso de um solitário proprietário de jet sky que chamou a atenção de todos com manobras "arrojadas", recebendo merecidas vaias pela exibição desnecessária.

FATTO ACTTO®
Design
SERRALHERIA • MARCENARIA
INST. COMERCIAIS E RESIDENCIAIS
FONE: 48 9981 4068

Durante este mês os jornais da cidade anunciaram a suposta "morte" da Lagoa da Conceição, que poderia acontecer num prazo de dez anos. Não é novo o fato de que a situação da Lagoa, hoje, é dramática, com o despejo de esgoto não tratado, a liberação de metais pesados que se fixam nos sedimentos da La-

goa e com o processo de assoreamento. Mas eles mostram-se irreduzíveis, citando outras causas para o problema", diz Clarice. Além das tintas, lixo e latas queimados nos quintais também são grandes fontes de contaminação. "A maioria dos pescadores liza e pinta seus barcos na betra da Lagoa. Os restos de tinta vão se acumulando no fundo fixam-se nos se-



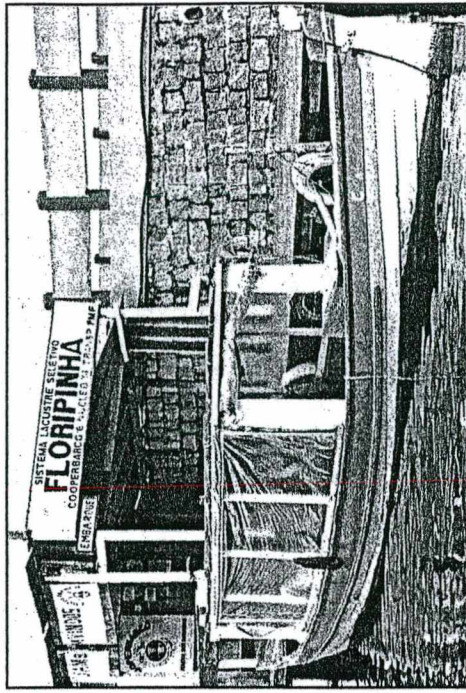
Professores Érico Porto Filho e Clarice Panitz, há 20 anos pesquisando a Lagoa

limento natural da Lagoa é drasticamente acelerado.

Metais pesados
Mais um dado vem se somar à lista de problemas preocupantes pelos quais passa a Lagoa: a liberação de metais pesados, que se fixam nos sedimentos. A questão é que a maior parte dos resíduos metálicos são provenientes das embarcações características daqui, e só uma parcela menor vem de residências e empresas. A Lagoa tem um alto nível de zinco, que já ultrapassou os limites tolerados, além de níquel, cobre, chumbo e selênio, entre outros em menor quantidade. Os pesquisadores tentam alertar a comunidade pesqueira sobre as tintas usadas na pintura de suas embarcações.

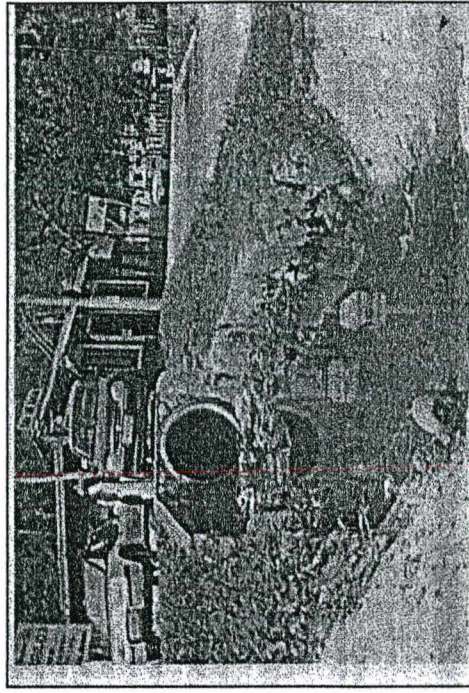
Esgotos
Com relação aos esgotos na Lagoa, o que acontece, segundo a pesquisa, é um intenso processo de "eutrofização artificial", ou seja, um enriquecimento em termos de nutrientes e matéria orgânica dentro da Lagoa, com um aumento con-

Esgotos, metal pesado e assoreamento



Tintas das embarcações são tóxicas para o ecossistema da Lagoa

sequente, na argila e na matéria orgânica proveniente do esgoto, e são bioacumuláveis. Os peixes e crustáceos alimentam-se destes metais e, consequentemente, nós também", explica Érico. Dentro do organismo, os metais pesados se fixam nas gorduras (lipídios), e as consequências podem ser



Esgotos clandestinos aceleram a poluição

Restroem a Lagoa mas ainda há solução



LAGOA 232-1222

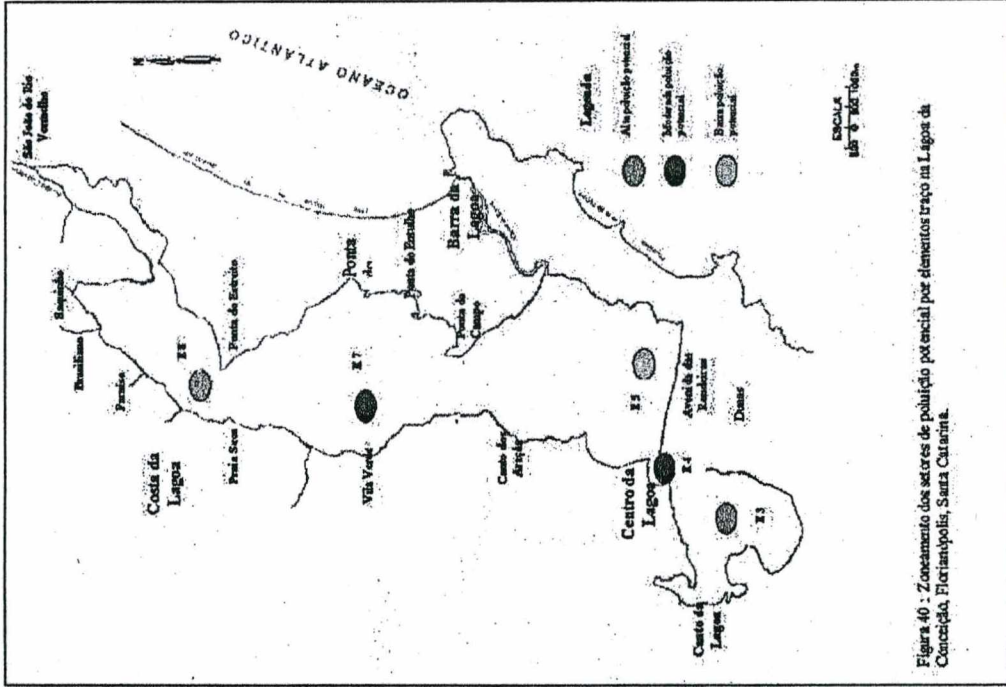
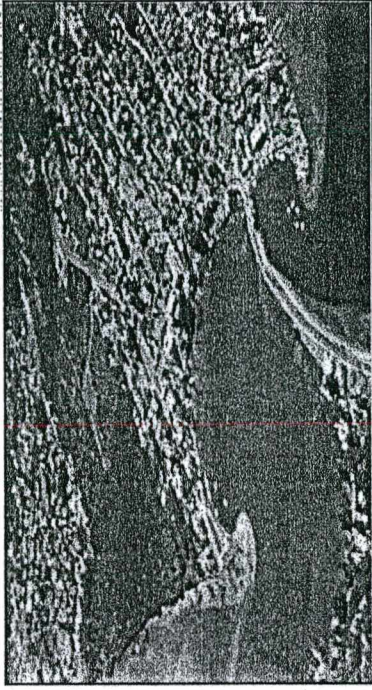


Figura 40 : Zoneamento das fontes de poluição potencial por elementos traço na Lagoa de Conceição, Florianópolis, Santa Catarina.

esta completamente assoreada e um portador de outros males. Segundo os pesquisadores, o assoreamento que acontece na Lagoa é um processo natural. Evidentemente existem áreas que apresentam problemas, principalmente as que ficam ao sul, esta completamente assoreada e um portador de outros males. Segundo os pesquisadores, o assoreamento que acontece na Lagoa é um processo natural. Evidentemente existem áreas que apresentam problemas, principalmente as que ficam ao sul,



Vista aérea da Lagoa, mostra o assoreamento básico.

ro lugar, deve ser feito um estudo das taxas de sedimentação e um diagnóstico do assoreamento na Lagoa de Conceição, além de um diagnóstico ambiental de toda a Bacia Hidrográfica da Lagoa. A partir disso, então deveria ser implantado um programa de educação ambiental, envolvendo toda a comunidade, com oficinas alternativas e cursos profissionalizantes.

Um plano de gestão e manejo setorial para a bacia hidrográfica deveria ser elaborado, assim como uma base de dados relacionais. Finalmente, deveria ser obrigatória uma consultoria técnico-científica junto aos órgãos públicos para análise e implementação de projetos de planejamento de uso do solo e saneamento básico.

Destá maneira os pesquisadores, técnicos e a comunidade teriam mais embasamento para discutir e tentar encontrar uma situação rápida para todos estes problemas. "Mas tudo isto com a participação dos órgãos Públicos. Criar um comitê e colocá-lo nas mãos das ONG's é direcioná-lo ao fracasso", dizem os pesquisadores.

Se o projeto for posto em prática, as condições naturais da Lagoa de Conceição vão permitir que ela permaneça viva e bela por muito tempo. "Não se pressurava aquilo que não se conhece e não se ama", conclui Clarice Panitz.

Cintia Teixeira dos Santos

Rio de Janeiro dá exemplo

Uma operação envolvendo cem pessoas, entre garis e pescadores, contribuiu para a preservação de seis toneladas de peixe, evitando que se repetisse a mortandade de março deste ano, quando cem toneladas de pescado apareceram boiando na lagoa Rodrigo de Freitas, zona sul do Rio de Janeiro.

Os pescadores começaram a recolher os peixes que buscavam oxigênio na superfície da lagoa desde a tarde de terça-feira, quando as secretarias de Meio Ambiente da Prefeitura e do Estado alertaram para o risco de morte sofrido pelos animais.

Além dos pescadores, 15 homens trabalharam na limpeza do espelho-d'água e na retirada das algas, usando redes e dois barcos catamarãs. Em vários pontos a lagoa estava coberta por uma vegetação aquática cujo crescimento é associado ao calor e à poluição.

Técnicos do Meio Ambiente garantiram que a falta de oxigênio na Lagoa de Freitas teve causas naturais, como o calor, a morte da comunidade de algas, a salinidade elevada e a falta de chuvas. Biólogos acreditam que o principal culpado pela redução do nível de oxigênio é o esgoto.

▼ AMBIENTE

Lançamento de esgoto na Lagoa pode ser reduzido

Governo vai trabalhar na ampliação da rede de coleta e na correção dos sistemas individuais

Gisele Kakuta Monteiro
FLORIANÓPOLIS

O governo trabalha em três frentes para recuperar a Lagoa da Conceição, na Capital: obras para ampliação da coleta e tratamento do esgoto, monitoramento e correção dos sistemas individuais, além do estudo da poluição. Considerando apenas as medidas que já estão sendo colocadas em prática, elas devem ser concluídas até outubro de 2002 e resolverão, por enquanto, parcialmente o problema.

Uma das linhas de combate está a cargo da Companhia de Águas e Saneamento (Casan). Em parceria com os empresários da Praia da Joaquina, a Casan deve ampliar a rede de coleta para 15 restaurantes e hotéis da área. A divisão dos custos - R\$ 210 - está em discussão e, se acertada, a ligação até a estação do centro da Lagoa levará um mês. Outra obra é a instalação da estação de tratamento na Barra da Lagoa, cuja primeira etapa deve ser concluída em outubro de 2002. Ela atenderá todos os moradores desta área, estimados hoje em 8,9 mil pessoas. Mas a sua capacidade será para 30 mil habitantes.

É a segunda estação da região da Lagoa da Conceição. A primeira, instalada em 1987, está no centro. Ela recebe esgoto de 1.009 imóveis, que respondem por cerca de 4 mil moradores. A Casan anuncia que deve ampliar esta unidade para 14 mil pessoas, numa primeira fase. De acordo com o diretor de Expansão, Josué Ferreira, o edital de concorrência para execução das obras, que levariam um ano e meio, deve ser divulgado este mês. Para a coleta dos esgotos ainda deve ser feita uma concorrência do projeto executivo.

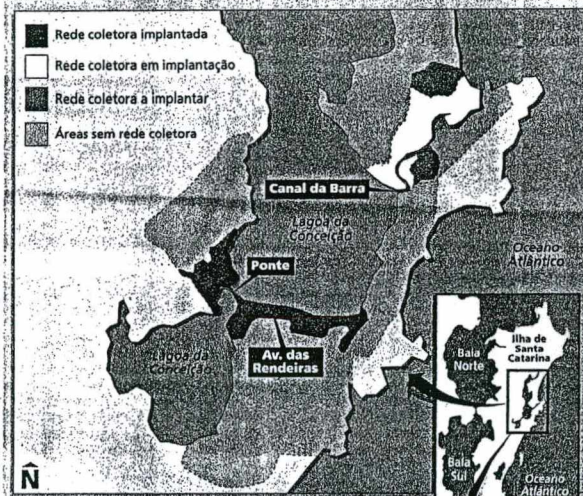
Existe ainda um segundo projeto, que está concluído, e cujas obras não foram licitadas. Ele prevê a instalação de uma rede coletora com cobertura dos cinco quilômetros da Costa da Lagoa. O esgoto acumulado seria remetido para a estação de tratamento da Barra da Lagoa, através de um emissário submarino. Neste caso, seriam necessários cinco meses para a conclusão das obras.

Considerando que os projetos mencionados estivessem instalados, grande parte da população da Lagoa teria cobertura da rede pública de esgoto. Restariam apenas os imóveis do norro e das praias da Joaquina e Mole, que totalizam 508 imóveis, com 2 mil pessoas.

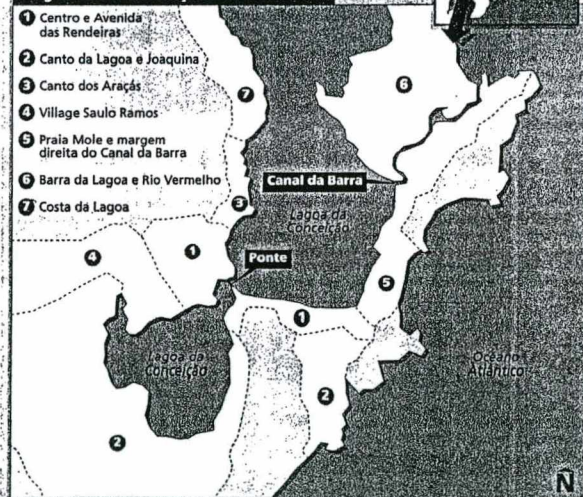
Mas as obras iniciadas são somente da Barra da Lagoa. Neste caso, além dos 1.009 imóveis, serão atendidos pela Casan mais 2,2 mil imóveis. Outros 3,6 mil imóveis na área de entorno da Lagoa - excluindo o Rio Vermelho - continuarão sem acesso à rede de esgoto da Casan e devem permanecer com sistemas individuais. A estimativa do número de imóveis é feita através das ligações de energia cadastradas na Celsec e a população é calculada a partir da média de quatro moradores por imóvel, estabelecida pelo IBGE.

MEDIDAS PARA CONTER A POLUIÇÃO

Obras da Casan



Diagnóstico das condições de saneamento



Fontes: Vigilância Sanitária e Casan

Vigilância faz diagnóstico

Enquanto a rede pública de coleta e tratamento de esgoto não é acessível para todos os moradores da Lagoa da Conceição, a Vigilância Sanitária do município está coordenando o trabalho de um mapeamento detalhado da situação sanitária na área. O estudo inclui o levantamento do sistema individual instalado em cada imóvel, a ocupação e tipo de solo, altura do lençol freático e zoneamento urbano das microáreas da Lagoa da Conceição.

O mapeamento, além de corrigir as irregularidades dos sistemas individuais, deve apurar o grau dos problemas. E que existem regiões onde o sistema individual mais comum - que de fossa e sumidouro ou outro tipo de infiltração - não é compatível com o solo e lençol freático, entre outras condições, explica o chefe da Vigilância Sanitária, Cláudio Silveira. Ele destaca que nestes locais não há opção acessível para a população. "É necessário ampliar a rede pública." O trabalho bastante complexo e rigoroso coordenado pela Vigilância Sanitária, deve ser concluído em outubro de 2001.

MAPA DOS SETORES

Sector 1 - Possui rede da Casan

Sector 2 - Parte da região tem características físicas que dificultam o funcionamento do sistema de tratamento individual. Existe também uma faixa de loteamentos regularizados, com sistemas individuais que funcionam adequadamente. A área da Joaquina é de solo rochoso e dunas sem tratamento de esgoto.

Sector 3 - A ação fiscalizadora deve corrigir alguns lançamentos irregulares de esgoto, mas em algumas áreas não há como adequar o sistema individual devido às condições físicas.

Sector 4 - Uma das áreas é de loteamento com situação sanitária estável. Existe outra parte densamente povoada, onde há passagem de córrego e é ocupada irregularmente, dificultando o tratamento individual do esgoto. Na encosta, com topografia acidentada e afloramentos rochosos, o sistema individual também apresenta boas condições.

Sector 5 - O Retiro da Lagoa tem rede pública de esgoto, mas ainda há irregularidades que foram orientadas para correção. Na margem do Canal da Barra, não há condições para implantação adequada e acessível do sistema individual.

Sector 6 - O grande problema detectado foram os lotes clandestinos na drenagem pluvial. Também uma área com solo arenoso e lençol freático aflorante que dificulta o sistema individual.

Sector 7 - A região se caracteriza por área de encosta e há previsão de um sistema coletor público.

OBS: Síntese do levantamento sanitário da Vigilância Sanitária

Leia amanhã: o assoreamento da Lagoa

DIÁRIO CATARINENSE | QUARTA-FEIRA, 8 DE NOV

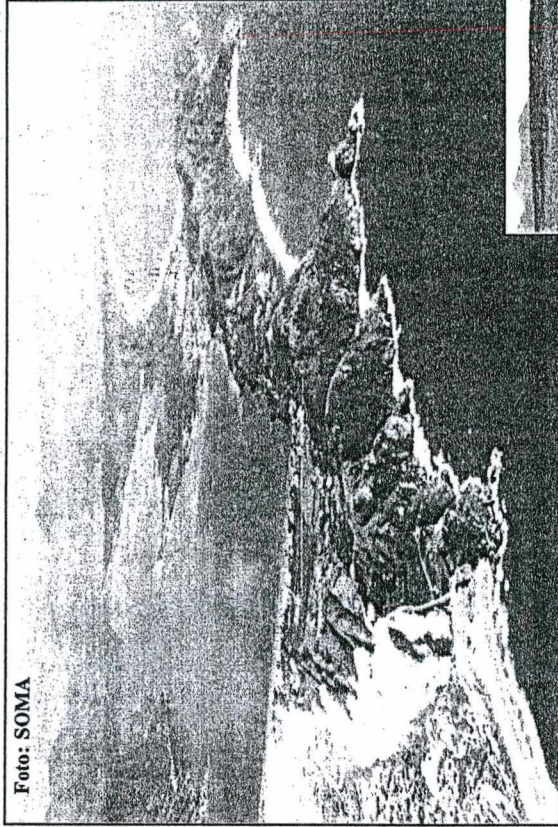
Comunidade organiza pré-comitê para a Lagoa

Dando continuidade à reunião, ocorrida no dia 14 ou 15 de junho, e que reuniu autoridades competentes e comunidade da Lagoa, a prefeitura de Florianópolis, juntamente com a FLORAM, convocaram todos os interessados para a formação de um comitê para gerenciamento dos recursos hídricos da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Lagoa.

Um projeto que visa a recuperação da Costa da Lagoa já foi aprovado.

"A Lagoa conta com aproximadamente 80 km² e cerca de 30 mil habitantes. A FLO- RAM e o IPUF contam 80 processos administrativos, que tratam de obras ilegais na região, 6 ações civis públicas e 21 ações conjuntas com a prefeitura municipal", contabiliza Elisabeth Amin, da FLORAM. Elisabeth também mos-

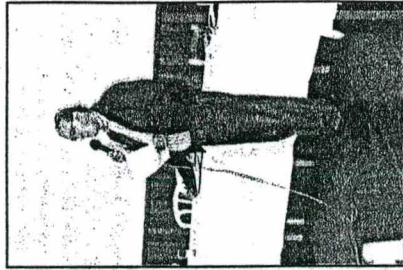
Foto: SOMA



trou uma extensa relação das localidades atingidas e mais prejudicadas por sistemas clandestinos de esgoto. "Temos a relação de todos os processos administrativos em todas as regiões da Bacia, incluindo uma listagem com os principais problemas e agressões ao meio ambiente".

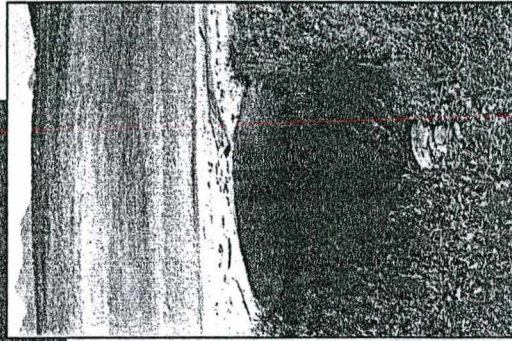
Augusto Gonzaga, presidente da ACIF, comunicou que todas as associações e ONG's locais estão comprometidas com a ideia do comitê e desejam participar e cooperar efetivamente.

O engenheiro Rui Antunes, da Secretaria do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, mostrou um projeto que apontou alternativas de gerenciamento da Lagoa. "O gerenciamento da Lagoa tem que ser integrado, descentralizado e participativo, com a mobilização de toda a comunidade. O comitê na Lagoa agiria como um fórum de debate", explica o engenheiro, informando que um comitê coordena a elaboração e execução de projetos relacionados, promovem o entendimento entre partes divergentes, decidem qual será o uso da água e qual o custo para a comunidade. "O comitê deve nascer da necessidade real da bacia, da aspiração da comunidade. Queremos criar um grupo, inicialmente provisório, com alguém para coordenar e organizar as reuniões", conta Rui, lembrando que o comitê não poderá receber recursos de nenhuma autoridade.



sões ao meio ambiente local", conta. A presidente da FLO- RAM frisou que o objetivo principal do projeto visa resolver o problema de saneamento básico, com o tratamento de dejetos domésticos.

Um projeto foi apresentado às autoridades e comunidade, com a proposta para recuperação da bacia hidrográfica da Lagoa. Um dos objetivos principais é recuperar a área com erosão, garantir a função hidrológica e ambiental, preservar os atributos como cultura e lazer e instituir a educação ambiental.



Orientação especializada

A Associação Comercial e Industrial de Florianópolis convidou a todos para uma palestra, que irá acontecer no dia 11 de agosto, às 19 horas, na sede da ACIF. O palestrante convidado é o engenheiro Hisssaki Kamiyama, Coordenador da Câmara Técnica de Esgotos da ABNT e engenheiro da SABESP. O objetivo da reunião é discutir as condições exigidas pela NBR 7229, de setembro de 1993, para tanques sépticos, incluindo tratamento e disposição de efluentes e lodo sedimentado. Visando preservar a saúde pública e ambiental, higiene, o contorno e a segurança dos habitantes de áreas servidas por tais sistemas.

A sede da ACIF fica na rua Emílio Blum, no Centro da cidade. compareça.

O governador do Estado, Esperidião Amin, que

O que é e como funciona um Comitê

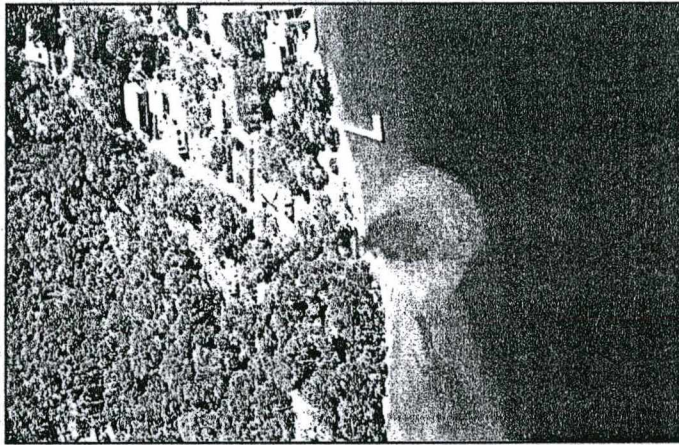
Existe uma Lei Federal (n.º 9748, de 30 de novembro de 1994), que aprova as Normas Gerais para composição, organização, competência e funcionamento dos Comitês de Bacias Hidrográficas. Cabe aos Comitês "arbitrar os conflitos relacio-

dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, obedecendo o limite de quarenta por cento do total de votos; o número de representantes de entidades civis proporcional à população residente no território de cada Estado e do Distrito Federal, com pelo menos 20 por cento do total de votos; o número de representantes dos usuários dos recursos hídricos, sujeitos a outorga de direito de uso, obedecendo o limite de quarenta por cento do total de votos.

Um pré-comitê já foi formado, e conta com 53 membros. Segundo Augusto Gonzaga, presidente da ACIF, uma nova reunião deve acontecer para que se reavalie a quantidade de membros participantes, com a intenção de minimizá-la.

As entidades cadastradas para participação do pré-comitê foram divididas em grupos: do Comércio e Indústria, de Associações de Moradores, de Bairros e Amigos, das Praias, de Surf, das Marinas, dos Esportes Náuticos, das Universidades, da Pesca, do Transporte Marítimo e da Imprensa. Um edital publicado no Jornal da Lagoa e em outros jornais diários está convocando a todos para participação.

"É necessário lembrar que verbas só serão liberadas após a conclusão de um projeto dirigido, fiscalizado e aprovado pelo Comitê", diz Augusto



nados aos recursos hídricos, inclusive os relativos aos comitês de Bacias de cursos de águas tributários; aprovar o Plano de Recursos Hídricos da bacia e encaminhá-lo; aprovar as propostas das Agências de Água, que lhe forem submetidas; compatibilizar os planos de bacias hidrográficas de cursos de água de tributários, de forma a integrar o Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica de sua jurisdição; submeter, obrigatoriamente, a aprovação dos planos de recursos hídricos da bacia hidrográfica à audiência pública e aprovar seu regimento interno.

Além disso, deverá constar nos regimentos dos Comitês de Bacias Hidrográficas o número de votos dos representantes dos poderes executivos da União,



Gonzaga.

Uma das muitas vantagens do comitê é que todos os representantes podem interagir com as propostas, discutir, aprender e partilhar conhecimentos, sem politicagem. Basta apenas arragajar as mangas e trabalhar juntos.

Cíntia Teixeira dos Santos

GRUPO PROVISÓRIO PRÓ COMITÊ DE GERENCIAMENTO DOS RECURSOS HÍDRICOS DA LAGOA DA CONCEIÇÃO.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O Grupo Provisório Pró Comitê de Gerenciamento dos Recursos Hídricos da Lagoa da Conceição, vem à público comunicar que estará aceitando Propostas de Adesão de Órgãos não governamentais, entidades públicas e privadas, para fazerem parte do Comitê de Gerenciamento acima referido.

As propostas de adesão poderão ser apresentadas formalmente ao Grupo Provisório, em reunião a realizar-se no dia 08.08.00 às 20:00h na sede da ACIF-Lagoa, sito a Rua Henrique Veras do Nascimento, 230 (Shopping Via Lagoa)- 1º Piso Sala 213-Florianópolis-SC.

Um Comitê de Gerenciamento é um importante e poderoso instrumento de decisão e participação popular, aonde a sociedade civil organizada pode determinar os rumos dentro da área circunscrita, que no caso é a Lagoa da Conceição.

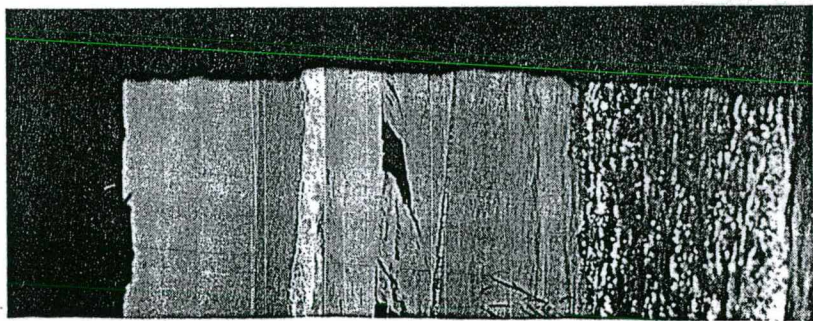
Para obtenção de maiores esclarecimentos, deve-se procurar o Grupo Provisório que funciona no mesmo local acima referido, telefone/fax 232.0185, através do Coordenador Sr. Augusto Luiz Gonzaga - Presidente da Seccional - ACIF - Lagoa.

Comunidade trata esgoto por conta própria

Uma Cooperativa de moradores cria sistema de coleta e tratamento de efluentes na praia Grande, em Ubatuba, São Paulo, que já atende 2 mil residentes. A comunidade formou uma cooperativa e construiu um Sistema de Esgoto Comunitário Auto Sustentável para atender o bairro. A estação de tratamento tem capacidade para atender 4 mil domicílios e 30 mil habitantes. Cada proprietário, ao ligar seu esgoto na rede, compra uma cota e passa a ser sócio da empresa, que hoje é o maior patrimônio empresarial de Ubatuba.

AL

mar



Engenheiros dão 10 anos de vida para a Lagoa

Gisele Kakuta Monteiro
FLORIANÓPOLIS

A sobrevida da Lagoa da Conceição é de 10 anos. Com o crescimento da população sem o incremento da rede de esgoto, as 47 toneladas de coliformes fecais jogadas por mês no manancial subirão para 85 toneladas. Assim, em 2010 ela estará completamente poluída.

Os dados foram apresentados ontem no diagnóstico da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes/SC) e Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea). Eles entregaram o levantamento aos governos estadual e municipal, associações comunitárias e de empresários da região.

Representantes dos dois órgãos visitaram a Lagoa da Conceição entre março e agosto deste ano, analisaram documentos da Fatma e da Companhia de Águas e Saneamento (Casas) e participaram das reuniões de ONGs. Eles fizeram um estudo técnico detalhado da situação, considerando o aumento dos moradores, as características físicas do local e seu ecossistema.

O relatório reforça que o principal

problema da degradação é o esgoto doméstico. Apenas 17% da população é atendida pela rede de saneamento da Casan, ou seja, 4 mil habitantes. Outra parte tem fossa instalada sem controle técnico. Este sistema individual contamina o lençol freático e chega à Lagoa, afirma o presidente do Crea, Celso Ramos Fonseca.

Outro problema são as ligações clandestinas do esgoto residencial à rede coletora da água da chuva. A tendência de crescimento na região prevê que a população atual de 33 mil habitantes deve passar para 56,2 mil em 2010. "O que vai aumentar a poluição se medidas não forem adotadas com urgência", alerta o presidente da Abes, Bertoldo Silva Costa.

O diagnóstico deve ancorar as discussões do Comitê de Gerenciamento da Lagoa da Conceição, do qual participam os dois órgãos e outras instituições. O Comitê está em formação há quatro meses e as expectativas é que seja implantado até final de novembro. A importância desse processo é que instituições financeiras internacionais condicionam a constituição de um comitê a liberação de empréstimos para recuperação.

PROPOSTAS DA ABES

- Ampliação do Sistema Coletivo de Esgotamento Sanitário
- Plano diretor de drenagem urbana
- Ação: campanha para arrecadação de recursos
- Implantação de sistemas locais de esgotamento sanitário (individuais ou condominiais) nas áreas não atendidas pela rede coletiva
- Ação: desenvolver programa de monitoramento junto à população
- Intensificar investigação das ligações clandestinas na rede de esgoto e na rede de pluvial
- Ação: visitas periódicas de vigilância sanitária e atualização cadastral das ligações
- Programa de monitoramento da qualidade da água da Lagoa e seus contribuintes
- Ação: supervisão da qualidade geral
- Plano diretor de drenagem urbana
- Ação: elaboração do plano diretor, definindo medidas de proteção, áreas a serem preservadas e problemas a serem corrigidos
- Zoneamento Socioturfístico Ambiental
- Ação: definir o uso adequado para as diversas áreas da bacia hidrográfica
- Elaboração de um novo plano diretor
- Ação: redefinir plano da Lagoa, Barra da Lagoa, Praia Mole e Joaquina prevendo o crescimento da região a partir da infraestrutura sanitária
- Programa de Educação Ambiental
- Ação: incluir a orientação em todos os níveis de ensino e para a população em geral

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABES-SC/CREA/SC. **Lagoa da Conceição – diagnóstico ambiental preliminar.** Florianópolis : set 2000.
- ACSELRAD, H. Sustentabilidade e território. In: HERCULANO, S. C.; PORTO, M. F. S. e FREITAS, C. M. (orgs). **Qualidade de vida & riscos ambientais.** Niterói : EdUFF, 2000. p.49-87
- ALBUQUERQUE, C. de M.C.P. Trabalho e Lazer numa localidade pesquisa de SC. In: **Anais do Museu de Antropologia, Florianópolis, v. 16, (XV), 1986.**
- ALEXANDRE, A. F. **Gestão de conflitos sócio-ambientais no litoral sul do Brasil : estudo de representações sociais dos riscos envolvidos no projeto de construção do Porto da Barra, na Ilha de Santa Catarina, no período de 1995-1999.** Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC.
- ALIER, J. M. **De la economía ecológica al ecologismo popular.** Barcelona : Icaria editorial, 1992.
- AMÉRIGO, M. & ARAGONÉS, J. I. A theoretical and methodological approach to the of residential satisfaction. **Journal of Environmental Psychology, n. 17, p. 47-57, 1997.**
- AMERIO, P. Idées, sujets et conditions sociales d'existence. In: AEBISCHER, V.; DECONCHY, J-P. e LIPIANSKY, E. M. (eds). **Idéologies et représentations sociales.** Cousset (Fribourg) : DelVal, 1992. 2^a ed., p.99-116.
- ARAGONÉS, J. I. & AMÉRIGO, M. Satisfacción Residencial : un concepto de calidad de vida. **Psicologia, Afrontamento/Portugal, v. VI, n. 3, p. 347-357, 1988.**
- ARIÈS, P. **A história social da criança e da família.** Rio de Janeiro : Zahar, 1973.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço.** Tradução Antonio de Pádua Danesi/Rosemary C. Abílio. São Paulo : Martins Fontes, 1993.
- BAHI-FLEURY, G. **Histoire, identité résidentielle et attachement au quartier actuel : Etude sur les habitants de la ville de Paris.** Paris, 1996. Thèse (Doctorat en Psychologie). Academie de Paris, Université René Descartes.
-
- _____ . _____ . **Psychologie Française, Grenoble, v. 42, n. 2, p. 183-184, 1997.**

- BARBIER, R. **Une société au rendez-vous de ses déchets : L'internalisation des déchets comme figure de dynamique du collectif.** Paris, 1996. Thèse (Doctorat. en Socio-économie de l'innovation). École des Mines de Paris.
- BARBOSA, T. & JOSÉ, A. C. Lagoa da Conceição : um ecossistema lagunar : Usos e legislação ambiental. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 16, n. 23, 1998.
- BASTOS, R. J. de M. (org) **Dionísio em Santa Catarina : ensaios sobre a farra do boi.** Florianópolis : EdUFSC/FCC, 1993.
- BAUDRILLARD, J. **La société de consommation.** Paris : Denoël, 1970
- BAUER, M. A popularização da ciência como "imunização cultural": a função de resitência das representações sociais. In: JOVCHELOVICH, S. e GUARESCHI, P. (orgs). **Textos em representações sociais.** Petrópolis : Vozes, 1994. p.229-257.
- BAUGNET, L. **L'identité sociale.** Paris : Dunod/Les Topos, 1998.
- BEAUD, S. & WEBER, F. **Guide de l'enquête de terrain : Produire et analyser des données ethnographiques.** Paris : Éditions la découverte, 1998.
- BERGER, P. I. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** 9ª ed. Petrópolis : Vozes, 1966/1991.
- BERNARD, Y. Ménages et modes de vie. In: ACHER, F. (ed). **Le logement en question.** Paris : Editions de l'Aube, 1995.
- _____. & GOTTESDIENER, A. Rôle de la dimension esthétique dans l'évolution spontanée d'un habitat. **Revue Internationale de Psychologie Appliquée.** Londres et Berverly Hills, Tome XXXI, p. 169-183, 1982.
- BERTOLINI, G. L'or et l'ordure, le déchet et l'argent. In: BEAUNE, J-C. (dir). **Le déchet, le rebut, le rien.** Paris : Champ Vallon/Presses Universitaires de France, 1999. p. 37-49.
- _____. Espace et environnement. In: AURAY, J-P., BAILLY, A , DERYCKE, P-H. et HURIOT, J-M. **Encyclopédie d'économie spatiale : Concepts – comportements – organisations.** Paris : Economica, 1994. p.307-313.
- BESSE, M. Les sens de la nature dans les discours philosophiques. p. 33-50. In: BESSE, J. M. et ROUSSEL, I. (dirs). **Environnement : représentations et concepts de la nature.** Paris : Harmattan, 1997.
- BLANCHET, A. & GOTMAN, A. **L'enquête et ses méthodes : l'entretien.** Paris : Nathan Université, 1992.

- BLANCHET, M. **Le rapport des habitants de Marne la Vallée à l'espace physique et à l'espace social : perception et images de la ville.** Paris, 1993. Thèse (Doctorat en Psychologie). Université Paris V.
- BLEY, L. Morretes: Um estudo de paisagem valorizada. In: DEL RIO, V. e OLIVEIRA, L. de (orgs). **Percepção ambiental : a experiência brasileira.** São Paulo : Studio Nobel, 1996.
- BORGES, E. & SHAEFFER, B. **Vozes da Lagoa.** Florianópolis : Fundação Franklin Cascaes/Fundação Banco do Brasil, 1995.
- BOURDIEU, P. **La distincion.** Paris : Minuit. 1979.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis.** São Paulo : Companhia da Letras, 1999.
- CAMARGO, B. V. **Alceste : um programa informático de análise quantitativa de dados textuais.** UFSC, s/d. Mimeo.
- CAMILLERI, C. **Chocs de cultures: concepts et enjeux pratiques de l'interculturel.** In: CAMILLERI, C. & COHEN-EMERIQUE, M. (coords). Paris : Editions L'Harmattan, 1989.
- CAMILLERI, C. et al. **Stratégies identitaires.** Paris : Presses Universitaires de France, 1990.
- CANTER, D. Un procede pour explorer l'appropriation du lieu. In: **Actes de la Conférence de Strasbourg.- Appropriation de L'espace.** Strasbourg : Ed. P. Korosec-Sefaty, 1976. p. 112-122.
- CANTER, D. & REES, K. A multivariate model of housing satisfaction. **International Review of Applied Psychology**, London and Beverly Hills, v. 31, p. 185-208, 1982.
- CASANOVAS, M. , FRANCO, N. e SÁNCHEZ, M. D. Interaccion entre la realidad social de un barrio y las intervenciones artisticas que lo integran : caso de la Barceloneta. In: **Libro de Comunicaciones do V Congreso de Psicologia Ambiental.** Barcelona : Publications Universitat de Barcelona, 1996. p.147-156.
- CASTORIADIS, C. e COHN-BENDIT, D. e o público de Louvain-la-Neuve. **Da ecologia à autonomia.** Trad. A. Veiga. Centelha. Coimbra : 1981.
- CECA/FNMA. **Uma cidade numa ilha : relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis : Insular, 1996.
- CEMPRE/IBAM. **Cadernos de reciclagem.** Rio de Janeiro : Index, 1993. n. 1, 2 e 3.

- CHOMBART DE LAUWE, P-H. Appropriation de l'espace et changement social. In: **Actes de la Conférence de Strasbourg.- Appropriation de L'espace.** France : Ed. P. Korosec-Sefaty, 1976. p. 25-33.
- CORRAL-VERDUGO, V. Dual 'realities' of conservation behavior: self-reports vs observations of re-use and recycling behavior. **Journal of Environmental Psychology**, 1997.
- _____. A estrutural model of reuse and recycling in Mexico. **Environment and Behavior**, v. 28, n. 5, p. 665-696, 1996.
- _____. & OBREGÓN-SALIDO, F. J. Systems of beliefs and environmental conservation behavior in a mexican community. **Environment and Behavior**, n. 2, p. 213-235, 1997.
- COSTALAT-FOUNEAU, A-M. **Identité sociale et dynamique représentationnelle.** Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1997.
- CRIVELATTI DE ABREU, J. L. Controle dos resíduos sólidos com envolvimento de populações de baixa renda. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 24 n. 5, p. 398-406, 1990.
- DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis : Para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro : Guanabara, 1990.
- DELHOMME, P. & MEYER, T. **Les projets de recherche en psychologie sociale.** Paris : Armand Colin, 1977.
- DI MÉO, G. (dir). **Les territoires du quotidien.** Paris : L'Harmattan, 1996.
- DOISE, W. & LORENZI-CIOLDI, F. L'identité comme représentation sociale. In: AEBISCHER, Verena; DECONCHY, J-P. e LIPIANSKY, E. M. (eds). **Idéologies et représentations sociales.** 2^o ed. Cousset (Fribourg) : DelVal, 1992. p.273-286.
- DOUGLAS, M. **Pureza e perigo.** São Paulo : Perspectiva, série debates antropologia, 1966/1976.
- DÜRKHEIM, E. **Les formes élémentaires de la vie religieuse.** Paris : Presses Universitaires de France, 1968.
- FANTIN. M. **A cidade dividida : dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis.** Florianópolis : Cidade Futura, 2000.
- FISCHER, G-N. **Psychologie de l'environnement social.** 2 ed. Paris: Dunod, 1997.
- FREID, M. Residential Attachment: sources of residential and community satisfaction. **Journal of Social Issues**, v.38, n.3, p. 107-119, 1982.

- GIMENO, Silvia I. D. **O destino viaja de barco** : Um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de modernização (1930-1990). Florianópolis, 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). CFH/UFSC.
- GOTMAN, A. L'hospitalité, au propre et au figuré. In: **Ville et Hospitalité** : Textes du séminaire 1995-1996. Paris : Fondation de la Maison des Sciences de L'Homme et l Plan Construction et Architecture, 1997. p. 11-16.
- GOUHIER, J. Du déchet à la marge: le dérisoire interpelle sur l'essentiel. In: BESSE, J-M. et ROUSSEL, I. (dirs). **Environnement** : représentations et concepts de la nature. Paris : Harmattan, 1997. p. 171 - 187.
- _____. La Marge : entre rejet et intégration. In: BEAUNE, J-C. (dir). **Le déchet, le rebut, le rien**. Paris : Colection milieux/Champ Vallon, 1999. p. 80-89.
- GRUPO DO LIXO. **Considerando mais o lixo**. Florianópolis : Insular, 1999.
- GUIDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo : Unesp, 1991.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade** : a rede "gaúcha" no nordeste. Niterói : EdUFF, 1997.
- HALL, E. T. **La dimension cachée**. Paris : Editions du Seuil, 1972.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro : DP&A ed., 1997.
- HAUFF, S. N. **Diagnóstico ambiental integrado da bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição – Florianópolis, SC**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia). CFH/UFSC.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo : Loyola, 1989.
- HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona : Península, 1970/1977.
- _____. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1989. 3 ed.
- HERCULANO, S. C. A qualidade de vida e seus indicadores. In: HERCULANO, S. C.; PORTO, M. F. de S. e FREITAS, C. M. de (orgs). **Qualidade de vida & riscos ambientais**. Niterói : EdUFF, 2000. p.219-245.
- HERRMANN, M. L. de Paula et al. Aspectos ambientais dos entornos da porção sul da Lagoa da Conceição. **Revista Geosul**, v. 4, n. 7, p.39, 1987.
- HERZOG, T. R. A cognitive anlysis of preference for urban nature. **Journal of Environmental Psychology**, no 9, p.27-43, 1989.

- HOLAHAN, C. J. Environmental Psychology. **Annual Review of Psychology**, n. 37, p.381-407, 1986.
- HOPPER, J. R. & NIELSEN, J. C. Recycling as altruist behavior. Normative and behavioral strategies to expand participation in a community recycling program. **Environment and Behavior**, v. 23, n. 2, p.195-220, 1991.
- HUMPHREY, C. R. et al. Attitudes and conditions for cooperation in a paper recycling program. **Environment and Behavior**, vol. 9, n. 1, . p.107-124, 1977.
- IBANEZ, T. Propos sur l'articulation entre représentations sociales et idéologies. In: AEBISCHER, V.; DECONCHY, J-P. E LIPIANSKY, E. M. (eds). **Idéologies et représentations sociales**. Suisse : DelVal, 1992. p.175-179.
- ITTELSON, W. H. e RIVLIN, L. (eds) **Environmental psychology : people and their physical settings**. . 2 ed. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1976.
- JACOBI, P. **Cidade e meio ambiente : percepções e práticas em São Paulo**. São Paulo : Annablume, 1999.
- _____. Problemas ambientais em São Paulo: o desafio da co-responsabilidade e da gerência inovadora na crise. In: HERCULANO, S.; PORTO, M. F. de S. e FREITAS, C. M. (orgs). **Qualidade de vida & riscos ambientais**. Niterói : EdUFF, 2000. p. 247-264.
- JODELET, D. Les représentations socio-spatiales de la ville. In: P. H. Derycke (ed.) **Conception de l'espace**. Paris : Université de Paris X, 1982, p.145-177.
- _____. Les représentations sociales: phénomènes, concept et theorie. In: MOSCOVICI, S. (ed). **Psychologie Sociale**. Paris : PUF, 1984. p.357-378.
- _____. La Representación Social: Concepto y Teoria. In: MOSCOVICI, S. (org). **Psicología Social, pensamiento y vida social**. v.II. Barcelona : Paidós, 1986.
- _____. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (org). **Les représentations sociales**. Paris : PUF, 1989.
- _____. Las representaciones sociales del medio ambiente. In: ÍÑIGUEZ, L. e POL, E. (compiladores). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Monografies psico-socio-ambientals, 9. Barcelona : Universitat de Barcelona, s/d. p.29-44.
- JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública : A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis : Vozes, 2000.
- KAMBUR, P. & MESSER, B. Success with multi-family recycling. **Resource Recycling**, p.37-42, june 1992.

- KAPLAN, A. *esthetics, affect and cognition: environmental preference from an evolutionary perspective*. **Environment and Behavior**, n.19, p.3-22, 1987.
- KOHLSDORF, M. E. **Percepção e preservação da identidade de lugares**. IV Congresso Latino-Americano sobre Cultura Arquitetônica e Urbanística. Comunicação. s/d.
- KORPELA, K. & HARTING, T. Restorative qualities of favorite places. **Journal of Environmental Psychology**, n. 16, p. 221-233, 1996.
- KUHNEN, A. **Reciclando o cotidiano : representações sociais do lixo**. Florianópolis : Letras Contemporâneas, 1995.
- LAGO, M. C. de S. **Modos de vida e identidade : sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis : EdUFSC, 1996.
- LAGO, P. F. **Florianópolis: a polêmica urbana**. Florianópolis : Fundação Franklin Cascaes/Palavra Comunicação, 1996.
- LATOURET, B.; SCWARTZ, C. & CHARVOLIN, F. Crise des environnements, défis aux sciences humaines. **Futur Antérieur**, n. 6, p. 31, 1991.
- LEWIN, K. **Principles of topological psychology**. New York : McGraw-Hill, 1936.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo : Ática, 1968/1991.
- LEFF, E. La dimensión cultural del manejo integrado, sustentable y sostenido de los recursos naturales. In: LEFF, E. & CARABIAS, J. (coords). **Cultura y manejo : Sustentable de los recursos naturales**. México : Centro de investigaciones interdisciplinarias en humanidades/UNAM, 1993. p. 55-88.
- LEVY-LEBOYER, C. **Étude psychologique du cadre de vie**. Paris : Éditions du CNRS, 1977.
- _____. L'évolution subjective des nuisances : quelles mesures pour quels objectifs? **Revue Internationale de Psychologie Appliquée**, Londres et Beverly Hills, v 31, n. 2, . p. 253-269, 1982.
- _____. **Psicología e medio ambiente**. Madrid : Morata, 1985.
- _____. Gênes dues au bruit et satisfaction environnementale. **Psychologie Française**, Grenoble, n.32, p.77-84, 1987.
- LEVY-LEBOYER, C. & MOSER, G. Que signifient les gênes exprimées? Enquête sur les bruits dans les logements. **Sondages**, v. 2, p. 7-22, 1976.
- LYNCH, K. **L'image de la cité**. Paris : Dunod, 1998.

MACLAREN, V. W. **Determinants of participation in solid waste source-separation programs in high-rise apartment buildings.** Toronto: University of Toronto, 1988. Report I-II, mimeo.

MALUF, S. W. **Encontros perigosos : análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição.** Florianópolis, 1989. Dissertação (Mestrado em Antropologia). CFH/UFSC.

_____. **Encontros noturnos : bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição.** Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1993.

MARESCA, B. & POQUET, G. **Collecte sélective des déchets et comportement des ménages, CREDOC, Collection des rapports, n. 146, mai 1994.** In: BARBIER, R. **Une société au rendez-vous de ses déchets.** Paris, 1996. Thèse (Doctorat en socio-économie de l'innovation). École des Mines de Paris.

MATHEAU, A. **Influencer le comportement de tri des déchets ménagers : l'autoresponsabilisation et la nature de l'information diffusée.** *Psychologie Française*, Grenoble, v. 42, n. 2, p.188-189, 1997.

MENEZES, D. L. & SANTIAGO, A. G. **Ilha de Santa Catarina : paisagem litorânea em transformação. O caso da Lagoa da Conceição.** In: RODRIGUES, A. B. (org). **Turismo e ambiente : . 2ª ed. Reflexões e propostas.** São Paulo : Hucitec, 2000. p.108-116.

MORVAL, J. **Introduction a la Psychologie de l'environnement.** Bruxelles : Pierre Mardaga, s/d.

MOSCOVICI, S. **Essai sur l'histoire de la nature.** Paris : Champs/Flammarion, 1977.

_____. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Part III: Collective Cognition : On Social Representations.** In: FORGAS, J. P. (org). **Social Cognition : Perspectives on everyday understanding.** Academic Press European Monographs in Social Psychology, 26, 1981. p. 181-209

_____. **Des Représentations Collectives aux Représentations Sociales .** In: JODELET, D. (org). **Les représentations sociales : éléments pour une histoire.** Paris : PUF, 1989. p. 62-86.

_____. **Les formes élémentaires de l'altruisme.** In: MOSCOVICI, S. (org). **Psychologie sociale des relations à autrui.** Paris : Éditions Nathan, 1994.

- _____. Noms propres, noms communs et représentations sociales. In: **Représentations Sociales. Psychologie et Société**, Paris, n 1, 1999.
- MOSER, G. Urban stress and helping behavior: effect of environmental overload and noise on behavior. **Journal of Environmental Psychology**, n. 8, p. 287-298, 1988.
- _____. **L'Agression**. Paris : PUF, 1987. coll. Q.S.J.? n° 2349, (2 éd. revue et augmentée, janvier 1997); **A Agressão**. Tradução para o português revista e aumentada. São Paulo : Ática, 1991.
- _____. **Les stress urbains**. Paris : Armand Colin, Collection "U", 1992.
- NELSON, C.; TREICHLER, P. A. & GROSSBERG, L. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. (org). **Aliénigenas na sala de aula**. Petrópolis : Vozes, 1995.
- NEWEL, P. B. A Cross-cultural examination of favorite places. **Environment and Behavior**, v. 29, n. 4, p.495-514, jul 1997.
- OSKAMP, S. & BURN, S. M. Increasing community recycling with persuasive communication and public commitment. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 16, n. 1, p. 29-41, 1986.
- PEIRCE, J. J. & EVERETT, J. W. Curbside recycling in the U.S.A : Convenience and mandatory participation. **Waste Management & Research**, n. 11, p. 49-61, 1993.
- PELUSO Jr., V. A.. A Ilha de Santa Catarina no último quartel do séc. XX. In: VÁRZEA, V. **A ilha de Florianópolis**. Florianópolis : IOESC, 1984. (edição original 1900)
- _____. O crescimento populacional de Florianópolis e sua repercussão no plano e estrutura da cidade. In: **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis : EdUFSC, 1991.
- PENIN, S. **Cotidiano e escola** : A obra em construção. 2 ed. São Paulo : Cortez, 1995
- PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos** : estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. São Paulo : Edusp/Fapesp, 1999.
- PÉRON, F. L'île, espace culturel : formes d'attache aux lieux en Bretagne. **Géographie et Cultures**, Paris, n. 2, p.3-33, 1992.
- PIAZZA, W. **SC** : sua história. Florianópolis : EdUFSC, 1983.

- POL, E. La apropiación del espacio. cap. 5, p. 45-62. In: ÍÑIGUEZ, L. et POL, E. (compiladores). In: **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona. Universitat de Barcelona. Monografies psico-socio-ambientals, 9, s/d.
- _____. & VALERA, S. Symbolism "a priori" - symbolism "a posteriori". In: **Environmental by Design**. England : Kingston University, 1995.
- _____. Et al. Psicología ambiental y procesos psicosociales. Cap. 24, p. 318-334. In: MORALES, J. F. (coord). **Psicología Social**. 2 ed. Madrid : Mc Graw-Hill, 1999.
- POON, C. S. & CHUNG, S. S. Hong Kong citizens' attitude towards waste recycling and waste minimization measures. **Resources, Conservation and Recycling**, n. 10, p. 377-400, 1994.
- PROSHANSKY, H. M. Apropiation et non Apropiation (Misappropriation de L'espace). In: **Actes de la Conférence de Strasbourg**.: Appropriation de l'espace. Strasbourg : Ed. P. Korosec-Sefaty, 1976. p. 34-49.
- PROSHANSKY, H. M. The city and self-identity. **Environment and Behavior**, vol. 10, n. 2, p. 147-169, 1978.
- PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A.; KAMINOFF, R. Place identity, psysical wordl, socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, n.3, p. 53-83, 1982.
- RAMADIER, T. **Construction cognitive des images de la ville** : evolution de la représentation cognitive de Paris auprès d'étudiants étrangers. Paris, 1997. Thèse (Doctorat en Psychologie). Paris V, Université René Descartes.
- RATIU, E. Attributs environnementaux, dimensions psychologiques et rapports a l'environnement – les cas de l'habitat et de l'université. Paris, 1996. Thèse (Doctorat en Psychologie). Université Paris V.
- _____. & MOSER, G. **Paysage et psychologie de l'environnement**. Documento Interno do Laboratoire de Psychologie de L'Environnement. Paris: 1996.
- RATTNER, H. **Meio ambiente e desenvolvimento** : Apontamentos para uma perspectiva interdisciplinar. 1994. Mimeo.
- REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo : Cortez, 1995.
- REINERT, M. Les "mondes lexicaux" et leur "logique" à travers l'analyse statistique d'un corpus de récits de cauchemars. **Langage et Société**, v. 5, n. 19, déc. 1993.

- _____. *Processus catégorique et co-construction des sujets et des mondes à travers l'analyse statistique de différents corpus. Colloque de Cerisy. Linguistique & Psychanalyse*, v. 1, n. 8, septembre 1999.
- RIAL, C. S. **Mar de Dentro** : A transformação do espaço rural na Lagoa da Conceição. Porto Alegre, 1988. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFRGS.
- RODRIGUES, J. C. **Higiene e ilusão**. Rio de Janeiro : Nau, 1995.
- RODRIGUES, R. M. **Avaliação do impacto do sistema de esgoto sanitário na Lagoa da Conceição – Florianópolis –SC**. Florianópolis, set 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia). CFH/UFSC.
- ROSSIAUD, J. & SCHERER-WARREN, I. **A democratização inacabável** : As memórias do futuro. Petrópolis : Vozes, 2000.
- RUDOLF, F. **L'environnement – une construction sociale** : Pratiques e discours sur l'environnement en Allemagne et en France. Strasbourg : Press Universitaires de Strasbourg, 1998.
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo : Hucitec, 1986.
- SAWAIA, B. B. Representação e Ideologia – o encontro desfeticizador. In: SPINK, M. J. (org). **O conhecimento no cotidiano** : as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social. São Paulo : Brasiliense, 1993. p. 73-84.
- _____. A temporalidade do “agora cotidiano” na análise da identidade territorial. *Revista Margem de Ciências Sociais*, São Paulo, n.5, p. 81-97, 1995.
- SCHÉRER, R. Cosmopolitisme et hospitalité. In: *Ville et Hospitalité* : Textes du séminaire 1995-1996. *Anais ...* Paris : Fondation de la Maison des Sciences de L'Homme et l Plan Construction et Architecture, 1997. p. 17-22.
- SCHERER-WARREN, I. Movimentos em cena... e as teorias por onde andam. *Cadernos de Pesquisa*, Florianópolis, n.15, out 1998.
- _____. **Cidadania sem fronteiras** : ações coletivas na era da globalização. São Paulo : Hucitec, 1999.
- _____. **Movimentos sociais e participação**. Florianópolis : NPMS/ CFH/UFSC, 2000. Mimeo.
- SCHERER-WARREN, I. & NPMS. **Organizações voluntárias de Florianópolis**. Florianópolis : Insular, 1996.

- SCHWARTZ, S. H. Normative influences on altruism. In: BERKOWITZ, L. (ed). **Advances in Experimental Social Psychology**. V. 10. New York : Academic Press, 1977. p.221-279.
- SILVA, P. R. G da. O lugar no mundo : o movimento de defesa da lagoa do Abaeté. In: FISCHER, T. (org). **Poder local : Governo e cidadania**. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1993.
- SOCZKA, L. Para Uma Perspectiva Ecológica em Psicologia Social. In: VALA, J. E MONTEIRO, M. B. (orgs). **Psicologia Social**. Lisboa : Fund. Caloste, 1993. Cap. XIV.
- SUAREZ, E. La participatón ambiental como conducta altruista. **Libro de Comunicaciones do V Congreso de Psicologia Ambiental**. Barcelona : Publications Universitat de Barcelona, 1996. p.289-294.
- TAJFEL, H. Social stereotypes and social groups. In: TAJFEL, H. **Human groups and social categories**. Cambridge : Cambridge University Press, 1981.
- THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.
- TOURAINÉ, A. **A Crítica da modernidade**. Petrópolis : Vozes, 1994.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia : Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo : Difel, 1980.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Normas para apresentação de trabalhos. 3ª ed. Curitiba: EdUFPR, 1994.
- VÁRZEA, V. **Santa Catarina : a Ilha**. Florianópolis : Lunardelli, 1985. (edição original 1900).
- VEIGA, E. V. da. **Florianópolis : memória urbana**. Florianópolis : EdUFSC/Fundação Franklin Cascaes, 1993.
- VIGARELLO, G. **O limpo e o sujo : uma história da higiene corporal**. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- VILLASANTE, T. Retrato de chabolita com piso. **Cuadernos de Vivienda**, Madrid, p. 187-200, 1989.
- VINING, J. & EBREU, A. What makes a recycler? A comparasion of recyclers and nonrecyclers. **Environment and Behavior**, v. 22, n.1, p. 55-73, 1990.

_____ . Predicting recycling behavior from global and specific environmental attitudes and changes in recycling opportunities. **Journal of Applied Social Psychology**, n. 22, . p.1580-1607, 1992.

VINSONNEAU, G. **Culture et comportement**. Paris : Armando Colin, 1997.

YONG, R. de Some psychological aspects of recycling – The struture of conservation satisfations. **Environment and Behavior**, v.18, n.4, p.435-449, 1986.

ZAVALLONI, M. L'Identité Psychosociale, un concept à la recherche d'une science. In: MOSCOVICI, S. (ed.) **Introduction à la Psychologie Sociale**. Vol. 2. Paris : Larousse, 1973. p. 245-265.

_____ . L'effet de résonance dans la création de l'identité et des représentations sociales. **Revue Internationale de Psychologie Sociale**, v. 3, n. 3, p. 407-428, 1989.